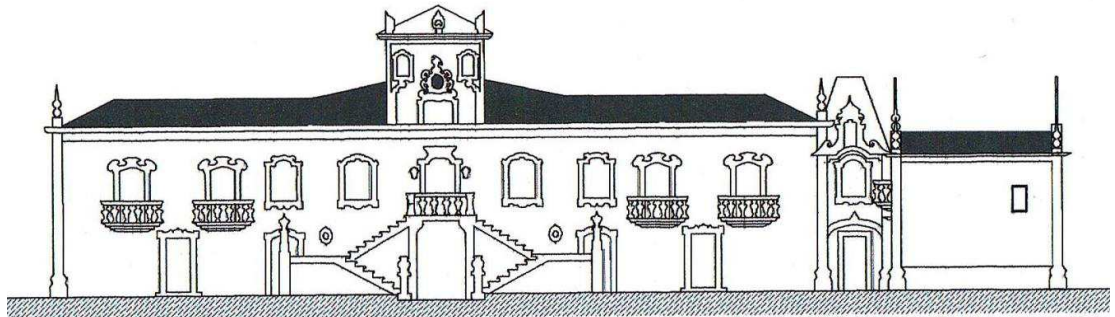




UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt

***“Si bene aedificaveris, bene habitaveris”. Entre a casa agrícola e a quinta de recreio no espaço rural do Porto (séculos XVIII-XIX)***



Dissertação de Doutoramento na área de História – Estudos Avançados do Património apresentada à Universidade Aberta, sob a orientação pedagógica e científica da Professora Doutora Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara.

**Vol. 1**

**Manuel Almeida Carneiro**

2016

*À memória da minha mãe, Ana  
em lembrança dos nossos passeios por terras de Santa Maria de Cárquere,  
o princípio da Eternidade.*

## **AGRADECIMENTOS**

Em geral, nas ciências sociais e humanas, a elaboração de uma dissertação é, na maior parte das vezes, um trabalho solitário. Contudo, seria injusto não referir aqui todos aqueles que amavelmente nos acolheram e se prontificaram para nos ajudar. Sem a sua generosidade não teríamos chegado até aqui. Sendo assim cumpre-me prestar agradecimentos às instituições e individualidades que nos deram um apoio precioso:

- **Arquiteto Adelino Ribeiro Pereira**, autor de desenhos, alçados, plantas e mapas neste trabalho. Um amigo eterno;
- **Arquiteto António Leitão Barbosa**, a cedência dos Desenhos e das Plantas da Casa da Prelada;
- **Arquiteto Guilherme Salvador e Arquiteta Teresa Mano** a cedência dos alçados e plantas da Casa de Sam Thiago;
- **Arquiteto e Artista Plástico Jorge Pedra**, proprietário da Quinta de Fafiães que nos conduziu pela Casa e pela Capela;
  
- **DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO NORTE**: em particular à **Dr<sup>a</sup> Conceição Teixeira** que gentilmente nos orientou na consulta documental no Arquivo da Direção de Serviços de Bens Culturais e ao **Arquiteto Amândio Cupido** o acompanhamento na visita à Casa de Ramalde;
  
- **CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS**: nomeadamente ao Excelentíssimo Senhor Vereador da Cultura, Dr. Fernando Rocha, o apoio concedido na consulta e reprodução das Plantas do Concelho de Matosinhos; ao **Arqueólogo José Manuel Varela**, Diretor

do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos, que incansavelmente respondeu a todas as nossas solicitações, com a colaboração da **Arqueóloga Conceição Pires**; ao **Arquiteto António Rodrigues Maia** as informações sobre a existência e consulta de plantas e alçados dos edifícios estudados na Câmara Municipal de Matosinhos; à **Dr<sup>a</sup>. Ana Margarida Mota Pescada** – que nos orientou durante a pesquisa realizada no Arquivo Municipal de Matosinhos;

- **Dr. Hernâni Vieira**, Diretor do Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo que autorizou a visita à Casa e aos jardins, orientado pelo Guarda Helder;

- **Empresário Carlos Pereira Pinto** – herdeiro da família da Quinta do Chantre e que amavelmente franqueou as portas da Casa e partilhou connosco toda a informação disponível sobre o Imóvel;

- **Eng<sup>o</sup> José Manuel Pestana de Vasconcelos** – proprietário da Casa de Sam Thiago, que amavelmente nos acolheu na Casa de Sam Thiago;

- **SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO** – Departamento de Atividades Culturais: em particular ao **Dr. Rui Valente** e ao **Dr. José Ferreira e Silva**.

Uma palavra de apreço e gratidão à **Professora Doutora Alexandra Gago da Câmara** que aceitou a orientação da tese. As suas sugestões de pesquisa e críticas construtivas contribuíram decisivamente para o enriquecimento do nosso trabalho.

À minha companheira **Belisanda Cavaleiro** que sempre me apoiou e me incentivou a prosseguir este trabalho, sobretudo num dos momentos mais árduos da minha existência.

## RESUMO

**Palavras-chave:** *território, casa senhorial / casa agrícola, quinta de recreio;; sociabilidades; património edificado; intervenções arquitetónicas.*

Este estudo apresenta como tema central a quinta «rústica» de raiz senhorial e burguesa no antigo alfoz do Porto, entre os séculos XVIII e XIX. Tem como principal foco os Imóveis que estão abrangidos por proteção jurídica.

Procura compreender a evolução dos espaços habitacionais em contextos rurais entre os séculos XVIII e XIX, tendo como suporte essencial as fontes arquivísticas, cartográficas e iconográficas, bem como os resultados obtidos durante o trabalho de campo.

Este estudo visa, também, a integração histórica e a valorização do Património Arquitetónico Civil do Porto na Época Moderna. Neste sentido, no quadro de uma abordagem global do tema *Casa*, fomos ao encontro das propostas gizadas por Fernand Braudel e Daniel Roche tendo em vista delinear uma perspetiva «aproximada» à história do quotidiano no antigo *Termo* do Porto.

Como se poderá depreender os temas da História e do Património são, por si só, muito abrangentes, razão pela qual neste estudo se cruzam diferentes perspetivas que, em escala variável, convergem entre si ao nível da *História Social, da História da Arquitetura e da História da Arte*.

## ABSTRACT

**Keywords:** *territory, manor house / farm house; sociabilities; built heritage; interventions.*

This study focus the country farm around Oporto, between the eighteenth and nineteenth centuries.

It tries to understand the evolution of living spaces between the eighteenth and nineteenth centuries, having as essential support the archival, cartographic and iconographic sources, and the results we got during the fieldwork.

This study also aims to the historical integration and the appreciation of the rural architectural heritage. In this context we tried a global approach to the house subject from the perspective of everyday life history.

We followed the Fernand Braudel and Daniel Roche`s proposals.

As we can deduce the History and Heritage themes are very global, so this study intersects different perspectives, in a variable scale, converging each other at the level of *Social History, History and Architecture and Art History.*

## ÍNDICE

---

### VOLUME. 1

AGRADECIMENTOS .....	II
RESUMO .....	IV
ABSTRACT .....	V
ÍNDICE .....	VI
SIGLAS E ABREVIATURAS .....	XVIII
SIGLAS DOS EDIFÍCIOS .....	XIX

### INTRODUÇÃO

A) ESTADO DA ARTE” DA HISTÓRIA DA ARQUITETURA CIVIL NA ÉPOCA MODERNA. UMA VISÃO DE CONJUNTO .....	2
B) ESCOLHAS E MOTIVAÇÕES DO TEMA. OBJETIVOS E METODOLOGIA .....	8

### PARTE I

#### O TERRITÓRIO COMO CONTEXTO

##### 1. ESPAÇO: CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO E GEOGRÁFICO

1.1 - Caraterísticas geomorfológicas .....	16
1.2 - «Terra da Maia» .....	17
1.3 - Aspetos climáticos .....	18
1.4 – Hidrologia .....	19
1.5 - O Porto e o seu alfoz na cartografia setecentista .....	21
1.6 - O espaço administrativo do <i>Julgado de Bouças</i> .....	27

## PARTE II

### ETIMOLOGIAS. CONTEXTOS ARTÍSTICOS E URBANÍSTICOS NO PORTO DA ÉPOCA MODERNA

#### 1 - ETIMOLOGIAS E CONCEITOS DE «CASA AGRÍCOLA», «QUINTA», «SOLAR», «PAÇO» / «PALÁCIO», «QUINTA MODERNA SETECENTISTA» E «QUINTA DE RECREIO»

1.1. – A «casa agrícola» dos arredores do Porto .....	32
1.2 - Conceito de «quinta».....	33
1.3 - Sobre o termo «solar» .....	45
1.4 - Uso e aceção das expressões «paço» e «palácio» .....	35
1.5 – A quinta «moderna» setecentista.....	37
1.6 - A quinta de «recreio» .....	39
<b>2 - Contexto artístico portuense no século XVIII .....</b>	<b>42</b>
2.1. A «casa nobre» no espaço intramuros do Porto no período joanino. Os «arcãos» e os paradigmas .....	43
2.2 - A arquitetura civil na transição do século XVIII para o século XIX .....	50
2.3 A cidade fora de portas. As quintas de Campanhã e Cedofeita .....	63

## PARTE III

### “SI BENE AEDIFICAVERIS (...)” - ENTRE A RURALIDADE E A VILEGIATURA

<b>1 - Quinta de Santa Cruz do Bispo .....</b>	<b>82</b>
1.1 Introdução .....	82
1.2 Entre a vilegiatura e a «obscuridade» .....	83
1.3 As áreas ajardinadas.....	88
<b>2 - Quinta de Fafiães: entre o vernáculo e o erudito</b>	
2.1 - O edifício residencial .....	92
2.2 - A Capela da Nossa Senhora do Desterro .....	95
2.3 – O Tanque e os elementos ornamentais .....	96

<b>3. - Quinta do Chantre: um espaço cénico barroco</b>	
3.1 – A Casa: enquadramento paisagístico e arquitetónico .....	<b>98</b>
3.2 - Arquitetura interior e espaço social .....	<b>101</b>
3.3 - A capela privativa .....	<b>104</b>
3.4. – Da degradação à recuperação do imóvel.....	<b>107</b>
<b>4 – A Quinta dos morgados de Ramalde</b>	
4.1 - A Casa sob o domínio dos Leite e Pereira .....	<b>111</b>
4.2 – O edifício residencial.....	<b>122</b>
4.3 - A Capela de S. Roque.....	<b>125</b>
<b>5 – Quinta do Rio e Casa de Sam Thiago: duas «fábricas» agrícolas</b>	
5.1 – Quinta do Rio: o espaço arquitetónico residencial .....	<b>128</b>
5.2 - O espaço religioso.....	<b>133</b>
5.3 – <b>Quinta de Sam Thiago: do rural à modernidade..</b>	
5.3.1 – O percurso da família Gonçalves Lopes e a Casa de Sam Thiago -1700 - 1850.....	<b>135</b>
5.3.2 - As metamorfoses do espaço habitacional (Séculos XIX-XX) .....	<b>142</b>
5.3.3 – O oratório .....	<b>147</b>
<b>6 - Quinta da Prelada entre o declínio e a inovação .....</b>	<b>148</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>153</b>

## **FONTES**

<u><b>BIBLIOGRAFIA CITADA</b></u> .....	<b>157</b>
<u><b>FONTES CARTOGRÁFICAS IMPRESSAS</b></u> .....	<b>180</b>
<u><b>FONTES DIGITALIZADAS</b></u> .....	<b>183</b>
<u><b>FONTES MANUSCRITAS</b></u> .....	<b>188</b>

**VOLUME 2**

<b><u>INTRODUÇÃO</u></b> .....	<b>196</b>
<b><u>SECÇÃO 1</u></b> .....	<b>197</b>
<b><u>SECÇÃO 2</u></b> .....	<b>244</b>
<b><u>SECÇÃO 3</u></b> .....	<b>263</b>
<b><u>SECÇÃO 4</u></b> .....	<b>288</b>

## VOLUME 1

### ÍNDICE DAS ESTAMPAS (no corpo de texto da dissertação)

<b>EST. 1 – CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL - escala 1/50.000 - Notícia explicativa da folha 9 - C-</b> por J. Carrington da Costa e C. Teixeira. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1957.....	<b>16</b>
<b>EST. 2 - «Parte Septentrional do Reyno de Portugal»</b> SANSON D'ABBEVILLE, Nicolas – <i>Parte Septentrional do Reyno de Portugal por N. Sanson D'Abbeville, Geographo e ordin(ario) del Rey Christianíssimo com privilégio por vinte anos</i> . Em Paris. Em Casa do Autor, 1654. - BPMP – C(l)10 ; C(l)11 .....	<b>25</b>
<b>EST. 3 - A - Carta de Grandpré – Reyno de Portugal – 1729</b> .....	<b>26</b>
<b>EST. 4 - Carta de Jean-Baptiste Nolin - Le Royaume de Portugal divisé en cinq grandes provinces et subdivisé en plusieurs territoires avec le Royaume des Algraves [Sic] 1762</b> BPMP – Reservados - C – M & - Pasta [Norte].....	<b>26</b>
<b>EST. 5- Mapa do Porto e o seu termo entre Ave e Douro (parcial)</b> .....	<b>29</b>
<b>EST. 6 – Casa-Palácio S. João-o-Novo</b> .....	<b>50</b>
<b>EST. 7 - José de Figueiredo Seixas - Tratado da ruação para emenda das ruas, das cidades, villas e logares deste reino... [1760].</b> BNP - .....	<b>53</b>
<b>EST. 8. - José de Figueiredo Seixas - Tratado da ruação para emenda das ruas, das cidades, villas e logares deste reino... [1760].</b> BNP .....	<b>54</b>
<b>EST. 9 - Casa Pacheco Pereira.</b> AHMP - Fotografia de Teófilo Rego .....	<b>56</b>
<b>EST. 10 - Casa dos “Fidalgos da Fábrica”. Álbum de desenhos e Joaquim Cardoso Vitória Vilanova (1833) nº 26</b> .....	<b>57</b>
<b>EST. 11 – Vista geral da desaparecida Casa da Fábrica, na rua com o mesmo nome.</b> AHCMP - Fotografia de Guilherme Bonfim Barreiros (1933-38).....	<b>58</b>
<b>EST. 12 – Projeto para um pavilhão em pedra, a construir ao fundo da quinta de João Neville, junto ao lago, da autoria de Damião Pereira de Azevedo;</b> AHCMP Documento/Processo, 1792/01 – 1792/01 Cota: D-CDT/A3-525 (1 folº.) .....	<b>62</b>
<b>EST. 13 - Planta de elevação pª as cazas de José Pedro Pinto de Meirelles q. faz frente o Sul na «Quinta das Virtudes», Escala marcada de «0 a 120» [palmos].</b> Inscrição a tinta – Arquitecto José Francisco Paiva. In PINTO, Maria Helena Mendes – <i>José Francisco Paiva. Ensablador e arquitecto [1744-1824]</i> . Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1973 .....	<b>63</b>
<b>EST. 14 - Quinta de Bonjôia.</b> .....	<b>71</b>
<b>EST. 15 - Pormenor do portão ornamentado da Quinta do Freixo, hoje deslocado do lugar de origem. Obra de Nicolau Nasoni. Figura n.º 90 do catálogo: «Nasoni, o arquiteto (obras documentadas)».....</b>	<b>72</b>
<b>- EST. 16 - Quinta do Freixo. Álbum de desenhos e Joaquim Cardoso Vitória Vilanova (1833) nº 90.....</b>	<b>72</b>
<b>EST. 17 – Palácio do Freixo – Pormenor do «Belvedere».....</b>	<b>72</b>
<b>EST. 18 – Quinta da Revolta.</b> .....	<b>73</b>
<b>EST. 19 -Excerto da planta da cidade do Porto, da autoria de George Balck, originalmente publicada em 1813. Planta dedicada ao Brigadeiro Nicolau Trant. Contém legenda com os principais edificios e artérias da cidade.Cidade do Porto. AHCMP [planta redonda] Documento/Processo, [195?] – [195?]....</b>	<b>74</b>
<b>EST. 20 - A - Quinta dos viscondes de Beire ou Casa Pamplona (habitação e jardim). Álbum de desenhos e Joaquim Cardoso Vitória Vilanova (1833) nº 30.</b> .....	<b>75</b>
<b>EST. 20 – B - Quinta dos viscondes de Beire ou Casa Pamplona (habitação e jardim.Álbum de desenhos e Joaquim Cardoso Vitória Vilanova (1833) nº 31.</b> .....	<b>75</b>
<b>EST. 21 - Ilustração da Casa das Águas Férreas (alçado norte).</b> Fac-símile da obra de CRAWFURD, Oswald - <i>Portugal old and new</i> . London: Kegan Paul, Trench, & Co.,1882, p. 131. ....	<b>76</b>

<b>EST. 22 - Exemplar do semanário Revista Popular, n.º 24, com gravura representando uma perspetiva da fachada sul da Casa das Águas Férreas, vendo-se a escadaria do jardim, ladeada de estátuas alegóricas.</b> .....	<b>76</b>
<b>EST. 23 - Localização das quintas e casas aristocráticas do Porto e vale do Rio Leça</b> .....	<b>80</b>
<b>EST. 24 - AHCMP – Quinta de Santa Cruz do Bispo. – Século XX. Coleção Guilherme Bomfim Barreiros [GBB]: Cota: - F-NP-02-GBB-01-00002-031</b> .....	<b>82</b>
<b>EST. 25 – A fachada do «palácio» na atualidade (séculos XVIII-XX)</b> .....	<b>91</b>
<b>EST. 26 –Imagem do “Palácio de D. Mafalda” antes das intervenções da DGEMN</b> .....	<b>91</b>
<b>EST. 27 – Casa de Fafiães e Capela de Nossa Senhora do Desterro</b> .....	<b>92</b>
<b>EST. 28 – VRIES, Hans Vredeman de Erscheinungsort t' Hantvverpen - Den Eersten Boeck, Ghemaect Opde Twee Colommen Dorica En Ionica. Hantvverpen, 1565.</b> .....	<b>97</b>
<b>EST. 29 – Casa do Chantre. Fachada principal</b> .....	<b>98</b>
<b>EST. 30 – Fac-símile da assinatura de Fernando Barbosa de Albuquerque; in Escritura de doação para património de uma capela (...);In - ADP – PO – 8º - Lvº 254, folº. 27.</b> .....	<b>104</b>
<b>EST. 31 - Alçado da Capela - (Des. Arq. Carlos Prata – 1990)</b> .....	<b>107</b>
<b>EST. 32 - Capela. Arco de cantaria do altar-mor</b> .....	<b>107</b>
<b>EST. 33 – Casa de Ramalde</b> .....	<b>110</b>
<b>EST. 34 – Túmulo da Capela de São Roque</b> .....	<b>126</b>
<b>EST. 35 - Quinta do Rio - Fotografia de Teófilo Rego - 1958; in Casas do Porto: século XIV ao XIX: rua do Viso em Ramalde: Quinta dos Meireles: século XVIII; AHCMP - Documento subordinado/Ato informacional– 1958</b> .....	<b>127</b>
<b>EST. 36 – Pormenor do passadiço com a fonte no lado esquerdo</b> .....	<b>132</b>
<b>EST. 37 – Portal da Casa de Sam Thiago</b> .....	<b>143</b>
<b>EST. 38 – Brasão de armas de Domingos Gonçalves Lopes</b> .....	<b>143</b>
<b>EST. 39 Quinta da Prelada segundo o desenho de [VILANOVA, Joaquim Cardoso Vitória] – Edifícios do Porto em 1833. Álbum de desenhos e Joaquim Cardoso Vitória Vilanova. Manuscrito 1479. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1987, Nº 33.</b> .....	<b>148</b>
<b>EST. 40 - Pormenor dos panos da parede que sugerem os mármore fingidos segundo a técnica da escaiola. Realce para o arco com o fecho neoclássico e a escadaria helicoidal</b> .....	<b>152</b>

#### **INDICE DOS QUADROS:**

<b>1. QUADRO EVOLUTIVO DAS TIPOLOGIAS CONSTRUTIVAS</b> .....	<b>81</b>
<b>2. QUADRO - PROPRIETÁRIOS DA CASA E QUINTA DO CHANTRE - SÉCULOS XVIII-XX</b> .....	<b>108</b>
<b>3. QUADRO - INVENTÁRIO DOS BENS DE RAIZ DA QUINTA QUEIMADA (23-FEV-1907)</b> .....	<b>116</b>
<b>4. QUADRO DA EVOLUÇÃO SOCIAL E CONSTRUTIVA DA QUINTA DO RIO</b> .....	<b>130</b>

## VOLUME 2

---

### SECÇÃO 1

#### DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA EXTRA TEXTO

SIGLAS DOS EDIFÍCIOS .....	198
- Quinta de Santa Cruz do Bispo – SCB .....	199
- Quinta de Fafiães - QFF .....	207
- Quinta do Chantre – CHT .....	212
- Quinta Queimada / Casa de Ramalde – CRM .....	221
- Quinta do Rio – QTR .....	228
- Quinta de Sam Thiado – STC .....	232
Quinta da Prelada – QPR .....	236

### SECÇÃO 2

#### FONTES CARTOGRÁFICAS E REPRODUÇÃO FAC-SIMILADA DE FONTES IMPRESSAS

<b>DOC. 1 - Carta de Jean-Baptiste Nolin - <i>Le Royaume de Portugal divisé en cinq grandes provinces et subdivisé en plusieurs territoires avec le Royaume des Algraves [Sic] le Stramadoura Espagnol et partie d'Andalousie / Dressé ... par ... I. B. Nolin.</i> – a Paris : Chez le S.r Julien ..., 1762. BPMP – Reservados - C – M &amp; - Pasta 25 (11) A. ....</b>	<b>245</b>
<b>DOC. 2 - Carta de Grandpré, 1729</b> Fonte: LIMA, Luís Caetano de - <i>Geografia historica de todos os estados soberanos de Europa</i> . Lisboa, 1736, 1º tomo. ....	<b>246</b>
<b>DOC. 3 - Carta de Grandpré – Província de Entre Douro-e-Minho - 1730</b> Fonte: LIMA, Luís Caetano de - <i>Geografia historica de todos os estados soberanos de Europa</i> . Lisboa, 1736, 1º tomo. ....	<b>247</b>

<b>DOC. 4 - Planta da Cidade do Porto, da autoria de George Balck, originalmente publicada em 1813.</b> Planta dedicada ao Brigadeiro Nicolau Trant. Contém legenda com os principais edifícios e artérias da cidade. Cidade do Porto : [planta redonda]AHCMP - Documento/Processo, [195?] – [195?].	<b>248</b>
<b>DOC. 5 - A –B - AMMATS – Planta do Concelho de Matosinhos – folhas da área envolvente da Quinta de Santa Cruz do Bispo.</b>	<b>249</b>
<b>DOC. 6 – Projeto da Estrada Municipal do Padrão da Légua à freguesia de Santa Cruz do Bispo.</b>	<b>250</b>
<b>DOC. 7 Quinta da Vacaria ou de Fafiães (canto superior direito)</b>	<b>251</b>
<b>DOC. 8 – A - Planta do Concelho de Matosinhos de 1944, à escala 1:1000, folhas da área envolvente à Quinta do Chantre.</b>	<b>252</b>
<b>DOC. 8 – B - Planta do Concelho de Matosinhos de 1944, à escala 1:1000, folhas da área envolvente à Quinta do Chantre.</b>	<b>253</b>
<b>DOC. 9 A - Fonte: “Quinta do Chantre - Requiem para uma relíquia da arquitectura.</b> Uma obra-prima de Nasoni ao abandono”. In <i>O Comércio do Porto</i> (8 Dez.1991) capa jornal.	<b>254</b>
<b>DOC. 9 B- Fonte: “Quinta do Chantre - Requiem para uma relíquia da arquitectura.</b> Uma obra-prima de Nasoni ao abandono”. In <i>O Comércio do Porto</i> (8 Dez.1991) capa jornal.	<b>255</b>
<b>DOC. 10 - Escritura de doação para património de uma capela que faz o Reverendo Fernando Barbosa de Albuquerque, Chantre da Santa Sé.</b> Maia - 1757 – Novembro, 4 - ADP – PO – 8º - Lvº 254, folºs 26v-27.	<b>256</b>
<b>DOC. 11 – Quinta Queimada na Planta de Telles Ferreira, 1892, Escala 1: 500.</b> AHCMP - <i>Carta Topográfica da Cidade do Porto (...)</i> . Quadrículas Nº 120 FD e Nº 121 FD.	<b>257</b>
<b>DOC. 12 – Quinta do Viso (ou de S. Gens) na Planta de Telles Ferreira - 1892,</b> Escala 1: 500. AHCMP - <i>Carta Topográfica da Cidade do Porto (...)</i> . Quadrícula Nº 114 FD.	<b>258</b>
<b>DOC. 13 - “Carta Topographica das Linhas do Porto”.</b> Os dois círculos assinalam a Casa Queimada e o «castelo» da Quinta da Prelada. <i>In Coleção de plantas e perfis das fortificações, referidas à carta geral das linhas dos exércitos libertador e rebelde, no sítio do Porto; AHCMP - Documento/Processo, [1834] – [1834].</i>	<b>259</b>
<b>DOC. 14 – A - Planta da Cidade do Porto e arredores com a localização das fortificações liberais e miguelistas durante o Cerco do Porto,</b> levantada com propósitos militares entre 1832 e 1833. Edição da Câmara Municipal do Porto, 1982.	<b>260</b>
<b>DOC. 14 – B – Pormenor da Quinta da Ponte assinalada junto à Casa da Prelada. Planta da Cidade do Porto e arredores com a localização das fortificações liberais e miguelistas durante o Cerco do Porto,</b> levantada com propósitos militares entre 1832 e 1833. Edição da Câmara Municipal do Porto, 1982.	<b>261</b>

### SECÇÃO 3

#### DOCUMENTAÇÃO RELACIONADA COM OS EDIFÍCIOS (PLANTAS E ALÇADOS) QUE FORAM OBJETO DE ESTUDO

**DOC. 1 - Axonometria da Quinta de Fafiães.**

Fonte: CARITA, Helder; CARDOSO, Homem – *Tratado da grandeza dos jardins em Portugal ou da originalidade e desaires desta arte*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990, p. 250. ....264

**DOC. 2 - Planta esquemática da Casa de Fafiães**, segundo um esboço do Arquiteto Jorge Pedra.....265

**DOC. 3- Alçado principal (nascente) da Casa do Chantre** - (Des. Arq. Carlos Prata – 1990).....266

**DOC. 4 – Alçado sul** – (Des. Arq. Carlos Prata – 1990) .....266

**DOC. 5 – Alçado Poente** – (Des. Arq. Carlos Prata – 1990) .....267

**DOC. 6 – Alçado Norte** – (Des. Arq. Carlos Prata – 1990) .....267

**DOC. 7 - Planta do 1º piso (térreo)** - ( Des. Arq. Carlos Prata – 1990) .....268

**DOC. 8 - Planta Do 2º piso** (Des. Arq. Carlos Prata – 1990) - as janelas entaipadas estão assinaladas a preto. ....269

**DOC. 9 - Axonometria da Quinta do Chantre** segundo Robert Smith. In *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966. ....270

**DOC. 10 – A e B - Plantas da Casa de Ramalde**, segundo os desenhos do Arquiteto Humberto Vieira. Porto, abril de 2002 – Esc. 1: 200 (Plantas reduzidas em relação ao original) .....271

**DOC. 11 – A – Planta do piso térreo da Quinta do Rio**, segundo o arquiteto Manuel Teixeira de Carvalho. ....272

**DOC. 11 – B – Planta do piso superior da Quinta do Rio**, segundo o arquiteto Manuel Teixeira de Carvalho. ....273

**DOC. 12 – Alçado principal da Casa de Sam Thiago** segundo os arquitetos Guilherme Salvador e Teresa Mano .....274

**DOC. 13. – Casa de Sam Thiago - Processo Nº 95/12 – José Joaquim Guimarães Pestana - ampliação de casa, freguesia de Custóias, Lugar de S. Tiago – Matosinhos - 3094 - [1912].**  
Exemplar original no AHMATS .....275

**DOC. 14 – A - Casa de Sam Thiago – Planta do piso térreo** com uma proposta sobre a evolução cronológica do Imóvel; desenho elaborado a partir do projeto original dos arquitetos Guilherme Salvador e Teresa Mano .....276

<b>DOC. 14 –B – Casa de Sam Thiago – Planta do piso superior com uma proposta sobre a evolução cronológica do Imóvel;</b> desenho elaborado a partir do projeto original dos arquitetos Guilherme Salvador e Teresa Mano .....	<b>277</b>
<b>DOC. 15 – A – DOC. 15 – B – Planta do rés-do-chão</b> <i>In Casa e Quinta da Prelada</i> . Processo DRP – 13410. Projecto do Futuro Centro Cultural D. Francisco de Noronha Meneses. Desenhos do Arquitecto António Leitão Barbosa. Porto, outubro de 2005, 3 vols. ....	<b>278</b>
<b>DOC. 15 – B – Planta do primeiro piso.</b> <i>In Casa e Quinta da Prelada</i> . Processo DRP – 13410. Projecto do Futuro Centro Cultural D. Francisco de Noronha Meneses. Desenhos do Arquitecto António Leitão Barbosa (...)	<b>279</b>
<b>DOC. 15 – C - Planta do segundo piso.</b> <i>In Casa e Quinta da Prelada</i> . Processo DRP – 13410. Projecto do Futuro Centro Cultural D. Francisco de Noronha Meneses. Desenhos do Arquitecto António Leitão Barbosa (...)	<b>280</b>
<b>DOC. 16 – Casa da Prelada – Alçado Norte</b> - Desenhos do Arquitecto António Leitão Barbosa .....	<b>281</b>
<b>DOC. 17 – Casa da Prelada – Alçado Poente</b> - Desenhos do Arquitecto António Leitão Barbosa.....	<b>282</b>
<b>DOC. 18 – Casa da Prelada – Alçado Sul</b> - Desenhos do Arquitecto António Leitão Barbosa.....	<b>283</b>
<b>DOC. 19 – Pormenor das janelas.</b> - Desenhos do Arquitecto António Leitão Barbosa .....	<b>284</b>
<b>DOC. 20 – A – Pormenor das janelas.</b> - Desenhos do Arquitecto António Leitão Barbosa .....	<b>285</b>
<b>DOC. 20 – B – Pormenor das janelas.</b> - Desenhos do Arquitecto António Leitão Barbosa .....	<b>286</b>

#### SECÇÃO 4

#### ÍNDICE DOS DOCUMENTOS

##### DOCUMENTO Nº 1 –

1788 – Agosto, 30 – 1801 – Julho-Agosto

**AHCMP – Cofre - 1801 (Jul-Ago) - A-PUB1349, mc 102, fol. 136-137.....** **289**

##### DOCUMENTO Nº 2 –

1735 –Agosto, 5 – Maia. *Escritura de instituição da Capela da invocação de Nossa Senhora da Assunção com obrigação de missas*, situada no Lugar de Fafiães, na Freguesia de São Miguel de Barreiros, Concelho da Maia.

ADP – *Cartório Notarial do Porto* - PO 7, 4ª Série, nº 45, folºs 31-32. ....

**292**

##### DOCUMENTO Nº 3 –

1742- Fevereiro, 20 – [Porto]. *António Barbosa de Albuquerque - Carta para renunciar o ofício de escrivão do judicial do Concelho da Maia.* – IAN / TT - *Registo Geral de Mercês, Mercês de D. João V*, liv. 32, f. 388v.....

**294**

##### DOCUMENTO Nº 4 -

1759 – Setembro, 20 – Porto. *Instrumento de nomeação de Legitimação e perfilhação de Custódio de José Barbosa e sua irmã, Dona Ana, da cidade do Porto, pelo Reverendo Fernando Barbosa de Albuquerque, chantre da Santa Sé do Porto, morador na quinta do Fafiães.* ADP - PT/ADPRT/NOT/CNMAI/001/2099 – Cartório Notarial do Porto - PO7 – Nº 99, fólº 17v-18-18v .....**295**

**DOCUMENTO Nº 5 – A –**

1770 – Abril, 17 - Lisboa.

*-Dona Florência Leite Pereira e Melo, moradora na Casa de Ramalde, termo do Porto, administradora e comendatária da Comenda de Redmoinhos, solicita a Sua Majestade uma provisão para demandar o Capitão Mor do Concelho de Paiva, Bernardo José Pinto, perante o Juiz de Fora da Vila de Barcelos.*

IAN / TT - *Desembargo do Paço: Minho e Trás-os-Montes*, maço 51, documento nº. 8.....**298**

**DOCUMENTO Nº 5 – B -**

1770 – Agosto, 2 - Lisboa.

*Dona Florência Leite Pereira e Melo, moradora na Casa de Ramalde, termo do Porto, administradora e comendatária da Comenda de Redmoinhos, solicita a Sua Majestade uma provisão para demandar o Capitão Mor do Concelho de Paiva, Bernardo José Pinto, perante o Juiz de Fora da Vila de Barcelos.*

IAN / TT - *Desembargo do Paço: Minho e Trás-os-Montes*, maço 53, doc. nº. 2.....**299**

**DOCUMENTO Nº 6**

1767-Mar, 10.

*Licença de D. Florência Leite Pereira de Melo aos religiosos do Convento de S. Francisco para colocarem a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Coroa na Capela dos Reis Magos, 1767-Mar, 10.* ADP -

PT/ADPRT/MON/CVSFPRT/002/6049/49282 - K/20/6 - 95 (T.º 3.º), Capela dos Reis Magos, f. 2.....**301**

**DOCUMENTO Nº 7**

Porto 23-02-1907

*Inventário Orfanológico. Inventariado: Diogo Henrique da Silva da Fonseca e Bourbon da Quinta da Queimada, freguesia de Ramalde e falecido na Suíça. Inventariante – sua irmã D. Maria do Carmo da Fonseca Meneses Cirne, casada com o Doutor António de Melo Vara de Sampaio, residente em Coimbra.*

PT/ADPRT/JUD/TCPR/077/00657 – *Tribunal da Comarca do Porto, Inventários Obrigatórios, Interesses na Quinta da Queimada; Mç 0247*.....**305**

**DOCUMENTO Nº 8**

1768 - Abril, 23 – Porto - *João Domingos de Oliveira e Manoel Domingues da Silva, moradores na freguesia de Ramalde, Concelho de Bouças, Termo da cidade do Porto, apelam ao rei queixando-se das extorsões cometidas pelo Capitão de Ordenanças Manoel da Silva Guimarães.* IAN / TT - *Desembargo do Paço: Minho, mç., 44, doc. 60, [folº. 2-4]*.....**324**

**DOCUMENTO Nº 9 – A**

1763 - Setº., 21 / 1764 - Agosto, 9 - Quinta de Santa Cruz - Concelho da Maia. *Sentença Cível relativa ao património para rendimento da Capela de Santo António.*

AHMP - FQR, Nº. 2693 (9), folº. 1-5. ....**327**

**DOCUMENTO Nº 9 – B**

1764 - Abril, 19 - Freguesia de Ramalde, Julgado de Bouças. *Dote para a constituição de património para rendimento da capela da Quinta do Rio que faz o Capitão Manoel da Silva Guimarães [...] e a sua mulher.*

ADP - Secção Notarial - PO - 2º. - Nº. 305 - 1ª. Série, folº. 85 v- 86. ....**330**

**DOCUMENTO Nº 10**

1785 - Julho, 3 - Lisboa. – *Requerimento do Capitão Mór José Gonçalves Lopes, senhor da Quinta de Sam Thiago, na freguesia e Custóias, para Sua Majestade conceder uma provisão para avaliar as*

*propriedades pertencentes ao Reverendo Manoel da Silva Pereira e sua irmã Dona Ana, a fim de as reunir na sua fazenda. IAN / TT - Desembargo do Paço: Minho e Trás-os-Montes, maço 135, documento nº. 54. ....332*

**DOCUMENTO Nº 11**

1807 – Outubro, 7. *Carta de Brasão de Armas passada a Domingos Gonçalves Lopes.*  
IAN-TT – *Registo dos brasões de armas da nobreza – (Microfilme) MF – Lv 7 408, fols. 212v -214.*  
.....334

**DOCUMENTO Nº 12**

1774 - Agosto, 17 - Freguesia de Ramalde, Julgado de Bouças.  
*Escritura de dote de casamento* faz o Capitão Manoel da Silva Guimarães, e sua mulher, a sua filha Dona de Ana Maria Joaquina para casar com o Capitão José Gonçalves Lopes. ADP - PT/ADPRT/NOT/CNPRT08/001/0282, folº 70-72. ....336

**DOCUMENTO Nº 13**

1796 - Maio, 9 – Porto, Freguesia de Santo Ildefonso, Quinta da Netta.  
*Testamento de José Gonçalves Lopes, Capitão-mor do Couto de Leça do Balio fólº 1-8).*  
AHCMP – FQR – APRI/12QR-14 (457). ....341

## SIGLAS E ABREVIATURAS

**ADP** - Arquivo Distrital do Porto

**ADRCN** - Arquivo da Direção Regional de Cultura do Norte

**AHML** - Arquivo Histórico Militar - Lisboa

**AHMP** - Arquivo Histórico Municipal do Porto

**AMMTS** - Arquivo Municipal de Matosinhos

**BPMP** - Biblioteca Pública Municipal do Porto

**CD / JN** - Centro de Documentação e Informação do Jornal de Notícias – Porto

**DGEMN** – Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

**DGPC** - Direção-Geral do Património Cultural

**FQR** - Fundo Quinta do Rio

**IAN / TT** - Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo

**I.I.P.** - *Imóvel de Interesse Público*

**IGESPAR** - *Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico*

**INE** - Instituto Nacional de Estatística

**MTS** – Matosinhos

**PRT** - Porto

**S.n.** - Sublinhado nosso

## **SIGLAS DOS EDIFÍCIOS**

**SCB – Quinta de Santa Cruz do Bispo**

**QFF – Quinta de Fafiães**

**CHT – Quinta do Chantre**

**CRM – Casa de Ramalde**

**QVS – Quinta do Viso**

**QPR – Quinta da Prelada**

**QTR – Quinta do Rio**

**STC – Quinta de Sam Thiago**

*«A relação os textos é da mesma natureza que a relação com as coisas; numa e noutra, é de sinais que a gente se serve»*

Michel Foucault

*As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas.*

Lisboa: Edições 70, 2005, p. 89.

---

## **INTRODUÇÃO**

**A) ESTADO DA ARTE” DA HISTÓRIA DA ARQUITETURA CIVIL NA ÉPOCA MODERNA.  
UMA VISÃO DE CONJUNTO**

**B) ESCOLHAS E MOTIVAÇÕES DO TEMA. OBJETIVOS E METODOLOGIA**

## A) ESTADO DA ARTE” DA HISTÓRIA DA ARQUITETURA CIVIL NA ÉPOCA MODERNA. UMA VISÃO DE CONJUNTO

O estudo da arquitetura civil da Época Moderna conta com alguns contributos de relevo, apesar do leque de obras até agora produzidas ser restrito. Neste âmbito iremos focalizar os estudos que são a base de referência do tema.

Começamos por destacar os trabalhos de Gouveia Portuense<sup>1</sup>, António Lambert Pereira da Silva<sup>2</sup>e Armando de Matos.<sup>3</sup> As suas obras evidenciam um carácter elitista e mais centrado na genealogia e na heráldica das famílias nobres do Porto.

Na década de 1960 Robert Smith investiga as obras artísticas da época barroca e rococó das cidades do Porto e Braga numa escala sem precedentes. Este investigador norte-americano vinha influenciado pelas doutrinas positivistas do início do século XX. Robert Smith explora as fontes documentais e segue o Método Fogg para obter datações seguras e apurar a autoria das obras de arte.<sup>4</sup>

Em 1966 publica *Nicolau Nasoni - Arquitecto do Porto*<sup>5</sup> – “uma das principais referências da arte portuguesa” – segundo Jaime Ferreira-Alves<sup>6</sup> - influenciando a investigação da História da Arte em Portugal. Robert Smith destaca os exemplares mais representativos da arquitetura civil barroca do Porto, a saber: a Casa do Dr. Domingos Barbosa, o Palácio de S. João Novo, as quintas do Chantre, de Ramalde, do Viso, da Prelada, de Santa Cruz do Bispo, de Bonjóia, o Palácio do Freixo, e a “ Nova Casa da

---

<sup>1</sup> *Portas e casas brasonadas do Porto e seu termo. Prefácio de Conde de Campo Belo (D. Henrique)*. Porto: Empresa Industrial Gráfica, 1945.

<sup>2</sup> *Nobres casas de Portugal*. Porto: Livraria Tavares Martins, fasc. 1, [1958].

<sup>3</sup>– *As pedras de armas do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto. Gabinete de História da Cidade [Documentos e Memórias para a História do Porto], XXII, 1953.

<sup>4</sup>WOHL, Hellmut – “Robert Chester Smith e a história da arte nos Estados Unidos”. in SALA, Dalton (Comissário); CABRAL, Manuel da Costa (Coord.); RODRIGUES, Jorge (Coord.) – Robert C. Smith – 1912-1975. *A investigação da História de Arte (Research in History of Art)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Belas Artes-Arquivos de Arte, 2000, p. 26; este método aplicado à arquitetura é pouco fidedigno porque a realização de um projeto de arquitetura não é obra de um só artista, mas de vários.

<sup>5</sup> SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966.

<sup>6</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “O Porto na obra de Robert C. Smith”. In SALA, Dalton (Comissário); CABRAL, Manuel da Costa (Coord.); RODRIGUES, Jorge (Coord.) – Robert C. Smith – 1912-1975. *A investigação da História de Arte (Research in History of Art)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Belas Artes-Arquivos de Arte, 2000, p. 76.

Relação e Cadeia do Porto”.<sup>7</sup> Estas obras, atribuídas em grande parte a Nasoni, aparecem ricamente documentadas com fotografias e desenhos com perspectivas axonométricas.<sup>8</sup> Ainda nesse mesmo ano, o historiador da Universidade da Pensilvânia publica um pequeno trabalho sobre as *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos e outros santuários portugueses*.<sup>9</sup> O estudo da pintura votiva fora iniciado pelos etnógrafos Luís Chaves e Rocha Peixoto no início do século XX<sup>10</sup>, mas foi Robert Smith que tirou do anonimato o «Mestre de Matosinhos», cujas obras representam os interiores da arquitetura doméstica setecentista.<sup>11</sup>

Com a publicação do livro *The art of Portugal 1500-1800*, em Londres (1968),<sup>12</sup> Robert Smith relança a arte portuguesa na senda internacional<sup>13</sup>. Trata-se de uma obra escrita sem “preconceitos nacionalistas” bem diferente da visão de Reinaldo dos Santos<sup>14</sup>. No primeiro capítulo refere as realizações arquitetónicas de Nicolau Nasoni no Norte de Portugal, inspiradas e influenciadas segundo as tradições artísticas de Bernardo Buontalenti e Pietro da Cortona.<sup>15</sup>

---

<sup>7</sup> A questão da autoria destes edifícios será seguidamente analisada.

<sup>8</sup> SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966; veja-se “Capítulo IX – A Arquitectura Civil da Zona do Porto (1743-1760)”, pp. 137-161.

<sup>9</sup> SMITH, Robert Chester - *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos e outros santuários portugueses*. Matosinhos, 1966. Este assunto será abordado na Terceira Parte deste estudo.

<sup>10</sup> Cf. ARAÚJO, Agostinho – “A pintura popular votiva no séc. XVIII: (algumas reflexões a partir coleção de Matosinhos)”. In *Revista de História*. 2 (1979) 28 e ss.; RUSSELL-WOOD, A. J. R. – “Robert Chester Smith: investigador e historiador”. In SALA, Dalton (...) *A investigação da História de Arte (Research in History of Art)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Belas Artes-Arquivos de Arte, 2000, pp. 31-65.

<sup>11</sup> SMITH, Robert Chester - *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos e outros santuários portugueses*. Matosinhos, 1966, p. 9; sobre este tema veja-se o estudo de ARAÚJO, Agostinho - “Robert C. Smith e o estudo da pintura votiva luso-brasileira”. In *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 1 (2006) 23-48.

<sup>12</sup> SMITH, Robert Chester – *The art of Portugal 1500-1800*. London: Weidenfeld and Nicolson Ltd, 1968.

<sup>13</sup> Tal como o historiador de arte neoformalista George Kubler, que publicou em parceria com Martin Soria: *Art and architecture in Spain and Portugal and their American dominions, 1500 to 1800*. Harmondsworth: Penguin Books, 1959; e em 1972 (edição original) aquela que é a sua obra de referência: *A arquitectura portuguesa chã : entre as especiarias e os diamantes, 1521-1706*. Lisboa: Editorial Vega, 1988, uma obra compreendida entre as épocas manuelina e joanina e que corresponde a uma nova visão da história da arte portuguesa.

<sup>14</sup> WOHL, Hellmut – “Robert Chester Smith e a história da arte nos Estados Unidos”. in SALA, Dalton (...) 2000, p. 27.

<sup>15</sup> SMITH, Robert Chester – *The art of Portugal 1500-1800*. London: Weidenfeld and Nicolson Ltd, 1968, p. 103.

Em 1973 Robert Smith salienta o legado artístico do pintor e arquiteto «Dom Nicolau» (1691-1773) na cidade do Porto.<sup>16</sup> Os trabalhos deste investigador podem estar pontualmente desatualizados, mas servem de referência neste domínio de pesquisa. O Método Fogg aplicado na arquitetura, seguido por este investigador norte-americano, revelou-se pouco fidedigno. Porém, os seus trabalhos, a par do contributo de Reinaldo dos Santos na arte barroca de Nicolau Nasoni,<sup>17</sup> são a grande referência da História da Arquitetura e da História da Arte em Portugal.

Em 1966 Flávio Gonçalves, “companheiro de estudo e de viagem” de Robert Smith, apresenta uma Comunicação no *VI Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, realizado nos Estados Unidos da América, intitulada: *Um século de arquitectura e talha no Noroeste de Portugal (1750-1850)*.<sup>18</sup> Este insigne investigador debruçou-se sobre a vida de Nicolau Nasoni e os seus descendentes,<sup>19</sup> sem perder de vista a arte no Porto da época pombalina.<sup>20</sup>

Neste contexto importa sublinhar os estudos de Domingos de Pinho Brandão e Bernardo Xavier Coutinho<sup>21</sup>, que foram a grande referência do Património Arqueológico e do Património Artístico do Porto e do Norte de Portugal. Da sua vasta e riquíssima obra, publicada em revistas da especialidade por este prelado portuense salientamos:

---

<sup>16</sup> In *Revista Bracara Augusta*, vol. 64 - *Actas do Congresso «A Arte em Portugal no Século XVIII» de homenagem a André Soares*. Braga, 1973, 2º tomo, pp. 514-521.

<sup>17</sup> “[...] No Norte, o barroco do século XVIII achou outras soluções no génio decorativo de Nazzoni, na matéria regional cintilante e austera, cujas tonalidades griseas se valorizam com a luminosidade da cal. (...) Nazzoni soube utilizar no granito a robustez constrictiva e a expressividade decorativa”; in “*A arquitectura barroca em Portugal*” in *Belas Artes : revista e boletim da Academia Nacional de Belas Artes*. Lisboa. Nº 3, 2ª Série (1951) 17. Refira-se as obras: “O Porto barroco”. Sep. Documentos e Memórias para a História do Porto. Vol. XXI. Porto, 1952; e o 2º vol. daquela que é a sua grande obra clássica: - *Oito séculos de arte portuguesa: história e espírito*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, [1970].

<sup>18</sup> GONÇALVES, Flávio – *Um século de arquitectura e talha no Noroeste de Portugal (1750-1850)*. Porto, 1969 (Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, Vol. XXXII – Fasc. 1-2).

<sup>19</sup> GONÇALVES, Flávio – “Notas sobre os descendentes de Nicolau Nasoni”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, Nº. 20 (1973) 237-264;– “A arte no Porto na época do Marquês de Pombal”. In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, 2º vol., pp. 101-130; - “Apontamentos Nasonianos”. In *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. 2ª Série, Vol. 5/6 (1987/88) 441-449.

<sup>20</sup> GONÇALVES, Flávio – “A arte no Porto na época do Marquês de Pombal”. In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, vol. II, pp. 101-130.

<sup>21</sup> Refira-se o texto de COUTINHO, Bernardo Xavier – “Arte: do barroco no neo-classicismo. In PERES, Damião; CRUZ António (Direcção) – *História da cidade do Porto*. Porto: Portucalense Editora, 1965, 3 vol., 70-261; em particular o Cap.º “VIII – A arquitectura civil do Porto (1640-1800)”, p. 216.

– «A obra de Nicolau Nasoni no actual Concelho de Matosinhos»;<sup>22</sup> «Trabalhos de Nasoni desconhecidos»;<sup>23</sup> «José Figueiredo Seixas: algumas obras, alguns documentos»;<sup>24</sup> e os quatro volumes da *Obra da talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na Diocese do Porto*, publicada no Porto em 1986, que inclui o Património Artístico das capelas particulares.

O estudo da arquitetura civil viria a ser impulsionado por Carlos de Azevedo na sua obra: *Solares Portugueses* [1ª. Edição-1969]. Ciente do valor patrimonial das residências nobres que estavam por inventariar, Carlos de Azevedo critica o estudo da casa apenas como “elemento da história genealógica”. Privilegia a análise tipológica e morfológica dos edifícios para traçar a evolução global da arquitetura doméstica de norte a sul do país<sup>25</sup>.

O conhecimento da arquitetura civil setecentista portuense (palácios e casas) está patente na dissertação de doutoramento do Professor Jaime Ferreira-Alves. O mesmo investigador retoma as matrizes arquitetónicas da casa nobre definidas por Carlos de Azevedo para caracterizar a arquitetura privada da cidade do Porto no tempo dos Almadás.<sup>26</sup> As suas investigações criaram novas frentes de abordagem do tema e abriram novas perspetivas sobre o estudo da «casa nobre». Destacamos o seu opúsculo “*A Casa Nobre no Porto nos séculos XVII e XVIII. Introdução ao seu estudo*”,<sup>27</sup> uma ferramenta essencial para os estudiosos e investigadores neste campo de pesquisa. Em *A casa nobre no Porto na Época Moderna*, obra publicada em 2001,<sup>28</sup> Jaime Ferreira-Alves desenvolve a atividade arquitetónica civil portuense (intramuros e extramuros) e divulga o percurso artístico dos arquitetos e mestres pedreiros entre os séculos XV e XVIII.<sup>29</sup>

---

<sup>22</sup> In *Mvseu*. 2ª Série, Nº 7(1964-Jun) 26-48-

<sup>23</sup> *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto. Vol. XXVII, Fasc. 1-2 (1964) 118-155.

<sup>24</sup> *Museu*. 2ª Série, 7 (1964) 49-68

<sup>25</sup> AZEVEDO, Carlos de - *Solares Portugueses*. [1ª. Edição-1969] 2ª. Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 1988, pp. 13-15.

<sup>26</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *O Porto na época dos Almadás. Arquitectura. Obras públicas*. Porto, 1988. 2 vols.

<sup>27</sup> «A Casa Nobre no Porto nos séculos XVII e XVIII. Introdução ao seu estudo». *Poligrafia*. Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão. Nº. 4 (1995) 25-5.

<sup>28</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna*. Lisboa: Edições INAPA, 2001, p. 13 e seguintes.

<sup>29</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - “Elementos para a história das sociedades entre mestres e pedreiros (séculos XVII e XVIII)”. In *Revista da Faculdade de Letras: História*. Série II, Vol. 9 (1992) 337-368.

O *Projeto das Casas Armoriadas de Arcos de Valdevez*, levado a cabo por um grupo de investigadores do Minho,<sup>30</sup> relançou o estudo da casa nobre arcoense<sup>31</sup> e esteve na origem da criação do *I Congresso Internacional da Casa Nobre – Um Património para o Futuro*, no ano de 2005. Tem sido reconhecida a necessidade de uma abordagem transdisciplinar nas áreas da *História Social*, da *História da Arquitetura*, da *Demografia*, da *Genealogia*, da *Heráldica*, da *Sociologia da Família*, das *Artes Decorativas*, do *Desenvolvimento Regional* e da *Gestão do Património Arquitetónico e Artístico*. Este evento cultural e científico, de base trienal, conta já quatro edições, a última das quais em 2014.

Refira-se a aparição do *Dicionário da arte barroca em Portugal* publicado em 1989.<sup>32</sup> Apesar de pontualmente desatualizado contém entradas subsidiárias do tema, entre as quais destacamos: “Arquitetura Civil”<sup>33</sup>, “Casa Rural”,<sup>34</sup> “Nicolau Nasoni”,<sup>35</sup> quinta de recreio”,<sup>36</sup> André Soares”<sup>37</sup>, “Solar”,<sup>38</sup> e “Tratados de Arquitetura”.<sup>39</sup>

Nestes últimos anos aumentou o número de investigadores que, no âmbito das suas dissertações de mestrado e doutoramento, se debruçaram sobre o estudo da arquitetura doméstica nas suas múltiplas vertentes (arquitetura, sociedade, economia e artes decorativas). Salientámos, a este nível, os trabalhos de M. Isabel Soares de Albergaria sobre a casa nobre micalense no Arquipélago dos Açores, entre o período filipino e os inícios do liberalismo;<sup>40</sup> as investigações desenvolvidas por Ana Duarte

---

<sup>30</sup> Armando Malheiro da Silva, Luís Pimenta de Castro Damásio, Luís Novais, José Queiroga Fernandes, João Carlos de Andrade Gachineiro (...).

<sup>31</sup> SILVA, Armando B. Malheiro da ; DAMÁSIO, Luís Pimenta de Castro ; NOVAIS, Luís - *Casas armoriadas do Concelho dos Arcos de Valdevez*. 2ª Edição (revista e aumentada). Câmara Municipal dos Arcos de Valdevez, 2000, Vol. I, pag. 8-43; este Projeto conta já com a edição de seis volumes, o último dos quais em 2013.

<sup>32</sup> José Fernandes PEREIRA (Direcção); Paulo PEREIRA (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989

<sup>33</sup> Por José Sarmento de Matos.

<sup>34</sup> Por João Vieira Caldas.

<sup>35</sup> Por J. Jaime Ferreira-Alves.

<sup>36</sup> Por José Sarmento de Matos.

<sup>37</sup> José Fernandes Pereira.

<sup>38</sup> Carlos Moura.

<sup>39</sup> Rafael Moreira.

<sup>40</sup> ALBERGARIA, Maria Isabel Soares de - *A casa nobre na ilha de S. Miguel: do período filipino ao final do antigo regime*. Provas públicas para obtenção do Grau de Doutor em Arquitectura. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior Técnico, 2012, 2 Vols..

Rodrigues sobre as origens da “escultura de jardim”, desde a Antiguidade Clássica entre os séculos XVII e XVIII,<sup>41</sup> que incide sobre as obras escultóricas dos jardins, parques e pátios das quintas e palácios dos séculos XVII e XVIII. No âmbito das artes decorativas sublinhamos os estudos de Alexandra Gago da Câmara, que têm aprofundado o conhecimento sobre a azulejaria barroca e rococó na arquitetura civil na região de Lisboa.<sup>42</sup> Sobre a história do mobiliário e das vivências do quotidiano destacamos os trabalhos de Carlos Franco sobre as “*casas das elites de Lisboa*”.<sup>43</sup>

Recentemente veio a lume a obra de Helder Carita (texto) e Homem Cardoso (fotografia): *A casa senhorial em Portugal. Modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*.<sup>44</sup> Trata-se de uma obra que pretende divulgar os modelos e as tipologias arquitetónicas dominantes em Portugal da idade média ao oitocentismo.

No que se refere ao Porto e à sua zona de influência consideramos que, dada a especificidade arquitetónica barroca e rococó, os exemplares referidos na obra mereciam um tratamento mais aprofundado.<sup>45</sup>

Estamos cientes que neste campo muito mais havia a dizer, mas tivemos que seleccionar as opções que melhor se coadunavam com o tema do nosso estudo.

---

<sup>41</sup> RODRIGUES, Ana Duarte – *A escultura de jardim das quintas e palácios dos séculos XVII e XVIII em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011.

<sup>42</sup> CÂMARA, Maria Alexandra Gago da – “*A arte de bem-viver*”. *A encenação do quotidiano na azulejaria portuguesa na segunda metade de Setecentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e Tecnologia. Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2005; CÂMARA, Maria Alexandra Gago da – “*A arte de bem-viver*”. *A encenação do quotidiano na azulejaria portuguesa na segunda metade de Setecentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e Tecnologia. Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2005; – *Azulejaria do século XVIII. Espaço lúdico e decoração na arquitectura civil de Lisboa*. 1ª Edição. Porto: Civilização Editora, 2007.

<sup>43</sup> FRANCO, Carlos – *Casas das elites de Lisboa. Objectos, interiores e vivências – 1750-1830*. Lisboa: Scribe, 2015.

<sup>44</sup> CARITA, Helder; CARDOSO, Homem – *A casa senhorial em Portugal. Modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*. Lisboa: Leya, 2015.

<sup>45</sup> Por exemplo, no capítulo VIII; e também a ausência de texto sobre a Casa de Sam Thiago, cujo portal aparece ilustrado; CARITA, Helder; CARDOSO, Homem – *A casa senhorial em Portugal (...)*, p. 16.

## B) ESCOLHAS E MOTIVAÇÕES DO TEMA. OBJETIVOS E METODOLOGIA

O tema central da dissertação é a quinta «rústica» de raiz senhorial e burguesa no antigo alfoz do Porto, entre os séculos XVIII e XIX. Tem como principal foco os Imóveis que estão abrangidos por proteção jurídica. O *Decreto 129/77*<sup>46</sup> classificou como *Monumentos Nacionais*, os seguintes edifícios:

### **No Concelho do Porto:**

- a Casa de Ramalde “com todas as suas pertenças”, na freguesia de Ramalde. Propriedade do Estado;

- a Casa da Prelada, “com o conjunto que a envolve, designadamente a mata e o jardim”, na freguesia de Ramalde. Propriedade privada.

- a Quinta do Rio (Ramalde) está classificada como Imóvel de Interesse Público: Processo nº 88/25 - 12(24) ; - I.I.P. - 45/93 de 30 de Novembro de 1993- DGPC. Propriedade privada.

### **- No Concelho de Matosinhos:**

- a Quinta de Fafiães: inclui a casa, a capela e o tanque, na freguesia de Leça do Balio. Propriedade privada.

- a Quinta de Santa Cruz do Bispo: o portal e os elementos arquitetónicos atribuídos a Nasoni. Propriedade do Estado.

- a Quinta do Chantre: habitações, capela, chafarizes do terreiro, janela do jardim e portada; *Decreto n.º 95/78, DR, I Série, n.º 210, de 12-09-1978*. Refira-se ainda que, subsequentemente a este processo, surgiu uma proposta de “reclassificação” da propriedade com vista à inclusão da *Alameda das Tílias*.<sup>47</sup> Propriedade privada.

- a Quinta do Viso: O conjunto (quinta, casa e jardins), encontra-se em Vias de Classificação.<sup>48</sup> Propriedade do Estado.

---

<sup>46</sup> Publicado no *Diário da República* – I Série, Número 226, de 29 de setembro de 1977, pp. 2392 [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=5446](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5446).

<sup>47</sup> DGPC - <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73844>

<sup>48</sup> União das Freguesias de S. Mamede de Infesta e Senhora da Hora - <http://www.uniaoif-sminfesta-srahora.pt/quinta-de-sao-gens/>

Em relação à Casa de Sam Thiago o Município de Matosinhos tem em curso a sua Classificação como Imóvel de Interesse Público. Propriedade privada.

E se valor histórico e patrimonial tem sido reconhecido pelos investigadores em geral, há questões em aberto sobre a forma como estes “bens culturais” têm sido geridos respetivamente pelo Estado e pelos particulares.

Neste estudo levantamos três questões nucleares:

- 1) - *Que Interesse Público têm estes imóveis?*
- 2) - *Que «valores» culturais representam?*
- 3) - *Qual o significado histórico?*

Em *O culto moderno dos monumentos*, Alois Riegl escreve “segundo a definição vulgarmente corrente, é obra de arte toda a obra humana tangível, visível ou audível, que representa valor artístico; é um monumento histórico toda a obra deste tipo que possua valor histórico.”<sup>49</sup> Nesta linha de pensamento acrescenta aquele que é considerado o maior teórico do Património de sempre<sup>50</sup>: “O elemento artístico que nele encontramos, porém, interessa-nos, em primeiro lugar, somente de um ponto de vista histórico: o monumento surge-nos como um elo indispensável na cadeia evolutiva da história da arte. O «monumento artístico» neste sentido é, pois, «monumento histórico-artístico», o seu valor, deste ponto de vista, não é «valor artístico, mas sim um «valor histórico». Resulta daí que a separação «monumentos artísticos e históricos»”<sup>51</sup>

Para Riegl há uma relação de «valor de memória» com o «cultos dos monumentos». Neste sentido distingue três valores de memória diferentes:

- 1) - «valor da antiguidade» *fundase exclusivamente no «perecer»;*
- 2) - «valor histórico» procura deter esse mesmo «perecer»;

---

<sup>49</sup> RIEGL, Alois – *O culto moderno dos monumentos*. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 10.

<sup>50</sup> ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - «Património - Riegl e hoje». *Revista da Faculdade de Letras-História-Universidade do Porto*. II Série. Vol. X (1993) 307.

<sup>51</sup> RIEGL, Alois – *O culto moderno dos monumentos*. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 11.

3) - «valor de memória intencional» levanta a pretensão de «*imperecibilidade*».<sup>52</sup>

Acrescenta ainda que a «*génese no passado e o valor de memória que nela se escora, assenta o valor da atualidade no monumento.*»<sup>53</sup>

Ainda segundo este historiador de arte vienense, os Monumentos têm um «*valor de uso*» que tem em conta a sua autenticidade intrínseca; bem como um «*valor artístico*» que corresponde aos valores de «*novidade*» e «*artístico relativo*».<sup>54</sup>

Esta abordagem tem para nós um amplo significado na medida que os edifícios que constituem o nosso objeto de estudo têm particularidades históricas e artísticas que remetem para a «*memorialidade*» que é o suporte do Património Cultural.<sup>55</sup>

Neste contexto importa salientar que os monumentos que selecionámos neste estudo correspondem aos «*valores*» gizados por Riegl. Porém, ao longo do tempo foram objeto de abandono, vandalismo e, alguns deles, sofreram intervenções *in situ* sem critérios de rigor, à margem dos organismos culturais do Estado e sujeitos aos *lobbies* do *anti-Património*, como tem sido sublinhado por Vítor Serrão.<sup>56</sup>

Este estudo visa, também, a integração histórica e a valorização do Património Arquitetónico. Neste sentido, no quadro de uma abordagem global do tema *Casa*, na perspetiva da história do quotidiano, fomos ao encontro das propostas seguidas por Fernand Braudel<sup>57</sup>, Daniel Roche<sup>58</sup>, Norman Pounds<sup>59</sup> e Simone Roux.<sup>60</sup>

---

<sup>52</sup> RIEGL, Alois – *O culto moderno dos monumentos*. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 42

<sup>53</sup> RIEGL, Alois – *O culto moderno dos monumentos*. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 11.

<sup>54</sup> RIEGL, Alois – *O culto moderno dos monumentos*. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 44-65.

<sup>55</sup> RAMOS, Manuel João (Coordenação) – *A matéria do património. Memórias e identidades*. Lisboa: Edições Colibri [Antropológica avulsa nº 2] 2003.

<sup>56</sup> SERRÃO, Vítor – “Faltam técnicos capazes de encarar o Património como algo de vivo integrado e interdisciplinar”, in *Pedra & Cal*. Revista do Grémio das Empresas de Conservação e Restauro do Património Arquitetónico. Lisboa. Ano III, Nº 9 (Jan-Fev-Mar – 2001) p. 16.

<sup>57</sup> BRAUDEL, Fernand - *Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII. As estruturas do quotidiano. O possível e o impossível*. [Edição original: Paris: Librairie Armand Colin, 1979] Lisboa: Teorema, tomo I, [S.d.].

<sup>58</sup> ROCHE, Daniel - *História das coisas banais. Nascimento do consumo nas sociedades tradicionais (séculos XVII-XIX)*. Lisboa: Editorial Teorema, 1998, pp. 99.

Como se poderá depreender os temas da História e do Património são, por si só, muito abrangentes, razão pela qual neste estudo se cruzam diferentes perspetivas que, em escala variável, convergem entre si ao nível da História Social, da História da Arquitetura e da História da Arte.

As fontes que constituíram a base do estudo são, sobretudo, de ordem arquivística, cartográfica e iconográfica. No *Segundo Volume*, na *Secção 3*, foram transcritos os documentos que são a base essencial do trabalho.

Igualmente relevante foi o trabalho de campo realizado tendo por finalidade a análise e a recolha de dados para compreender a evolução dos espaços habitacionais entre os séculos XVIII e XIX.

Em relação à delimitação cronológica importa referir que não há propriamente uma fronteira temporal estanque. E não poderia ser de outro modo, como sublinha Daniel Roche:

*“A casa, produto do tempo e produtora de diversas temporalidades, integra-se em todos os movimentos económicos e sociais que transformam o mundo.”*<sup>61</sup>

O plano da dissertação desenvolve-se em três partes, a saber:

- na Primeira Parte faz-se uma visão «ilustrativa» do território da região do Porto. Descrevem-se as condições naturais entre Leça e Douro. Visa-se, também, apurar o modo como o espaço geográfico foi sendo representado na cartografia histórica, entre os séculos XVII e XVIII;

- na Segunda Parte examinam-se as etimologias e os conceitos de «casa agrícola», «quinta», «solar», «paço» / «palácio», «quinta moderna setecentista» e «quinta de

---

<sup>59</sup> POUNDS, Norman J. G. - *La vida cotidiana: historia de la cultura material*. Barcelona: Editorial Crítica, 1992.

<sup>60</sup> ROUX, Simone - *La Maison dans l'Histoire*. Paris: Albin Michel, 1976.

<sup>61</sup> ROCHE, Daniel - *História das coisas banais. Nascimento do consumo nas sociedades tradicionais (séculos XVII-XIX)*. Lisboa: Editorial Teorema, 1998, pp. 99.

recreio»; num segundo momento, explora-se o foco artístico do Porto à luz do enquadramento histórico da arquitetura civil na Época Moderna;

- por fim, na Terceira Parte, analisam-se, nas suas múltiplas vertentes, os edifícios / monumentos que são o principal objeto de estudo: as quintas *de Santa Cruz do Bispo, do Chantre, de Fafiães, Ramalde, Rio, Sam Thiago e Prelada*;

Encerra-se a dissertação com uma *Conclusão* reflexiva sobre os resultados alcançados nesta investigação.

O Segundo Volume compreende o Apêndice Documental que reúne a publicação das fontes. Este volume está repartido em quatro secções, a saber:

**Secção 1** contém a documentação fotográfica referente aos imóveis estudados na Terceira Parte;

**Secção 2** abrange a documentação cartográfica e a reprodução fac-similada das fontes impressas;

**Secção 3** compreende a documentação relacionada com os edifícios com as respetivas plantas e alçados;

**Secção 4** reúne a documentação manuscrita que serviu de base à construção deste trabalho.

Para facilitar a leitura e a orientação das imagens e estampas que constam no Segundo Volume da tese foi adotado um siglário correspondente a cada edifício. As fotografias aparecem identificadas com a sigla do imóvel, com um algarismo de ordem da fotografia dentro da respetiva secção.

Exemplo:

– **QPR – FOTO Nº 6, SEC 1, V2**, quer dizer: Quinta da Prelada, foto nº 6, secção 1, Volume Dois;

As restantes secções contêm documentos (DOC.) que obedecem a uma sequência numérica: por exemplo: **DOC. – 6 - SEC. 2, V2; DOC. – 6 – SEC. 3, V2 e DOC. Nº 6 – SEC. 4,V2**; neste último exemplo o Documento manuscrito Nº 6 está na Secção 4, no Volume Dois.

Apenas algumas notas finais:

- Todas as imagens não creditadas são propriedade do autor;

- a tese foi escrita de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico, em vigor em Portugal desde janeiro de 2010. Porém, os textos de autores citados, publicados antes dessa data, conservam a grafia anterior.

Desde início estávamos cientes das dificuldades para levar a cabo esta dissertação. A investigação é uma tarefa demasiado exigente para se poder conciliar com o exercício da atividade docente. Passámos longas horas nos arquivos e na pesquisa de campo, explorando novas frentes de conhecimento, acompanhando colóquios e encontros científicos, tendo em vista a realização de um trabalho que fosse suficientemente válido para a comunidade científica.

Foram muitas as contrariedades que dificultaram o avanço do estudo, mas também colhemos fortes incentivos dos amigos e colegas que sempre se manifestaram disponíveis para nos auxiliar, cujos nomes figuram honrosamente na lista de Agradecimentos.

Em relação ao título apenas uma nota: a expressão latina “*Si bene aedificaveris, bene habitaveris*” é glosada de uma frase de M. Porcii Catonis extraída da sua obra *De Re Rustica*: «*In bono praedio si bene aedificaveris, bene posiveris, ruri si recte habitaveris, libentius et saepius venies*».





**PARTE I**

**O TERRITÓRIO COMO CONTEXTO**

## 1. ESPAÇO: CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO E GEOGRÁFICO

### 1.1. - Caraterísticas geomorfológicas



**EST. 1** – Carta geológica de Portugal - escala 1/50.000 - Notícia explicativa da folha 9 - C- por J. Carrington da Costa e C. Teixeira. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1957.

A área geográfica do nosso estudo abrange os concelhos do Porto, de Matosinhos, Maia, que, em *sentido lato*, corresponde à região do *Noroeste* do Portugal Atlântico.<sup>62</sup> Em termos geomorfológicos esta área insere-se na “plataforma litoral” que “corresponde a um sector relativamente aplanado”, com uma linha de relevos com cotas variáveis

---

<sup>62</sup> RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. 5ª. Edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1987, p. 101-102.

inferiores a 100-125m<sup>63</sup>. Segundo M. Assunção Araújo “esta área está limitada a leste por um alinhamento de relevos” – o denominado “relevo marginal” - que constitui “uma espécie de fronteira entre a área aplanada do litoral e o interior”.<sup>64</sup>

Observando a *Carta Geológica de Portugal (1957)* verifica-se que o tom dominante corresponde à mancha de *granito alcalino, de grão médio a grosseiro, leucocrata, de duas micas* também designado «Granito do Porto»<sup>65</sup> ou «*fácies granítica do Porto*».<sup>66</sup> O granito da pedreira de São Gens - que se caracteriza pelo *seu grão médio, que contém ortose, microclina e oligoclase, quartzo com extinção rolante, moscovite, biotite, apatite, rútilo (...)*<sup>67</sup> - foi largamente utilizado para a construção civil no século XVIII.<sup>68</sup> A Carta assinala pequenas áreas formadas por depósitos de praias antigas e de terraços fluviais nas de zona de Ramalde e Foz do Douro.

## 1.2 - «Terra da Maia»

Neste espaço está inserido o topónimo “maia”. Sobre a história da antiga *terra da Maia*<sup>69</sup> temos o contributo do P<sup>e</sup>. Agostinho Azevedo que segue as ideias de José Leite de

---

<sup>63</sup> Cf. ARAÚJO, Maria da Assunção [et al.] ; Coord. Clarisse Castro, Joel Cleto - *O Rio da Memória. Arqueologia no Território do Leça*. Matosinhos (...), 2011, pp.23-27.

<sup>64</sup> Cf. ARAÚJO, Maria da Assunção – “Aspectos geomorfológicos do litoral da região do Porto. Texto de apoio às saídas de estudo- Área Metropolitana do Porto.”. *VI Colóquio Ibérico de Geografia, “A Península Ibérica - um espaço em mutação (16 Set. 1992)”*. Porto: Instituto de Geografia Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1992, p. 1; ARAÚJO, Maria da Assunção [et al.] ; Coord. Clarisse Castro, Joel Cleto - *O Rio da Memória. Arqueologia no Território do Leça*. Matosinhos (...), 2011, p.23.

<sup>65</sup> COSTA, J. Carrington da; TEIXEIRA, C. - *Carta Geológica de Portugal – na escala 1/50.000 - Notícia explicativa da folha 9-C*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1957, p. 22.

<sup>66</sup>M. J. COXITO AFONSO, M. J. ; ARAÚJO, M. da Assunção ; CHAMINÉ, H. I. [et al.] – “Cartografia geológica e geomorfológica estrutural da área metropolitana do Porto : implicações na gestão dos recursos hídricos subterrâneos.”In *Xeográfica : revista de xeografia, territorio e medio ambiente*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. Nº4 (2004) p. 104.

<sup>67</sup> COSTA, J. Carrington da; TEIXEIRA, C. - *Carta Geológica de Portugal – na escala 1/50.000 - Notícia explicativa da folha 9-C*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1957, pp. 22-23

<sup>68</sup> Cf. MAGALHÃES BASTO, Artur de - *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Publicações da Câmara Municipal do Porto. Gabinete de História da Cidade, Documentos e Memórias para a História do Porto – XXXIII, [S.d.], p. 455; FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *O Porto na época dos Almagres. Arquitectura. Obras públicas*. Porto, 1988, p. 207, 1 vol.; este assunto será desenvolvido na Segunda Parte deste estudo.

<sup>69</sup> No século XIII a *Terra da Maia* correspondia ao *Julgado da Maia* como atestam as *Inquirições de 1258* e pertencia ao *Termo* do Porto. O foral emitido pelo rei D. Manuel I, em 1519 definiu os limites da *Terra da Maia* a saber: a *Norte* pelo rio Ave, a *Sul* e a *Leste* era limitado pelas margens do rio Douro, e por uma linha

Vasconcelos. Relaciona a forma “Amaia”, não com «Palancia» ou «Palantia»<sup>70</sup>, mas com o nome do antigo povoado romanizado perto de Marvão e com o de “Amaia” entre Ave e Douro e “Amea” na Galiza.<sup>71</sup> O Pe. Domingos Moreira refere que a forma *Amaia* deriva do radical *am* que significa “altura”, “monte” e do sufixo *aia*, que sugere o topónimo *Amaia*,<sup>72</sup> do qual derivou a expressão “terra da Maia” (= terra d’Amaia) e não *terra de Maia*.<sup>73</sup>

Armando Coelho contraria essas “deduções filológicas” por causa da confusão existente com o artigo [a] nas formas “amaia” e “a maia”.<sup>74</sup> Baseado numa inscrição existente no Castro de Alvarelhos concluiu que a evolução fonética se deu a partir do topónimo *Madea* > *Madia* > *Maia*, que significa «terra húmida». <sup>75</sup> Esta interpretação é mais plausível, dado que o topónimo árabe *mâi* [maia] significa «aquático» ou com “abundância de água”, como esclarece o *Dicionário de arabismos da língua portuguesa*.<sup>76</sup>

### 1.3 - Aspetos climáticos

Se tivermos em conta a estreita proximidade oceânica, a região do Porto mostra-se vulnerável às perturbações ciclónicas vindas do Atlântico, carregadas com massas de ar tropical quente e húmido, que originam elevada pluviosidade e temperaturas moderadas

---

de relevo que abrangia Rio Tinto (Gondomar), São Mamede de Valongo, S. Lourenço de Asmes (Ermesinde), Alfena, Covelas e Bougados; a Oeste pelo Oceano Atlântico; cf. AZEVEDO, Pe. Agostinho - *A Terra da Maia - (Subsídios para a sua monografia)*. Maia, 1939, p.13.

<sup>70</sup> COSTA, Pe. António Carvalho da - *Corografia portuguesa e descripçam topographica do famoso reyno de Portugal*. (1ª. Edição 1706) 2ª. Edição. Braga, 1868, Tomo 1, p. 318.

<sup>71</sup> AZEVEDO, Pe. Agostinho - *A Terra da Maia - (Subsídios para a sua monografia)*. Maia, 1939, pp.11-15.

<sup>72</sup> Domingos A. Moreira enumera os castros que “encerram a ideia de altura” como o *castro amagia*, o *castro amaie*, ou castelo (A)maia de Águas Santas”, assim como os povoados fortificados situados entre os rios Douro e o Ebro denominados *Ammea*, *Amaiam*, *Amagia*, «in território de Amaia» descritos nas obras de Ptolomeu e Plínio; cf. - *Paisagem toponímia da Maia*. Maia, 1969, p. 14-17.

<sup>73</sup> Citado por MOREIRA, Pe. Domingos A. - *Paisagem toponímia da Maia*. Maia, 1969, p. 13.

<sup>74</sup> Refere-se à unidade gentilícia suprafamiliar: os *Madequisensis*; SILVA, Armando Coelho Ferreira da – “Organizações gentilícias entre Leça e Ave.” (1980) 86-89.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da – “Organizações gentilícias entre Leça e Ave.” Comunicação apresentada no Colóquio de História Local e Regional. Santo Tirso, 1982. In *Portugalia*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nova Série, Vol. I (1980) pp. 86-89.

<sup>75</sup> SILVA, Armando Coelho Ferreira da – “Organizações gentilícias entre Leça e Ave” (...) (1980) 89.

<sup>76</sup> ALVES, Adalberto - *Dicionário de arabismos da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.

ao longo do ano.<sup>77</sup> F. Cary aponta para o mês mais frio (Janeiro) uma temperatura média entre 8º - 10º e para o mês mais quente (Agosto) entre 18º - 20º.<sup>78</sup>

#### 1.4 - Hidrologia

A área em estudo inscreve-se na pequena bacia hidrográfica do Leça que tem aproximadamente 189,5 Km.<sup>79</sup> Esse curso nasce no Monte Córdova, em Santo Tirso e desemboca no Oceano Atlântico, em Matosinhos, com orientações NE-SW e NW-SE.<sup>80</sup> O Leça exibe um traçado “típico em baioneta”,<sup>81</sup> cuja extensão varia entre os 30 e 35 km e é um dos principais *agentes modeladores de relevo*<sup>82</sup> na região metropolitana do Porto.<sup>83</sup> Em virtude da elevada pluviosidade e da natureza granítica do solo, o seu caudal aumenta de montante a jusante à medida que colhe as águas dos vários ribeiros, córregos e nascentes.<sup>84</sup>

O principal é o *ribeiro de Queirões*, referido nas Memórias Paroquiais de 1758,<sup>85</sup> que nasce a norte do rio Douro, no monte de Lamas, na freguesia de Paranhos.<sup>86</sup> Atravessa a extensa várzea da freguesia de S. Mamede de Infesta e conforme o ponto do

---

<sup>77</sup> Cf. RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. 5ª. edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1987, p. 111.

<sup>78</sup>Cf. CARY, Francisco Caldeira - *Enquadramento e perfis (...)*, 1985, 1º. vol., p. 40.

<sup>79</sup> GONÇALVES, Pedro ; GOMES, Alberto - “Delimitação dos perímetros de inundação na Bacia do rio Leça, Matosinhos – influência do modelo digital de terreno na modelação hidráulica”. In *Atas do VI Congresso Nacional de Geomorfologia*. Coimbra, 2013, p. 101.

<sup>80</sup> M. J. COXITO AFONSO, M. J. ; ARAÚJO, M. da Assunção ; CHAMINÉ, H. I. [et al.] – “Cartografia geológica e geomorfológica estrutural da área metropolitana do Porto : implicações na gestão dos recursos hídricos subterrâneos.” In *Xeográfica: revista de xeografía, territorio e medio ambiente*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. Nº4 (2004) p. 105.

<sup>81</sup> M. J. COXITO AFONSO, M. J. ; ARAÚJO, Maria da Assunção ; CHAMINÉ, H. I. [et al.] – “Cartografia geológica e geomorfológica estrutural da área metropolitana do Porto (...) Nº4 (2004) p. 105

<sup>82</sup> SILVA, Armando Coelho Ferreira da - «Origens do Porto». In RAMOS, Luís A. de Oliveira (Direcção de) - *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 1994, p. 53.

<sup>83</sup> SILVA, Armando Coelho Ferreira da - «Origens do Porto». In RAMOS, Luís A. de Oliveira (Direcção de) - *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 1994, p. 53.

<sup>84</sup> MARÇAL, Horácio – “ O Rio Leça desde a sua origem, no Monte Córdova (Santo Tirso) até à sua foz, em Matosinhos”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*. Nº 14 (1967) 96.

<sup>85</sup> IAN / TT - *Paróquia de Santa Maria de Leça do Balio - PT-TT-MPRQ-20-82\_c0069a (...);item 3 – Resposta aos interrogatórios dos rios*.

<sup>86</sup> MARÇAL, Horácio – “ O Rio Leça desde a sua origem, (...) (1967) 96.

seu percurso era designado de *rego dos consortes e ribeiro de Picoutos*.<sup>87</sup> Colhe as águas do ribeiro das Avelas no lugar de Recarei de Cima e o escoamento faz-se diretamente para o rio Leça, junto à Ponte da Pedra.<sup>88</sup>

Na margem direita do Douro, no lugar «aonde chamão a Ponte do Ouro»,<sup>89</sup> desemboca a *ribeira da Granja*.

Apenas uma nota final sobre a fauna piscícola do rio Leça que, por lapso, Duarte Nunes de Leão diz ser o “Celando”.<sup>90</sup> Na resposta aos interrogatórios acerca dos rios, o pároco de Leça do Balio refere as espécies existentes como as *bogas, bordalos, barbos, escalos e algumas trutas*<sup>91</sup>. Na resposta seguinte declara que não havia “*pescarias notavens em alguma parte do ano, mas em todo o tempo as há dos coriozos*”.<sup>92</sup>

Nos finais do século XIX, o então Cônsul Britânico do Porto, Oswald Crawford, introduziu nas águas do Leça várias espécies piscícolas inglesas, que facilmente se multiplicaram, como refere no seu *Round the calendar in Portugal*:

«*About ten years ago, I interfered slightly with the order of nature in Portugal by setting free eighteen very lively young pike in the waters of the little Leça river, which runs into the sea about three miles north of Oporto. The river as many long, still polls, interspersed with running gravelly streams, and there are no fish in this river worth the catching. It was suited therefore to pike. I also put into the waters of the Leça a number of English minnows, tench, perch, and gudgeon, none of these kinds being to my knowledge natives of Portugal. The gudgeon have greatly increased and multiplied, and in some parts of the river it is easy now to catch enough for a dish.*».<sup>93</sup>

---

<sup>87</sup> MARÇAL, Horácio – “ O Rio Leça desde a sua origem, (...) (1967) 96.

<sup>88</sup> MARÇAL, Horácio – “ O Rio Leça desde a sua origem, (...) (1967) 96; SILVA, Armando Coelho Ferreira da - «Origens do Porto». In RAMOS, Luís A. de Oliveira (Direcção de) - *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 1994, p. 52.

<sup>89</sup> IAN / TT - *Paróquia de São Salvador de Ramalde –Leça - PT-TT-MPRQ-31-6\_c0023a (...);Resposta aos interrogatórios dos rio, itens 13.*

<sup>90</sup> O Celando era o Rio Cávado; cf. MARÇAL, Horácio – “ O Rio Leça desde a sua origem, no Monte Córdova (Santo Tirso) até à sua foz, em Matosinhos”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*. Nº 14 (1967) 88.

<sup>91</sup> *Paróquia de Santa Maria de Leça do Balio - PT-TT-MPRQ-20-82\_c0069a (...)*resposta nº 7.

<sup>92</sup> *Paróquia de Santa Maria de Leça do Balio - PT-TT-MPRQ-20-82\_c0069a (...)*resposta nº 8.

<sup>93</sup> CRAWFURD, Oswald - *Round the calendar in Portugal*. London: Chapman and Hill, 1890, p.22.

## 1.5 - O Porto e o seu alfoz na cartografia setecentista

Na mesma linha do que se passava na Europa iluminada fundavam-se em Portugal as academias para renovar as ideias e desenvolver o reino.<sup>94</sup> Merecido destaque teve a Academia Real da História, instituída a 8 de dezembro de 1720, direcionada para a investigação do passado histórico português nos domínios da história política e da história eclesiástica dos territórios ultramarinos.<sup>95</sup> Sugeria o estudo e valorização dos monumentos propondo aos *académicos supranumerários* “[...] a ocupação de buscar e inculcar à Academia os documentos, que se acham nos seus distritos, para as Memórias de uma, e outra História, advertir dos erros, que se acham nas impressas na descrição Corográfica, e Mapa das suas Províncias<sup>96</sup>, e na Genealogia das famílias delas [...]”<sup>97</sup>

Foi neste contexto que se desenvolveram os levantamentos cartográficos nas terras do Oriente, de África e do Brasil, cujos limites fronteiriços haviam gerado um contencioso com a Espanha.<sup>98</sup> Este trabalho exigia o recrutamento de especialistas nos domínios da geografia, da matemática e da astronomia<sup>99</sup>. Da boa relação mantida entre o rei D. João V e o colégio jesuíta de Santo Antão, a mais importante instituição de ensino e de estudos astronómicos em Portugal,<sup>100</sup> resultou a vinda dos padres jesuítas Giovanni

---

<sup>94</sup> BUESCU, Ana Isabel – *Memória e poder. Ensaios de História Cultural (Séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000, p. 111.

<sup>95</sup> Foi neste contexto que se lançaram os inquéritos que obrigavam as câmaras municipais e as provedorias das câmaras do reino e dos territórios ultramarinos a declarar todos os documentos dos arquivos e cartórios do reino que possuíam; bem como os interrogatórios apresentados aos párocos das dioceses, das câmaras eclesiásticas, dos cabidos, e mosteiros cujas respostas enformaram o *Dicionário* de Luís Cardoso; Cf. BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond – “As realidades culturais”. In A. H. de Oliveira Marques - *Nova História de Portugal. Portugal – da Paz da Restauração ao ouro do Brasil*. (Direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques). 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, Vol. VII, 2001, pp. 536-537.

<sup>96</sup> Sublinhado nosso.

<sup>97</sup> SILVA, Manuel Teles da – *História da Academia Real da História [...]*, p. 46; citado por BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond – “As realidades culturais”. In A. H. de Oliveira Marques - *Nova História de Portugal. Portugal – da Paz da Restauração ao ouro do Brasil*. (Vol. VII, 2001, pp. 539.

<sup>98</sup> Cf. DAVEAU, Suzanne – “Algumas leituras para uma exposição”. In *A pintura do Mundo - Geografia Portuguesa e Cartografia dos séculos XVI a XVIII*. Porto, 1992, p. 17.

<sup>99</sup> Cf. COUTINHO, Ana-Sofia de Almeida – *Imagens cartográficas na primeira metade do século XVIII*. Dissertação de Mestrado em Estudos Locais e Regionais na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2007, pp. 35-36.

<sup>100</sup> LEITÃO, Henrique - “Sphaera Mundi”. In BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL - [LEITÃO, Henrique – Comissário Científico] – *Sphaera Mundi: A ciência na Aula da esfera. Manuscritos científicos do Colégio de santo Antão nas Coleções da BNP – (Catálogo da Exposição)*. Lisboa, 2008, pp. 19 e ss.

Battista Carbone e Domenico Capassi.<sup>101</sup> Entusiasmado com os avanços científicos desenvolvidos no seio do colégio jesuíta, o *Magnânimo* patrocinou a fundação de dois observatórios astronómicos em Lisboa. O primeiro estava instalado no Paço da Ribeira e o segundo no colégio Santo Antão.<sup>102</sup>

No domínio dos trabalhos de base geográfica e militar destaca-se o Engenheiro-mor do reino Manuel de Azevedo Fortes, que no seio da Academia Real da História foi incumbido da renovação cartográfica.<sup>103</sup> O seu mérito científico e pedagógico foi reconhecido e as suas obras eram de “leitura obrigatória nos estabelecimentos de ensino especializados” .<sup>104</sup>

Azevedo Fortes não levaria a cabo o seu plano de levantamento cartográfico do território nacional “através de medições astronómicas e topográficas”, baseadas no método da triangulação, por falta de recursos humanos e técnicos.<sup>105</sup> Em virtude da sua conhecida proficiência foi-lhe atribuída a autoria de uma carta intitulada *Reyno de Portugal*, datada por lapso de 1734,<sup>106</sup> mas que é de 1729, gravada por Grandpré.<sup>107</sup> A referida carta está incluída no 1º tomo da *Geografia Histórica* de Caetano de Lima,

---

<sup>101</sup>Sem esquecer a nomeação do jesuíta Diogo Soares, como refere A. Teixeira da Mota in “Cartografia e cartógrafos”. In SERRÃO, Joel - *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1981,1 vol..

<sup>102</sup> LEITÃO, Henrique - “Estrelas de papel: livros de astronomia dos séculos XIV a XVIII”; In BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL - [LEITÃO, Henrique – Comissário Científico] – *Estrelas de papel. Livros de astronomia dos séculos XIV a XVIII – (Catálogo da Exposição)*. Lisboa, 2009, pp. 40-41.

<sup>103</sup> ALEGRIA, Maria Fernanda e GARCIA, João Carlos – “Aspectos da evolução da cartografia portuguesa (séculos XV a XIX)”. In DIAS, Maria Helena (Coordenação) – *Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da cartografia*. 1ª Edição. Lisboa: Edições Cosmos, 1995, pp. 67-68.

<sup>104</sup> Destacamos *O Engenheiro Portuguez*, dividido em dois tomos, 1729<sup>104</sup>; *O Tratado sobre o modo mais fácil e mais correcto de fazer as cartas geográficas (...)*<sup>104</sup>; *Lógica Racional, Geométrica e Analítica (1744)*; cf. ALEGRIA, Maria Fernanda e GARCIA, João Carlos – “Aspectos da evolução da cartografia portuguesa (séculos XV a XIX)”. In DIAS, Maria Helena (Coordenação) – *Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da cartografia*. 1ª Edição. Lisboa: Edições Cosmos, 1995, pp. 68.

<sup>105</sup> Cf. DAVEAU, Suzanne e GALEGO, Júlia – “Difusão e ensino da cartografia em Portugal”. In DIAS, Maria Helena (Coordenação) – *Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da cartografia*. 1ª Edição. Lisboa: Edições Cosmos, 1995, p. 95; Cf. COUTINHO, Ana-Sofia de Almeida – *Imagens cartográficas na primeira metade do século XVIII*. Dissertação de Mestrado em Estudos Locais e Regionais na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2007, p. 47-48.

<sup>106</sup> ALEGRIA, Maria Fernanda e GARCIA, João Carlos – “Aspectos da evolução da cartografia portuguesa (séculos XV a XIX)”. In DIAS, Maria Helena (Coordenação) – *Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da cartografia*. 1ª Edição. Lisboa: Edições Cosmos, 1995, pp. 67-68.

<sup>107</sup> Cf. COUTINHO, Ana-Sofia de Almeida – *Imagens cartográficas na primeira metade do século XVIII*. Dissertação de Mestrado em Estudos Locais e Regionais na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2007, p. 48.

publicada em 1736<sup>108</sup>. A mesma carta acompanha o *Mappa de Portugal Antigo e Moderno* de João Bautista Castro (1762-1763).<sup>109</sup> Por volta de 1762, João Silvério Carpinetti reedita a carta de Grampré de 1730 no seu atlas *Mappas das Províncias de Portugal (...)*.<sup>110</sup>

As duas cartas de Grandpré (ou Grandprez) de 1729 e 1730 (**EST. 3 e DOC. – 2, 3, SEC. 2, V2**) estão incluídas na *Geografia Histórica* de Caetano de Lima e referem a Província de Entre Douro-e-Minho. A primeira descreve uma linha de costa muito recuada junto à foz dos rios, uma orografia simplificada e com poucos topónimos, parecendo ter sido influenciada pelo mapa Sanson d'Abbeville de 1654: *Parte Septentrional do Reyno de Portugal (EST. 2)*.

Temos a mesma perceção no mapa Jean-Baptiste Nolin: *Le Royaume de Portugal divisé en cinq grandes provinces et subdivisé en plusieurs territoires avec le Royaume des Algraves [sic] (...)* que, segundo Ana-Sofia Coutinho, foi gravado no ano de 1704 à escala de ca. 1 : 2 700 000 em Paris.<sup>111</sup> A mesma carta foi reproduzida em 1762, cujo exemplar se conserva na Biblioteca Pública Municipal do Porto. (**EST. 4; DOC. 1, SEC. II, V2.**<sup>112</sup>

A carta apresenta no topo as armas dos reinos de França e de Portugal e no canto inferior esquerdo inclui um texto informativo sobre as cinco províncias do território português, subdivididas em comarcas, senhorios ou “territoires”. Menciona 414 cidades, das quais 200 são “grand villes”, assim como “gros bourgs” com uma grande quantidade de aldeias banhadas por rios. Nolin destaca os rios Minho, Douro, Tejo e Guadiana que

---

<sup>108</sup> LIMA, Luís Caetano de - *Geografia historica de todos os estados soberanos de Europa. Lisboa, 1736, 2 tomos.*

<sup>109</sup> - *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. 2ª edição. Lisboa, 1762-1763, 3 tomos. *Versão em formato eletrónico* - <http://purl.pt/22133/3>.

<sup>110</sup> - Nas chapas existentes na Biblioteca Nacional, no Mapa 2 – Província de Entre Douro-e-Minho – consta a data de 1846 e no Mapa 5 foi substituída a data de 1762 pela de 1846, o que leva a crer uma nova edição desses mapas; cf: *Nota explicativa de Isabel Maria Cepeda*, na edição fac-similada de 1987.

<sup>111</sup> COUTINHO, Ana-Sofia de Almeida – *Imagens cartográficas na primeira metade do século XVIII*. Dissertação de Mestrado em Estudos Locais e Regionais na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2007, p.79.

<sup>112</sup> NOLIN, Jean-Baptiste - *Le Royaume de Portugal divisé en cinq grandes provinces et subdivisé en plusieurs territoires avec le Royaume des Algraves [sic], le Stramadoura Espagnol et partie d'Andalousie / Dressé ... par ... I. B. Nolin. – a Paris : Chez le S..r Julien ..., 1762 – BPMP – Reservados - C – M & - Pasta 25 (11) A.*

desembocam no Oceano Atlântico. O rio Leça surge assinalado de montante a jusante, mas não aparece identificado.

No mesmo texto da mesma carta, e um pouco ao jeito das narrativas de viagem do século XVIII,<sup>113</sup> Nolin faz uma curta descrição do estilo de vida dos portugueses. Vejamos um excerto:

*«Les peuples s'adonnent a l'étude et au commerce ; ils sont polis, spirituels, et généreux, mais l'amour qu'ils ont pour la Religion Romaine et pour leur Prince fait leurs plus haut point de gloire : l'Inquisition qui y est tres rigoureuse ne fait grâce a personne lorsqu'il s'agit de la religion ; Auto de Fé qui se fait tous les ans pour épurer par le feu tout ce qui est contraire la foy (...) Les femmes y sont belles quoy que la plus part brunes, spirituelles et enjouées, la précaution qu'elles prennent allant par la ville de se couvrir le visage d'ua voille, est en effet d leur vertu voulant réserver tout ce qu'elles ont de charmes pour les maris qui les aiment passionnément.»*

A carta da Província de Entre Douro-e-Minho de 1730 é de pequeno formato (25 x 17,6 cm) (tal como a de 1729). Impressa a preto e branco tem o título numa cartela quadrangular com escala gráfica em “Petipé”. Na margem esquerda observa-se uma *rosados-ventos* com a representação da seta orientada para norte e no canto inferior esquerdo, num pequeno retângulo, a marca do gravador - “de Grandpré Fecit.”<sup>114</sup>

Apesar dos esforços de aperfeiçoamento, as distorções no delineamento da faixa litoral nortenho persistem. O relevo surge representado em forma de *montículos* ou *pães de açúcar*, mas com mais abundância de topónimos.

A cidade do Porto está assinalada próximo da foz do Douro, rio que Grandpré representa com um duplo traço. A mesma carta assinala as três pontes sobre o Leça, mas sem fazer referência à rede viária ou terrestre. Os topónimos S. João da Foz, (*Barra de*) Matosinhos e [Leça do] Balio surgem assinalados na posição exata, exceto o lugar de Fonte Velha que está posicionado mais a norte e erradamente na margem direita do Leça.

---

<sup>113</sup> CHAVES, Castelo Branco – *Os livros de viagens em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia*. 1ª Edição. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Biblioteca Breve, 1977, p. 10.

<sup>114</sup> Ana-Sofia Coutinho faz uma descrição mais detalhada das cartas de Grandpré; Cf.– *Imagens cartográficas na primeira metade do século XVIII*. Dissertação de Mestrado em Estudos Locais e Regionais na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2007, pp. 127 e ss..

Como se depreende, estes mapas evidenciam a permanência dos “arcaísmos” das técnicas cartográficas na representação do território português.<sup>115</sup> Parafraseando G. Palsky a cartografia desta época corresponde a uma “geografia de posição” que descreve sem explicar».<sup>116</sup>

Reproduzimos neste estudo as cartas que serviram de base para a caracterização do espaço geográfico do Porto e o seu alfoz na Época Moderna.



#### EST. 2 - «Parte Septentrional do Reyno de Portugal»

Fonte: SANSON D'ABBEVILLE, Nicolas – *Parte Septentrional do Reyno de Portugal por N. Sanson D'Abbeville, Geographo e ordin(ario) del Rey Christianíssimo com privilégio por vinte anos*. Em Paris. Em Casa do Autor, 1654. - BPMP – C(l)10 ; C(l)11

<sup>115</sup> O país terá de esperar pelos trabalhos de Francisco António de Ciera, lente da Academia Real da Marinha, para realizar a “triangulação geral do reino” cujos trabalhos foram iniciados por volta de 1790, mas interrompidos em 1803. Em 1833 os catalães Pedro e Filipe Folque organizaram a *Carta Geral do Reino à escala 1: 100 000* e desenvolveram a “cartografia moderna básica de Portugal”; cf. DAVEAU, Suzanne – “Algumas leituras para uma exposição”. In *A pintura do Mundo - Geografia Portuguesa e Cartografia dos séculos XVI a XVIII*. Porto, 1992, pp. 15-20.

<sup>116</sup> Palsky, Gilles – “Origines et évolution de la cartographie thématique (XVII<sup>e</sup>-XIX<sup>e</sup> siècles) ». In *Geografia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. I Série. Vol. XIV (1998) 41.

EST. 3 - Carta de Grandpré – Reyno de Portugal – 1729



Fonte: LIMA, Luís Caetano de - *Geografia historica de todos os estados soberanos de Europa*. Lisboa, 1736, 1º tomo.



EST. 4 - Carta de Jean-Baptiste Nolin - *Le Royaume de Portugal divisé en cinq grandes provinces et subdivisé en plusieurs territoires avec le Royaume des Algarves [Sic] 1762[Norte]*. BPMP – Reservados - C – M & - Pasta 25 (11) A. (veja-se reprodução completa in *DOC. - 1, Sec. II, V2*).

## 1.6 – O espaço administrativo do *Julgado* de Bouças

Na Época Moderna o *termo* do Porto detinha um vasto território que abrangia sete concelhos ou julgados<sup>117</sup> de dimensões desiguais, a saber: Bouças, Maia, Gondomar, Refojos de Riba D`Ave, Aguiar de Sousa, Penafiel (Arrifana) e Gaia.<sup>118</sup> Em 1741 D. João V elevou o concelho de Penafiel (Arrifana de Sousa) à categoria de vila, com Câmara e Juiz de Fora e dos Órfãos<sup>119</sup>, para satisfazer a vontade dos seus cidadãos que aspiravam emancipar-se do “jugo portuense”.<sup>120</sup>

O alfoz do Porto era composto por pequenas comunidades, cujo “espaço político” se baseava na tradição<sup>121</sup> e estavam isentas do poder Municipal.<sup>122</sup> As honras e os coutos eram autênticas “ilhas privilegiadas”<sup>123</sup> com jurisdição própria do foro civil. A jurisdição crime pertencia às autoridades municipais dirigidas pelo Juiz de Fora.<sup>124</sup> A única exceção era a Comenda de Leça que gozava dos privilégios dos cavaleiros Ordem de Malta, “não só no respeitante ao cível, mas também ao crime”.<sup>125</sup> Daí a confusão de jurisdições de

---

<sup>117</sup> Segundo o F. Ribeiro da Silva *julgado e concelho não sendo palavras rigorosamente sinónimas* acabam por designar a mesma realidade institucional; in *O Porto e o seu termo (1580-1640), os homens, as instituições e o poder*. Porto, 1988, 1º vol. p. 51.

<sup>118</sup> SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo (1580-1640), os homens, as instituições e o poder*. Porto, 1988, 1º vol. p.49 e ss; idem – “Tempos Modernos”, in RAMOS, Luís A. de Oliveira (Direcção de) - *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 1994, pp. 255-375.

<sup>119</sup> SOEIRO, Teresa - *Penafiel*. 1ª. Edição. Lisboa: Ed. Presença, 1994, p. 16.

<sup>120</sup> SOEIRO, Teresa - *Penafiel*. 1ª. Edição. Lisboa: Ed. Presença, 1994, p. 16.

<sup>121</sup> Segundo A. M. Hespanha “[A] miniaturização do espaço político decorre, em primeiro lugar, das características da estrutura de legitimação do poder. Baseado na tradição, a legitimidade política exige, além do transcurso do tempo, condições de contiguidade e de estabilidade da vida comunitária que permitam uma educação coletiva intensa nas tradições comuns, o espaço político tradicional é, portanto, on espaço das pequenas comunidades, vivendo, muitas vezes, sobre um solo apropriado coletivamente, observando regras comuns de vida, reconhecendo as mesmas autoridades, partilhando das mesmas crenças e tradições. Mas a miniaturização do espaço corresponde ainda a um outro elemento estrutural do sistema tradicional do poder. Refiro-me à patrimonialização das funções e cargos político-administrativos.» In *Vésperas do Leviathan - Instituições e poder político - Portugal - séc. XVII*. Coimbra: Almedina, 1994, p. 90.

<sup>122</sup> SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo (1580-1640) (...)* p. 64; HESPANHA, António Manuel - *L'espace politique dans l'Ancien Régime*. Sep. Coimbra, 1983, pp. 26-27; HESPANHA, António Manuel - *As vésperas do Leviathan - Instituições e poder político - Portugal - séc. XVII*. Coimbra: Almedina, 1994, pp. 90-95.

HESPANHA, António Manuel ; SILVA, Ana Cristina Nogueira da – “O quadro espacial”. In *História de Portugal* (Dir. de José Mattoso) *O Antigo Regime, (1620-1807)*. Lisboa: Ed. Estampa, 1994, p. 39.

<sup>123</sup> SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo (1580-1640) (...)* p. 59.

<sup>124</sup> SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo (1580-1640) (...)* p. 64.

<sup>125</sup> SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo (1580-1640) (...)* p. 64.

que dava conta Raphael Bluteau, que levou à criação de «marcos ou padrões de pedra» nos termos das vilas ou cidades para barrar a alçada dos Juízes Ordinários e de Fora.<sup>126</sup>

Por esta mesma razão mantinham-se as demandas entre a Câmara do Porto e Ordem de Malta. Os donatários da Baliagem de Leça faziam uso dos seus “privilégios tradicionais”<sup>127</sup> para ficarem isentos do cumprimento das posturas camarárias da cidade do Porto<sup>128</sup> ou das obrigações militares, como referem as Memórias Paroquiais de 1758:

*“Os privilégios e antiguidades dignas de memória ficam já bem ponderados nas respostas dos interrogatórios precedente, e tem também os privilégios concedidos aos cazeiros de Malta incabessados, que os livram de soldados, e de outras vexações, e creio que sam quazi como os das tábuas vermelhas”.*<sup>129</sup>

No século XVIII o julgado de Bouças era formado pelas paróquias de Aldoar, Bouças (Matosinhos), Foz do Douro, Guifões, Leça da Palmeira, Lordelo, Nevogilde e Ramalde. Era limitado a *Norte* pelo concelho da Maia e a *Sul* pela cidade do Porto e o rio Douro; no sentido *Nascente* com as terras do couto de Leça do Balio, da Maia (Paranhos) e a *Poente* pelo Oceano Atlântico.

Na sequência das reformas administrativas de Passos Manuel o concelho de Bouças, formado em 1835, incorporou as freguesias de Leça do Balio, S. Mamede de Infesta e Santiago de Custóias, de Lavra, Perafita e Santa Cruz do Bispo<sup>130</sup>. Contudo, viria mais tarde a perder para o concelho do Porto as freguesias de Aldoar<sup>131</sup>, Foz do Douro<sup>132</sup> Lordelo do Ouro<sup>133</sup>, Nevogilde<sup>134</sup> e Ramalde.<sup>135</sup>

---

126 Citado por SILVA, Ana Cristina Nogueira da – *O modelo espacial do estado moderno. Reorganização territorial em Portugal nos finais do Antigo Regime*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 295

127 SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo (1580-1640) (...)* p. 70 e ss.

128 Geralmente quanto à fixação de preços dos produtos vinícolas; Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo (1580-1640), os homens, as instituições e o poder*. Porto, 1988, pp. 70.75.

129 IAN / TT - Paróquia de Santa Maria de Leça do Balio - PT-TT-MPRQ-20-82\_c0069a (...); resposta ao item 22.

130 Cf. FELGUEIRAS, Guilherme - *Monografia de Matosinhos*. Edição do autor. S.L., 195, p.8; GODINHO DE FARIA, F. Fernando - *Monographia (...)* 1899, p. 9.

131 Foi incorporada na cidade do Porto ao abrigo do Decreto de 21-11-1895.

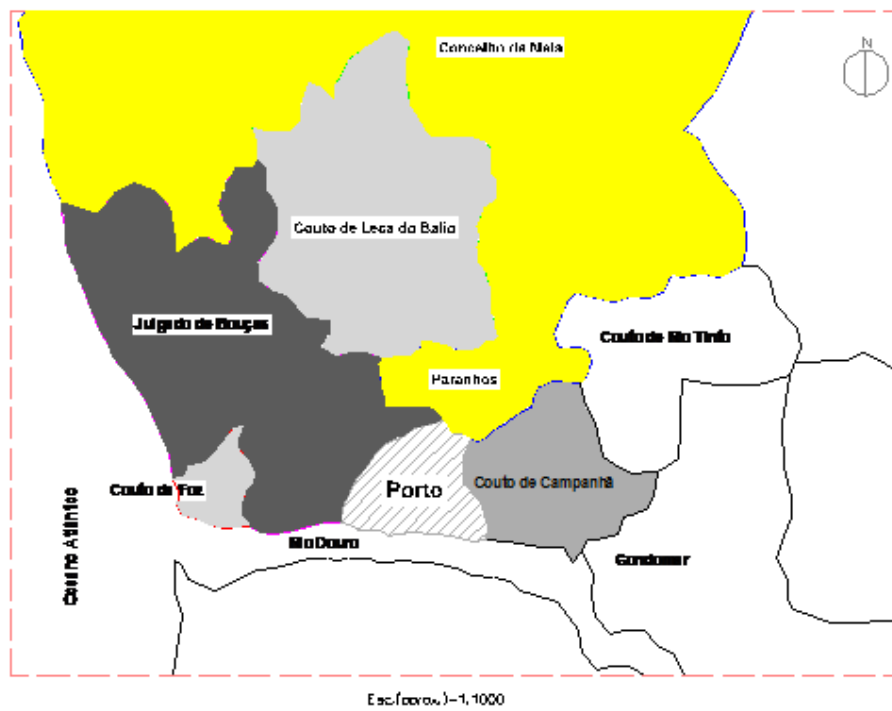
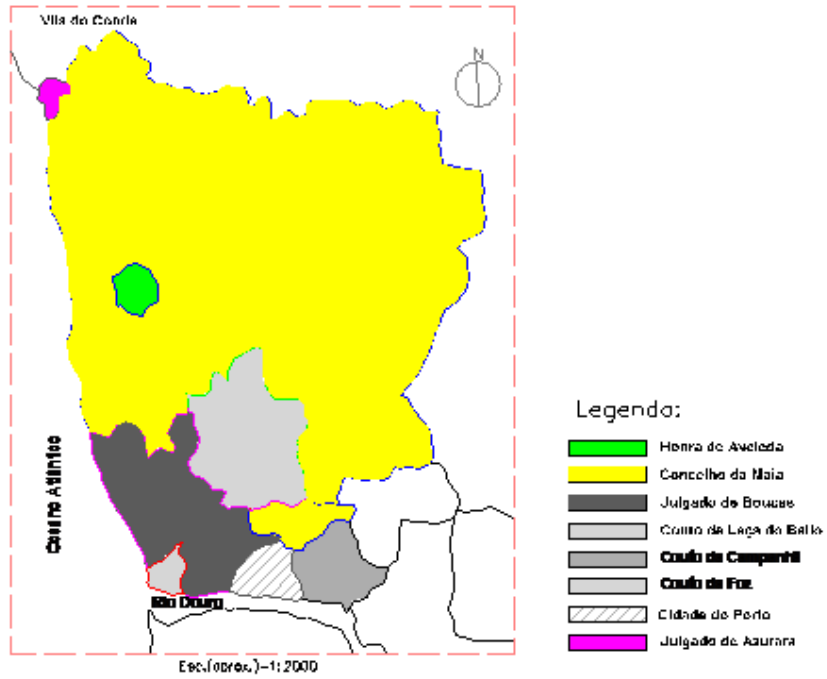
132 Foi incorporada na cidade do Porto ao abrigo do Decreto de 26-11-1836.

133 Foi incorporada na cidade do Porto ao abrigo do Decreto de 26-11-1836.

134 Foi incorporada na cidade do Porto ao abrigo do Decreto de 21-11-1895.

135 Foi incorporada na cidade do Porto ao abrigo do Decreto de 21-11-1895.

**EST. 5- Mapa do Porto e o seu termo entre Ave e Douro (parcial)**





---

**PARTE II**

**ETIMOLOGIAS. CONTEXTOS ARTÍSTICOS E URBANÍSTICOS NO PORTO DA ÉPOCA MODERNA**

## 1. - ETIMOLOGIAS E CONCEITOS DE «CASA AGRÍCOLA», «QUINTA», «SOLAR», «PAÇO» / «PALÁCIO», «QUINTA MODERNA SETECENTISTA» E «QUINTA DE RECREIO»

### 1.1 A «casa agrícola» dos arredores do Porto

Os trabalhos etnológicos levados a cabo por Ernesto Veiga de Oliveira e Jorge Dias contribuíram para o estudo da casa rural dos arrabaldes do Porto na segunda metade do Século XX.<sup>1</sup> Estes investigadores definiram uma tipologia dominante nas antigas *terras* da Maia e também nos arrabaldes do Porto. Trata-se da designada *casa-bloco térrea e de andar*,<sup>2</sup> de planta retangular ou em forma de um L, coberta por um telhado de três ou quatro águas. No piso térreo abriam-se as lojas, as cortes do gado e a cozinha utilizada pelos caseiros que geralmente coabitavam com os animais. Uma escadaria granítica, adossada à fachada, ligava o térreo ao alpendre da entrada do piso superior. O *andar* era exclusivo do proprietário e estava distribuído pela cozinha, sala de estar e pelos aposentos para dormir (alcovas e quartos).

O granito é o elemento material mais utilizado na habitação, por vezes com laivos de engenho e «arte» no tratamento dos cunhais, nos lintéis ou nos colunelos dos alpendres que salientam a fachada rebocada. O granito também se aplica nos equipamentos de secagem (*celeiros, eiras*) e nas estruturas relacionadas com a vinha (*esteios*) e com as moagens (*lagares, mós*).

O carácter utilitário foi, *in illo tempore*, o traço mais significativo das casas rústicas dos arredores do Porto ou das terras de Bouças (Matosinhos) e da Maia. Porém, nalgumas habitações «rústicas» subsistem elementos ornamentais mais elaborados, como as volutas de arranque das escadarias exteriores. Ou, como seguidamente analisaremos, os traços da «primitiva» *casa rústica* estão adossados ao corpo da construção setecentista (exemplo: Quinta do Rio e Quinta de Sam Thiago).

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1992; refira-se o *Inquérito à arquitetura regional portuguesa* promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, TÁVORA, Fernando - PIMENTEL, Rui - MENÉRES, António - *Arquitectura popular em Portugal*. [1ª Edição 1961] 3ª. Edição. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988, 3 vols.

<sup>2</sup> Leia-se o texto de OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando – “Alguns elementos das casas de Matosinhos, Maia e Vila do Conde”; in - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, pp. 45 e segs.; pp. 86-102.

Como Vieira Caldas refere: “os conjuntos construtivos agrários resultaram assim de um compromisso desigual entre o modo tradicional de edificar, os novos valores barrocos e a adaptação a características regionais que vão dos materiais utilizados à tipologia”.<sup>3</sup>

## 1.2 Conceito «quinta»

Sobre a origem do conceito «quinta» contamos com o precioso estudo de Alberto Sampaio - *As Vilas do Norte de Portugal*, obra editada em 1923.<sup>4</sup> Segundo este investigador vimaranense foi o processo de desagregação das *vilas* romanas na Alta Idade Média que originou a formação de várias “subunidades culturais” designadas por *casales, quintanas ou quintas, e vilares*.<sup>5</sup> O *casal* era uma pequena parcela de terreno arrendado (com casa) ao caseiro “*de casariius*”. As subunidades agrícolas: *quintana, quintanale ou quintal* (“*gleba hortícola junto a uma casa*”) designavam uma “*superfície de cinco ou de um múltiplo de cinco medidas agrárias*”<sup>6</sup>.

Os vocábulos *quinta /quintã* traduzem a mesma realidade económica, fundiária e até sociológica.<sup>7</sup> A *quinta* funcionava como um *prazo* ou *casal* e, dependendo do tipo de propriedade, podia incorporar várias parcelas dispersas constituídas por *casais, quintas, quintãs, vilares (...)*.<sup>8</sup> Segundo Aurélio de Oliveira, este “tipo de estrutura orgânica” foi consolidada no período medieval, sendo composta por uma unidade central que “*muitas vezes herdou diretamente o nome do assento da antiga domus ou paço ou residência do senhor*”, ou ao “*assento da grande casa ou solar*”.<sup>9</sup> Geralmente estava ligada a uma parcela de terreno de dimensões reduzidas que fazia parte do *domínio eminente* e funcionava como uma *unidade administrativa* ou *prestamista*.<sup>10</sup> As restantes parcelas de terrenos formavam o *domínio útil* sendo alienada a terceiros sob

---

<sup>3</sup> CALDAS, João Vieira – «Casa Rural». In PEREIRA, José Fernandes (Direcção); PEREIRA, Paulo (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 110.

<sup>4</sup> SAMPAIO, Alberto - *Estudos históricos e económicos - As vilas do Norte de Portugal*. Lisboa: Vega, 1979, pp. 70-71.

<sup>5</sup> SAMPAIO, Alberto - *Estudos históricos e económicos - As vilas do Norte (...)*, pp. 70-71.

<sup>6</sup> SAMPAIO, Alberto - *Estudos históricos e económicos - As vilas do Norte (...)* p. 74.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Aurélio de – *As quintas na estrutura fundiária e produtiva do país do Douro*. Maia: CEDTUR-Edições ISMAI, 2012, pp. 27-28.

<sup>8</sup> Sobre este assunto leia-se o estudo recente do professor Aurélio de Oliveira: – *As quintas na estrutura fundiária e produtiva do país do Douro*. Maia: CEDTUR- Edições ISMAI, 2012, p. 29.

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Aurélio de - *As quintas na estrutura fundiária e produtiva (...)*, p. 29; *sublinhado nosso*.

<sup>10</sup> OLIVEIRA, Aurélio de - *As quintas na estrutura fundiária e produtiva (...)*, p. 29; 31.

a modalidade do *foro* ou da *simples colónia*.<sup>11</sup> A prática desta modalidade de exploração agrária, dominada por uma aristocracia terratenente, militar e religiosa vigorou no Antigo Regime até às leis da desamortização (1832-1834).<sup>12</sup>

Porém, convém clarificar os conceitos de «solar» «casa nobre», «quinta», «quinta de recreio», «paço» e «palácio», que serão utilizados no decurso deste trabalho.<sup>13</sup>

### 1.3 – Sobre o termo «solar»

O termo *solar* aparece com frequência nas regiões de Entre Douro e Minho, nas Beiras e Trás-os-Montes, como sinónimo de *casa* ou de *linhagem nobre*.<sup>14</sup> Vocábulo proveniente do latim: *solum* que significa *chão, terra, lugar, casa ou edifício, “em que teve principio alguma família nobre de Hespanha”*.<sup>15</sup> Acrescenta o P<sup>e</sup> Rafael Bluteau que: *“Em demonstração da Nobreza desta terra edificavão os senhores dela hua casa forte, ou torre, a qual também servia para se defender dos rebates dos Mouros ou outros inimigos.”*<sup>16</sup>

Em função das origens ou raízes genealógicas havia várias categorias de fidalgos: *fidalgos de solar, fidalgos de solar conhecidos, fidalgos de solar notório e fidalgos de grande solar*.<sup>17</sup> Os valores da sua reputação manifestavam-se no prestígio da linhagem por via da ostentação das pedras de armas nos portais ou nas fachadas das casas nobres e na posse da terra.

---

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Aurélio de – *As quintas na estrutura fundiária e produtiva (...)* pp. 27-29; 31.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Aurélio de – *As quintas na estrutura fundiária e produtiva do país do Douro (...)* p. 31.

<sup>13</sup> Tendo em vista traçar o processo evolutivo da «casa senhorial portuguesa», Armando B. Malheiro da Silva, Luís Pimenta Damásio e Luís Novais fizeram uma análise crítica dos termos: «casa nobre», «paço», «torre», «solar», «quinta», «palácio». Apesar das aproximações à história social e económica, os argumentos desses mesmos autores acentuam mais a vertente genealógica das «casas senhoriais»; cf. SILVA, Armando B. Malheiro da ; DAMÁSIO, Luís Pimenta de Castro ; NOVAIS, Luís - *Casas armoriadas do Concelho dos Arcos de Valdevez*. 2<sup>a</sup> Edição (revista e aumentada). Câmara Municipal dos Arcos de Valdevez, 2000, pp. 8-43, Vol. I..

<sup>14</sup> À semelhança da “casa solarega” da Galiza; Cf. *Diccionario enciclopedico galego-castellano*. Vigo: Editorial Galaxia, 1958, tomo 3.

<sup>15</sup> BLUTEAU, Pe. Raphael - *Vocabulário portuguez e latino (...)*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1720, p.698, vol. VI.

<sup>16</sup> BLUTEAU, Pe. Raphael - *Vocabulário portuguez e latino (...)*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1720, p.698, vol. VI.

<sup>17</sup> RODRIGUES, José Damião – “A estrutura social”. In A. H. de Oliveira Marques - *Nova História de Portugal. Portugal – da Paz da Restauração ao ouro do Brasil*. (Direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques). 1<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Editorial Presença, Vol. VII, 2001, p. 427.

José Sarmento de Matos distingue dois tipos de solares: o *solar campestre* da nobreza provinciana e o *solar urbano* implantado nas cidades ou vilas. Entre estes distinguem-se e os *modelos eruditos* associado a projetos arrojados como no Solar de Mateus, em Vila Real.<sup>18</sup>

Tendo em vista clarificar as ambiguidades que o termo solar encerra, autores como Armando B. Malheiro Silva, L. P. Castro Damásio e Luís Novais consideram “óbvia a sinonímia *solar = casa senhorial portuguesa = casa nobre*”,<sup>19</sup> mas distinguem dentro deste grupo a *casa armoriada* para designar as torres, paços, quintas, herdades e palácios que ostentam pedras de armas.<sup>20</sup>

#### 1.4 Uso e aceção das expressões «paço» e «palácio»

Segundo o *Diccionario tecnico e histórico de pintura, escultura, architectura e gravura*, o vocábulo «**paço**» deriva de *palatium* que significa “casa nobre e grandiosa para reis e príncipes”.<sup>21</sup> Custódio Vieira da Silva descreve a existência de paços régios que eram utilizados como residência temporária para fins lúdicos, sobretudo para a caça.<sup>22</sup> A torre enquadra o perfil destas construções, como no Paço ou *Solar* dos Pinheiros que vem representado no *Livro das Fortalezas* de Duarte de Armas.<sup>23</sup>

O paço funcionava como centro administrativo e também para a recolha de impostos.<sup>24</sup> Os paços urbanos e os paços episcopais eram utilizados exclusivamente por reis e bispos, mas também pela nobreza.<sup>25</sup>

---

<sup>18</sup>MATOS, José Sarmento de – “Solar”. In José Fernandes PEREIRA (Direcção); Paulo PEREIRA (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 458-460.

<sup>19</sup> Segundo as formas indicadas por Francisco de Azeredo in - *Casas senhoriais portuguesas. Roteiro da viagem de estudo do IBI*. (S. I.), 1986. cf. SILVA, Armando B. Malheiro da ; DAMÁSIO, Luís Pimenta de Castro ; NOVAIS, Luís - *Casas armoriadas do Concelho dos Arcos de Valdevez*. 2ª Edição (revista e aumentada). Câmara Municipal dos Arcos de Valdevez, 2000, pp. 15-16, Vol. I..

<sup>20</sup> cf. SILVA, Armando B. Malheiro da ; DAMÁSIO, Luís Pimenta de Castro ; NOVAIS, Luís - *Casas armoriadas (...)*, pp. 15-16, Vol. I..

<sup>21</sup> RODRIGUES, Francisco de Assis – *Diccionario tecnico e histórico de pintura, escultura, architectura e gravura*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1875. *Versão em formato eletrónico*.

<sup>22</sup> Cf. SILVA, José Custódio Vieira da – *Paços medievais portugueses*. 2ª Edição. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2002, p. 83.

<sup>23</sup> CARITA, Helder; CARDOSO, Homem – *A casa senhorial em Portugal. Modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*. Lisboa: Leya, 2015, pp. 39-40.

<sup>24</sup> Cf. MATTOSO, José – *Ricos-homens, infanções e cavaleiros (...)*1985, pp. 77-78 e SILVA, José Custódio Vieira da – *Paços medievais portugueses (...)* p. 83.

Por exemplo, o primitivo Paço Episcopal do Porto tinha duas “torres justapostas”, como revela a estampa de Pier Maria Balbi que acompanhou a viagem de Cosme de Médicis (1642-1723) a Portugal.<sup>26</sup> O mesmo sucede no antigo Paço da Baliagem de Leça, cuja torre integrava a *Sala do Capítulo*.<sup>27</sup>

A torre como elemento do poder senhorial e do prestígio das famílias ilustres do reino mantinha-se enraizada na área geográfica do vale do Rio Leça. Nos finais do século XVII, o Balio de Leça, D. António Correia de Souza Montenegro, incumbiu Carlos Gimac<sup>28</sup> para levantar um palácio rural com torre na planta quadrada.<sup>29</sup> Nas terras entre Douro e Leça o modelo da casa-torre medieval estava no “imaginário do homem de setecentos”.<sup>30</sup>

Já a expressão «palácio» referia-se, segundo Rafael Bluteau, às “(...) *casas dos Reis & Principes & permissivamente dos sumptuosos e magníficos domicílios de senhores grandes (...)*”.<sup>31</sup> Afirma J. Ferreira-Alves que o Porto nunca foi uma cidade de palácios<sup>32</sup>. O Palácio Episcopal e o Palácio erigido para “os industriais judeus Morais e Castro” foram os edifícios que, pelas suas proporções arquitetónicas, receberam a categoria de palácios, entre o barroco o neoclássico<sup>33</sup>. Para E. Veiga de Oliveira e F.

---

<sup>25</sup> Cf. SILVA, José Custódio Vieira da – *Paços medievais portugueses*. 2ª Edição. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitetónico, 2002, p. 38; p. 84; CARITA, Helder; CARDOSO, Homem – *A casa senhorial em Portugal. Modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*. Lisboa: Leya, 2015, pp. 39-40.

<sup>26</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna*. Lisboa: Edições INAPA, 2001, p. 61.

<sup>27</sup>Cf. COSTA, Paula Pinto ; ROSAS, Lúcia – *Leça do Balio no tempo dos cavaleiros do Hospital*. Porto: Edições Inapa, 2001, p. 86.

<sup>28</sup> Era considerado um “architetto, engenheiro de boas prendas”, cf. ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *A memória de um mosteiro – Santa Maria de Arouca (Séculos XVII-XX). Das construções e das reconstruções*. Porto: Edições Afrontamento [Biblioteca das Ciências Sociais /33] 2011, p. 395.

<sup>29</sup> GOMES, Paulo Varela - *A cultura arquitectónica e artística em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Caminho, 1988, p.47.

<sup>30</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “A casa nobre de Portugal no século XVIII: algumas reflexões”. In PORTUGAL. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses - *Portugal / Brasil – Brasil / Portugal. Duas faces de uma realidade artística*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2000, p. 190.

<sup>31</sup> In- *Vocabulário portuguez e latino (...)*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1721, 6ª vol., pp. 190-191.

<sup>32</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *O Porto na época dos Almadás. Architectura. Obras públicas*. Porto, 1988, p. 128, 1 vol..

<sup>33</sup> O projeto do Palácio Morais e Castro, onde atualmente está o Museu Nacional Soares dos Reis, é da autoria do Ensamblador e Arquiteto José Francisco Paiva; cf. VIANA, teresa – “Os Carrancas no Porto. Itinerário de uma família na cidade entre 1700 e 1850”. *Boletim Cultural*. 2ª Série. 7-8 (1989/90) 296-298 – citado por FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “A Casa Nobre no Porto nos séculos XVII e

Galhano a tipologia do *palácio* existente na cidade do Porto revela afinidades com o “tipo corrente de solar urbano nortenho”<sup>34</sup>.

A partir dos finais do século XVIII a paisagem urbana passou a ser dominada pelo “típico «*palacete*» do Porto” que se transformou no *estereótipo* das residências portuenses edificadas pela burguesia capitalista e sobretudo pelos *brasileiros*.<sup>35</sup>

Vejamos a sua tipologia descrita por Henrique Duarte e Sousa Reis:

“[...] há ainda huma caza antiga, ou palacete de dous andares, dos quais o segundo he de janelas de sacada e vem a ser o nobre, e o inferior com as suas pequenas janelas rasgadas até ao pavimento, pertencem aos compartimentos em que se divide esse primeiro andar, destinado á vivenda dos hospedes ou creados, pois formando interiormente sallas e quartos aos dous lados da porta principal e átrio d`entrada, que he espaçoso e amplo no gosto das melhores cazas desta natureza, nas epochas passadas ministrão acomodações para grande numero de pessoas [...]”.<sup>36</sup>

### 1.5 - A Quinta «moderna» setecentista

Foi, sobretudo, no seio da grande conjuntura económica do século XVIII que se desenvolveram as quintas “modernas” no Norte de Portugal.<sup>37</sup> O fenómeno da “quintomania” não foi exclusivo da região do Alto Douro Vinhateiro.<sup>38</sup> No aro do Porto as *quintas* eram exploradas pela aristocracia nobiliárquica e pela aristocracia mercantil

---

XVIII. Introdução ao seu estudo.” *Poligrafia*. Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão. Nº. 4 (1995) 25-54.

<sup>34</sup> OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando – “ III Casa urbana”; in - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 319.

<sup>35</sup> De uma maneira geral o termo «palacete» refere-se às casas da burguesia, que no caso do Porto, é geralmente constituído por “um corpo central onde se rasga a porta da entrada, e dois andares elevado acima de lojas” ; cf. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 344; José Augusto França sublinha que esta modalidade de «habitação de luxo» floresceu no Porto devido aos emigrantes que fizeram fortuna no Brasil, os chamados «brasileiros» que estabeleceram sobretudo na zona oriental da cidade; cf.– *A história da arte no século XIX*. 3ª Edição. Venda Nova: Bertrand Editora, 1990, 1º vol., p. 363; sobre esta matéria leia-se o recente estudo de PEIXOTO, Paula Torres – *Palacetes de Brasileiros no Porto (1850-1930). Do estereótipo à realidade*. Porto: Edições Afrontamento, 2013, p. 49.

<sup>36</sup> *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da cidade do Porto. (Fixação de texto, introdução, notas e índice por Maria Teresa Pinto Machado)*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1991, 4 vols; excerto publicado na obra de FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* p. 86.

<sup>37</sup> OLIVEIRA, Aurélio de – *As quintas na estrutura fundiária e produtiva do país do Douro (...)* p. 59.

<sup>38</sup> OLIVEIRA, Aurélio de – *As quintas na estrutura fundiária e produtiva do país do Douro (...)* p. 59.

urbana.<sup>39</sup> Estas unidades agrícolas estavam circunscritas ao *assento da grande casa ou solar*<sup>40</sup> e eram compostas por terrenos lavrados e mato. Quase todas possuíam equipamentos de irrigação e de secagem, o lagar e a adega.

Devido à ausência de plantas cadastrais não dispomos de indicações suficientes sobre o tamanho das propriedades. Nas “terras da Maia” e em redor dos restantes concelhos periféricos do Porto domina a pequena propriedade. Em 1880, o então cônsul britânico do Porto, Oswald Crawford, que habitou a Quinta das Águas Férreas, na cidade do Porto, estima para o *casal minhoto* uma dimensão média entre os *cinco e os quinze acres*, que é o equivalente a 2 e 6 hectares respetivamente.<sup>41</sup> Em *Le Portugal: la vie sociale actuelle*<sup>42</sup>, Paul Descamps indica 4 hectares para o mais pequeno dos *casais* e 25 hectares para a mais pequena das *quintas*.<sup>43</sup> Nas “terras da Maia”, também chamada “área geográfica das doações”, a geógrafa Rosa Fernanda da Silva aponta uma área média de 3 hectares de superfície por cada proprietário.<sup>44</sup> Porém, estes valores servem apenas de estimativa.

As *quintas* dos arrabaldes do Porto eram dominadas pelo *portal armoriado*, pela *casa nobre* e pela capela privativa, adossada ou não ao edifício residencial. Apesar de não constituírem unidades de produção especializada, como as quintas do *Oratório* do Alto Douro Vinhateiro,<sup>45</sup> as casas senhoriais estavam umbilicalmente ligadas à terra, a principal fonte de riqueza e de prestígio social. A fachada de aparato com a escadaria monumental, a permanência ou reintrodução da torre ameada; a pedra de armas e a capela. Todos estes elementos funcionavam como espaço de representação social e como símbolo de poder económico, como vemos nas quintas de Ramalde, do Viso, da

---

<sup>39</sup> OLIVEIRA, Aurélio de – *As quintas na estrutura fundiária e produtiva do país do Douro (...)* p. 27.

<sup>40</sup> OLIVEIRA, Aurélio de – *As quintas na estrutura fundiária e produtiva do país do Douro (...)* p. 27.

<sup>41</sup> Leia-se o estudo de Fátima Brandão *Terra, Herança e Família no Noroeste de Portugal. O caso de Mosteiro no século XIX*. Porto: Edições Afrontamento, 1994, p. 31.

<sup>42</sup> Obra editada em Paris no ano de 1935.

<sup>43</sup> Citado por BRANDÃO, Maria de Fátima - *Terra, Herança e Família no Noroeste de Portugal. O caso de Mosteiro no século XIX*. Porto: Edições Afrontamento, 1994, p. 32.

<sup>44</sup> SILVA, Rosa Fernanda Moreira da – “Geografia agrária da área das doações (de 1928 a 1966)”. *Finisterra*. Vol. XI. 22 (1976) 245-246.

<sup>45</sup> OLIVEIRA, Aurélio de – *As quintas na estrutura fundiária e produtiva do país do Douro (...)* p. 27.

Prelada e do Chantre.<sup>46</sup> Também as casas agrícolas, arrendadas ou na posse da alta burguesia, vieram a constituir “quintas” no século XVIII.

Neste contexto, temos os exemplos da Quinta do Rio (Ramalde) e de Sam Thiago (Custóias).<sup>47</sup> A tipologia destas habitações revela traços de continuidade com a *casa-bloco térrea e de andar*, que é característica das antigas *terras* da Maia e dos arrabaldes do Porto.<sup>48</sup>

## 1.6 - A quinta de recreio

A *quinta de recreio* surgiu em plena época do Humanismo da Renascença para usufruto e deleite das elites aristocráticas ligadas à Corte<sup>49</sup>. O gosto pela prática da *vilegiatura* por terras a sul da província da Estremadura levou à construção de “obras palaciais”, *a modo di forteza*, segundo os cânones do programa construtivo do *renascimento experimental*.<sup>50</sup> As quintas da Bacalhoa e das Torres são dois exemplares

---

<sup>46</sup> Para Aurélio de Oliveira, a capela e o solar setecentistas são dois elementos “quase indissociáveis” e permitem seguir o percurso histórico das propriedades; cf. – *As quintas na estrutura fundiária e produtiva* (...) p. 60. Sobre este assunto convém sublinhar os estudos de ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – “O culto da Nossa Senhora, no Porto, na Época Moderna. Perspectiva antropológica”. *Revista de História*. Centro de História da Universidade do Porto - (*Actas do colóquio “O Porto na Época Moderna”*). Porto. (1979) 159-173; FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “A casa nobre de Portugal no século XVIII: algumas reflexões”. In PORTUGAL. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses (...), 2000, p. 191.

<sup>47</sup> Leiam-se os textos de CARNEIRO, Manuel Almeida – «Quinta do Rio: uma leitura do espaço habitacional-rural em Ramalde - (Sécs. XVIII-XIX)». In *Património. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Vol. II (2003) 527; \_\_\_\_\_ – «A Casa de Sam Thiago em Custóias. Da “fábrica da cultura” ao património construído – Séculos XVIII e XX). In *Atas do 4º Congresso Internacional da Casa Nobre em Arcos de Valdevez (27-29 nov. 2014)*; no prelo.

<sup>48</sup> Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano definiram uma tipologia dominante nas antigas *terras* da Maia e também nos arrabaldes do Porto : a *casa-bloco térrea e de andar*. Genericamente trata-se de construções com planta retangular ou em forma de um L, cobertas por um telhado de três ou quatro águas. No piso térreo abriam-se as lojas, as cortes do gado e a cozinha utilizada pelos caseiros que geralmente coabitavam com os animais. Uma escadaria granítica, adossada à fachada, ligava o térreo ao alpendre da entrada do piso superior. O *andar* era exclusivo do proprietário e estava distribuído pela cozinha, sala de estar e os aposentos para dormir (alcovas e quartos). Leia-se o texto – “Alguns elementos das casas de Matosinhos, Maia e Vila do Conde”; in - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, pp. 45 e segs.; pp. 86-102.

<sup>49</sup> Leia-se a obra de CARITA, Helder; CARDOSO, Homem – *A casa senhorial em Portugal. Modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*. Lisboa: Leya, 2015; em particular o Capítulo V.3 – “Humanismo e as quintas de recreio”, pp. 106 e seguintes.

<sup>50</sup> SERRÃO, Vítor - *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo*. Lisboa: Editorial Presença, 2002, p. 60.

notáveis da arquitetura da quinta de recreio portuguesa renascentista, cuja autoria tem sido atribuída ao “círculo de mestres afetos à Provedoria de Obras Reais”.<sup>51</sup>

Outro exemplo de relevo é o Palácio Fronteira, localizado nos antigos arrabaldes de Lisboa, em São Domingos de Benfica que se tornou o exemplar mais significativo da arquitetura civil no século XVII.<sup>52</sup> A quinta de recreio dos Marqueses de Fronteira foi inicialmente concebida segundo os modelos serlianos, de acordo com “*um programa arquitetónico funcional e estético adequado a uma ocupação e uso sazonais*”.<sup>53</sup> Depois do Terramoto de 1 de novembro de 1755 esse espaço passou a ser a residência principal<sup>54</sup> e o seu conjunto reflete “*um sentido português de adaptação paisagística e decorativa*”.<sup>55</sup>

A quinta de recreio no Norte do país apareceu no século XVI por ação dos humanistas eruditos. Ilídio Araújo afirma que foi o bispo mecenático e diplomata D. Miguel da Silva (1514-1525) que introduziu a «nova moda» das quintas com perfil de recreação e deleite dos sentidos.<sup>56</sup> Também foi este prelado viseense que trouxe para Portugal o arquiteto e “muratore” Francesco de Cremona, que fora discípulo de Rafael,<sup>57</sup> para dirigir a construção da igreja do Castelo da Foz e o farol-ermida de São Miguel-o-Anjo (1528) na zona portuária na Foz do Douro. Certamente foi o mesmo

---

<sup>51</sup> CARITA, Helder; CARDOSO, Homem – *A casa senhorial em Portugal. Modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*. Lisboa: Leya, 2015; em particular o Capítulo V.3 – “Humanismo e as quintas de recreio”, p. 111; Vítor Serrão aponta a autoria ao arquiteto Diogo de Torralva; cf. SERRÃO, Vítor - *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo (...)* p. 60; Margarida Calado atribui a obra a Andrea Sansovino; cf– Azeitão. 2ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1993, p. 73; veja-se o texto de PAIS DA SILVA, Jorge Henrique – *Páginas de História da Arte*. 2ª Edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, 1 Vol., p. 173.

<sup>52</sup> SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal – A Restauração e a monarquia absoluta (1640-1750)*. 2ª Edição revista. Lisboa: Editorial Verbo, 1982, vol. V, p.182-183.

<sup>53</sup> MESQUITA, Marieta Dá – “Para o estudo do habitar no século XVIII: o Palácio dos Marqueses de Fronteira”. In CASTRO, Aníbal e Outros – *Alcipe e as Luzes*. Lisboa: Edições Colibri: Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, p. 131.

<sup>54</sup> MESQUITA, Marieta Dá – “Para o estudo do habitar no século XVIII: o Palácio dos Marqueses de Fronteira”. In CASTRO, Aníbal e Outros – *Alcipe e as Luzes*. Lisboa: Edições Colibri: Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, p. 131.

<sup>55</sup> CORREIA, José E. Horta – *Arquitetura Portuguesa - Renascimento. Maneirismo, Estilo Chão*. 2ª. Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2002, pp.67-68.

<sup>56</sup> ARAÚJO, Ilídio - “Jardins, parques e quintas de recreio no aro do Porto. Revista de História: Centro de História da Universidade do Porto - (Actas do Colóquio «O Porto na Época Moderna»). Porto. II (1979) 377.

<sup>57</sup> RODRIGUES, Ana Duarte – *A escultura de jardim das quintas e palácios dos séculos XVII e XVIII em Portugal (...)* p. 62.

artista que reformulou os paços abaciais localizados na Foz do Douro<sup>58</sup> e a Quinta do Fontelo, em Viseu. As quintas que serviam de residência permanente aos seus proprietários também tinham funções lúdicas.

As áreas cultivadas, os hortos, os pomares e as matas que integravam as quintas também serviam de fonte de prazer. Que o diga o cônsul britânico do Porto, Oswald Crawford, um aficionado das atividades do campo e da pesca.<sup>59</sup> O então cônsul britânico residia na Quinta das Águas Férreas, em Cedofeita, antigo alfoz da cidade do Porto. No seu *Portugal old and new*, publicado em 1882, descreve o ambiente rústico da região, que devia ser visitada por alturas do São Martinho.<sup>60</sup>

Os quintais, os terrenos de lavoura, a rede de caminhos ou carreiros, com os seus muros e altos esteios graníticos de suporte às latadas, também eram motivos de recreio e deleite. E neste vasto conjunto idílico e campestre incluíam-se os trajes peculiares e as canções populares.<sup>61</sup>

Em síntese, os historiadores de arquitetura e os historiadores de arte utilizam os termos *quinta, solar, paço / palácio, «quinta de recreio»* em linha com a aceção dos lexicólogos. Estudos recentes desenvolvidos no âmbito da História da Arquitetura e da História da Arte utilizam a expressão «casa senhorial» quando referem as residências aristocráticas portuguesas entre a Época Medieval à Época Moderna.<sup>62</sup>

---

<sup>58</sup> ABREU, Susana Matos de “A obra do arquitecto italiano Francesco da Cremona (c.1480-c.1550) em Portugal: novas pistas de investigação”. In *A Encomenda. O artista. A obra.* (Coordenação de Natália Marinho Ferreira-Alves) Porto: CEPESE [2010], pp. 567; ABREU, Susana Matos de – “A formação dos artistas na difusão das formas e a recepção da sua arte pelo meio sócio-cultural do século XVI: notas metodológicas”. In *Artistas e Artífices no Mundo de Expressão Portuguesa.* [Coordenação de Natália Marinho Ferreira-Alves] Porto: CEPESE, 2008.

<sup>59</sup> Releia-se *Primeira Parte – 1.1.3 – Hidrologia.*

<sup>60</sup> Nesta obra podemos identificar uma ilustração da Casa das Águas Férreas; cf. CRAWFURD, Oswald - *Portugal old and new.* London: Kegan Paul, Trench, & Co., 1882, pp. 131-133.

<sup>61</sup> ARAÚJO, Ilídio – “Quintas de recreio (breve introdução ao seu estudo com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII), in *Revista Bracara Augusta*, vol. 64 - Actas do Congresso «A Arte em Portugal no Século XVIII» de homenagem a André Soares. Braga, 1973, 1<sup>o</sup> tomo, pp. 329-330.

<sup>62</sup> Destaque para o *Colóquio Luso-Brasileiro – A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro (séculos XVII, XVIII e XIX). Anatomia dos interiores (...)* que decorreu em Lisboa no ano de 2014, cujas atas foram publicadas; e as obras de CARITA, Helder; CARDOSO, Homem – *A casa senhorial em Portugal. Modelos, tipologias, programas interiores e equipamento.* Lisboa: Leya, 2015; STOOP, Anne de ; João Paulo (Fotografia) ; AZEREDO, António Carlos de (Coordenação e tradução) – *Arquitectura senhorial do Minho.* [Braga]: Caminhos Romanos e Anne de Stoop, 2015.

Neste estudo empregamos o vocábulo *quinta* no mesmo sentido da *quinta moderna* setecentista, seguindo as pistas indicadas por Aurélio de Oliveira;<sup>63</sup> a *quinta* como unidade produtiva e espaço de representação social; a *quinta de recreio* que servia de habitação permanente ou temporária nos subúrbios do Porto, por parte da aristocracia mercantil ou da burguesia capitalista, concebidas segundo o ideal de *Villa*.<sup>64</sup>

## 2 - Contexto artístico portuense no século XVIII

J. J. Ferreira-Alves considera dois momentos distintos no estudo da casa nobre portuense no século XVIII, a saber:

- o primeiro subdivide-se em duas fases: entre os finais do século XVII e a primeira metade do século XVIII e corresponde ao “barroco dos períodos de «experimentação» e «definição» (1650-1717)”; a segunda fase surge com as obras de intervenção na Sé Catedral do Porto no período da Sede Vacante de 1717 a 1741 e abrange o “barroco joanino portuense”.<sup>65</sup>

O segundo momento vai do barroco ao neoclássico e é sobretudo dominado pela «arquitetura almadina» que acompanha os mesmos princípios da «arquitetura pombalina».<sup>66</sup>

Na segunda metade do século XVIII não há propriamente uma rutura, mas sim uma continuidade dos programas decorativos, embora com algumas variantes. É o

---

<sup>63</sup> OLIVEIRA, Aurélio de – *As quintas na estrutura fundiária e produtiva do país do Douro* (...) pp. 59-61.

<sup>64</sup> Segundo James Ackerman «*Una villa es un edificio el campo diseñado para el disfrute y descanso de su dueño. Aunque también podría constituir el centro de una empresa agrícola, el factor placer distingue esencialmente a villa residencial de la casa-granja, y a la villa-finca de la granja. La casa-granja tiende a ser simple en su estructura, y a conservar formas tradicionales que no requieren la intervencion de un diseñador. La villa es el producto típico de la imaginación de un arquitecto, y aserto de modernidad.*»; cf. – *La villa. Forma e ideología de las casas de campo*. 2ª Edición. Madrid: Ediciones Akal, 2006, p. 7; sobre este assunto leia-se MATOS, José Sarmiento de – “Quinta de Recreio”. In José Fernandes PEREIRA (Direcção); Paulo PEREIRA (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 398-399.

<sup>65</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “Ensaio sobre a arquitectura barroca e neoclássica a norte da bacia do Douro”. In Revista *da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ciências e Técnicas do Património*. Porto. I Série, Vol. IV (2005) 138 e segs..

<sup>66</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “Ensaio sobre a arquitectura barroca e neoclássica a norte da bacia do Douro”. In Revista *da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ciências e Técnicas do Património*. Porto. I Série, Vol. IV (2005) 147-148 e segs..

caso da arquitetura «neopalladiana» ou «anglopalladiana» como diria Flávio Gonçalves, graças à presença do cônsul inglês, John Whitehead. Este mesmo «arquitecto-amador» colaborou na Junta de Obras Públicas» e certamente foi o autor da Casa da Feitoria. Interveio nas obras de renovação da Praça da Ribeira, na Capela da Nossa Senhora do Ó e na Praça de S. Domingos<sup>67</sup>. A ele se deve a escolha de John Carr (1727-1807) para fazer o projeto do Hospital de Santo António.<sup>68</sup>

### **2.1. A «casa nobre» no espaço intramuros do Porto no período joanino. Os «arcãos» e os paradigmas**

Na transição do século XVII para o século XVIII chegaram ao Porto grandes artistas e mestres-arquitetos, alguns deles oriundos do estaleiro de Mafra<sup>69</sup>. Estes artistas foram, por assim dizer, os «arcãos» da linguagem do barroco internacional que transformaram a fisionomia do espaço urbano que conservava a sua feição medieval.

O percurso artístico dos arquitetos, mestres-pedreiros e artífices tem sido revelado pelos investigadores de História de Arte, mas restam ainda muitas clareiras por explorar. A não ser que haja prova documental sobre uma dada construção feita por um só arquiteto, a maior parte dos edifícios são produto de várias intervenções feitas por outros mestres-arquitetos ao longo de várias épocas.<sup>70</sup>

Entre os artistas destacamos o P<sup>e</sup> Pantaleão da Rocha de Magalhães, mestre-escola da Sé do Porto nos finais de Seiscentos, “*pessoa muito versada na Architectura*”,<sup>71</sup> que teve a seu cargo a obra da Igreja do Convento de Corpus Christi,

---

<sup>67</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *O Porto na época dos Almadás. Architectura. Obras públicas*. Porto, 1988, p. 281, 1<sup>o</sup> vol..

<sup>68</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “Ensaio sobre a architectura barroca e neoclássica a norte da bacia do Douro”. In *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ciências e Técnicas do Património*. Porto. I Série, Vol. IV (2005) 149.

<sup>69</sup> Como, por exemplo, o *arquitecto* António Pereira que, em 1719, foi contratado para trabalhar nas obras da Sé do Porto; cf. SERRÃO, Vítor - *História da Arte em Portugal. O Barroco*. Lisboa: Editorial Presença, 2003, p. 267.

<sup>70</sup> “Um edifício raramente é produto de uma só cabeça ou de uma só mão”; cf. WOHL, Hellmut – “Robert Chester Smith e a história da arte nos Estados Unidos” (...) *A investigação da História de Arte (Research in History of Art)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Belas Artes-Arquivos de Arte, 2000, p. 26.

<sup>71</sup> *Sublinhado nosso*. No documento original está escrito: “pessoa muito *vercada* (sic) na Architectura; cf. MAGALHÃES BASTO, Artur de - Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII (...), pp. 287 e ss.

em Vila Nova de Gaia, cuja construção começou em 1675 e ainda a Capela da Ordem Terceira e S. Domingos, no Porto.<sup>72</sup>

Os mestres-arquitetos Francisco João Pereira dos Santos, António Pereira e Miguel Francisco da Silva trabalharam nas obras da Sé Catedral do Porto e o engenheiro-arquiteto Manuel Álvares Martins participou na construção do corpo da Igreja da Misericórdia, coadjuvado com o pintor-arquiteto Nicolau Nasoni, que riscou o frontispício.<sup>73</sup>

Estes artistas seguiam os cânones do barroco internacional inspirado nos tratados de Sebastianon Serlio, Giacomo Barozzi Vignola, Vincenzo Scamozzi, François Nicolas Blondel e, principalmente, de Andrea Pozzo - *Perspectiva Pictorum et Architectorum*.<sup>74</sup>

Os tratados de arquitetura que circulavam nas cidades, nas bibliotecas privadas e sobretudo nas bibliotecas monásticas,<sup>75</sup> chegavam ao conhecimento dos arquitetos, pintores, entalhadores, ourives e escultores.<sup>76</sup> Foi na Biblioteca da Sé de Braga que o arquiteto portuense Manuel Fernandes da Silva estudou os dois tratados de arquitetura e Vitruvius e de Alberti.<sup>77</sup>

O “Catálogo da Biblioteca de Livros de Architectura” que pertencia ao Frei José de Santo António Ferreira Vilaça, monge entalhador da abadia de Tibães, publicado por Robert Smith,<sup>78</sup> refere as obras de C. A. de Aviler,<sup>79</sup> Jacques François Blondel,<sup>80</sup>

---

<sup>72</sup> PEDREIRINHO, José Manuel – Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do Século I à actualidade. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

<sup>73</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna*. Lisboa: Edições INAPA, 2001, p. 37.

<sup>74</sup> Cf. FERREIRA -ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* p. 38.

<sup>75</sup> Veja-se a recente publicação de GIURGEVICH, Luana ; LEITÃO, Henrique – *Clavis bibliothecarum. Catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*. Moscavide: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016.

<sup>76</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna*. Lisboa: Edições INAPA, 2001, pp. 38-39. A exemplo do que também sucedia em Braga; leia-se: OLIVEIRA, Eduardo Pires – *André Soares e o rocó do Minho*. Dissertação de Doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011, p. 258 e segs., 1ª vol..

<sup>77</sup> Cf. ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - *Manuel Fernandes da Silva - Mestre e arquitecto de Braga 1693/1751*. Porto: Colecção Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão - 4, 1996, pp. 60-61.

<sup>78</sup> As obras conservam-se na Biblioteca Pública Municipal do Porto; cf. SMITH, Robert Chester – *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, 1 vol., pp. 339-340.

<sup>79</sup> *Cours d'architecture qui comprend les ordres de Vignole, avec des commentaires*. Paris, 1760

<sup>80</sup> *De la distribution des maisons de plaisance et de la decoration des edifices en general*. Paris : Chez Charles-Antoine Jombert Libraire du Roy pour l'Artillerie & le Génie, à l'Image Notre-Dame, 1737-1738,

Charles-Antoine Jombert,<sup>81</sup> Charles-Étienne Briseaux,<sup>82</sup> M.-C.-F. Roland de Verloys<sup>83</sup> e também o tratado do jesuíta Andrea Pozzo.<sup>84</sup>

Larga difusão teve o tratado do padre lóio Inácio da Piedade Vasconcelos. A sua obra: *Artefactos symmetriacos e geométricos (...) escultura, architectonica, e da pintura* (1733),<sup>85</sup> contribuiu para o aprofundamento técnico na arte da edificação em Portugal.<sup>86</sup> As suas alegorias tecidas em torno da arquitetura e da perspetiva sugerem as lições de Vitruvius e também Albrecht Durer, artista que elogia por ter sido “[o] grande escritor da symmetria dos corpos humanos, (e ainda hoje se estimão os riscos da suas estampas por cousa singular)”<sup>87</sup>. E, à semelhança dos grandes teóricos da época Inácio da Piedade Vasconcelos, versa sobre as características de cada uma das *Cinco Ordens de Colunas*. Talvez por isso a sua obra tenha sido considerada um “tratado teórico e prático sobre a arte portuguesa no tempo de D. João V”.<sup>88</sup>

António Pereira destacou-se como “mestre estucador e arquiteto” da Sé do Porto. Supõe-se que foi o mesmo artista que executou obras em Lisboa e Santarém (“retábulo de embutidos” do Colégio da Companhia de Jesus) ao serviço dos jesuítas.<sup>89</sup> Foi incumbido da planta do edifício do Recolhimento das Órfãs do Porto, cuja construção teve início em 20 de setembro de 1724,<sup>90</sup> participou nas obras do corpo da

---

2vols ; idem, ibidem – *Architecture française, ou recueil des plans, élévations, maisons royales, palais, hôtels, édifices les plus considérables de Paris*. Paris: 1752-1756, 4 vols.

<sup>81</sup> *Architecture moderne, ou l'art de bien bâtir pour toutes les personnes*. Paris, 1764.

<sup>82</sup> *L'art de bâtir des maisons de campagne*. Paris, 1743.

<sup>83</sup> – *Dictionnaire d'architecture civile, militaire et navale*. Paris, 1770, 3 vols.

<sup>84</sup> MANDROUX-FRANÇA, Marie Thérèse - « Information artistique et «mass-media» au XVIII e. siècle: La difusion de l'ornement gravé rococo au Portugal ». In *Bracara Augusta. Revista cultural de Braga*. II tomo, vol. XXVII : 64 (1974) 412-445.

<sup>85</sup> VASCONCELOS, Inácio da Piedade Vasconcelos - *Artefactos symmetriacos e geométricos advertidos, e descobertos pela industriosa perfeição das artes, escultura, architectonica, e da pintura*. Lisboa: Na Officina de Joseph António da Silva, Impressora da Academia Real, MDCCXXXIII [1733].

<sup>86</sup> MOREIRA, Rafael – “Tratados de arquitectura” (...) pp. 492-493.

<sup>87</sup> VASCONCELOS, Inácio da Piedade Vasconcelos - *Artefactos symmetriacos e geométricos advertidos, e descobertos pela industriosa perfeição das artes, escultura, architectonica, e da pintura*. Lisboa: Na Officina de Joseph António da Silva, Impressora da Academia Real, MDCCXXXIII [1733], pg. 25 e seguintes.

<sup>88</sup> SERRÃO, Vítor – *Santarém*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1990, p. 80.

<sup>89</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “António Pereira: arquitecto do Palácio de São João Novo”. In *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. 2ª Série, Vol. 5/6 (1989/90) 241-249

<sup>89</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “António Pereira (...)” pp. 243-246.

<sup>90</sup> MAGALHÃES BASTO, Artur de - *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Publicações da Câmara Municipal do Porto. Gabinete de História da Cidade, Documentos e Memórias para a História do Porto – XXXIII, [S.d.], pp. 450-454.

Sé de Lamego (1734-1735)<sup>91</sup>. Aparece reconhecido como arquiteto nas obras da nova capela-mor do Convento de Santa Clara, onde alcançou “*uma posição relevante no panorama arquitectónico nortenho de setecentos*”.<sup>92</sup>

O pintor-arquiteto Nicolau Nasoni foi a figura de proa no panorama artístico do Porto e da região Norte na primeira metade do século XVIII. Tal como Ludovice, Nasoni “*levava na bagagem de arquitecto os conhecimentos tão úteis de ourives*”,<sup>93</sup> acabando por beneficiar da proteção dos mecenas ligados ao Cabido da Sé Catedral do Porto. *Dom Nicolau* foi incumbido de vários projetos de relevo. Realizou intervenções no Palácio Episcopal do Porto, na Quinta de Santa Cruz do Bispo, na Quinta da Prelada e na Quinta do Freixo<sup>94</sup> e lançou “um sopro borrominesco”<sup>95</sup> na arquitetura civil e religiosa da época joanina.

Tomando como exemplos as casas edificadas na primeira metade do século XVIII, designadamente a Casa-Palácio de São João-o-Novo, o Palácio Monteiro Moreira; a Casa do Dr. Domingos Barbosa (atual Casa-Museu Guerra Junqueiro) na Rua D. Hugo e a Casa Barroso Pereira (*demolida*)<sup>96</sup> temos as seguintes características arquitetónicas na primeira metade do século XVIII, a saber:

«A – *Frontispício*

1. Divisão da fachada, feita através de pilastras, em secções, onde se abrem, de uma forma simétrica, as portadas e as janelas (janelas que correspondem ao rés-do-chão, «mezzanino» e andar nobre;
2. Remates das portadas e janelas feitas por elementos variados (frontões curvos e triangulares; frontões invertidos; frontões interrompidos, etc), que dão por vezes, além de uma sobrecarga decorativa, um certo movimento às fachadas;

---

<sup>91</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “António Pereira (...)” p. 244.

<sup>92</sup> ALVES, Natália Marinho – “Nótula para o estudo da actividade do arquitecto António Pereira na cidade do Porto”. *Revista da Faculdade de Letras: História*. Série II, Vol. 9 (1992) 393.

<sup>93</sup> GUEDES, Natália Brito Correia – *O Palácio dos senhores do infantado em Queluz*. Lisboa. Livros Horizonte, 1971, p. 104.

<sup>94</sup> Também as quintas do Chantre, de Fafiães, de Ramalde e do Viso foram atribuídas a Nasoni por Robert Smith, com base em critérios estilísticos ou tendo em conta as relações que o artista toscano mantinha com as elites aristocráticas portuenses; cf. SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966.).

<sup>95</sup> GONÇALVES, Flávio – *Um século de arquitectura e talha no Noroeste de Portugal (1750-1850)*. Porto, 1969 (Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, Vol. XXXII – Fasc. 1-2, p. 32.

<sup>96</sup> O edifício localizava-se no antigo Largo D. Teresa, atual Praça Guilherme Gomes Fernandes.

3. Privilegia-se o eixo vertical central constituído por portada principal, janela de sacada por cima daquela e as armas de família.

*B –Interior*

1. Três pisos: rés-do-chão (com átrio e dependências diversas) «mezanino» e o andar nobre (com salões de recepção, quartos e oratório); por cima do andar nobre encontra-se geralmente um sótão:
2. A ligação dos três pisos faz-se por uma escadaria, com diversos lanços, dispostos em direções contrárias («escalier tournant»), e patamares, de aspecto cenográfico; esta escadaria terminava num patamar no qual um portal, por vezes de forma monumental, dava acesso ao salão principal do andar nobre. Em frente desta portada ficava a janela de sacada que se abria por cima da portada principal da fachada. Este tipo de escadaria surge no Porto pela primeira vez entre 1720-1730 no *claustro da Sé do Porto* com a escada que o liga ao andar nobre da casa do Cabido e no *Palácio de São João [o] Novo.*<sup>97</sup>

O *Álbum de desenhos* de Joaquim Cardoso Vitória Vilanova constitui uma fonte indispensável para conhecer a fisionomia das “casas nobres” que existiam na cidade em 1833.<sup>98</sup> Algumas construções não resistiram à voragem do tempo, como por exemplo, a Casa de Vandoma, o Palácio Monteiro Moreira, que ficava na Praça das Hortas, pegada à Casa Morais Alão-Amorim da Gama Lobo;<sup>99</sup> a Casa dos Fidalgos da Fábrica e a Casa Barroso Pereira. Conhecer a história destas casas, no plano arquitetónico e funcional, exige uma pesquisa cripto-histórica ou *cripto-artística*.<sup>100</sup>

São raras as casas «nobres» que ainda permanecem na cidade. Exemplo disso é a **Casa-Palácio de S. João-o-Novo** que está na “génese do barroco joanino portuense”.<sup>101</sup> A obra de pedraria foi encomendada por Pedro da Costa Lima, cuja

---

<sup>97</sup> Cf. FERREIRA -ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* p. 38-39.

<sup>98</sup> [VILANOVA, Joaquim Cardoso Vitória] – *Edifícios do Porto em 1833. Álbum de desenhos e Joaquim Cardoso Vitória Vilanova. Manuscrito 1479*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1987.

<sup>99</sup> As duas casas foram adquiridas pela Câmara para servir de Paços do Concelho, em 1816. Posteriormente foram demolidas para a abertura da Avenida dos Aliados.

<sup>100</sup> A «Cripto-História de Arte» é um conceito definido por Vítor Serrão que tem por finalidade o estudo as “obras já desaparecidas no conjunto de um ciclo artístico ou da produção geral de um dado artista (...) pela análise, visual, documental, estilística e iconográfica”; SERRÃO, Vítor – *A cripto-história de arte. Análise de obras inexistentes*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001, p. 12-13 e segs.

<sup>101</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “A casa nobre e a génese do barroco joanino portuense: a Casa Monteiro Moreira e a casa de S. João - o - Novo.” In *2º Congresso Internacional - Arcos de*

conclusão estava prevista no ano de 1727. Robert Smith atribuiu a Nasoni a sua conceção, mas as investigações de Jaime Ferreira-Alves provaram a autoria de António Pereira.<sup>102</sup>

O edifício está implantado numa área declivosa, sensivelmente em posição frontal ao Convento do mesmo nome.<sup>103</sup> A fachada inclui um rico repertório barroco *com fitas, borlas, cordas, jarrões, panejamentos, as volutas rematadas em borlas (...)* elementos que J. Ferreira-Alves também identifica na Casa do Dr. Domingos Barbosa (Porto), situada «na rua de Detrás da Sé»,<sup>104</sup> mas também na Quinta do Chantre, em Leça do Balio e no Palácio de Mateus em Vila Real.<sup>105</sup> Os frontões invertidos, ao jeito de Bernardo Buontalenti (1536/38-1608), as janelas das sobrelojas, de formato pentagonal, com as “ombreiras côncavas”, acentuam o efeito cenográfico da fachada.<sup>106</sup>

Robert Smith inclui quatro plantas da casa que representam respetivamente o piso térreo, a «sobreloja», o andar nobre e o quarto piso.<sup>107</sup> O rés-do-chão é servido por um átrio que é dominado por “grande arco abatido painelado”, emoldurado por “um par de volutas audacioso”.<sup>108</sup> J. Ferreira-Alves comparou o mesmo motivo a uma

---

Valdevez. *Casa nobre – um património para o futuro [14 a 15 de novembro de 2008]*. Arcos de Valdevez, 2011, pp. 355-371.

<sup>102</sup> SMITH, Robert Chester - *O palácio de São João Novo*. Porto: Junta Distrital, [D.L. 1969], [Sep. Rev. Etnografia, 21]; Veja-se do documento respeitante à «Obrigação de obra que fazem os mestres pedreiros António da Silva, Domingos Pinto e Pedro Pereira, a favor de Pedro da Costa Lima», datado de 20 de março de 1725, transcrito e publicado na íntegra por FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “António Pereira: arquitecto do Palácio de São João Novo”. In *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. 2ª Série, Vol. 5/6 (1989/90) 241-249.

<sup>103</sup> O edifício, propriedade da Câmara Municipal do Porto, foi em tempos o Museu de Etnografia e História, mas está encerrado há mais de duas décadas. Atualmente encontra-se muito degradado e, por razões de segurança, não nos foi concedida permissão para o visitar. Por este facto consideramos que não é aceitável que um edifício que encerra um grande significado histórico e estético para a cidade permaneça neste estado.

<sup>104</sup> cf. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* p. 87.

<sup>105</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “António Pereira: arquitecto do Palácio de São João Novo”. In *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. 2ª Série, Vol. 5/6 (1989/90) 246.

<sup>106</sup> SMITH, Robert Chester - *O palácio de São João Novo*. Porto: Junta Distrital, [D.L. 1969], [Sep. Rev. Etnografia, 21], pp. 12-18; -ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* p. 82.

<sup>107</sup> SMITH, Robert Chester - *O palácio de São João Novo (...)* pp. 8-9; cf. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna*. Lisboa: Edições INAPA, 2001, p. 85.

<sup>108</sup> SMITH, Robert Chester - *O palácio de São João Novo (...)*, p. 23.

“concha espalmada, invertida, em forma de leque” provavelmente retirado do tratado de Andrea Pozzo.<sup>109</sup>

A planta do piso nobre assinala um «corredor horizontal», elemento introduzido na organização funcional da habitação setecentista, destinado a “separar as zonas de intimidade e, simultaneamente, os sistemas de circulação vertical, através de escadas secundárias”<sup>110</sup>.

Tudo indica que foi António Pereira que introduziu a escadaria barroca na arquitetura portuense<sup>111</sup> - “a coisa mais difícil, que se faz num edifício” - segundo Filippo Baldinucci.<sup>112</sup> Curiosamente nas residências aristocráticas edificadas das zonas rurais de Bouças e da Maia, “tradicionalmente” ligadas ao risco de Nasoni, a articulação entre o térreo e o piso nobre era feita por uma escadaria externa que funcionava como elemento dinâmico da fachada.

A “grandiosa escadaria aberta”<sup>113</sup> funcionava como elemento ordenador e distribuidor de espaços de circulação interna.<sup>114</sup> Com um esquema de lanços de «dois / um» liga o átrio às dependências do *mezzanino* (no primeiro patamar) e ao andar nobre (no segundo patamar).<sup>115</sup>

A existência de espaços interiores bem programados e hierarquizados, à semelhança do esquema funcional das residências aristocráticas lisboetas,<sup>116</sup> acabará por influenciar a composição funcional das habitações nobres do Porto.

---

<sup>109</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* p. 85.

<sup>110</sup> MESQUITA, Marieta Dá - “Para o estudo do habitar no século XVIII: o Palácio dos Marqueses de Fronteira”. In CASTRO, Aníbal e Outros - *Alcipe e as Luzes (...)* p. 132.

<sup>111</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - “António Pereira (...)” p. 246.

<sup>112</sup> Citado por RODRIGUES, Francisco de Assis - *Diccionario tecnico e histórico de pintura, escultura, arquitectura e gravura*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1875. *Versão em formato eletrónico*.

<sup>113</sup> SMITH, Robert Chester - *O palácio de São João Novo (...)* p. 21.

<sup>114</sup> Cf. MESQUITA, Marieta Dá - “Para o estudo do habitar no século XVIII: o Palácio dos Marqueses de Fronteira”. In CASTRO, Aníbal e Outros - *Alcipe e as Luzes*. Lisboa: Edições Colibri: Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, p. 132.

<sup>115</sup> SMITH, Robert Chester - *O palácio de São João Novo*. Porto: Junta Distrital, [D.L. 1969], [Sep. Rev. Etnografia, 21], pp. 22-23; FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - “António Pereira (...)” p. 246. Neste edifício funcionou o Museu de Etnografia e História, mas há já longos anos que se encontra fechado e degradado.

<sup>116</sup> Por exemplo o Palácio dos Marqueses de Fronteira; Cf. MESQUITA, Marieta Dá - “Para o estudo do habitar no século XVIII: o Palácio dos Marqueses de Fronteira”. In CASTRO, Aníbal e Outros - *Alcipe e as Luzes*. Lisboa: Edições Colibri: Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, p. 132.



EST. 6 – Casa-Palácio S. João-o-Novo

## 2.2 – A arquitetura civil na transição do século XVIII para o século XIX

As novas orientações urbanísticas e arquitetónicas definidas na reconstrução de Lisboa tiveram impacto na cidade do Porto, então sob a ação do Governador das Armas João de Almada e Melo<sup>117</sup>. Após a revolta dos taberneiros, ocorrida no ano de 1757, por causa do monopólio da recém-criada Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro,<sup>118</sup> foi criada a *Junta de Obras Públicas* (1758) onde certamente funcionava a *Sala do Risco*. As obras executadas pela *Junta* compreendiam um vasto plano de melhoramentos urbanísticos, bem como o reordenamento do sistema viário.

Por volta do ano de 1762,<sup>119</sup> em plena época dos Almadás, surgiu o *Tratado da ruação para emenda das ruas, das villas e logares deste reino (...)*, escrito por José de Figueiredo Seixas (**EST. 7**)<sup>120</sup> Sabe-se muito pouco a respeito do percurso artístico deste pintor, arquiteto e urbanista e *Mestre da Aula de Riscar da cidade do Porto*. O

---

<sup>117</sup> FRANÇA, José-Augusto – *Lisboa. História física e moral*. 2ª. Edição (revista). Lisboa: Livros Horizonte, 2009, p. 433.

<sup>118</sup> Leiam-se os trabalhos de SILVA, Francisco Ribeiro da – *Absolutismo esclarecido e a intervenção popular. Os motins do Porto de 1757*. Lisboa. Imprensa Nacional - Casa da Moeda – [Temas Portugueses], 1990; SCHNEIDER, Susan - *O Marquês de Pombal e o Vinho do Porto. Dependência e subdesenvolvimento em Portugal no século XVIII*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

<sup>119</sup> O texto não está datado, mas supostamente foi escrito entre os anos de 1760 e 1762; MOREIRA, Rafael – “Uma utopia urbanística pombalina: O «Tratado da ruação» de José Figueiredo Seixas”. In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, p. 133 vol. II.

<sup>120</sup> SEIXAS, José de Figueiredo - *Tratado da ruação para emenda das ruas, das cidades, villas e logares deste reino...* [1760]. BNP - Cota do exemplar digitalizado: cod-6961; <http://purl.pt/16597>

*Tratado da Ruação*, dedicado em tom panegírico a Sebastião José de Carvalho e Melo - “o novo Appollo para as sciencias, e o Patrocinador das Artes pela afeição, que mostra a todas, as que são úteis ao Estado”,<sup>121</sup> divide-se em duas partes; a primeira disserta sobre o “Modo de Edificar Perfeitamente uma Regular Povoação”; a segunda parte versa sobre o “Modo como a Fealdade das Plantas das Povoações Antigas deste Reino devem se fazer Formozas” e o Tratado encerra com um *Apendix*.<sup>122</sup>

O vocábulo *ruação* fazia parte do léxico (ou do jargão técnico) dos engenheiros militares da época no sentido de *ruamento*, *ruador*, *ruar*, *arruar*: *fazer a rua direita (...)*.<sup>123</sup> Seixas recorreu aos tratadistas espanhóis André Garcia de Céspedes e Frei Lourenzo de San Nicolás para configurar o modelo de «cidade ideal» programado pelos grandes tratadistas da Renascença.<sup>124</sup> Inicialmente circunscrito à cidade do Porto o *Tratado* de Figueiredo Seixas visava reordenar as divisões administrativas do reino, segundo os princípios da regularidade e da racionalidade geométrica.<sup>125</sup> As províncias do reino, subdivididas em *câmaras*, *comarcas* e *freguesias*, seriam demarcadas “em quadrados iguais” de meia légua com três kms de lado.<sup>126</sup> As novas povoações teriam a forma de “*quadrados equiláteros e continuados huns com os outros (...)*”, conforme

---

<sup>121</sup> Leia-se a dedicatória do mesmo manuscrito; SEIXAS, José de Figueiredo - *Tratado da ruação para emenda das ruas, das cidades, villas e logares deste reino...* [1760].

<sup>122</sup> A par dos contributos dos estudiosos: José-Augusto França. Rafael Moreira, Flávio Gonçalves (entre outros), sobre o *Tratado* de Figueiredo Seixas foram produzidos alguns contributos de relevo, a saber: NONELL, Anni Günther – *Porto, 1763 / 1852. A construção da cidade entre o despotismo e o iluminismo*. 1ª Edição. Porto: FAUP [Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto], 2002, pp. 73-74; MOREIRA, Ana - *Utopias territoriais do Iluminismo em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, especialidade de Teoria e História da Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, orientada pelo Prof. Doutor Walter Rossa, 2006; GOMES, Luís Miguel Martins - *Geometria dos traçados urbanos de fundação portuguesa: o Tratado da Ruação de José Figueiredo Seixas*. Dissertação de Mestrado apresentada no Instituto Universitário de Lisboa, 2007; *Versão em formato eletrónico* - <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/298>

<sup>123</sup> Cf. MOREIRA, Rafael “Uma utopia urbanística pombalina: O «Tratado da ruação» de José Figueiredo Seixas”. In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, p. 142, vol. II; MOREIRA, Rafael – “José de Figueiredo Seixas”. In PEREIRA, José Fernandes (Direcção); PEREIRA, Paulo (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 443-444.

<sup>124</sup> MOREIRA, Rafael - “Uma utopia urbanística pombalina: O «Tratado da ruação» de José Figueiredo Seixas”. In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, p. 141, vol. II.

<sup>125</sup> Cf. MOREIRA, Rafael - “Uma utopia urbanística pombalina: O «Tratado da ruação» de José Figueiredo Seixas”. In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, p. 141, vol. II; SILVA, Ana Cristina Nogueira da – *O modelo espacial do estado moderno. Reorganização territorial em Portugal nos finais do Antigo Regime*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, pp. 70-71.

<sup>126</sup> Cf. MOREIRA, Rafael - “Uma utopia urbanística pombalina: O «Tratado da ruação» de José Figueiredo Seixas”. In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, p. 141, vol. II; SILVA, Ana Cristina Nogueira da – *O modelo espacial do estado moderno. Reorganização territorial em Portugal nos finais do Antigo Regime*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, pp. 70-71.

ilustra no fim do *appendix* do manuscrito.<sup>127</sup> Simultaneamente pretendia reorganizar o sistema viário para emendar o traçado irregular das estradas e dos caminhos.

As suas propostas versavam sobre a organização espacial da *cidade perfeita*, mas também incluíam as moradias urbanas e rurais, os palácios e as casas nobres. Refira-se que este arquiteto e urbanista viseense foi contemporâneo dos grandes teorizadores de arquitetura do século XVIII. Entre eles destacam-se o jesuíta Laugier, que escreveu o *Essai sur l'architecture* (1753)<sup>128</sup> e Pierre Patte, arquiteto do rei Luís XV e autor das *Memoires sur les objets les plus importants de l'architecture* (1769).<sup>129</sup>

A organização espacial da “cidade perfeita”<sup>130</sup> teria por módulo a «courela» (30x90 braças) subdividido em “chãos” ou *talhões*<sup>131</sup> para as moradias urbanas e rurais, com 25 *palmas* de largura “de frente para a rua” e “125 *palmas* de comprimento, ou fundo para o interior da courela”.<sup>132</sup> Pelo facto de ser artista não deixa de ser surpreendente o modo como Figueiredo Seixas promove o uso racional das áreas de cultivo com a criação de lotes ou talhões equiláteros para hortas, pomares, devesas, “lavouras de pão” e “*montes de pasto para os gados e de estrumes dos campos*”<sup>133</sup> (EST. 8).

E, como era do seu timbre, Seixas valoriza o esquema regular e geométrico das moradias rústicas.<sup>134</sup> Os interiores eram dinamizados por caixas de escadas e corredores de distribuição. A *sala principal*, provavelmente com a função de estar,

---

<sup>127</sup> SEIXAS, José de Figueiredo - *Tratado da ruação para emenda das ruas, das cidades, villas e logares deste reino...* [1760]. BNP - Cota do exemplar digitalizado: cod-6961, fol. 7v; Estampa 2.

<sup>128</sup> A BPMP guarda um exemplar da 2ª edição da obra de Laugier impressa no ano de 1755; cf. NONELL, Anni Günther – *Porto, 1763 / 1852. A construção da cidade (...)* p. 74, nota 67.

<sup>128</sup> Cf. NONELL, Anni Günther – *Porto, 1763 / 1852. A construção da cidade (...)* 2002, p. 56-57.

<sup>129</sup> Após a morte de J.-F. Blondel, Patte passou a pertencer “à linhagem dos tratadistas”; cf. CHOAY, Françoise – *A regra e o modelo (...)* p. 230.

<sup>130</sup> NONELL, Anni Günther – *Porto, 1763 / 1852. A construção da cidade entre o despotismo e o iluminismo (...)* p. 73.

<sup>131</sup> MOREIRA, Rafael – “Uma utopia urbanística pombalina: O «Tratado da ruação» de José Figueiredo Seixas”. In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, p. 139, vol. II.

<sup>132</sup> SEIXAS, José de Figueiredo - *Tratado da ruação para emenda das ruas, (...)* fol. 16; Estampa 2.

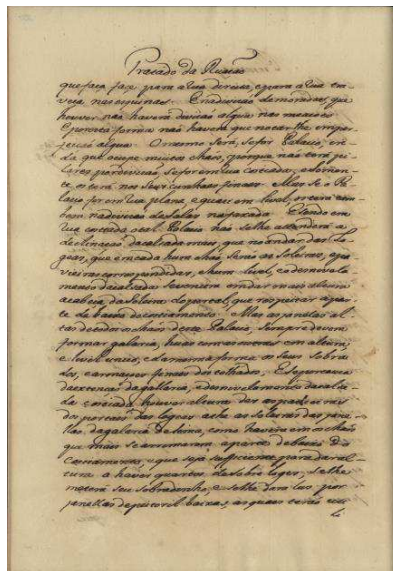
<sup>133</sup> SEIXAS, José de Figueiredo - *Tratado da ruação para emenda das ruas, das cidades, villas e logares deste reino...* [1760]. BNP - Cota do exemplar digitalizado: cod-6961, fol. 4v; 15;

<sup>134</sup> SEIXAS, José de Figueiredo - *Tratado da ruação para emenda das ruas, das cidades, villas e logares deste reino...* [1760]. BNP - Cota do exemplar digitalizado: cod-6961, fol<sup>o</sup> 4v.

incorporava uma *camara* ou *alcova*; o compartimento destinado às refeições ficava na sala de trás junto a uma cozinha e dispensa.<sup>135</sup>

Interessantes foram as propostas sobre a implantação de casas nobres e palácios. Vejamos um excerto da *Primeira Parte do Tratado*:

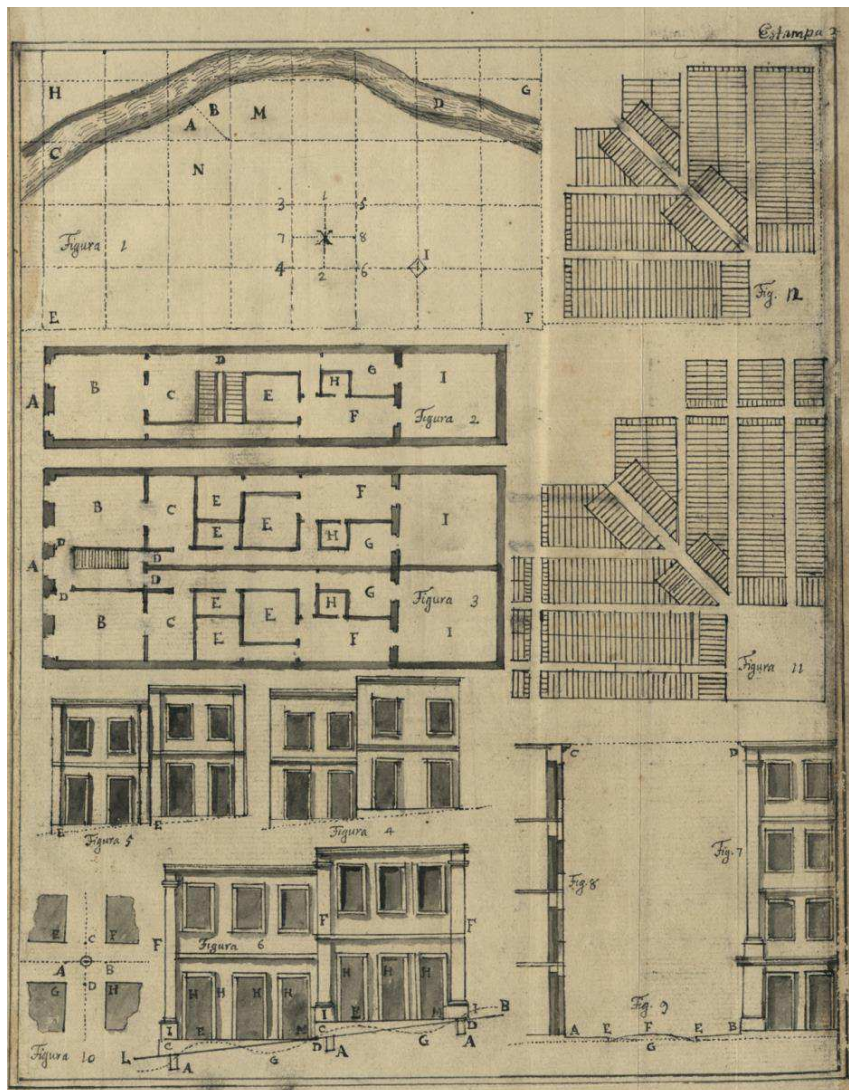
“[Fol<sup>o</sup> 34] 39. *Os príncipes antigos costumavam edificar os seus palacios sobre os mais altos montes da cidade para dominarem toda [fol<sup>o</sup> 34v] com a vista. Porém, se não estiver sobre monte alto, se pode remediar com o mirante de alguma alta torre do Palácio, que terá frente para a praça principal e também para a mesma a terão a Catedral, o Thesouro Real, a Casa do Senado da Câmara, e os outros edifícios famosos, como conventos, e o seleiro publico, e as tarracenas, e o arsenal das munições Reais, e as cavaliças militares, e os armazenes do comercio Real, o assouge, devem estar em frente situada em alguma praça. As Igrejas Parochiais, e os Palácios dos fidalgos da Cidade, quando não possão estar em frente para alguma praça, sempre devem estar situados em frente para aliqua das ruas centraes, e o mesmo serão os conventos menores [...].<sup>136</sup>*



**EST. 7** - José de Figueiredo Seixas - *Tratado da ruação para emenda das ruas, das cidades, villas e logares deste reino...* [1760]. BNP - Cota do exemplar digitalizado: cod-6961; <http://purl.pt/16597>

<sup>135</sup> Sublinhado nosso.

<sup>136</sup> SEIXAS, José de Figueiredo - *Tratado da ruação para emenda das ruas, das cidades, villas e logares deste reino...* [1760]. BNP - Cota do exemplar digitalizado: cod-6961, fols. 34-34v; sublinhado nosso.



**EST. 8** - José de Figueiredo Seixas - *Tratado da ruação para emenda das ruas, das cidades, villas e logares deste reino...* [1760]. BNP - Cota do exemplar digitalizado: cod-6961; <http://purl.pt/16597>

As suas propostas edificatórias encontram correspondência com as tipologias urbanas e também rurais existentes na área do Porto. O Palácio dos Pachecos Pereiras, situado na Rua de Belomonte, em pleno núcleo urbano, pode muito bem ter sido

concebido por este artista viseense, como sugere Flávio Gonçalves.<sup>137</sup> Trata-se de um exemplar de relevo no panorama da história da arquitetura civil, mas pouco estudado.

A sua edificação remonta provavelmente à segunda metade do século XVIII.<sup>138</sup> A fachada compreende dois andares (mais as águas furtadas) divididos por um friso ao nível das varandas do andar nobre. O plano do frontispício é seccionado por quatro pilastras rusticadas no piso térreo (“nas ombreiras e lintéis das portadas” e lisas no piso superior).<sup>139</sup>

J. Ferreira-Alves, autor que temos vindo a seguir, destaca três aspetos essenciais nesta fachada: a “ondulação da cornija, formando arcos abatidos no corpo central”, onde sobressai um “escudo representativo da “Companhia dos Caminhos de Ferro através de África” no lugar do brasão dos Pachecos Pereiras; “os óculos rasgados nos panos laterais da fachada e as gárgulas e os pilares trabalhados que “sobrepõem as águas furtadas, «corridas, muito baixas» no seguimento das pilastras”.<sup>140</sup>

A presença do rusticado nas pilastras do piso térreo evidencia a “*tendência «anglopalladiana»*” que acabará por influenciar a arquitetura civil no Norte de Portugal nos finais do século XVIII<sup>141</sup> **(EST. 9)**.

A Casa dos “Fidalgos da Fábrica”, identificada no *Álbum de desenhos e Joaquim Cardoso Vitória Vilanova (1833)*, também manifesta afinidades com as propostas por Figueiredo Seixas. Trata-se de uma fachada aparatosa de feição tardo-barroca, edificada em parte na segunda metade do século XVIII pela família Silva Souto e Freitas. O desenho de Vilanova e a fotografia **(EST. 10)** de Guilherme Bonfim Barreiros (1894-1973)<sup>142</sup> **(EST. 11)** mostram uma construção alongada, com rés-do-chão e andar

---

<sup>137</sup> Flávio Gonçalves atribui a Figueiredo Seixas a autoria dos prédios números 76 a 80 na rua dos Clérigos e o Palácio dos Pachecos Pereiras na rua do Belomonte; cf. – “A arte no Porto na época do Marquês de Pombal”. In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, p. 106, vol. II.

<sup>138</sup> FERREIRA- ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* p. 97; Leia-se também a sua Dissertação de Doutoramento: - *O Porto na época dos Almadás. Arquitectura. Obras públicas*. Porto, 1988, vol. 1 p. 97.

<sup>139</sup> A utilização das meias colunas foi aplicada por André Palladio no Palácio Antonini em Udine; cf. *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* p. 97.

<sup>140</sup> Cf. *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* p. 97.

<sup>141</sup> GONÇALVES, Flávio – *Um século de arquitectura e talha no Noroeste de Portugal (1750-1850)*. Porto, 1969 (Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, Vol. XXXII – Fasc. 1-2, p. 37.

<sup>142</sup> O AHMP conserva o acervo fotográfico de Guilherme Bomfim Barreiros (1894-1973) com imagens da Casa da Fábrica, que desapareceu nos anos de 1940, no lugar onde hoje está o Hotel Infante Sagres.

rasgados por vãos retilíneos com janelas de sacada envolvidas com ornatos no piso superior. Dois graciosos mirantes elevam os corpos laterais da fachada.<sup>143</sup> Jaime Ferreira-Alves refere uma obra de pedraria datada de 5 novembro de 1754 para acrescentar *“uma sala casa virada para a rua, junto da capela, uma escada de pedra do quintal para o primeiro sobrado e uma varanda no andar da cozinha.”*<sup>144</sup>



**EST. 9 - Casa Pacheco Pereira.** AHMP - Fotografia de Teófilo Rego

Na segunda metade do século XIX a Casa da Fábrica estava na posse de D. Mariana Augusta da Silva Freitas de Meneses Cyrne de Sousa que casou com Pedro da Silva da Fonseca de Cerveira Leite e Bourbon, Fidalgo da casa Real, Visconde de Alcobaça, proprietário da Casa da Rua das Taipas e da Quinta de Ramalde.<sup>145</sup>

---

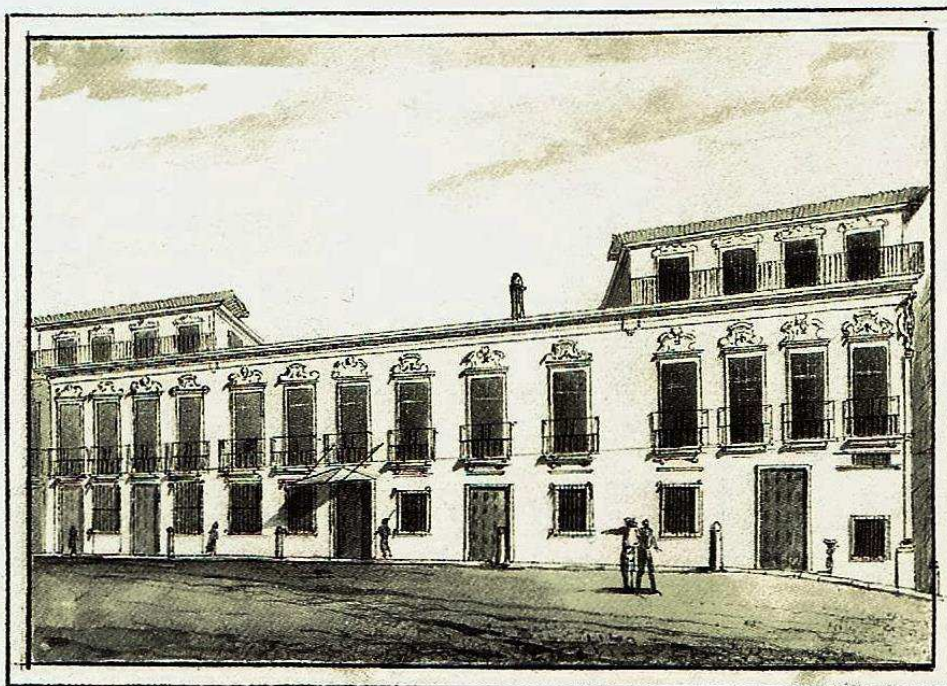
<sup>143</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* p. 98.

<sup>144</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* p. 98.

<sup>145</sup> SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos – “A Casa da Fábrica no Porto: personalidades, sociabilidade e património (séculos XVIII e XIX). In *Actas do 3º Congresso Internacional – Casa Nobre um Património para o futuro* [2 a 4 de dezembro de 2011]. Arcos de Valdevez, 2013, p. 172.

A Casa da Fábrica vem referida no *Processo de Inventário Obrigatório e Interesses na Quinta da Queimada* ou da Casa de Ramalde, datado de 23 de fevereiro de 1907, em que foi inventariante D. Maria do Carmo da Fonseca Meneses Cirne, irmã de Diogo Henrique da Silva da Fonseca e Bourbon, nestes termos:

«[...] um prédio formado por uma morada de casas apalaçadas, d`um andar, com frente para a travessa da fábrica desta cidade, para onde tem os números quatro a dezasseis, com suas lojas, jardins e água de bica (quatro penas, vindas e tomadas no aqueduto geral da Camara Municipal) tanque e mais pertenças, (...) prazo foreira no Cabido da Sé desta cidade, a quem paga anualmente o foro de oito mil duzentos e cinquenta reis, com laudémio de cinco – um.”<sup>146</sup>



**EST. 10** - A Casa dos “Fidalgos da Fábrica”. *Álbum de desenhos e Joaquim Cardoso Vitória Vilanova (1833) nº 26.*

<sup>146</sup> PT/ADPRT/JUD/TCPR/077/00657 – *Tribunal da Comarca do Porto, Inventários Obrigatórios, Interesses na Quinta da Queimada*; Mç 0247, fol.º 81-81v.



**EST. 11** - Vista geral da desaparecida Casa da Fábrica, na rua com o mesmo nome. AHCMMP - Fotografia de Guilherme Bonfim Barreiros (1933-38)

Figueiredo Seixas redigiu a *Arte de Edificar*, cuja obra desapareceu. Traduziu a segunda parte da versão italiana do tratado de Andrea Pozzo *Perspectiva Pictorum et Architectorum*, uma obra que influenciou as criações artísticas das cidades do Porto e Braga na época barroca e rococó.<sup>147</sup> Tudo indica que colaborou com Nicolau Nasoni nas obras da Capela do Solar de Mateus e na Capela Nova, em Vila Real.<sup>148</sup>

Porém, não nos parece que o então *Mestre da Aula de Riscar da cidade do Porto* fosse apenas um simples “arquiteto e decorador de provinciana inspiração rocaille”, como afirmou José-Augusto França.<sup>149</sup> José de Figueiredo Seixas compôs “o mais antigo tratado formal da ciência urbana escrito na Europa”.<sup>150</sup> As suas “utopias

---

<sup>147</sup> Segundo Rafael Moreira, a Primeira Parte foi traduzida do latim pelo P<sup>e</sup>. João Saraiva, do Porto, sobre a versão do editor Jeremias Wolff (Augsburgo, 1719); a Segunda Parte, de Figueiredo Seixas, do italiano (Roma, 1700 e 1723); cf., “Uma utopia urbanística pombalina: O «Tratado da ruação» de José Figueiredo Seixas”. In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, p. 134, nota 134, Vol. II.

<sup>148</sup> SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, pp. 177-178; leia-se a dissertação de OLIVEIRA, Eduardo Pires – *André Soares e o rococó do Minho*. Dissertação de Doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011, em particular o “Capítulo 5.2 A tratadística”, 1<sup>o</sup> vol., p. 258 e seguintes.

<sup>149</sup> FRANÇA, José-Augusto – *Lisboa Pombalina e o iluminismo*. 3<sup>a</sup> Edição (revista e actualizada) Venda Nova: Bertrand Editora, 1987, p. 30; p. 155.

<sup>150</sup> Cf. MOREIRA, Rafael – “Uma utopia urbanística pombalina: O «Tratado da ruação» de José Figueiredo Seixas”. In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, pp. 131-144, vol. II.

territoriais” são fruto da cultura iluminista do seu tempo.<sup>151</sup> O traçado rádio concêntrico da cidade do Porto, criado na Época dos Almadás, reflete a sua visão do território, que é de carácter normativo e de base geométrica como nas “cidades ideais” da Renascença.<sup>152</sup>

Em matéria de tratados e de literatura construtiva a documentação arquivística revela alguma informação de relevo. No Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto existe um documento, datado de 30 de Agosto de 1788, respeitante a uma edificação “nobre” que Gonçalo Pereira pretendia erguer na Praça de Santo Ovídio.<sup>153</sup> A planta da casa seguiu para aprovação na Junta das Obras Públicas que era presidida pelo Chanceler Governador José Roberto Vidal da Gama.<sup>154</sup> O processo chegou às mãos do Arquitecto da Relação do Porto, Damião Pereira de Azevedo, que tinha a seu cargo a inspeção das edificações do Porto e, em particular, a Praça de Santo Ovídio – “a mais bela desta cidade”.<sup>155</sup> Por essa mesma razão, o seu parecer foi desfavorável à execução da “habitação de hum nobre”.

Desconhecemos a planta e os alçados da construção, mas os argumentos do Arquitecto da Relação do Porto referem que o projeto estava fora dos cânones de Palladio e de Mr. Blondel. Vejamos as suas palavras:

---

<sup>151</sup> MOREIRA, Ana - *Utopias territoriais do Iluminismo em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, especialidade de Teoria e História da Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, orientada pelo Prof. Doutor Walter Rossa, 2006.

<sup>152</sup> Cf. Rafael Moreira cf. “Uma utopia urbanística pombalina: O «Tratado da ruação» de José Figueiredo Seixas”. In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, p. 143.

<sup>153</sup> AHCMP – *Cofre, 1801 (Jul-Ago)* - A-PUB1349, mç 102, fól. 136-137 (1788- Agosto, 30); um excerto do documento foi transcrito por Maria Helena Mendes Pinto in *José Francisco Paiva. Ensamblador e arquitecto [1744-1824]*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1973, p. 66; e também FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *O Porto na época dos Almadás. Arquitectura. Obras públicas*. Porto, 1988, p. 276-277, 1 vol.. Dada a relevância que este documento representa para o estudo da arquitetura nos finais do século XVIII, o mesmo foi transcrito integralmente no Apêndice Documental – Volume 2, da nossa Dissertação ( Documento Nº 1).

<sup>154</sup> José Roberto Vidal da Gama ocupava o lugar de Chanceler da Relação e Casa do Porto, com o governo dela, e de Presidente da Junta das Obras Públicas da mesma cidade, e encarregou o Arquitecto Damião Pereira de Azevedo de algumas plantas para instruir as informações; AHCMP – *Cofre, 1801 (Jul-Ago)* - A-PUB1349, mç 102, fól. 128.

<sup>155</sup> Damião Pereira de Azevedo era filho do Mestre e Entalhador Manuel Pereira Campanhã; cf. MAGALHÃES BASTO, Artur de - *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Publicações da Câmara Municipal do Porto. Gabinete de História da Cidade, Documentos e Memórias para a História do Porto – XXXIII, [S.d.], pp. 50-51. Sobre este artista leia-se o texto de VALENTE, Adelina – “Damião Pereira de Azevedo. Novos elementos sobre o arquitecto e entalhador portuense”. In *Revista de Artes Decorativas*. Porto: Citar / Universidade Católica. 4 (2010) 197-209.

*“[...]Os edifícios deste género devem conservar hum character, que não tenha a beleza e magnificência dos palacios, nem a simplicidade das casas subalternas; nelles não devem presidir as Ordens de Architectura, que produzem pequenas partes e huma disparidade no seu aspecto exterior: este edificio pois deve contemplar-se, em quanto à decoração exterior [...] figurando hum bello edificio, conformando-se esta planta quanto for possível com os preceitos, que devem observar-se nos edificios para o uso dos ricos particulares e nos que cercão as praças públicas [...].<sup>156</sup>*

É interessante notar que, enquanto Figueiredo Seixas propunha o *mirante* ou a *alta torre do Palácio*, para acentuar a verticalidade dos palácios, o Arquitecto da Relação do Porto sugeria a adoção do frontão triangular na fachada: *“[...]por cauza do ponto de distancia, de que as fachadas devem ser vistas, e se em qualquer casa se observa o levantar dous andares sobre as loges, com muito mais razão aqui, [...] e pede maior elevação, devendo der a altura dos andares relativa à grandeza da Praça [...] pelo que me parece que dividida a distancia proposta em diferentes corpos, formando pavilhoens aos lados, e hum corpo avançado no meio, corado por um frontão triangular, fará um bom efeito, e a alternção dos ditos corpos formará huma bella decoração [...].<sup>157</sup>*

Com a criação da Aula Publica de Debuxo e Desenho de 1779, instituída na cidade do Porto por proposta da Companhia da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro, foram criadas as condições para promover a formação e a qualificação de quadros qualificados no domínio das «Artes».<sup>158</sup>

O Projeto para a «elevação de um belvedere» a construir junto ao lago do fundo da quinta de João Neville, da autoria de Damião Pereira de Azevedo em 1792, mostra a tendência neoclassicista da arquitetura residencial nos finais do século XVIII (**EST. 12**). O mesmo se conclui pelo desenho da fachada da Quinta das Virtudes, da autoria do Ensablador e Arquitecto José Francisco Paiva. Porém, a obra não foi executada conforme o Desenho do Projeto original que está conservado no Museu

---

<sup>156</sup> AHCMP – *Cofre, 1801 (Jul-Ago)* - A-PUB1349, mç 102, fól. 136-137 (1788- Agosto, 30), fol. 136-136v.

<sup>157</sup> AHCMP – *Cofre, 1801 (Jul-Ago)* - A-PUB1349, mç 102, fól. 136-137 (1788- Agosto, 30), fol. 136v.

<sup>158</sup> O estabelecimento Aula Publica de Debuxo e Desenho no Porto surgiu no decurso das Aulas de Comércio (1759) e de Náutica (1762) por ação do Marquês de Pombal; cf. NONELL, Anni Günther – *Porto, 1763 / 1852. A construção da cidade entre o despotismo e o iluminismo*. 1ª Edição. Porto: FAUP [Faculdade de Architectura da Universidade do Porto], 2002, p. 56.

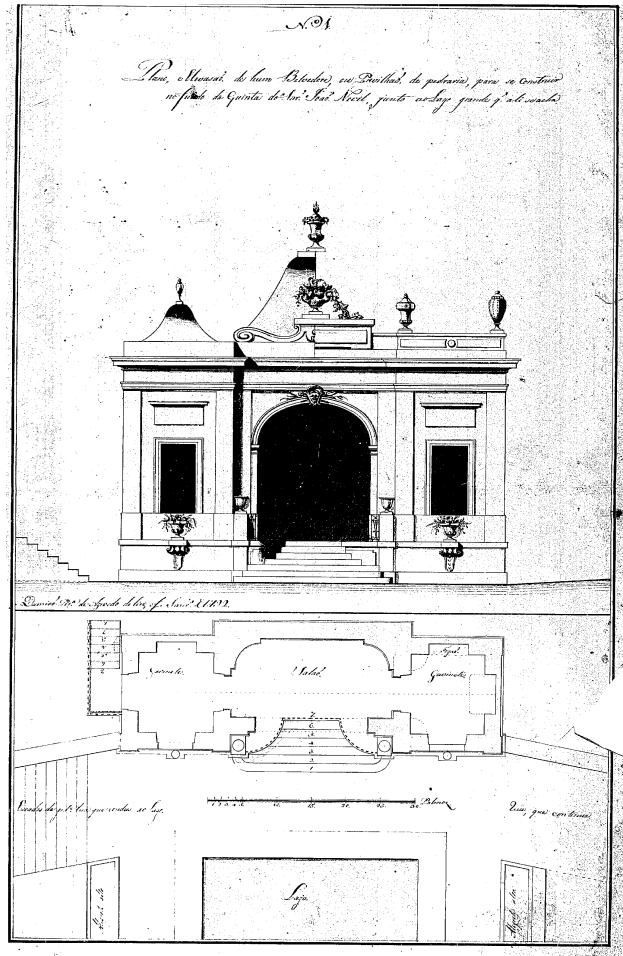
Nacional de Arte Antiga”.<sup>159</sup> O desenho da Casa de José Pinto Meireles é um bloco quadrangular com corpo central saliente e rusticado no térreo. A portada, antecedida por uma escadaria com oito degraus, serve de eixo de composição da fachada e é marcada por três vãos de volta perfeita, tal como as três janelas do corpo central do piso nobre, que contrastam com as vergas retas dos vãos das secções laterais nos dois pisos. O alçado é delimitado por cunhais rusticados. Para ritmar o plano da fachada José Francisco Paiva aplicou pilastras na secção central do piso nobre, tal como fez na fachada da casa de Morais e Castro.<sup>160</sup> Sobre a cimalha eleva-se um frontão triangular com as armas dos Pinto-Meireles ao centro.

José Francisco Paiva marcou uma nova etapa na evolução da arquitetura residencial e esteve na génese do *típico palacete* que proliferou no Oitocentismo para satisfazer o gosto e o aparato da burguesia portuense.

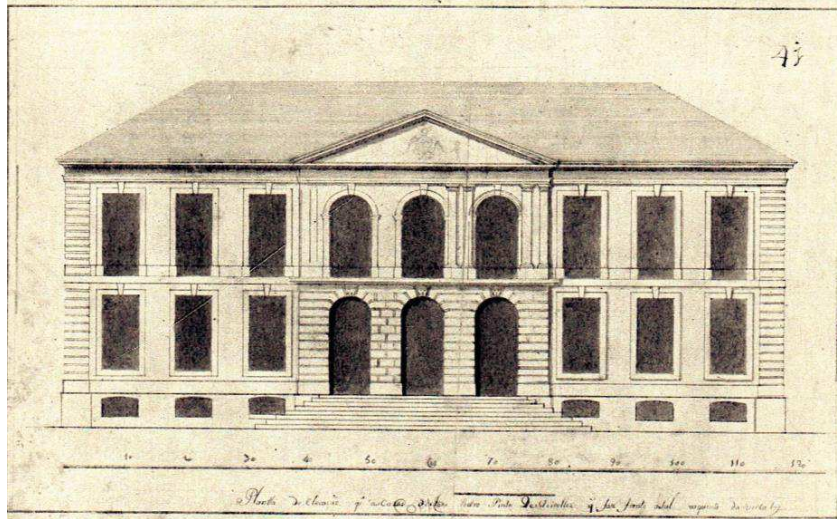
---

<sup>159</sup> PINTO, Maria Helena Mendes – *José Francisco Paiva. Ensamblador e arquitecto [1744-1824]*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1973, pp. 66-67.

<sup>160</sup> GOMES, Paulo Varela – “Expressões do Neoclássico”. In *Arte Portuguesa. Da Pré-história ao Século XX*. (Coordenação geral de Dalila Rodrigues). [Pedroso- V. N. Gaia]: Fubu Editores, SA, 2009, p. 93.



**EST. 12 - AHCMP - Projeto para um pavilhão em pedra, a construir ao fundo da quinta de João Neville, junto ao lago, da autoria de Damião Pereira de Azevedo.**  
 Documento/Processo, 1792/01 – 1792/01  
 Cota: D-CDT/A3-525 (1 folº.)



**EST. 13** - Planta de elevação p<sup>a</sup> as cazas de José Pedro Pinto de Meirelles q. faz frente o Sul na «Quinta das Virtudes», Escala marcada de «0 a 120» [palmos]. Inscrição a tinta – Arquitecto José Francisco Paiva. In PINTO, Maria Helena Mendes – José Francisco Paiva. *Ensamblador e arquitecto [1744-1824]*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1973, p. 66.

### 2.3 A cidade fora de portas. As quintas de Campanhã e Cedofeita

Heinrich Friedrich Link, acompanhante do conde Hoffmanssegg que financiou e promoveu a viagem a Portugal entre 1797 e 1799,<sup>161</sup> ficou impressionado com o Porto, que considerava “a cidade mais limpa do país” e rodeada por campos bem cultivados, que faziam lembrar uma cidade inglesa.<sup>162</sup> Este viajante e naturalista elogiou os jardins das casas em redor do Porto “onde, entre árvores alemãs cresciam por assim dizer bravias as magnólias, o jasmim-do-cabo (*gardénia florida*), a oliveira aromática (*Olea fragrans*), o arbusto do chá e o gerânio do Cabo. (...)”<sup>163</sup>

Quando D. José Cornide visitou o Porto no ano de 1800 deixou-se encantar com as “hermosas quintas en que compite el arte con la naturaleza, pródiga en saborosas

<sup>161</sup> Cf. Fernando Clara – “Tradução, introdução e notas” in - *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha*. [Fernando Clara – “Tradução, introdução e notas”]. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2005, p. 7.

<sup>162</sup> *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha*. [Fernando Clara – “Tradução, introdução e notas”]. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2005, p. 197.

<sup>163</sup> - *Notas de viagem a Portugal e através de França e Espanha*. (...) 2005, p. 201.

*frutas y en diversidad de flores, que en parte se deben al buen gusto de los muchos extranjeiros que habitam en aquéllas, y à las que van á divertirse en los días de fiesta y en outros que su comercio no les ocupa en la ciudad*".<sup>164</sup>

No século XVIII, na margem direita do Douro, junto à foz dos rios Tinto e Torto, onde as terras eram férteis e as águas abundantes, florescia as quintas de recreio. Agostinho Rebelo da Costa elogia a Quinta do Prado dos bispos do Porto, mas "que não a estimam tanto como a Quinta de Santa Cruz [do Bispo]".<sup>165</sup> Diz o mesmo presbítero que a Quinta da China se destacava pela "grandeza da sua casa, do seu terreno, jardins, árvores e muros (...)".<sup>166</sup>

Esta área da cidade do Porto preserva um rico Património Arquitectónico Civil e Religioso. Nos finais da década de 1960, o P<sup>e</sup>. Tavares Martins inclui na sua rica monografia sobre Campanhã elementos relevantes sobre as residências aristocráticas instaladas na mesma paróquia.<sup>167</sup> Em 1991 foi também publicada uma nova monografia sobre a história de Campanhã, mas no capítulo das habitações nobres não acrescentou nada de novo.<sup>168</sup>

Aqui se estabeleceram duas importantes casas apalaçadas associadas à traça do arquiteto Nicolau Nasoni: o Palácio do Freixo e a Quinta do Bonjói, dois exemplares de vulto da arquitetura barroca e rococó, até agora os mais estudados.<sup>169</sup>

A Quinta *de Bomjoi* ou de *Benjóia* e depois de Bonjóia<sup>170</sup> pertencia a D. Lourenço de Amorim da Gama Lobo, "homem de negócios no Porto".<sup>171</sup> Tendo em

---

<sup>164</sup> CORNIDE, D. José - *Estado de Portugal en el año de 1800*. In *Memorial Historico Español - colección de documentos, opúsculos y antigüedades que publica la Real Academia de la Historia*. Madrid: Imprenta y Fundición de Manuel Tello, 1893, 1<sup>o</sup>. vol., pp.186-187.

<sup>165</sup> COSTA, Pe. Agostinho Rebelo da - *Descrição topográfica e Histórica da cidade do Porto*. 2<sup>a</sup>. Edição. Porto: Livraria Progredior, 1945, p. 68.

<sup>166</sup> COSTA, Pe. Agostinho Rebelo da - *Descrição topográfica e Histórica da cidade do Porto*. 2<sup>a</sup>. Edição. Porto: Livraria Progredior, 1945, p. 68.

<sup>167</sup> MARTINS, Pe. Tavares - *Paróquia de Santa Maria de Campanhã. (Subsídios para a sua monografia)*. Porto, 1966; leiam-se também os textos: "Antigas Quintas da Paróquia de Campanhã (Breves notas)". *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Vol. XXXII. Fasc. 1-2. (Mar-Jun. 1969) 673-678.

<sup>168</sup> MEIRELES, Miguel Ferreira ; RODRIGUES, Agostinho B. Vieira (Coordenação) - *Campanhã. Estudos monográficos*. Porto, 1991.

<sup>169</sup> SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, pp. 152-158.

<sup>170</sup> MARTINS, Pe. Tavares - *Paróquia de Santa Maria de Campanhã. (Subsídios para a sua monografia)*. Porto, 1966, p. 627.

vista erguer um «novo palácio» na sua propriedade, em 21 de março de 1759 contratou o mestre pedreiro Miguel dos Santos.<sup>172</sup> O projeto inicial previa um corpo central com duas torres laterais, mas a obra ficou reduzida a metade.

Desconhece-se o autor das cinco plantas do «palácio». Giovanni B. Tedesco considera que a autoria do risco do edifício não pode ser de Nasoni, dado que o estilo classicizante da fachada não corresponde ao programa decorativo desse artista toscano. Admite, no entanto, que foi Nasoni quem executou a ornamentação da portada das janelas e da escadaria exterior.<sup>173</sup>

Robert Smith salienta a primorosa execução do “*majestoso paredão do grande terraço (...)*”<sup>174</sup> ao centro do qual se abre a escadaria de aparato de dois lanços divergentes / convergentes **(EST. 14)**.

O edifício mais emblemático da chamada Zona Oriental do Porto é a «*quinta*» ou «*palácio*» do Freixo». Tal como a Casa de Bonjóia, a obra permaneceu inacabada. As quatro fachadas diferentes do «palácio» mostram que o projeto foi executado de forma faseada. Foi o Deão D. Jerónimo de Távora Noronha Leme e Cernache que incumbiu Nicolau Nasoni para dirigir o projeto.<sup>175</sup> Na base da sua conceção temos um conjunto de soluções estruturais inovadoras, designadamente ao nível da planta, que é quadrangular, e a existência de quatro torres angulares e telhados piramidais. Os motivos decorativos da portada sugerem “o modelo decorativo do frontispício do *Terceiro e Quarto Libro de Architectura* de Serlio”<sup>176</sup> **(EST. 15)**. O esforço decorativo da

---

<sup>171</sup> Henrique Duarte e Sousa Reis citado por Robert Smith - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, p. 157.

<sup>172</sup> *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, p. 157.

<sup>173</sup> TEDESCO, Giovanni Battista – *Nicolau Nasoni : formação de um pintor e de um artista da arte efémera em Itália (1691-1723)*. Porto: Tese de doutoramento em História de Arte Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011, p. 236. *Versão em formato eletrónico*.

<sup>174</sup> *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, p. 158.

<sup>175</sup> «(...) *A coal obra de será bem feita de boas Madeiras, boa pregaria, a contento delle Reverendo Deão, e do seu irmão Vicente de Távora e Noronha e de Niculao Nasoni (...)*”; in MAGALHÃES BASTO, Artur de - *Apointamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Publicações da Câmara Municipal do Porto. Gabinete de História da Cidade, Documentos e Memórias para a História do Porto – XXXIII, [S.d.], p. 69.

<sup>176</sup> A portada foi deslocada para Vitorino das Donas (Ponte de Lima); cf. FERREIRA -ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* p. 135.

Robert Smith fez uma boa caracterização dos jardins e do Palácio do Freixo; cf. *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, pp. 152- 157; J. Ferreira-Alves descreve os interiores

fachada manifesta-se sobre os lintéis das aberturas, cujo reportório também se observar na Quinta da Prelada (**EST. 16**)

Sobre a Quinta do Freixo escreveu Henrique Duarte e Sousa Reis, um conhecido *cronista* ou *memorialista* da cidade do Porto Oitocentista:

*“Admirar vos heis, quando observardes a fachada voltada ao Sul entre dous corpos, que figurão torres coroadas de pyramides, tendo trez ordens de janelas corridas r correspondentes a outros tantos andares, as quaes são altas e elegantes, e rematadas por coronigens e ornatos salientes e muito visíveis; no primeiro andar, que não pode dar-se-lhe o nome de térreo por ser assaz superior ao rez do jardim frontal, vê se no centro do corpo do meio huma porta com escadarias de pedra, que ministão a comunicação com o mesmo jardim; o qual tem no centro uma volumosa taça d`água repuxada em grande quantidade, e he cercado por trez lados de balaustradas de granito finíssimo; o prospeto do palacio por esta parte e como sahido d`entre a verdura dos arvoredos, ou dos campos e emminencias, que lhe ficção nas costas he surpreendente. (...)».*<sup>177</sup>

Neste projeto Nicolau Nasoni afirmou os seus dotes de arquiteto-paisagista, tal como fizera nos jardins da Casa dos Fidalgos da Prelada.

A influência da tratadística divulgada no século XVI está patente no desenho da portada do Palácio do Freixo que foi inspirada no frontispício do *Tercero y Quarto libro de Architectura de Serlio*.<sup>178</sup> O seu majestoso *belvedere*, em forma de um hemicíclo, integra dois *pequenos pavilhões* laterais e um arco que dá acesso à residência (**EST. 17**). Elemento essencial é o *nicho* que, segundo Robert Smith, “parece homenagear a Soberana Ordem de Malta”, tal como a presença das guaritas do paredão.<sup>179</sup>

A respeito dos jardins, Ana Duarte Rodrigues distingue “um terraço *à la française* e outra zona com terraços estreitos em socalcos típicos da arquitetura

---

do Palácio baseado no manuscrito Henrique Duarte e Sousa Reis in *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* pp. 139-141

<sup>177</sup> SOUSA REIS, Henrique Duarte e - *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna do Porto*. Fixação de texto, introdução, notas e índice por Maria Teresa Pinto Machado. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1991, 4 vols, citado por FERREIRA -ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* p. 135.

<sup>178</sup> A portada foi transferida para Vitorino das Donas (Ponte de Lima); FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna*. Lisboa: Edições INAPA, 2001, pp. 135.

<sup>179</sup> SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, p. 153.

paisagista barroca portuguesa (...)”, com estátuas supostamente transferidas para a Quinta de Vilar de Allen que fica junto ao Palácio.<sup>180</sup>

Depois de muitas ideias e de vários estudos para salvaguardar este Património Edificado que foram coordenados pelo arquiteto Fernando Távora nos finais dos anos de 1980 e 90, paradoxalmente, por inoperância dos organismos do Estado, a Quinta do Freixo passou a ser utilizado como unidade hoteleira, uma solução que começa a ser generalizada no nosso país, mas que é tão displicente como a conversão dos conventos em quartéis feita há um século e meio atrás.

A Quinta da Revolta é também conhecida por Horto do Freixo.<sup>181</sup> Desconhece-se a história da casa, mas há indícios que a sua origem remonte ao século XV. A Capela da Nossa Senhora da Conceição que está adjacente à casa e o brasão imponente que sobrepuja o portal da propriedade são elementos artísticos de relevo. A Casa serviu de veraneio à família da 2ª Condessa de Balsemão que tinha residência principal no antigo Largo dos Ferradores (atual Praça Carlos Alberto), na chamada Casa dos Viscondes de Balsemão e depois do Viscondes da Trindade.<sup>182</sup>

Na atualidade a propriedade evidencia abandono e é notório o estado de degradação do portal armoriado (**EST. 18**). Em risco de desaparecimento está a Quinta de Vila Meã, outrora uma extensa propriedade rural composta por «casa nobre», capela, jardins, pomar (...).<sup>183</sup>

No século XVIII, nas terras do Priorado de Cedofeita, a *Ocidente* do núcleo urbano do Porto, as elites aristocráticas preferiam instalar aqui as suas quintas devido

---

<sup>180</sup> RODRIGUES, Ana Duarte – *A escultura de jardim das quintas e palácios dos séculos XVII e XVIII em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011, pp. 194-195.

<sup>181</sup> MEIRELES, Miguel Ferreira ; RODRIGUES, Agostinho B. Vieira (Coordenação) - *Campanhã. Estudos monográficos*. Porto, 1991, p. 265 e segs.

<sup>182</sup> MARTINS, Pe. Tavares – “Antigas Quintas da Paróquia de Campanhã (Breves notas)”. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Vol. XXXII. Fasc. 1-2. (Mar-Jun. 1969) 673-678; “Antigas Quintas da Paróquia de Campanhã”. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto* . - Vol. 32, fasc. 3/4 (Set./Dez. 1969) 661-710.

<sup>183</sup> MEIRELES, Miguel Ferreira ; RODRIGUES, Agostinho B. Vieira (Coordenação) - *Campanhã. Estudos monográficos*. Porto, 1991, pp. 282-283.

à proximidade oceânica. Nesta época, a paisagem campestre integrava o extenso *continuum rural* do *julgado* de Bouças que se prolongava pelas terras da Maia.<sup>184</sup>

A Quinta de Santo Ovídio estava localizada junto às portas da cidade (**EST. 19**).<sup>185</sup> A propriedade estava aforada ao Priorado de Cedofeita, “de livre nomeação, em três vidas, renovado em 1776, a favor de João Carneiro de Araújo e Melo, cuja mãe e herdeira, D. Maria Pacheco, a vendeu no mesmo ano a João de Figueiroa Pinto”. Segundo Vasco Valente foi este proprietário e depois dele o seu filho, Manuel de Figueiroa Pinto, que valorizaram a quinta, edificando uma nova habitação e mandaram “plantar os vastos e magníficos jardins”.<sup>186</sup> Posteriormente a quinta transitou para a posse de Manuel Pamplona Carneiro Rangel Veloso Barreto de Miranda e Figueiroa (1774-1849), o 1º Visconde de Beire. A sua filha primogénita D. Maria Balbina Pamplona Castro Rangel recebeu o título de condessa de Resende após o seu casamento com António Benedito Castro, quarto conde de Resende. A filha dos condes de Resende, D. Emília de Castro Pamplona (1857-1934) viria mais tarde a casar com o romancista Eça de Queiroz.<sup>187</sup>

Este mesmo notável romancista refere a Quinta dos viscondes de Beire como sendo “*Hum dos predios mais nobres dessa cidade (Porto) e que mais concorria para ornamento della pelos edificios, jardins e mais pessoas (sic) que a constituição.*”<sup>188</sup>

Graças aos desenhos de Vilanova e também e às duas telas que representam a Quinta e que fazem parte da coleção do Museu Nacional Soares dos Reis, podemos fazer uma ideia da habitação e do jardim. Entre os vários aspetos a salientar

---

<sup>184</sup> O *Mappa da Provincia d'Entre Douro e Minho* elaborado por Custódio Vilas Boas, nos anos de 1794-1795, insere a Paróquia de Cedofeita no Julgado de Bouças. Contudo, observa que a mesma se acha incorporada na cidade do Porto; cf. CRUZ, António - *Geografia e economia da Província do Minho nos finais do século XVIII*. Porto, 1970.

<sup>185</sup> ANDRESEN, Teresa ; MARQUES, Teresa Portela – *Jardins históricos do Porto*. Porto: Edições Inapa, 2001, p. 34.

<sup>186</sup> VALENTE, Vasco – “Achegas arqueológicas e iconográficas. Casa e Quinta de Santo Ovídio”. *O Tripeiro*. Série V. Ano 5 (1949) 80; citado por ANDRESEN, Teresa ; MARQUES, Teresa Portela – *Jardins históricos do Porto*. Porto: Edições Inapa, 2001, p. 34.

<sup>187</sup>- Condes de Resende - Emília de Castro Pamplona:

[http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/eca\\_queiroz/mulher.html](http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/eca_queiroz/mulher.html)

<sup>188</sup> VALENTE, Vasco – “Achegas arqueológicas e iconográficas. Casa e Quinta de Santo Ovídio”. *O Tripeiro*. Série V. Ano 5 (1949) 80, citado por ANDRESEN, Teresa ; MARQUES, Teresa Portela – *Jardins históricos do Porto*. Porto: Edições Inapa, 2001, p. 34.

destacamos a casa com rés-do-chão e andar.<sup>189</sup> A planta em forma de U e o desenho das duas fachadas distintas, com corpo central recuado em relação às alas, sendo a mais importante a que estava voltada para o jardim **(EST. 20 A – B)**. O eixo compositivo vertical está centrado na portada e janela de sacada. A articulação da casa com o jardim era feita através de uma escadaria de um só lanço **(EST. 20 A)**.

À semelhança do que sucedeu a muitas habitações nobres da cidade e dos arredores, a quinta de santo Ovídio não resistiu aos projetos urbanísticos delineados pelas “vereações setembristas” que pretendiam reformular a área do Campo da Regeneração (1838). Os terrenos dos Quinta foram expropriados e os jardins arrasados<sup>190</sup>

Ainda na freguesia de Cedofeita fica a Quinta de Santo António da Boavista, também conhecida por Quinta das Águas Férreas, situada quase paredes meias com a quinta dos Viscondes de Beire.<sup>191</sup> Pertencia a José de Sousa Melo da Cunha Sotomaior após o casamento com a 2ª viscondessa de Veiros, D. Maria Rita Leite de Sousa Freire Salema de Saldanha e Noronha.<sup>192</sup> Aqui residiu o cônsul britânico do Porto, Oswald Crawford, que tem sido referido neste estudo em virtude do seu interesse pela vida do campo e pelos desportos ao ar livre. O seu livro *Portugal old and new* (1882) contém uma ilustração da Casa das Águas Férreas apesar do autor não a referir em concreto **(EST. 21)**.<sup>193</sup>

Atualmente o edifício está sob a tutela do Ministério da Justiça e alberga o Instituto de Reinserção Social. Sabe-se muito pouco a respeito da sua história. A propriedade teria pelo menos vários acessos; um, pelo lado nascente no ponto mais alto do terreno junto à Igreja da Lapa, que dava início a um percurso paisagístico de

---

<sup>189</sup> Seguimos de perto a descrição feita por FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna*. Lisboa: Edições INAPA, 2001, p. 120.

<sup>190</sup> Os terrenos da Quinta de Santo Ovídio foram sacrificados para a abertura da Rua de Álvares Cabral (1895); veja-se o texto de MARÇAL, Horácio – “O antigo Campo da Regeneração e as suas zonas periféricas”. *O Tripeiro*. Série VI. Ano VI (1966) 237-244; leia-se também a dissertação de NONELL, Anni Günther – *Porto, 1763 / 1852. A construção da cidade entre o despotismo e o iluminismo*. 1ª Edição. Porto: FAUP [Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto], 2002, pp. 367-368.

<sup>191</sup> - Está assinalada precisamente junto ao círculo da Planta de George Balck com a legenda “Quinta do Sr. José de Sousa Mello” (EST: 19).

<sup>192</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna*. Lisboa: Edições INAPA, 2001, p. 55.

<sup>193</sup> Nesta obra podemos identificar uma ilustração da Casa das Águas Férreas; cf. CRAWFURD, Oswald - *Portugal old and new*. London: Kegan Paul, Trench, & Co., 1882, p. 131.

alto valor cenográfico, com um mirante voltado para o mar e para os campos lavrados, das hortas, jardins (...) em direção à porta de acesso a antiga estrada de Cedofeita.<sup>194</sup> O acesso à residência fazia-se através de uma porta lateral em direção ao *pátio de honra* que vemos na imagem de Crawford, com chafariz ao centro. A fachada norte apresenta dois pisos ligados por escada de cantaria de um só lanço. O térreo é rasgado por arcos de volta perfeita e o andar com alpendre sustentado por colunas.

A planta da casa tem a forma de um U. A fachada sul é a mais imponente, com características apalaçadas e a sua construção deve remontar aos inícios do século XIX (EST. 22). Desconhecemos o percurso da família dos Sousa e Melo que possuiu a Casa. Uma imagem publicada num periódico datado de 1839 revela que a mesma pertencia ao Asilo da Mendicidade. Na imagem vemos a monumental escadaria de acesso à casa, com as suas “estátuas alegóricas” que refletem o *mundo das representações*<sup>195</sup> da sociedade aristocrática portuense.

Sintetizando, no século XVIII, os arquitetos António Pereira e Nicolau Nasoni chegaram ao Porto para trabalhar nas obras da Sé do Porto, mas também deixaram marcas da sua presença na Casa-Palácio de S. João-o-Novo. A fachada reflete os cânones do barroco e o programa dos espaços interiores influenciaram a composição funcional das habitações nobres do Porto setecentista.

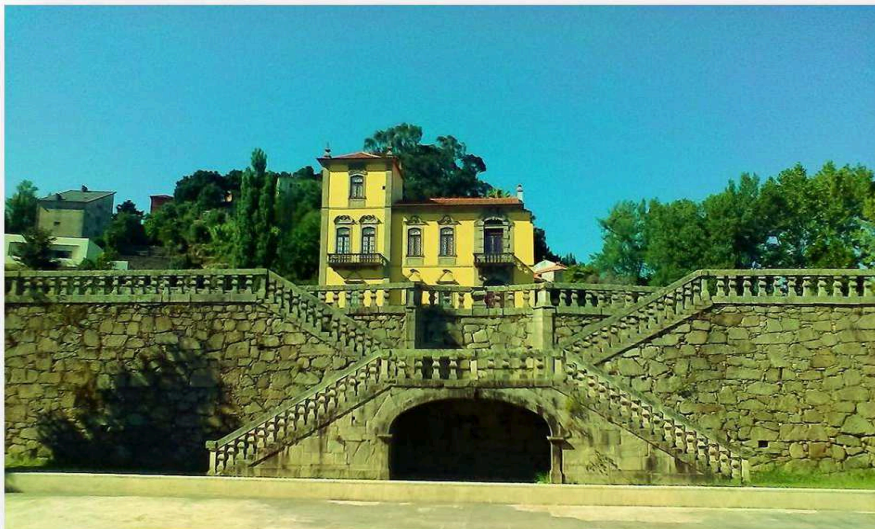
A segunda metade do século XVIII corresponde à Época dos Almadás que foi marcante para a história da cidade do Porto. Foi neste contexto que se realizaram as grandes transformações urbanísticas e arquitetónicas e se destacou José de Figueiredo Seixas, *Mestre da Aula de Riscar da cidade do Porto*. O seu *Tratado da Ruação* reflete os princípios e os modelos da «cidade ideal» a partir dos quais define as suas propostas de ordenamento do território, as novas diretrizes urbanísticas para a cidade, bem como os princípios normativos de base para a edificação das moradias rústicas, das casas nobres e dos palácios.

---

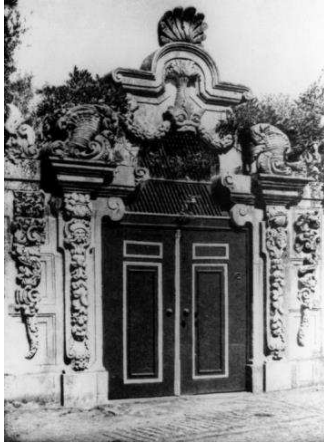
<sup>194</sup> Cf. ANDRESEN, Teresa ; MARQUES, Teresa Portela – *Jardins históricos do Porto*. Porto: Edições Inapa, 2001, p. 40.

<sup>195</sup> MATOS, José Sarmento de - “Arquitectura civil”. In José Fernandes PEREIRA (Direcção); Paulo PEREIRA (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 38.

No século XVIII, nas antigas paróquias de Campanhã e Cedofeita, as elites aristocráticas portuenses edificaram várias casas de campo que serviam de residências temporárias e eram ocupadas para fins lúdicos. Neste contexto temos os exemplos do Palácio do Freixo, da Quinta de Bonjória, obras que ficaram por concluir; e as quintas de Santo Ovídio e das Águas Férreas em Cedofeita que mantinham uma boa relação com a envolvente rural. Porém, foi no sentido oposto, nas terras do antigo *Julgado* ou *Concelho* de Bouças, que na mesma época se desenvolveram as grandes *quintas* senhoriais entre os séculos XVIII e XIX, assunto que iremos desenvolver na Terceira Parte.

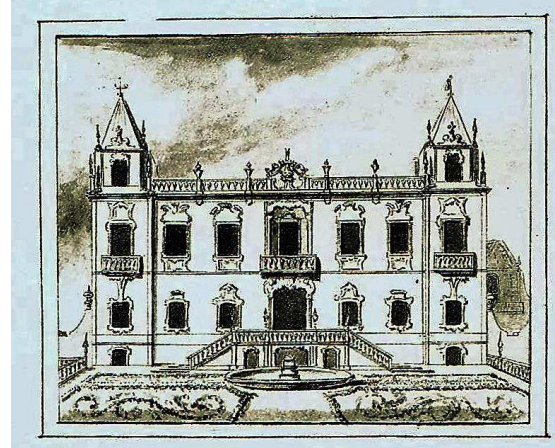


**EST. 14** - Quinta de Bonjória



**EST. 15** – Portal de Nasoni na Quinta do Freixo.

AHCMP - Pormenor do portão ornamentado da Quinta do Freixo e que agora se encontra em Vitorino das Donas, Ponte de Lima.



**EST. 16** - Quinta do Freixo

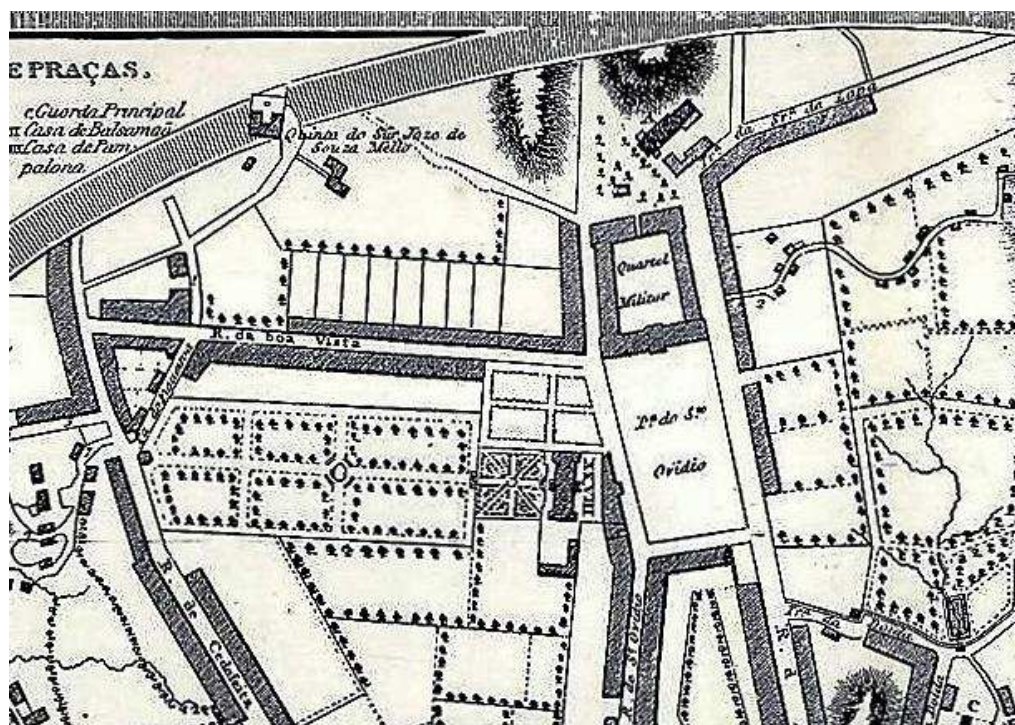
*Álbum de desenhos e Joaquim Cardoso Vitória Vilanova (1833) nº 90.*



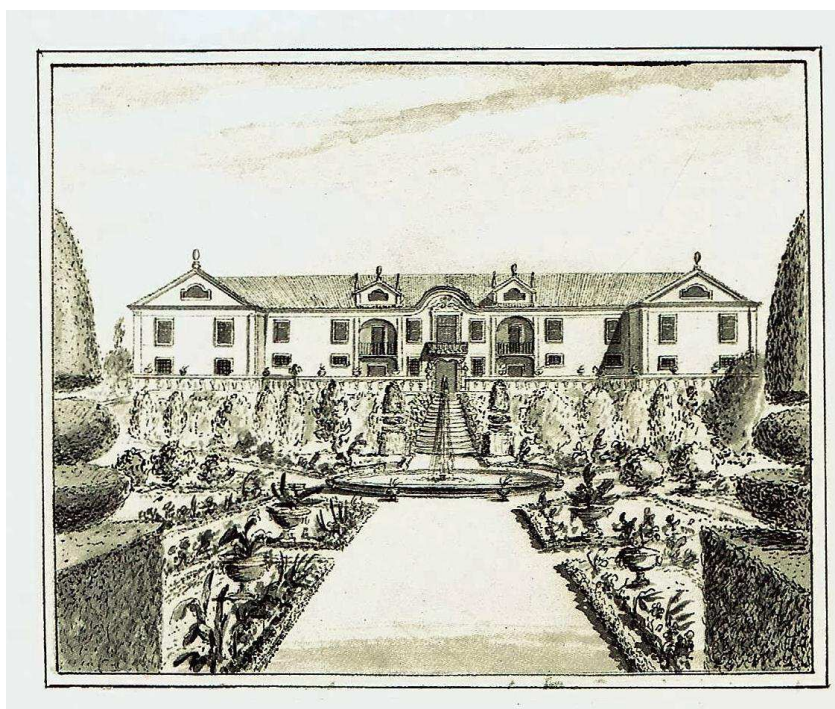
**EST. 17** – Palácio do Freixo – Pormenor do «Belvedere».



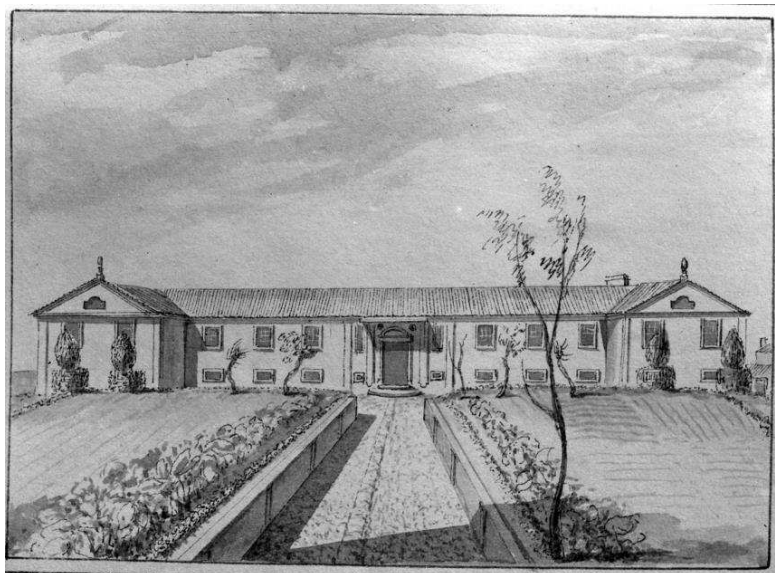
**EST. 18 – Quinta da Revolta**



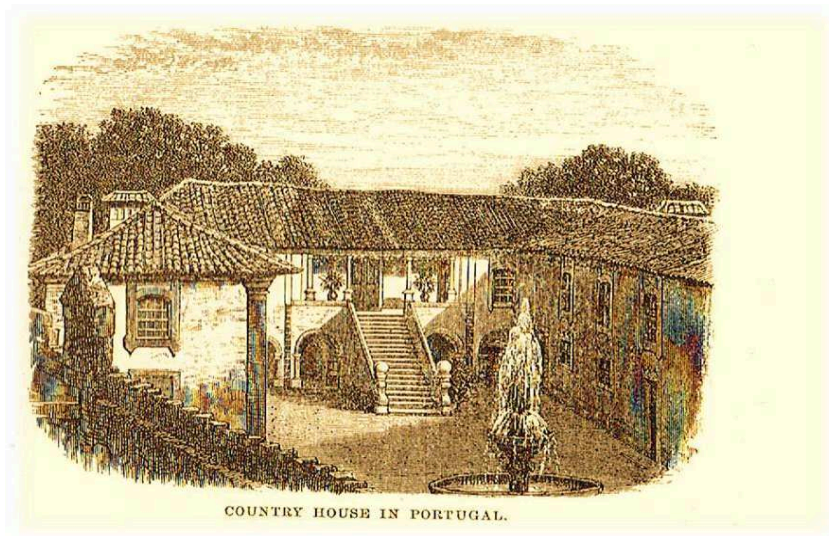
**EST. 19 - AHCMP – Pormenor da Planta da Cidade do Porto, da autoria de George Balck, originalmente publicada em 1813 (veja-se a planta completa no Volume 2 (Sec. II – DOC. 4, V2). Planta dedicada ao Brigadeiro Nicolau Trant. Cidade do Porto : [planta redonda]. A casa e os jardins da Quinta dos Pamplonas, ou dos viscondes de Beire, estão assinalados no lado esquerdo da Praça de Santo Ovídio ( atual Praça da República).**



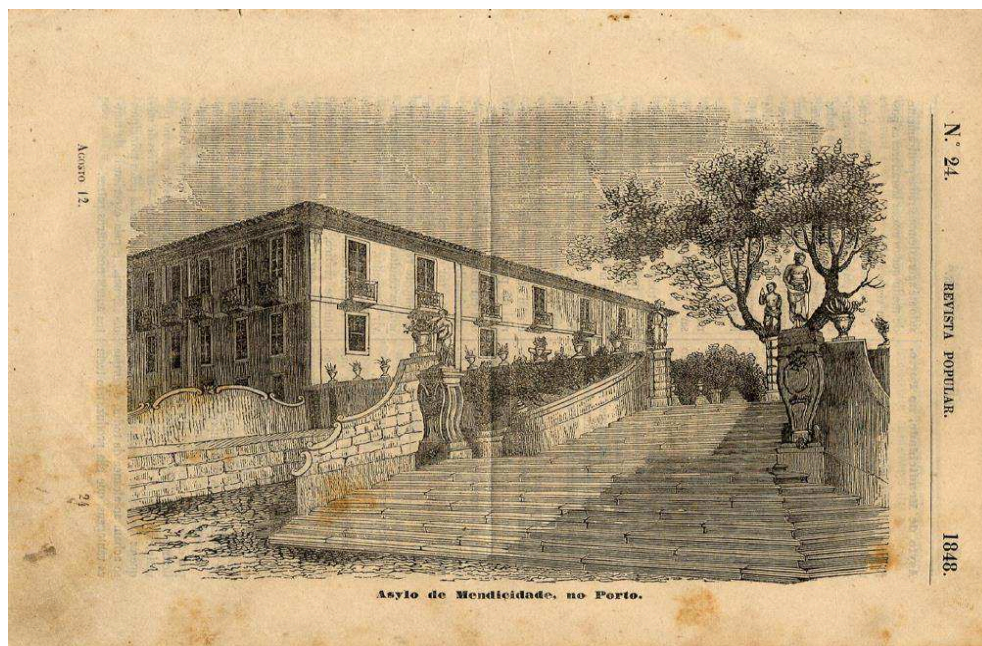
**EST. 20 - A** - Quinta dos viscondes de Beire ou Casa Pamplona (habitação e jardim). *Álbum de desenhos e Joaquim Cardoso Vitória Vilanova (1833) nº 30.*



**EST. 20 - B** - Quinta dos viscondes de Beire ou Casa Pamplona (habitação e jardim). *Álbum de desenhos e Joaquim Cardoso Vitória Vilanova (1833) nº 31.*



**EST. 21 - Ilustração da Casa das Águas Férreas (alçado norte).** Fac-símile da obra de CRAWFURD, Oswald - *Portugal old and new*. London: Kegan Paul, Trench, & Co., 1882, p. 131.



**EST. 22 – Angulo das fachadas sul / nascente (escadaria).** “Exemplar do semanário *Revista Popular*, n.º 24, com gravura representando uma perspetiva da fachada sul da Casa das Águas Férreas, vendo-se a escadaria do jardim, ladeada de estátuas alegóricas. A imagem foi baseada em gravura original, da autoria de António dos Santos Dias, publicada cerca de 1839, com o título *Vista do Palácio dos Sousa e Melos (...)*».

Lisboa.

AHCMP - *Asilo de Mendicidade, no Porto. Documento/Processo, 1848 – 1848.*



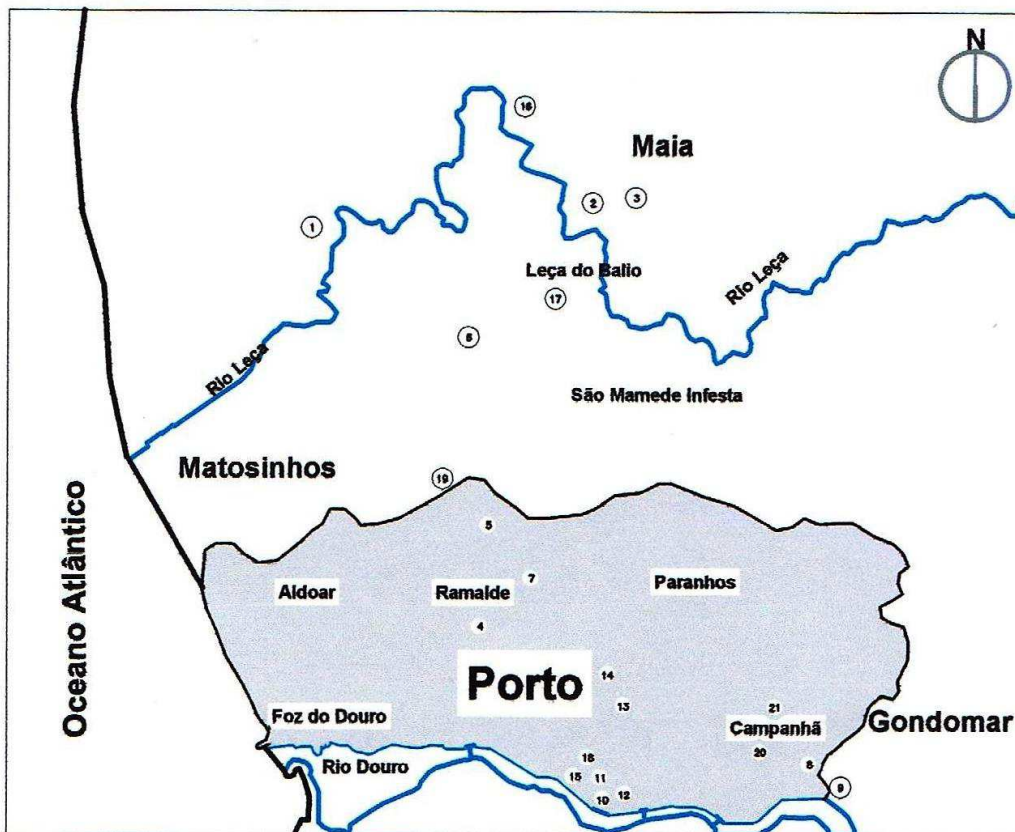
---

**PARTE III**

**"SI BENE AEDIFICAVERIS (...)" - ENTRE A RURALIDADE E A VILEGIATURA**

A Terceira Parte do estudo focaliza os edifícios que foram a base do nosso trabalho. Como se pode depreender da análise do Quadro 1 (infra texto) trata-se de edifícios com cronologias e tipologias diferentes.

Do ponto de vista temporal todos têm em comum o facto das grandes inovações arquitetónicas terem ocorrido na fase áurea do setecentismo barroco e rococó. E se grau da abordagem (*social, arquitetónica, artística, social, económica*) pode ser variável, o enquadramento teórico e prático deste trabalho segue a mesma linha com vista à integração histórica e à valorização do Património Arquitetónico dos *Imóveis*, cuja localização consta na Estampa Nº 23.



### EST. 23 - Localização das quintas e casas aristocráticas do Porto e vale do Rio Leça

(Escala aprox. 1: 1000)

Fonte:- *Carta corográfica de Portugal - Folha 9-C - Porto* -, escala 1:50.000. Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos. Lisboa, 1957.

- 1 – Quinta de Santa Cruz do Bispo (Matosinhos)
- 2 - Quinta e Casa do Chantre (Matosinhos)
- 3 – Quinta e Casa de Fafiães (Matosinhos)
- 4 – Quinta Queimada ou Casa de Ramalde (Porto)
- 5 - Quinta e Casa do Rio (Porto)
- 6 – Quinta de Sam Thiago (Matosinhos)
- 7 - Quinta e Casa da Prelada (Porto)
- 8 – Quinta da Revolta (Porto)
- 9 – Palácio do Freixo (Porto)
- 10- Casa de São João-o-Novo (Porto)
- 11 – Casa Leite Pereira de Melo (Porto)
- 12- Casa Pacheco Pereira (Porto)
- 13 – Quinta de Santo Ovídio (Porto)
- 14 – Quinta de Santo António da Boavista (Porto)
- 15 - Casa dos Portocarrero (Porto)
- 16 – Quinta dos Cónegos (Maia)
- 17 – Quinta do Alão ou Casa de Recarei (Matosinhos)
- 18 – Quinta das Virtudes (Porto)
- 19 – Quinta do Viso (Matosinhos)
- 20 – Quinta de Bonjóia (Porto)
- 21 – Quinta de Vila Meã (Porto)

## 1. QUADRO EVOLUTIVO DAS TIPOLOGIAS CONSTRUTIVAS

EDIFÍCIOS	Freguesia	Época (séculos)	Proprietários	Planta	Fachada	CAPELA (Orago)
«PALÁCIO» de D. MAFALDA [SCB]	Santa Cruz do Bispo (Mats)	XVI-XX	Bispado do Porto	Em forma de U	Lisa, com piso térreo e andar	São Sebastião Nossa Senhora do Livramento – São Brás, Nossa Senhora da Guia.
QUINTA E CASA DE FAFIÃES [QFF]	Leça do Balio (Mats)	XVIII	Manuel Barbosa de Albuquerque e e Natividade ...	Em forma de L	Lisa, com piso térreo e andar	«Nossa Senhora do Desterro»; incorporada à casa
QUINTA E CASA DO CHANTRE [CHT]	Leça do Balio (Mats)	XVIII XIX	Fernando Barbosa de Albuquerque e e herdeiros	Retangular	Lisa com piso térreo, andar e torre com dois pisos	Orago: desconhecido; incorporada à casa.
QUINTA E CASA DE RAMALDE [CRM]	Ramalde (Prt)	XVI XIX	Morgados de Ramalde	Retangular	Lisa com piso térreo, andar e torre recuada.	São Roque - corpo Articulado ao bloco central.
QUINTA E CASA DA PRELADA [QPR]	Ramalde (Prt)	XVII-XIX	Noronha e Meneses	Retangular	Tripartida e ornamentada composta Cave, térreo, sobreloja, piso nobre e torre lateral.	Capela Nossa Senhora do Porto, localizada no espaço extramuros da quinta.
QUINTA E CASA DO RIO [QTR]	Ramalde (Prt)	XVII-XIX	Capitão de Ordenanças Manuel da Silva Guimarães e Henrique da Silva Pereira Magalhães	Em forma de L	Seccionada por pilastras, com piso térreo e andar.	Santo António Autónoma em relação à casa, com acesso articulado por um passadiço.
QUINTA E CASA DE SAM THIAGO [STC]	Santiago de Custóias (Mts)	XVIII - 1850- Séc. XX	Gonçalves Lopes e José Joaquim Guimarães Pestana da Silva	Retangular	Lisa em alvenaria rebocada.	São Tiago - Inserida num compartimento habitacional
QUINTA E CASA DO VISO [QVS]	Senhora da Hora (Mts)	XVIII-XX	Morgados de Ramalde	Retangular	Corpo central com torre. Alçado Liso com dois pisos divididos por uma barra horizontal. Corpo adossado à esquerda seccionado por pilastras.	-

\*Mats – Matosinhos - \* Prt – Porto

## 1. - Quinta de Santa Cruz do Bispo



EST. 24 - AHCMP - *Quinta de Santa Cruz do Bispo. – Século XX* .  
Coleção Guilherme Bomfim Barreiros [GBB]:  
-Cota: F-NP-02-GBB-01-00002-031

### 1.1 Introdução

A Quinta de Santa Cruz do Bispo está sob a tutela do Ministério da Justiça e as suas instalações servem de estabelecimento prisional desde 1939. Por esta mesma razão o acesso à propriedade é restrito, facto que condiciona o seu estudo ou investigação.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Após termos diligenciado várias instâncias foi-nos concedida autorização para visitar o interior das instalações do Estabelecimento Prisional, mais concretamente, o «palácio» e a área envolvente. Nunca será demais registar a forma cordial como fomos recebidos pelo seu Diretor Dr. Hernâni Vieira, que se mostrou recetivo ao nosso estudo sendo ele próprio um estudioso da antiga quinta dos bispos do Porto; uma palavra de apreço ao Guarda prisional que nos acompanhou durante a visita. Só foi pena o trabalho

Em relação ao Imóvel, apenas a *portada e os elementos arquitetónicos atribuídos a Nasoni* estão classificados pela DGPC.<sup>2</sup> Ainda no contexto histórico da mesma propriedade, encontra-se classificado o «*conjunto constituído pela Capela de São Sebastião, Capela de Nossa Senhora do Livramento e São Brás, Homem da Maça e seu Bicho, Monte de São Brás*».<sup>3</sup>

Sobre a história da antiga quinta dos bispos do Porto temos poucos estudos. As principais referências a seu respeito aparecem ligadas à figura do bispo humanista D. Rodrigo Pinheiro que, na segunda metade do século XVI, edificou a casa de veraneio no vale do rio Leça. No século XVIII o bispo e embaixador régio, D. José Maria da Fonseca e Évora, ampliou a habitação e qualificou a área envolvente sob a direção de Nicolau Nasoni.

Durante a segunda metade do século XIX O *Imóvel* viu o seu património dilapidado e caiu na obscuridade. Em 1913 a propriedade serviu as instalações do Posto Agrário do Minho-Litoral e em 1939 foi aqui criada a Colónia Penal da Cadeia Civil do Porto, cuja função se mantém.

## 1.2 - Entre a vilegiatura e a «obscuridade»

Entre 1563 e 1568, o bispo portuense D. Rodrigo Pinheiro, movido por um *ideal de villeggiatura*,<sup>4</sup> reformulou a quinta episcopal na antiga paróquia de Santa Cruz da Maia, também conhecida com o nome de *Santa Cruz do Leça* ou de *Riba Leça*,<sup>5</sup> situada

---

de campo ter sido realizado em novembro, com dias muito curtos e encobertos que condicionaram a nossa pesquisa.

<sup>2</sup> <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72939>

<sup>3</sup> <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72798>

<sup>4</sup> PIRES, Amílcar Gil – *A Quinta de recreio em Portugal. Vilegiatura, lugar e arquitectura*. Lisboa: Caleidoscópio, 2013.

<sup>5</sup> ADP – Cabido K/20/4-301 – Relação exacta e individual dos bens, rendas e herdades pertencentes à Excelentíssima Mitra (...), folº 159; fonte citada por AFONSO, José Ferrão – “A villa do Bispo do Porto D. Rodrigo Pinheiro (1552-1572) em Santa Cruz de Riba Leça: ... Assunto del que ilustra generoso el arbol en quien atis se transforma...”. In *Actas do 3º Congresso Internacional – Casa Nobre um Património para o futuro [2 a 4 de dezembro de 2011]*. Arcos de Valdevez, 2013, p. 608-609.

a duas léguas a norte do Porto.<sup>6</sup> Os terrenos tinham sido doados à Sé do Porto pela Infanta Santa Mafalda, tia de D. Sancho II.<sup>7</sup>

O lugar reunia excelentes condições ambientais que propiciavam a instalação de uma estância de recreio. Situada em “campina alta”,<sup>8</sup> junto de lameiros e das frondosas matas que bordejavam o rio Leça, o bispo portuense deu forma a uma nova forma de habitar, reunindo à sua volta um escol de poetas e humanistas para cultivar as artes e as letras da Antiguidade Clássica.<sup>9</sup>

A residência episcopal surge implantada no interior de terrenos agrícolas, junto de rio Leça, condição essencial para manter a propriedade fresca e deliciosa no verão como recomendava Andrea Palladio no *Livro II de Arquitetura*.<sup>10</sup>

Sabemos pouco a respeito da história do «palácio de D. Mafalda» como também era designada a residência episcopal. Os estudos até agora produzidos são demasiado parcelares. Segundo J. Ferrão Afonso a planta original do edifício habitacional no século XVI tinha a forma de um L. “ (...) com um corpo poente e outro, perpendicular a ele, cuja fachada posterior abria para o jardim formal”.<sup>11</sup> Na fachada poente, que dava para um antigo terreiro, vemos as armas de D. Rodrigo Pinheiro, em pedra de Ançã. Da fachada sul pode contemplar-se o jardim formal contido por muretes. O esquema de aberturas do piso nobre apresenta-se diferenciado. Na sequência da esquerda para a direita abrem-se duas janelas com arestas chanfradas

---

<sup>6</sup> Distância calculada pelo Padre Agostinho Rebelo da Costa - *Descrição topográfica (...)*, p. 187.

<sup>7</sup> FELGUEIRAS, Guilherme - *Monografia de Matosinhos*. Edição do autor. S.L., 1958, p. 142.

<sup>8</sup> Como referem as Memórias Paroquiais de 1758, publicadas por FELGUEIRAS, Guilherme - *Monografia de Matosinhos*. Edição do autor. S.L., 1958, p. 823 e segs.

<sup>9</sup> Como, por exemplo, Álvaro de Cadabal Valadares Soto Maior (Cadaval Gravio) e João Rodrigues de Sá de Meneses, Alcaide-Mor do Porto, autor da obra *De Platano (1527-1537)*; cf. TARRÍO, Ana María S. - *Paisagem e erudição no humanismo português. João Rodrigues de Sá de Meneses. DE PLATANO (1527-1537). Estudo introdutório, edição crítica, tradução e notas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. Leia-se também o MACHADO, João Afonso - “D. Rodrigo Pinheiro Bispo do Porto”. *O Tripeiro*. Série VII. Ano X. Nº. 8 (1991) 240-242; MACHADO, João Afonso - “A Quinta de Santa Cruz do Bispo”. *O Tripeiro*. Série VII. Ano XIII. Nº. 5 (Mai 1994) 151.

<sup>9</sup> «[...] qu'elle donnera de la fraîcheur en été, & sera

<sup>10</sup> «[...] qu'elle donnera de la fraîcheur en été, & sera plaisante à voir, & par son moyen on arrosera facilement les prairies, les jardins à fleurs, & les potagers, qui sont L'âme & les delices de la campagne. [...]». In PALLADIO, Andrea; FRÉART DE CHAMBRAY, Roland [l'auteur de la première traduction intégrale du traité d'architecture de Palladio] - *Les quatre livres de l'architecture d'André Palladio*. Paris: E.- Martin, 1650, Livro 2º, Cap. XII, p. 113. *Versão em formato eletrónico* - [http://architectura.cesr.univ-tours.fr/Traite/Notice/CESR\\_4045.asp?param=](http://architectura.cesr.univ-tours.fr/Traite/Notice/CESR_4045.asp?param=)

<sup>11</sup> AFONSO, José Ferrão - “A villa do Bispo do Porto D. Rodrigo Pinheiro (1552-1572) (...)” p. 623.

que alternam no térreo com dois rasgos ventiladores, que correspondem ao *corpo quinhentista* do edifício. As restantes nove janelas de peito apresentam ombreiras e lintéis retos, emolduradas em granito e conjugadas no térreo por sete vãos em forma de óculos **(SCB - 2, 3, SEC. 1, V2)**.

O alçado nascente é marcado por sete janelas de peito que alternam no térreo com o mesmo número de vãos oculares. Durante as intervenções da DGEMN um deles foi rasgado até ao pavimento para criar uma porta de serviço. **(SCB – Foto nº 4, SEC.1, V. 2)**.

A estância de recreio dos bispos do Porto serviu de fonte de inspiração a Cadaval Gravio, autor da *Pythiographia*, obra imprimida em Lisboa no ano 1568 e dedicada a D. Rodrigo Pinheiro.<sup>12</sup> Em 1644, o poeta Manuel Faria e Souza, na sua *Fuente de Aganipe o Rimas Varias*, descreveu a quinta com versos idílicos e comparou-a ao “Campo Elisio glorioso”.<sup>13</sup> Na 21ª das 54 sextinas o mesmo vate descreveu o «paço» em tom hiperbólico.

*«Mas ya se ven las casas levantadas / por la correspondiente arquitectura; / con mil remates varios coronadas / de angular y de espherica figura / donde de si se vencem los cinzelles / y entablas interiores diestro Apelles.»*<sup>14</sup>

Os estudiosos que se debruçam sobre a história da Quinta de Santa Cruz do Bispo têm tendência para enfatizar mais a figura emérita do bispo fundador D. Rodrigo Pinheiro. Convém sublinhar que foi D. José Maria da Fonseca e Évora, frade franciscano e bispo do Porto (1740-1752), que pôs em prática um programa de renovação estrutural da estância de recreio de acordo com a cultura artística do seu tempo, apesar de o mesmo não ter sido concretizado.

Trata-se de uma figura pouco estudada, apesar da relevância cultural que deu ao país.<sup>15</sup> D. José Maria da Fonseca e Évora desempenhara as funções de embaixador

---

<sup>12</sup> Era o pseudónimo de Álvaro de Cadabal Valadares Soto Maior.

<sup>13</sup> FELGUEIRAS, Guilherme - *Monografia de Matosinhos*. Edição do autor. S.L., 1958; p. 146. No que refere ao “parnasos do Leça” leia-se a obra FERREIRA, Cónego José Augusto - *Memórias archeologico-historicas da cidade do Porto. Fastos episcopaes e políticos*. Braga, Cruz Editorial, 1924, pp. 128-129, 2º tomo.

<sup>14</sup> Citado por MACHADO, João Afonso – “A Quinta de Santa Cruz do Bispo”. *O Tripeiro*. Série VII. Ano XIII. Nº. 5 (Mai 1994) 152.

em Roma no tempo de D. João V. Figura erudita e colecionador de peças de arte italiana, indicou vários mestres escultores italianos para as obras do Palácio e Convento de Mafra.<sup>16</sup>

Por ser uma figura eclética é bem possível – e a hipótese foi de Robert Smith – que o bispo do Porto quisesse pôr em prática uma obra arquitetónica que rivalizasse com o Palácio do Freixo, cuja construção em curso era dirigida por Nicolau Nasoni para o deão da Sé, D. Jerónimo de Távora e Noronha.<sup>17</sup>

As investigações de A. Magalhães Basto e Flávio Gonçalves revelaram que Nicolau Nasoni também dirigia as obras da quinta dos bispos no ano de 1737, como provam os cadernos de despesa da tesouraria da Mitra:<sup>18</sup>

*“Dei a Nicolau Nasoni do resto que se lhe devia da pintura do alpendre da Sé, e, riscos que fez para as obras da quinta de St<sup>a</sup> Cruz.”<sup>19</sup>*

As folhas de despesa do Tesoureiro da Mitra indicam os montantes «por conta das obras de Santa Cruz»<sup>20</sup> que foram entregues aos mestres de pedraria José Moreira da Silva e Domingos da Costa no início do ano de 1737.<sup>21</sup> Flávio Gonçalves admite que estes contratos se destinavam a fazer reparações na Ermida dos Três Arcanjos e arranjos na propriedade.<sup>22</sup>

Há também registos sobre os trabalhos de carpintaria “*das portas da casa dos Curas e Capelas da quinta de Santa Cruz*”, arrematadas ao mestre Domingos Lopes da

---

<sup>15</sup> Destaque para o trabalho de VALE, Teresa Leonor M. – “As encomendas de arte italiana de D. Fr. José Maria da Fonseca Évora (1690-1752)”. In *A Encomenda. O artista. A obra.* (Coordenação de Natália Marinho Ferreira-Alves) Porto: CEPESSE [2010], pp. 587-601.

<sup>16</sup> Angariou a contratação de Carlo Monaldi (1691-1760); cf. VALE, Teresa Leonor M. – “As encomendas de arte italiana de D. Fr. José Maria da Fonseca Évora (1690-1752)”. In *A Encomenda. O artista. A obra.* (Coordenação de Natália Marinho Ferreira-Alves) Porto: CEPESSE [2010], pp. 588-589.

<sup>17</sup> cf. SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni – (...)* p. 151.

<sup>18</sup> ADP – Mitra, N<sup>o</sup> 239, Fol<sup>o</sup> 230v, citado por GONÇALVES, Flávio “Apontamentos Nasonianos” (...), p. 446.

<sup>19</sup> *Sublinhado nosso.*

<sup>20</sup> ADP – Mitra, N<sup>o</sup> 231v, citado por GONÇALVES, Flávio “Apontamentos Nasonianos” (...), p. 445.

<sup>21</sup> GONÇALVES, Flávio “Apontamentos Nasonianos” (...), p. 446.

<sup>22</sup> Hipótese sugerida por ilídio Araújo; cf. GONÇALVES, Flávio “Apontamentos Nasonianos” (...), p. 446; veja-se (DOC. - 5 [A], SEC. 2, V 2).

Rocha.<sup>23</sup> Pelos finais do ano de 1737, a Mitra concedeu verbas ao padre João Martins da Silva “*para continuar com a fábrica da quinta*”.<sup>24</sup>

A fachada “principal” da residência, tal como agora se apresenta, é dominada por um corpo central recuado em relação às alas, com arcadas **(EST. 25) e (SCB – 5, SEC. 1, V2)**. O acesso ao patamar superior faz-se pelas duas escadas posicionadas junto às arcadas laterais. A escadaria barroca, que antecede a entrada principal do edifício e o banco de cantaria colocado ao centro da arcada, foram deslocados do corpo poente que tinha sido remodelado no século XVIII<sup>25</sup> **(EST. 24) e (SCB.-5, SEC. 1, V2.)**. Esta solução de «restauro» ocorreu nos anos de 1930 pelo Engenheiro Agrónomo Augusto Brettes Jardim.<sup>26</sup> O mesmo aconteceu no lado oposto com o desmembramento da fachada de feição barroca junto ao flanco nascente-poente **(EST. 26)**.

Em 1736, Diogo Barbosa Machado descrevia a Quinta de Santa Cruz nestes termos:

*«He este edificio certamente Regio, não havendo outro semelhante o Reyno, assim pela sumptuosidade das casas, como pelo numero de Capellas, que a sua devoção dedicou a diversos Santos. Está repartido em hortas, pomares, e arvores sylvestres tão robustas nos troncos, e copadas nos ramos, que dando-se mutuamente os braços, impedem, que o Sol as penetre com seus rayos. Toda se vê ornada de grande numero de fontes, fabricadas com admirável artificio, que por vários monstros de pedra lanção abundante copia de agua, fria, e excelente. Faz-se mais deleitável este sitio com o rio Leça (...)»*.<sup>27</sup>

Em redor da residência episcopal existiam cinco ermidas que coroavam as elevações de terreno, a saber: Nossa Senhora da Guia, Santo Isidoro, São Cosme e Damião, S. Brás, São sebastião e Horto de Cristo.<sup>28</sup>

---

<sup>23</sup> ADP – Mitra, Nº 239, Folº 230, citado por GONÇALVES, Flávio “Apontamentos Nasonianos” (...), p. 446.

<sup>24</sup> A 11 de outubro de 1737; cf. ADP – Mitra, Nº 239, Folº 232 v; citado por GONÇALVES, Flávio “Apontamentos Nasonianos” (...), p. 446.

in GONÇALVES, Flávio “Apontamentos Nasonianos” (...), p. 446.

<sup>25</sup> AFONSO, José Ferrão – “A villa do Bispo do Porto D. Rodrigo Pinheiro (1552-1572) (...)” p. 622.

<sup>26</sup> FELGUEIRAS, Guilherme - *Monografia de Matosinhos*. Edição do autor. S.L., 1958, pp. 148 e segs.

<sup>27</sup> MACHADO, Diogo Barbosa - *Memórias para a história de Portugal que compreendem o governo de el-rei Dom Sebastião*. Lisboa: Offic. de Joseph Antonio da Sylva, 1736, Tomo 1, [Descrição da Quinta de Santa Cruz] pp. 321-322.

<sup>28</sup> AFONSO, José Ferrão – “A villa do Bispo do Porto D. Rodrigo Pinheiro (1552-1572) (...)” p. 612-613.

As capelas da Nossa Senhora da Guia e da Nossa Senhora do Livramento e São Brás foram alteradas no século XIX pela viscondessa de Santa Cruz do Bispo. Outras desapareceram.

A capela quinhentista de São Sebastião, fundada por D. Rodrigo Pinheiro, permaneceu intacta.<sup>29</sup> Segundo o texto da DGPC trata-se de “*um templo de nave única, com alpendre assente em colunas, ao qual se acede através de ampla escadaria. No interior, possui altar revestido com azulejos seiscentistas, de padrão, encimado por nicho com a imagem de São Sebastião, ladeado por duas mísulas com anjos (...).*”<sup>30</sup>

No interior da Capela verificámos que os azulejos que se conservam na mesa de altar são hispano-mouriscos com técnica de aresta.<sup>31</sup> Isto faz-nos supor que existiram azulejos com este padrão nas ermidas que vieram a desaparecer e, eventualmente, no edifício habitacional quinhentista **(SCB – 12, 13, SEC. 1, V2)**.

### 1.3 As áreas ajardinadas

A orografia do terreno, ondulada e com declives pouco acentuados que se insinuam na área aplanada do rio Leça, fazia deste espaço o «Campo Elísio glorioso» cantado pelos poetas.<sup>32</sup> Os bosques frondosos, com os seus miradouros e tanques de água; as cascatas e as casas de fresco junto ao rio Leça proporcionavam o *locus amoenus* ideal para fazer renascer a arte dos “*antigos topiarii romanos*”.<sup>33</sup>

Os elementos arquitetónicos e escultóricos, que permanecem na antiga propriedade dos bispos do Porto, resistiram à depredação da segunda metade do

---

<sup>29</sup> Veja-se a Planta de SCB in **(DOC. - 5 [A-B], SEC. 2, V 2)**.

<sup>30</sup>DGPC -*Conjunto constituído pela Capela de São Sebastião, Capela de Nossa Senhora do Livramento e São Brás (...)*.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72798>

<sup>31</sup> No canto superior esquerdo há um azulejo de outra época que foi colocado posteriormente para preencher uma lacuna do antipêndio.

<sup>32</sup> Além de Álvaro de Cadaval Valadares Soto Maior (Cadaval Gravio) que celebrou a Quinta de Santa Cruz também João Rodrigues de Sá de Meneses, Alcaide-Mor do Porto e o autor da obra *De Platano* (1527-1537) aqui se inspirou para escrever o *De Platano*; cf. TARRÍO, Ana María S. – *Paisagem e erudição no humanismo português. João Rodrigues de Sá de Meneses. DE PLATANO (1527-1537). Estudo introdutório, edição crítica, tradução e notas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

<sup>33</sup> Segundo Ilídio Alves de Araújo, citado por CASTEL-BRANCO, Cristina – *Os jardins dos Vice-Reis Fronteira*. 1ª Edição. Oceanos: Alfragide, 2008, pp. 71-72.

século XIX.<sup>34</sup> Sem pretender entrar em pormenores estéticos e iconológicos salientamos alguns elementos dignos de apreço.<sup>35</sup> Designadamente o monumental escadório rústico articula o espaço da residência e os jardins da quinta. O «tanque» da Serpente e a Fonte dos «herms»<sup>36</sup> e o espetacular miradouro sobre os jardins com uma cascata de água em interação com o lago «focinho de porco»<sup>37</sup>. Um cenário esplendoroso que parece inspirado nas *Metamorfoses* de Ovídio<sup>38</sup> (**SCB - 6, 9, 10 e 11, Sec 1, V.2**).

Como foi referido anteriormente, D. José Maria da Fonseca e Évora renovou e reordenou a quinta com novos portais de feição barroca. O monumental pórtico, de perfil trilobado e sobrepujado com as armas do bispo,<sup>39</sup> foi riscado por Nicolau Nasoni, que se inspirou no modelo da portada gótica da igreja Franciscana de Leça.<sup>40</sup> A quinta conserva as jambas de um dos portões da quinta (séc. XVI) e a portada barroca que serve a entrada lateral (**SCB - 7, 8A e 8B, Sec 1, V2**).<sup>41</sup> Estes elementos permanecem fora do local original em virtude da construção da Estrada Municipal do Padrão da Légua a Santa Cruz do Bispo, projetada em 1901. Para esse mesmo efeito a Câmara Municipal de Matosinhos solicitou a anuência do bispo do Porto para incorporar a “*Avenida da Quinta*”, que ligava a Casa às capelas do S. Brás e S. Sebastião (**DOC. - 6 - SEC. 2, V2**).<sup>42</sup>

Razão tinha D. Domingos de Pinto Brandão quando escreveu estas palavras:

---

<sup>34</sup> Em 1844, o então bispo do Porto, D. Jerónimo José da Costa Rebelo, a pretexto do arranjo de matéria-prima para o fabrico de mobiliário para o Paço Episcopal, mandou destruir “a mata de centenários e frondosos buxos”; cf. FELGUEIRAS, Guilherme - *Monografia de Matosinhos*. Edição do autor. S.L., 1958, p. 148.

<sup>35</sup> Acompanhe-se a descrição seguindo a Planta de SCB in (**DOC. - 5 [A-B], SEC. 2, V 2**).

<sup>36</sup> J. Ferrão Afonso afirma que os motivos foram inspirados no *Livro das Cariátides* de Vredeman de Vries; in “A villa do Bispo do Porto D. Rodrigo Pinheiro (1552-1572) (...)” p. 622.

<sup>37</sup> Segundo Filipe Queiroz Folque, nesse lugar as populações costumavam fazer picnics e aproveitavam a «[a] água do focinho de porco, que é uma das fontes do parque, cuja bica tem este feitio (...)”; citado por AFONSO, José Ferrão – “A villa do Bispo do Porto (...)” p. 610.

<sup>38</sup> Sobre este tema leia-se o interessantíssimo texto de Ana Duarte Rodrigues – “As ideias de paisagem e de jardim nas “*Metamorfoses de Ovídio*”, in– *Uma história de jardins. A arte dos jardins na tratadística e na literatura*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal / Caleidoscópio, 2016, pp. 121-135.

<sup>39</sup> Representa as armas das famílias de Ribeiro, Figueiredo e Fonseca; cf. SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni –(...)* p. 151; p.210 (nota 81).

<sup>40</sup> SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni –(...)* pp. 150-152.

<sup>41</sup> AFONSO, José Ferrão – “A villa do Bispo do Porto D. Rodrigo Pinheiro (1552-1572) (...)” p. 616-618.

<sup>42</sup> AMMTS - *Distrito do Porto-Concelho de Bouças – Freguesia de Santa Cruz do Bispo. Projeto da Estrada Municipal do Padrão da Légua à Freguesia de Santa Cruz do Bispo por Esposade de Cima. Lanço da Pinguella à Igreja de Santa Cruz do Bispo, extensão 1:772,07m, 1901.*

*«Ainda hoje podemos admirar a obra nasoniana da Quinta do Chantre. Não digo o mesmo da Quinta de Santa Cruz (...) Os homens levantam os monumentos (...), os homens também os destroem! Mas não destruíram tudo ...[...]».*<sup>43</sup>

E não destruíram! Não é de todo inverosímil afirmar que foi em Santa Cruz que germinaram as sementes que inspiraram a arquitetura residencial e a arte paisagista das elites aristocráticas do Porto na Época Moderna.

---

<sup>43</sup> BRANDÃO, Domingos de Pinho – «A obra de Nicolau Nasoni no actual Concelho de Matosinhos». *Mvseu*. 2ª Série, Nº 7 (1964-Jun) 26-48.



**EST. 25 – A fachada do «palácio» na atualidade (séculos XVIII-XX).** A ala do lado direito corresponde ao «corpo poente» onde existia a escadaria e o banco de cantaria que foram deslocados para o pátio que agora precede a entrada da casa (cf. EST.. 26).



**EST. 26 – Imagem do “Palácio de D. Mafalda” antes das intervenções da DGEMN.** A fachada do lado esquerdo foi desmembrada durante as intervenções da DGEMN (cf. EST.25).  
**Fonte:** foto de F. Guedes de Carvalho publicada na obra de Guilherme Felgueiras.<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> FELGUEIRAS, Guilherme - *Monografia de Matosinhos*. Edição do autor. S.L., 1958, pp. 149.

## 2 - Quinta de Fafiães: entre o vernáculo e o erudito



EST. 27 - Casa de Fafiães e Capela de Nossa Senhora do Desterro

### 2.1 O edifício residencial

No extremo norte do concelho de Matosinhos, na freguesia de Leça do Balio, próximo dos limites do Concelho da Maia, fica o lugar de Fafiães. O topónimo *Fafiani* é de origem germânica e remonta ao nome *Fáfila*.<sup>45</sup> Há também quem o relacione com o nome *faffianis* ou *faffianes* dado aos militares da Ordem dos Hospitalários que esteve aqui representada.<sup>46</sup>

A Quinta de Fafiães é uma propriedade privada.<sup>47</sup> A sua dimensão era bem maior no século XVIII porque abrangia os terrenos da Casa do Chantre, que analisaremos seguidamente.

---

<sup>45</sup> MOREIRA, P<sup>o</sup>. Domingos A. - *Paisagem toponímia da Maia*. Maia, 1969, pp. 66.

<sup>46</sup> MARÇAL, Horácio – “O sítio e a Quinta do Fafiães em Leça do Balio”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*. Nº. 29 (1985) 210.

<sup>47</sup> Pertence ao arquiteto e artista plástico Jorge Pedra.

A única via pública que dá acesso à propriedade é a antiga *Estrada Real* do Porto a Braga, agora municipalizada. A mesma via tinha início no antigo Campo de Santo Ovídio (Porto), atravessava Paranhos, S. Mamede de Infesta e o rio Leça na Ponte da Pedra (próximo daqui), prosseguindo em direção à Barca da Trofa e Braga.<sup>48</sup>

No século XVIII a propriedade estava aforada à Baliagem de Leça.<sup>49</sup> A Casa de Fafiães aparece também denominada por Quinta da Vacaria. O nome *Vacaria* prova que se tratava de uma casa agrícola especializada na criação de gado. Os gados *barrosãos* ou *maianos*, como também eram conhecidos por virem para a *engorda* nas terras maiatas, forneciam bons contingentes de carne e leite à cidade do Porto<sup>50</sup> (**DOC. 7 – SEC. 2, V2**).

A quinta serviu de habitação temporária ou de *recreio* a Manuel Barbosa de Albuquerque, abade reservatório de Cidadelhe.<sup>51</sup> Refira-se que o reverendo era irmão de Domingos Barbosa de Albuquerque, cónego magistral do Cabido da Sé do Porto. No início do século XIX, a propriedade se achava na posse de D. Maria da Natividade, na qualidade de prazo de vidas foreiro à Ordem de Malta.<sup>52</sup>

O acesso é feito através de um caminho de terra batida, que descreve uma trajetória curvilínea ao longo de uma mata frondosa, chamada do Catassol, composta por carvalhos e pinheiros com cerca de 600 metros de extensão e que desemboca na portada.

A Casa está rodeada por um muro de alvenaria, rematado por motivos vazados de feição barroca e com um portão de ferro ao centro. O percurso de aproximação faz-se através do terreiro que desce em direção à Capela integrada na frontaria do imóvel,

---

<sup>48</sup> Por ser uma via estratégica, do ponto de vista económico e militar, foi reparada em 1805, a mando do rei D. João VI, que recorreu a mão-de-obra militar e “com o subsídio da Câmara e do povo bracarense”; cf. SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal – 1750-1807. O despotismo iluminado*. Lisboa: Editorial Verbo, 1982, p. 362, vol. VI.

<sup>49</sup> MARÇAL, Horácio – “O sítio e a Quinta do Fafiães em Leça do Balio”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*. Nº. 29 (1985) 210-212.

<sup>50</sup> VILARINHO DE S. ROMÃO, Visconde - *O Minho e as suas culturas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1902, p. 100.

<sup>51</sup> BRANDÃO, D. Domingos de Pinho – *Obra da talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na Diocese do Porto*. Porto, 4 vols. (em particular o Volume III - 1726 a 1750) 1986, p. 319.

<sup>52</sup> Era filha do capitão Manuel José Vieira da Rocha e de D. Cecília Josefa da Encarnação e foi na Casa de Fafiães que, a 26 de março de 1803, foi exarada a escritura dotal com José de Paiva e Sousa, homem de negócios na praça portuense; cf. MARÇAL, Horácio – “O sítio e a Quinta do Fafiães em Leça do Balio”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*. Nº. 29 (1985) 210-211.

no sentido nascente-poente (**EST. 27**). O terreno desenvolve-se numa pendente um pouco acentuada, descendo do portão (cota 61.2) para a Capela (cota 57.5). No lado esquerdo existe um muro de arrimo, no enfiamento do qual surge uma escadaria com sete degraus que liga ao patamar superior, ao nível da cota 58.9, que conduz à residência (pelo lado direito) através de um lance de escadas.

A planta da Casa, em forma de **L**, evidencia o corpo de origem setecentista que se estende no sentido norte-sul com a ala perpendicular no sentido nascente-poente.<sup>53</sup> O átrio é o espaço de receção e antecede a sala de “estar”, com a porta rasgada ao centro entre duas janelas de peitoril. A sala de estar, de contorno sub-trapezoidal, é rasgada por uma varanda de sacada orientada a poente. O lado mais estreito fica à face do corredor e o mais largo para o tardoz. Era utilizada em ocasiões solenes e sobretudo nas celebrações pascais, como era tradição nas terras de Bouças e da Maia<sup>54</sup> (**QFF – FOTO Nº 4 –SEC. 1,V2**) e (**DOC. 2 - SEC. 3, V2**).

O corredor percorre todo o piso “nobre” e funciona como elemento de distribuição interna. Articula o acesso à cozinha, às salas e aos aposentos de dormir, com ligações verticais ao piso térreo e ao coro da Capela.

No piso térreo abrem-se as lojas, as cortes do gado e os lagares, como era característico da *casa-bloco térrea e de andar* das terras da Maia.<sup>55</sup> O acesso a estes compartimentos pode ser feito através de uma escada de madeira pelo interior da casa. Num dos compartimentos existe um lagar de feixe e parafuso e ainda uma lagareta. Estes elementos estavam relacionados com o “fabrico do vinho” e não eram exclusivos das casas rústicas da Maia e de Bouças.

---

<sup>53</sup> **DOC. 2– SEC.3, V2.**

<sup>54</sup> OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando – “Alguns elementos das casas de Matosinhos, Maia e Vila do Conde”; in - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, pp. 45 e segs.; pp. 86-102.

<sup>55</sup>(**QFF – FOTO 4, SEC. 1, V2**; leia-se o texto de OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando – “Alguns elementos das casas de Matosinhos, Maia e Vila do Conde”; in - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, pp. 45 e segs.; pp. 86-102.

## 2.2 – A Capela da Nossa Senhora do Desterro

No século XVIII a Casa desta propriedade achava-se isolada, o que justificava a construção de um templo em honra de Nossa Senhora de Assunção para satisfazer as necessidades de culto da família Albuquerque e também da gente do campo que trabalhava na quinta. A Capela foi concluída em 1735 “com obrigação de missas”.<sup>56</sup>

Robert Smith atribuiu a Nicolau Nasoni a autoria do risco da capela e dos arranjos da casa. As suas suposições baseiam-se nas relações de parentesco existentes entre a família do reverendo Manuel Barbosa de Albuquerque e o artista italiano. O seu irmão, Domingos Barbosa, que morava «na rua de Detrás da Sé»,<sup>57</sup> estava relacionado com Nicolau Nasoni.<sup>58</sup>

O eixo compositivo vertical está centrado no frontispício, marcado pelo conjunto da portada / janela / concha e pela cruz trilobada assente sobre o frontão curvo. A portada tem ombreiras flanqueadas por aletas de boa cantaria. A padieira ondulada insinua-se no emoldurado granítico da janela, decorado por borlas e folhas de acanto (...). A fachada é demarcada por pilastras, de esmerada estereotomia, que sustentam duas “meias arquitraves, sobre as quais assentam peanhas com pináculos. O frontão curvo é flanqueado por pináculos alongados. No seu conjunto, estes elementos ornamentais parecem inspirados nas gravuras renascentistas publicadas no tratado de Hans Vredeman de Vries, o que denota gosto erudito! **(EST. 28)**<sup>59</sup>

A capela é composta por uma nave única de planta retangular, cujo altar-mor se encontra no lado oeste junto da sacristia. Como foi referido, a 5 de agosto de 1735 a capela estava pronta, exceto o retábulo que estava em fase de conclusão.<sup>60</sup> É de

---

<sup>56</sup> BRANDÃO, D. Domingos de Pinho – *Obra da talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na Diocese do Porto*. Porto, 4 vols. (em particular o Volume III - 1726 a 1750) 1986, p. 319-320; **DOC. - 2, SEC. 4, V2.**

<sup>57</sup> cf. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna (...)* p. 87.

<sup>58</sup> SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, pp 138-139.

<sup>59</sup> A tratadística flamenga e alemã está patente nas nossas obras maneiristas e barrocas. Neste contexto destacamos os portões quinhentistas da Quinta de Santa Cruz do Bispo, que demos conta no capítulo anterior, que demonstram a influência de H. Vredeman de Vries, segundo J. Ferrão Afonso; **(SCB – Foto 8 A – Sec 1, V.2).**

<sup>60</sup> Robert Smith refere ter visto a data de 1731 na cartela que remata a janela da portada; cf. *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, p. 75.

salientar que este retábulo é dos poucos que resistiu à voragem devastadora do património religioso das capelas particulares nesta área geográfica.<sup>61</sup>

O interior da Casa está unido à Capela por uma passagem perpendicular ao corredor central que liga diretamente ao coro através de uma escada. Desta forma, os donos ou usufrutuários podiam assistir aos ofícios religiosos sem se misturarem com a população que assistia à missa. O teto apresenta-se forrado por caixotões pintados com motivos celestiais que são dignos de apreço.<sup>62</sup>

É uma residência que se caracteriza pela simplicidade das suas linhas, seguindo a tradição vernacular da região e valorizada pelo repertório barroco da capela.

Obra de Nicolau Nasoni, segundo Robert Smith?

À luz dos estudos do professor J. Ferreira-Alves, que já demos conta na Segunda Parte, o campo das hipóteses é mais abrangente, não sendo de excluir a presença do mestre arquiteto António Pereira ou de outros artistas que trabalhavam na Sé.

Ou então, obra de mestres-arquitetos que assimilaram, «à la manière de», o repertório decorativo do artista de Siena como parece ter sucedido na Casa Alão, no Palácio de Bonjoia e no Solar de Mateus.<sup>63</sup> Neste campo restam questões por esclarecer.

### 2.3 – O Tanque e os elementos ornamentais

A Casa preserva quatro terraços ajardinados. O segundo terraço, a contar da entrada exterior, é ocupado pelo Tanque, com o seu espaldar de perfil ondulado, ladeado por pináculos (**EST. 27**). Nele sobressai uma bica em forma de “mascarão”, emoldurado por um nicho, agora vazio, entre duas bicas com motivos vegetalistas. Os

---

<sup>61</sup> Sobre as características deste retábulo leia-se o estudo de DIAS, Maria da Piedade ; SOUSA, Orquídea Dulce Fonseca – *Inventário do Património Arquitectónico Religioso de Matosinhos*. Matosinhos: Edição da Câmara Municipal de Matosinhos, 1997, p. 162.

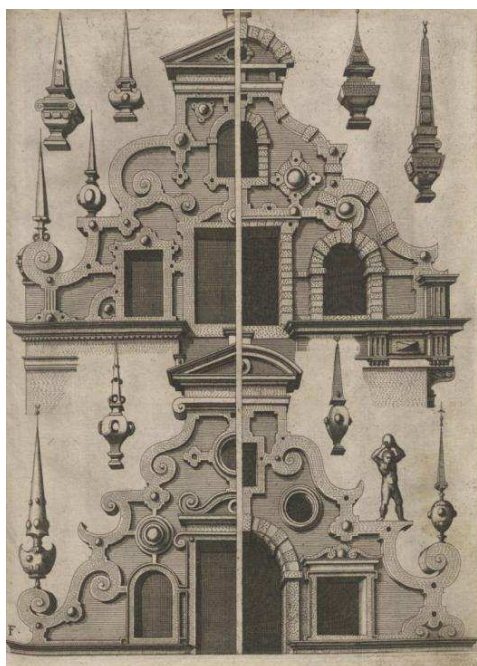
<sup>62</sup> **QFF – 7, 8 – SEC. 1, V2.**

<sup>63</sup> TEDESCO, Giovanni Battista – *Nicolau Nasoni : formação de um pintor e de um artista da arte efémera em Itália (1691-1723)*. Porto: Tese de doutoramento em História de Arte Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011, pp. 235 e segs.

restantes terraços, regularizados por muretes ornamentados, funcionam mais como compartimentos, “mas a céu aberto, ou como pátios ajardinados” que, como refere Ilídio Araújo, estão mais associados às artes decorativas do que à arte da jardinagem.<sup>64</sup>

No lado posterior, a poente, existe uma «*parterre à la française*»<sup>65</sup> que ocupa toda a largura da cota de 53.4 para a cota 55.4. O jardim está delimitado por um muro com um chafariz redondo e um mirante com dois assentos e espaldar em pedra.<sup>66</sup>

A área ajardinada contrasta com a sobriedade da Casa, aplicando-se assim a máxima de Newton segundo a qual “*a natureza está sempre em harmonia consigo mesma*”.<sup>67</sup>



**EST. 28**

- VRIES, Hans Vredeman de Erscheinungsort t'Hantvverpen - *Den Eersten Boeck, Ghemaect Opde Twee Colommen Dorica En Ionica*. Hantvverpen, 1565.

<sup>64</sup> ARAÚJO, Ilídio – “A tradição da arte da jardinagem na região do Porto”. *O Tripeiro*. Série Nova. Ano VIII: 11-12 (Nov. - Dez. -1989) 344.

<sup>65</sup> RODRIGUES, Ana Duarte – *A escultura de jardim das quintas e palácios (...)* p. 184.

<sup>66</sup> QFF – FOTOS 3,4,5,6, SEC. 1, V2

A Casa, a Capela e o Tanque estão classificados de Interesse Público desde o ano de 1977; leia-se: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73843>

<sup>67</sup> Citado por NORBERG-SCHULZ, Christian – *Arquitectura barroca tardia y rococó*. Madrid : Aguilar, cop., 1973, p. 12.

### 3 - Quinta do Chantre: um espaço cénico barroco



EST. 29 – Casa do Chantre.

#### 3.1 – A Casa: enquadramento paisagístico e arquitetónico

A história da casa está ligada à figura do chantre da Sé do Porto, Fernando Barbosa de Albuquerque. Era filho de António Barbosa de Albuquerque e de D. Teresa Angélica de Sampaio e irmão de Álvaro.<sup>68</sup> Nasceu em Matosinhos no ano de 1716 e faleceu a 26 de maio de 1772, tendo ficado sepultado na Sé do Porto.<sup>69</sup>

O seu pai era proprietário “de um dos ofícios do Judicial e Notas do Concelho da Maia”, mas queria renunciar o cargo, conforme a Petição enviada ao rei, datada de 20 de fevereiro de 1742.<sup>70</sup> António Barbosa de Albuquerque declarou que se achava viúvo e sem “empenhos” nem bens para dar “estada de religiosas” às suas quatro

---

<sup>68</sup> ADP - Álvaro Barbosa Albuquerque - *Inquirições de genere* – 30- abr, 1752.

PT/ADPRT/DIO/CABIDO/014/1640/40325 – cota K/26/4/4 - 125.1640, folha 325.

<sup>69</sup> MARÇAL, Horácio – “O sítio e a Quinta do Fafiães em Leça do Balio”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*. Nº. 29 (1985) 214.

<sup>70</sup> IAN / TT - Registo Geral de Mercês, Mercês de D. João V, liv. 32, f. 388v; António Barbosa de Albuquerque - *Carta para renunciar o ofício de escrivão do judicial do Concelho da Maia*. 1742- Fevereiro, 20 ; transcrito no Volume 2 - (DOC. - 3, SEC. 4, V2).

filhas.<sup>71</sup> Refere que tinha mais seis filhos “de legitimo matrimónio” e que o “*mais velho que se estava chantre coadjutor da Sé da mesma cidade, ainda sem ordens sacras, não duvidava desistir do direito que lhe competia a favor das suas irmãs*”.<sup>72</sup> Pretendia “com o seu produto” obter liquidez financeira para as filhas ingressarem nas ordens religiosas.

Em 1735, Fernando era chantre da Sé do Porto. Herdou a casa do seu tio Domingos Barbosa de Albuquerque situada na Rua D. Hugo.<sup>73</sup> Fez parte do grupo de personalidades do Cabido que, em abril de 1757, apelou a Sua Majestade, por intermédio do Duque de Lafões, que intercedesse *com piedade e clemencia* para com os revoltosos que se opunham à Companhia dos Vinhos do Alto Douro.<sup>74</sup>

Ultrapassados os problemas financeiros, senhor da Casa de D. Hugo, Fernando procurou elevar o prestígio dos Barbosas e dos Albuquerque edificando uma casa de recreio em Leça do Balio (**EST. 29**). O *Chantre* da Sé era portador de uma cultura eclética, pois só assim se compreende o bom gosto arquitetónico e artístico da sua *villa* de recreio. “*Quem quer uma obra de arte não opta por um concurso, não escolhe o melhor projeto, mas sim o melhor arquiteto*” - escreveu Bruno Zevi.<sup>75</sup> Robert Smith atribui o projeto da Casa a Nicolau Nasoni, hipótese que G. Tedesco não enjeita tendo em conta a época da construção e os elementos decorativos que a aproximam do modelo das *villas* italianas.<sup>76</sup>

---

<sup>71</sup> António Barbosa de Albuquerque - *Carta para renunciar o ofício de escrivão do judicial do Concelho da Maia*. – IAN / TT - Registo Geral de Mercês, Mercês de D. João V, liv. 32, f. 388v; transcrito no Volume 2 - (**DOC. Nº 3, SEC. 4, V2**).

<sup>72</sup> António Barbosa de Albuquerque - *Carta para renunciar o ofício de escrivão do judicial do Concelho da Maia*. – IAN / TT - Registo Geral de Mercês, Mercês de D. João V, liv. 32, f.

<sup>73</sup> Cf. SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni* – (...) p. 140.

<sup>74</sup> “[...] *Geme toda esta cidade oprimida com o pezo que lhe causou hua pequena e infima parte della, que com inconsulta temeridade quis livrar-se do que dispunha huma ley sobre a nova Companhia dos Vinhos do Alto Douro [...]*”; cf. SILVA, Francisco Ribeiro da – *Absolutismo esclarecido e a intervenção popular. Os motins do Porto de 1757*. Lisboa. Imprensa Nacional - Casa da Moeda – [Temas Portugueses], 1990, pp. 158-159 [Documento nº 6 – ADP – Cartório do Cabido- 1612, fol. 94].

<sup>75</sup> ZEVI, Bruno – *Architecture in nuce. Uma definição de arquitectura*. [Tradução de José Manuel Pedreirinho] Lisboa: Edições 70, 1996, p. 145.

<sup>76</sup> SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni* – (...) p. 140-182. O, Giovanni Battista TEDESCO – *Nicolau Nasoni : formação de um pintor e de um artista* (...), pp. 242-243. Como referiu Jaime Ferreira-Alves: “(...) o estilo de Nasoni é o estilo António Pereira, é o estilo Miguel Francisco da silva, é o estilo Manuel Álvares Martins que faz o corpo da igreja da Misericórdia” – in SILVA, Manuel Montenegro de Figueiredo

Na portada exterior vemos as “alusões heráldicas com a presença dos leões dos Barbosas e flores-de-lis dos Albuquerque”, encimada por uma pequena torre *bombée* “arquetípica de Nicolau Nasoni”.<sup>77</sup> O percurso de aproximação à Casa, “axializado e descendente”,<sup>78</sup> é definido pela portada e a torre central da frontaria que desce da cota 71.8 para a cota 62.1, evidenciando o repertório cenográfico barroco. Como sublinha Michel Foucault, este é o “*tempo privilegiado do «trompe l’oeil», da ilusão cósmica, do teatro que se desdobra e representa no seu interior outro teatro, do quiproquó, das fantasias e das visões; (...)*”.<sup>79</sup>

A escadaria dupla tem dois lanços divergentes / convergentes simétricos, com um patamar intermédio que culmina no patamar superior, guarnecido por balaústres graníticos que conduzem ao piso nobre.<sup>80</sup>

A fachada principal, orientada a nordeste, define um corpo retangular com piso térreo e piso nobre, com eixo vertical formado pela sequência da portada e a torre. Em relação ao sistema de aberturas temos quatro janelas, duas de sacada com balaústres em pedra e mais duas de peito distribuídas em simetria para os dois lados do alçado. No térreo existem quatro portas que servem as arrecadações (**DOC. 3 - SEC. 3, V2**).

O recorte curvo e contracurvado das vergas dos vãos dinamizam o movimento da frontaria. A torre integra o terceiro e o quarto piso com três aberturas. A mais larga está centrada rente à cornija, sobrepujada pelo brasão. As outras duas dispõem-se lateralmente no quarto piso. A cobertura apresenta telhados de três e quatro águas. As cimalkas angulares são marcadas por pináculos e na torre por motivos ornamentais vazados. Na extremidade da Casa fica uma dependência que serve de cozinha. O pano murado é demarcado por pilastras que sustentam o arco abaulado da entrada sob o

---

Moreira da – “Entrevista ao Professor Doutor Joaquim Jaime Ferreira-Alves””. In – *Nicolau Nasoni e a arquitectura civil. As villas do cerco do Porto*. Dissertação de Mestrado orientada pelo Professor Arquitecto Domingos Tavares na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2010 [Apêndice I – Entrevistas p. 16].

<sup>77</sup> SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni – (...)* pp. 141- 142; veja-se **CHT - FOTO 2, SEC. 1, V2**.

<sup>78</sup> PIRES, Amílcar Gil – *A Quinta de recreio em Portugal. Vilegiatura, lugar e arquitectura*. Lisboa: Caleidoscópio, 2013, p. 301; neste trabalho, A. Gil Pires fez uma abordagem arquetónica da Quinta do Chantre, baseado na teoria da «Lógica de Classes», que, em traços gerais, se baseia na seleção (formal) de um “agrupamento” dos edifícios da habitação (cujas classes se podem dividir em finitas ou infinitas).

<sup>79</sup> FOUCAULT, Michel – *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. Lisboa : Edições 70, 2005, p. 106.

<sup>80</sup> DOC. 3 - SEC. 3, V2.

vão de iluminação. Sobre a cimalha curva repousa um «campanário de vaga sugestão chinesa» - como escreveu Robert Smith.<sup>81</sup> Este corpo está articulado à Capela *que lhe faz ângulo reto*<sup>82</sup> e ao muro que envolve a *basse-cour*.

O conjunto habitacional ocupa uma área retangular, de feição amuralhada, com 38m x 39,20 m de área, segundo R. Smith.<sup>83</sup> A noroeste, pelo vão de passagem rasgado no muro da *basse-cour*,<sup>84</sup> desemboca o *eixo rústico* da propriedade. Este espaço era apenas utilizado pelo pessoal subalterno, como os lavradores e os criados «de fora». <sup>85</sup> Podiam, contudo, aceder à nave da Capela pela porta lateral para assistir aos ofícios divinos e desfrutar a água do chafariz adjacente. Os dois corpos rústicos baixos e compridos, dispostos lateralmente, albergavam as cavalariças e os lagares. Por aqui se operava o *modus vivendi* rural que perdurou até ao século XX.<sup>86</sup>

### 3.2 – Arquitetura interior e o espaço social

Como era o espaço interior? Que tipo de organização funcional existia? Quais os protagonistas sociais?

Tudo indica que a casa foi reformulada a partir de uma construção preexistente, tal como também aconteceu nas quintas da Prelada, de Ramalde, do Rio e de Sam Thiago. A planta mostra um corpo quadrangular centrado pela escadaria externa frontal à fachada com 15.9 m x 11.9m. Nos dois lados opostos foram acrescentados dois compartimentos em linha com a frontaria, mas recuados em relação ao tardoz. Um à esquerda com 7m x 7m e outro direita com 6.5m x 6.5m que faz a ligação à torre através de uma escada de madeira. Desta forma, o corpo aumentou em comprimento, gerando novas permeabilidades no modo funcional da

---

<sup>81</sup> SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni* –(...) p. 141.

<sup>82</sup> SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni* –(...) p. 141.

<sup>83</sup> Veja-se o **DOC. 9 – SEC. 3,V2**.

<sup>84</sup> SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni* –(...) pp. 141.

<sup>85</sup> **CHT – FOTO Nº 4, SEC.1, V2**.

<sup>86</sup> No último quartel do século XX, a Capela fora transformada numa vacaria, fonte oral de Carlos Pereira Pinto; **(CHT – FOTOS 1,4 - SEC. 1, V2)**.

Casa.<sup>87</sup> Quando fizeram as obras de recuperação foram descobertas duas janelas entaipadas.<sup>88</sup> A sua configuração distingue uma verga curva com um fino recorte ao centro, cujo formato tem paralelo com o jogo das duas aberturas rasgadas na zona lateral do tardo.<sup>89</sup>

O esquema de distribuição interna corresponde, em linhas gerais, ao programa funcional e arquitetónico da quinta de recreio do século XVIII definido por Amílcar Gil Pires:

*I - Pátio de Entrada (Pátio de honra); II - Sala de Entrada (Casa de fora); III - Corredor; IV- Casa de Jantar; V - Cozinha; VI - Capela; VII - Jardins e áreas de produção agrícola; VIII – Jardim formal; IX - Pomar e horta e X Mata.*<sup>90</sup>

Numa época em que as necessidades de uso e conforto doméstico passaram a fazer parte “integrante da arquitetura” e da “estética”, depreende-se que as propostas de Charles Etienne Briseux e de Jacques-François Blondel podiam estar aqui plasmadas tendo em conta o perfil cultural do Chantre da Sé.<sup>91</sup>

O átrio (3m x 5m) funciona como elemento de articulação dos espaços. Liga diretamente à Sala “nobre” e ao corredor central que distribui os acessos às câmaras laterais e aos aposentos de dormir.<sup>92</sup> A cozinha mais antiga ficava no piso superior, com aberturas rasgadas no tardo, cujo acesso se fazia pelo exterior, através de uma escada em pedra. A cozinha térrea, que integra a dependência que fica na extremidade da Casa, com a sua volumosa chaminé, tem dois acessos diferenciados: um pelo interior da habitação e o outro através do piso térreo. Os dois fogos existentes (um de cada lado) sob a “saia” da chaminé que é suportada por um pilar granítico.<sup>93</sup> O interior conserva uma «mesa de pedra» abastecida por água corrente que passava por uma

---

<sup>87</sup> Vejam-se as plantas **CHT –DOC.7, 8 - SEC.3,V2.**

<sup>88</sup> Ocorreram nos anos de 1990 por parte do novo proprietário; **CHT – FOTO 7, - SEC.1,V2.**

<sup>89</sup> **CHT – FOTO 6 A e B, 8,9 - SEC.1,V2.**

<sup>90</sup> PIRES, Amílcar Gil – *A Quinta de recreio em Portugal. Vilegiatura, lugar e arquitectura*. Lisboa: Caleidoscópio, 2013, pp. 270-280.

<sup>91</sup> Cf. ELEB, Monique ; DEBARRE, Anne ; PERROT, Michelle (Introduction) – *Architectures de la vie privée. Maisons et mentalités XVII<sup>e</sup>-XIX<sup>e</sup> siècles*. Bruxelles : Éditions .A.M Hazan, 1999, pp. 44-45.

<sup>92</sup> **CHT – FOTO 7, - SEC.1, V2.**

<sup>93</sup> **CHT – FOTO 10 - SEC.1,V2.**

tubagem de chumbo<sup>94</sup> ligado a uma mina. Este é um dos traços de sofisticação da Casa, pois servia para preparar os alimentos em boas condições de higiene, fazendo crer que também aqui chegaram as propostas da literatura médica europeia no século XVIII.<sup>95</sup>

Fernando Barbosa de Albuquerque era senhor da Casa D. Hugo. Que razões levaram a edificar uma residência tão sumptuosa? Será que foi pelo gosto de ostentação e prestígio social para sublimar as vicissitudes financeiras do seu passado familiar?

A heráldica familiar no portão da entrada principal e o brasão incrustado na torre da Casa induzem-nos nesse sentido. Porém, havia outras razões de fundo. Nos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo existem três *Cartas Régias* de legitimação datadas de 14 de novembro de 1759 e 11 de fevereiro 1769 e que dizem respeito aos três filhos de Fernando Barbosa de Albuquerque e Maria Rosa - Custódio,<sup>96</sup> Ana<sup>97</sup> e José.

No Arquivo Distrital do Porto existe o registo de «*nomeação de Legitimação e perfilhação de Custódio de José Barbosa e sua irmã, Dona Ana, da cidade do Porto, pelo Reverendo Fernando Barbosa de Albuquerque, chantre da Santa Sé do Porto, morador na quinta do Fafiães*», datado de 20 de set. de 1759.<sup>98</sup> Importa sublinhar que o local referido é a Quinta de Fafiães, onde «*[...]por virtude deste publico instrumento [...]os legitimava e havia por legitimados de hoje este dia para todo o sempre para que pudessem herdar uma fazenda e herança e a [h]abelitarsse em tudo e presenteado [...] e para assim cumprir, e sustentar disse que obrigava suas pessoas e todos os seus bens moveis e de raiz habidos e por haver, direitos e acçoens deles e terço da sua alma a fim do cumprimento firmeza e validade de todo o conteúdo.*»<sup>99</sup>

---

<sup>94</sup> Este elemento ainda se conserva exceto a tubagem que foi substituída.

<sup>95</sup> ROCHE, Daniel - *História das coisas banais. Nascimento do consumo nas sociedades tradicionais (séculos XVII-XIX)*. Lisboa: Editorial Teorema, 1998, pp. 184-188.

<sup>96</sup> IAN-TT- *Carta régia de legitimação concedida a Custódio José Barbosa. Filiação: Padre Fernando Barbosa de Albuquerque, do Porto, e Maria Rosa, 1759-11-14* .

<sup>97</sup> IAN-TT - *Carta régia de legitimação de Ana*. Filiação: Padre Fernando Barbosa de Albuquerque, do Porto e de Maria Rosa. - 1759-11-14 - Feitos Findos, Diversos (Documentação Diversa), mç.1, n.º 23

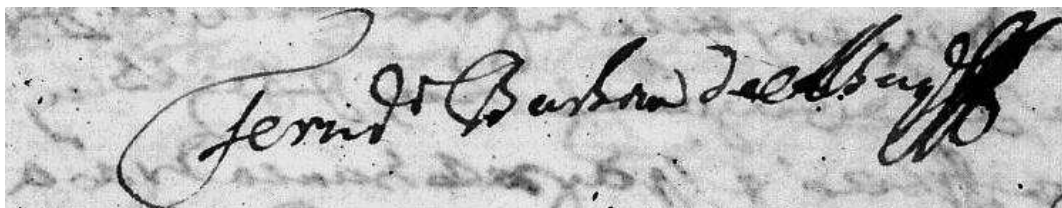
<sup>98</sup> É suposto que nesta altura o José não tinha nascido, visto que ele só foi legitimado em 1769-02-11; Feitos Findos, Diversos (Documentação Diversa), mç.1, n.º 18 1769.

<sup>99</sup> ADP - PT/ADPRT/NOT/CNMAI/001/2099 - PO7 – N.º 99, fól.º 17v-18-18v.

Os pedidos de legitimação partiram da iniciativa do pai, declarando que “[...] sendo já clérigo de ordem houve três filhos, entre os quais hum deles chamado José, havido de Maria Rosa, solteira, também moradora na dita cidade [Porto]”.<sup>100</sup>

Na sociedade do Antigo Regime a família era uma “comunidade fundada no amor”, uma “comunidade generativa” baseada em “princípios linhagísticos”.<sup>101</sup> Além da função lúdica ou de recreio, a Casa do Chantre servia para albergar a família de Fernando Barbosa num ambiente harmonioso e longe da devassa pública. Ficava, assim, assegurada a honra dos filhos legitimados e a dignidade da sua companheira Maria Rosa. Afinal os dois “eram uma só carne (*erunt duo in una caro*, Génesis, 2)”.<sup>102</sup>

### 3.3 A capela privativa



EST. 30 – Fac-simile da assinatura de Fernando Barbosa de Albuquerque; in *Escritura de doação para património de uma capela (...)*; In - ADP – PO – 8º - Lvº 254, folº. 27.

Vimos no capítulo anterior que a Capela da Casa de Fafiães domina a composição arquitetónica do edifício, sendo o principal foco de aparato. Aqui o edifício religioso está implantado na extremidade da Casa e enquadrado pelo muro da *basse-*

---

<sup>100</sup> - IAN-TT - *Carta régia de legitimação de José. Filiação: Padre Fernando Barbosa de Albuquerque e de Maria Rosa, 1769-02-11*. Feitos Findos, Diversos (Documentação Diversa), mç.1, n.º 18  
Feitos Findos, Diversos (documentação Avulsa,) mç. 1, n.º 36

<sup>101</sup> HESPANHA, António Manuel - *História de Portugal Moderno - político e institucional*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995, p. 107; HESPANHA, António Manuel - (Dir. de José Mattoso) - «Fundamentos antropológicos da família de antigo regime: os sentimentos familiares». In *História de Portugal. O Antigo Regime (1620-1807)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, 4º Vol., pp. 273-279.

<sup>102</sup> HESPANHA, António Manuel – “Carne de uma só carne: para uma compreensão dos fundamentos histórico-antropológicos da família na época moderna”. *Análise Social*. Lisboa. Vol. XXVIII : 123-124 (1993) 950.

*cour*. Desconhecemos o seu orago<sup>103</sup>. Como foi referido, a propriedade foi abandonada na década de 1990 com sérios reveses para o seu Património Arquitetónico e Artístico. O retábulo da capela-mor e toda arte móvel religiosa desapareceram.

No decurso das nossas investigações achámos a *Escritura de doação para património de uma capela que faz o Reverendo Fernando Barbosa de Albuquerque, Chantre da Santa Sé*, datado de 4 de novembro de 1757.<sup>104</sup> O documento refere que “(...) Reverendo Fernando Barbosa de Albuquerque, chantre da Sé desta cidade, morador na Rua de Trás da Sé desta cidade que ele mora na dita sua capela na sua quinta cita na freguesia de Lessa do Balio, termo desta cidade como indicação (...) Se constitua património (...) De uma bouça chamada do Catassol no lugar de Lessa [do Balio] [...]»<sup>105</sup>.

O documento refere-se à dotação de bens patrimoniais para a manutenção do culto.<sup>106</sup> A fachada é simétrica, enquadrada por pilastras de boa cantaria, com o eixo compositivo definido pela *portada / janela / concha e cruz de braços trilobados* que assenta sobre o frontão contracurvado preenchidos por pináculos.

As ombreiras da portada são envolvidas por aletas, embora estas não tenham aqui a mesma expressividade «plástica» como na Capela da Nossa Senhora do Desterro. A autoria do risco é desconhecida (**EST. 31 e 32**).

A Capela é de nave única de planta retangular. O altar-mor é envolvido por um arco de cantaria, dominado por pilastras graníticas envolvidas por motivos vegetalistas e concheados assimétricos de feição *rocaille*. O arco é fechado por uma cartela de fino lavor, sobrepujada por uma concha.<sup>107</sup>

---

<sup>103</sup> D. Domingos de Pinho Brandão não faz referência à Capela da Casa do Chantre. Apenas refere a Capela da Casa de Fafiães; cf. *Obra da talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na Diocese do Porto*. Porto, 4 vols. (em particular o Volume III - 1726 a 1750) 1986, pp. 319-320.

<sup>104</sup> *Escritura de doação para património de uma capela que faz o Reverendo Fernando Barbosa de Albuquerque, Chantre da Santa Sé*. In ADP – PO – 8º - Lvº 254, folºs 26v-27; o registo da escritura omite o orago da capela, pelo que não podemos atribuir com segurança se a dotação de património de refere à Quinta de Fafiães (que está situada no lugar do Catassol) ou à Quinta do Chantre que lhe fica próxima.

<sup>105</sup> *Escritura de doação para património de uma capela que faz o Reverendo Fernando Barbosa de Albuquerque, Chantre da Santa Sé*. In ADP – PO – 8º - Lvº 254, folºs 26v-27; o registo da escritura omite o orago da capela, pelo que não podemos atribuir com segurança se a dotação de património de refere à Quinta de Fafiães (que está situada no lugar do Catassol) ou à Quinta do Chantre que lhe fica próxima.

<sup>106</sup> Veja-se o fac-símile do documento in - **DOC. 10 – SEC. 2, V2**.

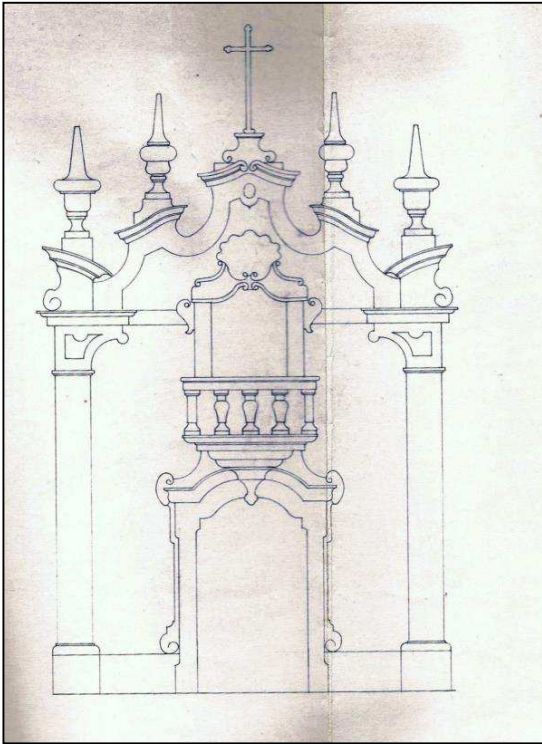
<sup>107</sup> O retábulo original desapareceu. Este foi executado numa oficina em Braga após o restauro do Imóvel.

Pelas características estilísticas depreende-se que este edifício religioso foi edificado numa fase mais tardia. Aliás, se tivermos em linha de conta as adições<sup>108</sup> que a Casa teve no século XVIII, depreende-se que as obras foram faseadas e com a presença de vários intervenientes. O facto de Robert Smith ter atribuído a Nasoni o risco da Casa, não se pode sonegar o engenho dos mestres pedreiros que nas terras da Maia executaram e levantaram obras de reconhecido mérito.<sup>109</sup>

---

<sup>108</sup> Por exemplo, a dependência que integra a cozinha surgiu numa fase posterior.

<sup>109</sup> Sobre esta matéria vale a pena citar os trabalhos de TEDIM, José Manuel – “Obras e artistas no concelho da Maia do século XVIII. (Subsídios para o seu estudo). In *Revista de Ciências Históricas*. Universidade Portucalense. I (1986) 289-320; PAIS DA SILVA, Jorge Henrique – *Páginas de História da Arte*. 2ª Edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, particularmente a Parte II – “Subsídios para o estudo do barroco na Maia”, pp. 193-276, 2º Vol..



**EST. 31 - Alçado da Capela - ( Des. Arq. Carlos Prata – 1990)**



**EST. 32 - Capela. Arco de cantaria do altar-mor**

### **3.4. – Da degradação à recuperação do imóvel**

A Quinta de Fafiães foi sendo retalhada ao longo do tempo. Não sabemos muito bem os contornos que levaram à alienação dos terrenos, mas no século XX a Casa do Chantre estava confinada ao espaço “entre muros”.

António Godinho da Silva, comerciante abastado e radicado no Brasil onde fez fortuna no Rio de Janeiro, refere no testamento datado de 12 de agosto de 1887:

*“uma quinta de lavoura, chamada quinta do Chantre, sita no lugar de Fafiães” que deixou a Ana augusta lima “senhora que vive em minha companhia há muitos anos”*<sup>110</sup>

O Mapa do Concelho de Matosinhos de 1944 assinala a Bouça denominada do *Chantre*, situada a noroeste e que chegava às margens do Leça. Segundo uma fonte oral albergava um «pavilhão de caça» forrado por azulejos que foi destruído **(DOC. - 8 A - SEC. 2, V2)**.<sup>111</sup>

Uma cópia da Conservatória do Registo Predial de Matosinhos informa que a Quinta do Chantre ficava no Lugar de Fafiães “[...] composta de casa nobre [de dois pavimentos], [capela], [casa] «dita para caseiros e aidos, tendo terrenos adjacentes denominados: Campos dos Socalcos, Campo da Nova, Campo do Meio, Campo do tanque, Campo da Agra, campo da Calçada e Bouça da Agra Pequena e Bouça da Agra Grande [...]”.<sup>112</sup>

No decurso do século XX a Casa do Chantre conheceu vários proprietários, mas tudo indica que nunca aqui residiram, conforme ilustra o Quadro 2.

## 2. QUADRO - PROPRIETÁRIOS DA QUINTA DO CHANTRE - SÉCULOS XVIII- XX

PROPRIETÁRIOS	SÉCULOS	OBSERVAÇÕES
<i>Chantre</i> Fernando Barbosa de Albuquerque e herdeiros	XVIII XIX	Reformulou a Casa no século XVIII
António Godinho da Silva, emigrante português naturalizado brasileiro. Vivia no Rio de Janeiro.	Último quartel do século XIX Santa Casa da Misericórdia de Matosinhos	Não residiu na propriedade
Francisco Luís Proença de Sá Moraes (jurista) e Maria Rumsey de	XX (até 1972?)	

<sup>110</sup> “Testamento de António Godinho da Silva, morador que foi na freguesia de santana da freguesia de Matosinhos. Bouças 12 de agosto de 1887”. Cópia do original na posse da família de Carlos Pereira Pinto.

<sup>111</sup> Fonte oral de Carlos Pereira Pinto.

<sup>112</sup> - Está apensa ao processo da proposta de Reclassificação da Quinta, ano de 2001, ADRCN - Registo inserido no *Processo DRP / CLS 1773 – Reclassificação da Quinta do Chantre – Imóvel de Interesse Público – D.L. 95/78 de 12.09, com o objetivo de passar a incluir a Alameda das Tílias*; entre parênteses reto constam as informações inseridas na “Composição” para efeitos de valor tributável. [Procedência: Domingos de Pinho Brandão e Outros, 2 vols.

Noronha e Távora de Sá Morais		-
António Alves Quelhas, viúvo de Albina Duarte de Sousa e Silva (construtor civil)	(1972 (?)- 1978?)	Não habitaram na propriedade.
Empreendimentos turísticos (Thierry Roussel e Christina Onassis )	1978 – 1985 (?)	Não habitaram na propriedade.
Banco Português de Investimento (BPI)		Não habitou na propriedade.
Manuel Jesus Pereira Pinto (empresário)	1988 (?) até ao presente	Reabilitou o Imóvel para fins de residência.

**Nota:** O traslado dos averbamentos contidos no Processo de Reclassificação da Quinta do Chantre omitem as datas da aquisição da propriedade; cf ADRCN - Registo inserido no *Processo DRP / CLS 1773 – Reclassificação da Quinta do Chantre – Imóvel de Interesse Público – D.L. 95/78 de 12.09, com o objetivo de passar a incluir a Alameda das Tílias*; entre parênteses reto constam as informações inseridas na “Composição” para efeitos de valor tributável.

Durante muito tempo o *Imóvel* foi abandonado e vandalizado, como deu conta a imprensa.<sup>113</sup> O edifício habitacional e a Capela sofreram avultados danos e os ornamentos escultóricos do jardim foram destruídos ou roubados. Contudo, as esculturas da Donzela e do Mercúrio foram “milagrosamente” recuperadas (**CHT – FOTO 11 e 12 A e B - SEC.1,V2**).

Apesar das vicissitudes, o *Imóvel* foi criteriosamente recuperado pelo empresário Manuel Jesus Pereira Pinto para fins de residência, cujos trabalhos estiveram a cargo do arquiteto Carlos Prata, autor dos alçados e plantas que utilizámos neste estudo.

Falta ainda recuperar o traçado original do jardim, tarefa para a qual contamos colaborar, no sentido da requalificação do espaço lúdico da Casa, à luz do contexto histórico e artístico do século XVIII.

---

<sup>113</sup> **DOC. 9 A e B - SEC. 2, V2.**

#### 4 – A Quinta dos morgados de Ramalde



**EST. 33 – Casa de Ramalde**

A Quinta de Ramalde, situada na freguesia do mesmo nome, foi adquirida pelo Estado em 1977 e está classificada como *Imóvel de Interesse Público*. Atualmente acolhe os serviços regionais da Secretaria de Estado da Cultura.<sup>114</sup>

O conjunto edificado foi intervencionado nos finais do século XX sob a direção do arquiteto Humberto Vieira<sup>115</sup>. Por razões inusitadas não foram realizadas escavações arqueológicas para determinar a evolução histórica e arqueológica do

---

<sup>114</sup> Em 1982 a Casa de Ramalde albergou o Museu Nacional da Literatura que encerrou ao fim de seis anos.

<sup>115</sup> - Importa sublinhar que no âmbito de uma proposta para a valorização do Património Arquitetónico Protegido da Casa de Ramalde, em 1999 a Arquiteta Ângela Melo propôs o estudo do Imóvel no âmbito das disciplinas da *História da Arte e da Arquitetura e Urbanismo*. Infelizmente, até agora não foram realizados estudos sistemáticos sobre a Casa; Arquivo da Direção Regional de Cultura do Norte [ADRCN] - *Quinta e Casa de Ramalde* - [MELO, Arquiteta Ângela Melo] - *Informação N.º 139 – DRP/DS/99 de 27 de janeiro; – Processo: DRP/CLS – 734.*

mesmo Imóvel. A bibliografia disponível incide sobre a genealogia dos Leite Pereira e Cerveiras que habitaram a Casa.<sup>116</sup>

No decurso da nossa pesquisa arquivística no Arquivo Distrital do Porto descobrimos alguma documentação de relevo, ainda assim insuficiente para traçar uma visão histórica do Imóvel.

#### 4.1 - A Casa sob o domínio dos Leite Pereira e dos Cerveiras

A Quinta Queimada é também denominada por *Casa de Ramalde*, nome da freguesia que no século XVIII integrava o *Julgado* de Bouças.<sup>117</sup> A sua origem remonta à Baixa Idade Média e estava ligada à família dos *Leites do Porto*.<sup>118</sup> A referência mais antiga é a de Álvaro Annes Leite que casou com D. Filipa Borges, “*filha herdeira de Duarte Borges, Porteiro-Mor de el-rei D. Afonso V e senhor de Carvalhais e Vermelho, Provedor da Casa da Índia, e de sua mulher D. Elvira Alcoforado*”.<sup>119</sup> Este casal deixou vários descendentes, cujos membros tiveram um papel de relevo na sociedade.<sup>120</sup>

O *Morgadio de Ramalde* - “com obrigação de missas na Igreja de S. Domingos” - foi instituído por João Dias Leite, Fidalgo da Casa Real, casado com D. Catherina Carneiro em 1492, filha de Vasco Carneiro o Velho e de D. Maria Annes Sanchez e da

---

<sup>116</sup> GOUVEIA PORTUENSE - *Portas e casas brasonadas do Porto e seu termo*. Prefácio de Conde de Campo Belo (D. Henrique). Porto: Empresa Industrial Gráfica, 1945; SILVA, António Lambert Pereira da - *Nobres casas de Portugal*. Porto: Livraria Tavares Martins, fasc. 1, [1958]; MACHADO, José de Sousa - *Últimas gerações de Entre Douro e Minho. Apostilas às árvores de costados das famílias nobres*. Braga: Edição do Autor, 1932. TÁVORA, Fernando de Tavares - *Notas histórico-genealógicas sobre a Casa de Ramalde*. Coimbra, 1985;

<sup>117</sup> Reveja-se a Primeira Parte, Cap<sup>o</sup> 1.6 - O espaço administrativo do Julgado de Bouças.

<sup>118</sup> Gouveia Portuense refere que a propriedade foi comprada «*no primeiro quartel século XV por João Carneiro, Juiz Ordinário que foi da cidade do Porto em 1447, a Vasco Gil de Bacelar, senhor da Torre e Solar de Bacelar que houve seis casais, todos em Ramalde por mercê d'el-rei D. João I, outorgado no porto quando estava de partida para Ceuta*»; in *Portas e casas brasonadas do Porto e seu termo*. Prefácio de Conde de Campo Belo (D. Henrique). Porto: Empresa Industrial Gráfica, 1945, p. XXV. TÁVORA, Fernando de Tavares - *Notas histórico-genealógicas(...)*, p. 15.

<sup>119</sup> TÁVORA, Fernando de Tavares - *Notas histórico-genealógicas (...)*, p. 15.

<sup>120</sup> É o caso do capitão António Leite, filho de Diogo Álvares Leite e de D. Maria Gonçalves Nogueira que viviam em Guimarães, que esteve destacado em Mazagão ; cf. TÁVORA, Fernando de Tavares - *Notas histórico-genealógicas (...)*, p. 16.

família dos Brandões “ tronco dos da Torre da Marca”. Por testamento realizado em 6 de março de 1543 a administração do Morgadio ficou a cargo do seu filho António Leite.<sup>121</sup>

A Capela do Morgadio, que guarda a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Coroa, está no Convento de S. Francisco num nicho da capela dos Reis Magos que pertencia às famílias Leite Pereira e Brandões, conforme refere a petição de D. Florência Leite Pereira de Melo em 10 de março de 1767.<sup>122</sup>

Este documento enumera os sucessivos administradores do Morgadio até ao século XIX:

«Administradores:

Do primeiro legado foi João Dias Leite, filho do instituidor e que instituiu o vínculo, e depois forão de tudo.

1º Martim Leite Pereira, filho de João Dias Leite na sua quinta de Ramalde.

2º Francisco Gomes da Silva, em 1684, casado com a Morgada, e que depois lhe sucedeu, que era

3º D<sup>a</sup> Maria Leite Pereira e Mello, em 1731.

4º Jerónimo Leite Pereira Pinto Guedes, casado com D<sup>a</sup>. Francisca Luisa Leite Pereira de Sousa e Melo, filho da antecedente.

5º D<sup>a</sup>. Marianna de Estrela Leite, religiosa em Monchique<sup>123</sup>.

6º D<sup>a</sup> Florencia Leite Pereira de Mello.

7º Henrique da Silva Leite Pereira, filho da antecedente.

8º Luiz Leite da Silveira e Machado, irmão do antecedente.

9º Pedro de Sousa da Fonseca.

10º - José Pereira da Silva e Sousa e Meneses, casado com a Morgada de Ramalde, D. Ana Maria Francisca da Cerveira Leite na Casa das Taipas N<sup>o</sup> 79».<sup>124</sup>

---

<sup>121</sup> cf. TÁVORA, Fernando de Tavares - *Notas histórico-genealógicas (...)*, p. 16.

<sup>122</sup> ADP - 1767-Mar, 10 - *Licença de D. Florência Leite Pereira de Melo aos religiosos do Convento de S. Francisco para colocarem a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Coroa na Capela dos Reis Magos, 1767-Mar, 10.* ADP - PT/ADPRT/MON/CVSPRT/002/6049/49282 - K/20/6 – 95; (T.º 3.º), Capela dos Reis Magos, f. 282

<sup>123</sup> Refere-se ao Convento da Madre de Deus, na cidade do Porto.

<sup>124</sup> ADP - 1767-Mar, 10 - *Licença de D. Florência Leite Pereira de Melo aos religiosos do Convento de S. Francisco para colocarem a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Coroa na Capela dos Reis Magos, 1767-Mar, 10.* ADP - PT/ADPRT/MON/CVSPRT/002/6049/49282 - K/20/6 - 95 (T.º 3.º), Capela dos Reis Magos, f. 276v (**DOC. 6 – SEC. 4,V2**).

A história das intervenções na Casa de Ramalde no século XVIII é entendida à luz do percurso social e das condições materiais dos membros da família. Em 1685 D. Maria Leite Pereira e Mello casou com Francisco Gomes da Silva, abastado comerciante que fez fortuna no Brasil. A família foi dotada com grandes cabedais que foram aplicados na reformulação e na construção de aparatosos espaços habitacionais.

Ilídio Araújo afirma que poderá ter sido durante a administração de D. Maria Leite que se iniciaram as grandes realizações arquitetónicas na Casa de Ramalde e na Quinta de S. Gens,<sup>125</sup> ou então por iniciativa das duas filhas Francisca Luiza e Florência Leite, contempladas na herança após a morte da mãe, em 1738.<sup>126</sup>

Sabe-se que a primeira contraiu matrimónio com Jerónimo Pereira Pinto Guedes tendo habitado a Quinta de S. Gens (próxima de Ramalde), sem deixar descendência; D. Florência casou com Rodrigo Jerónimo da Cerveira Machado, senhor do Morgado de Sampaio e Quinta da Pena localizada nos subúrbios de Braga.<sup>127</sup> Teve dois filhos, Luís Leite da Silveira Machado e Henrique da Cerveira Leite Pereira.

D. Florência Leite Pereira de Melo<sup>128</sup> passou a administrar o Morgadio após a renúncia do seu irmão Frei Luís Leite com uma grande capacidade e firmeza. Prova disso foi a contenda que travou com o Capitão-mor do Concelho de Paiva, Bernardo José Pinto, por este recusar o cumprimento das pensões da Comenda de Redemoinhos de que era administradora e proprietária.<sup>129</sup> Em 17 de abril de 1770 a Morgada recorreu às instâncias régias queixando-se do dito Capitão-mor que «*hé muito poderoso (...)por ser o suplicado do território da Sereníssima Casa de Bragança*».<sup>130</sup> Faleceu em 1777 e sucedeu-lhe o seu filho Henrique da Cerveira Leite Pereira após a

---

<sup>125</sup> Seria mais correto afirmar «foram» quase cópia uma da outra porque a Casa de S. Gens foi destruída por um incêndio nos finais do século XIX. Foi depois reconstruída em 1920, mas a casa ficou “sem distinção arquitetónica” como a propósito escreveu Robert Smith; cf. - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, p. 145.

<sup>126</sup> Também não deixa de ser bizarro que dos sete filhos do casal apenas as duas filhas foram beneficiadas pela herança; ARAÚJO, ILÍDIO – “N. Nasoni e a Quinta de S. Gens” (...) p. 3.

<sup>127</sup> TÁVORA, Fernando de Tavares - *Notas histórico-genealógicas (...)*, p. 26.

<sup>128</sup> D. Florência Leite Pereira de Melo nasceu a 5 de novembro de 1695 e faleceu em 1777.

<sup>129</sup> IAN-TT - *Desembargo do Paço: Minho e Trás-os-Montes*, mç. 51, documento nº. 8.

<sup>130</sup> Há uma segunda petição com o mesmo teor datada de 2 de agosto de 1770 - IAN-TT - *Desembargo do Paço: Minho e Trás-os-Montes*, mç. 53, documento nº. 2; leia-se a sua transcrição no 2º Volume - in (DOC Nº 5A e 5B SEC. 4, V2)

renúncia do irmão.<sup>131</sup> Além da casa de Ramalde herdou também a Quinta de S. Gens de sua tia Francisca Luiza que não deixou descendentes. Posteriormente as duas quintas ficaram na posse da sua filha D. Ana Maria Francisca da Silveira Leite Pereira Pinto (1768-1830)<sup>132</sup> que veio a casar com Pedro da Silva de Affonseca de Bourbon. O filho desse primeiro matrimónio foi Henrique da Silva da Fonseca da Cerveira Leite, primeiro barão e primeiro visconde de Alcobaça, que herdou a quinta de Ramalde que, queimada em 1809 durante a segunda Invasão Francesa.<sup>133</sup> Por não ter deixado descendência sucedeu-lhe o sobrinho André da Silva da Fonseca da Cerveira Leite que faleceu precocemente, vítima da varíola. Em sua memória foi-lhe dedicado um epitáfio na Capela da Casa, com os versos do poeta António Pereira.<sup>134</sup>

Para concluir o percurso dos protagonistas da Quinta *Queimada* refira-se que foi Pedro da Silva da Fonseca da Cerveira Leite<sup>135</sup> que fez renascer das cinzas a Casa de Ramalde e a Capela como veremos seguidamente.<sup>136</sup>

Como era constituída a propriedade nos séculos XVIII e XIX? Quais os seus domínios? Que tipo de rendimentos tinha?

No Arquivo Distrital do Porto descobrimos a relação de bens patrimoniais da Quinta Queimada feita pela inventariante D. Maria do Carmo da Fonseca Meneses Cirne, irmã de Diogo Henrique da Silva da Fonseca e Bourbon, falecido na Suíça. O documento está datado de 23 de fevereiro de 1907, porém o seu teor permite esboçar uma visão do património fundiário e imobiliário da propriedade (**QUADRO 3**).<sup>137</sup>

Desde logo a descrição da Quinta evidencia as estruturas de um complexo agrário composto por: *casas nobres, torre com uma capela, casa de caseiros, cortes para gado, eira de lousa e casa da eira terra lavradia e mato com árvores de fruto e mais pertenças*

---

<sup>131</sup> ARAÚJO, ILÍDIO – “N. Nasoni e a Quinta de S. Gens” (...) p. 4.

<sup>132</sup> Segundo Ilídio Araújo, D. Ana Maria casou por duas vezes e teve desses dois matrimónios 12 filhos; cf. “N. Nasoni e a Quinta de S. Gens” (...) p. 4.

<sup>133</sup> Cf. TÁVORA, Fernando de Tavares - *Notas histórico-genealógicas (...)*, p. 29-30 e ARAÚJO, ILÍDIO – “N. Nasoni e a Quinta de S. Gens” (...) p. 4.

<sup>134</sup> A inscrição epigráfica está conservada na Capela de São Roque.

<sup>135</sup> Casou com D. Mariana Augusta da Silva Freitas de Menezes Cyrne de Sousa que, após o falecimento do marido, foi senhora da Casa da Fábrica no Porto.

<sup>136</sup> PT/ADPRT/JUD/TCPR/077/00593 – Mç 0220, 1887/1923, Porto 31 de janeiro de 1887.

<sup>137</sup> Segundo o mesmo conceito de «quinta» definido pelo Professor Aurélio de Oliveira; reveja-se a *Segunda Parte - 1. - ETIMOLOGIAS E CONCEITOS DE «QUINTA», (...)*.

(...); a apropriação dos recursos hídricos do território que eram indispensáveis ao desenvolvimento agrícola e à manutenção de uma estrutura moageira com *quatro rodas de moinhos no primeiro e segundo andar, movimentadas pelas águas que vem do Ribeiro de Ramalde pertencente à mesma Quinta*, de que ainda restam vestígios junto à antiga estrada da Telheira à Mazorra e que está perceptível na *Carta Topográfica de Telles Ferreira de 1892 (DOC. 11 – SEC. 2,V2)*.<sup>138</sup>

A este conjunto sucede-se um vasto rol de parcelas de terreno de natureza alodial - *leiras, campos e cortinhas* sobre as quais recaíam os foros que anualmente eram pagos em troca do arrendamento das terras.

Refira-se ainda a posse de prédios urbanos na cidade do Porto, como a Casa da Fábrica de que demos conta na *Segunda Parte* e ainda alguns armazéns utilizados para fins comerciais, o que demonstra que os membros da Casa acompanhavam as tendências de investimento económico da burguesia “aristocrática” do Porto.

---

<sup>138</sup> O troço da mesma estrada passou a ser denominada Rua de Ramalde de Baixo em 1892 como evidencia a Carta Topográfica de Telles Ferreira.

### 3. QUADRO – INVENTÁRIO DOS BENS PATRIMONIAIS DA QUINTA QUEIMADA (23 - FEV. 1907)

Nome do inventariado: Diogo Henrique da Silva da Fonseca e Bourbon, da Quinta da Queimada, freguesia de Ramalde e falecido na Suíça.

Nome da Inventariante – sua irmã D. Maria do Carmo da Fonseca Meneses Cirne, casada com o Doutor António de Melo Vara de Sampaio, residente em Coimbra.

Local: Porto: Casa e Quinta de Ramalde

Data do Inventário: 23-02-1907Cota: PT/ADPRT/JUD/TCPRT/077/00657 – Tribunal da Comarca do Porto, Inventários Obrigatórios, Interesses na Quinta da Queimada; mç 0247.

Observação: O Quadro 3 foi elaborado a partir da versão integral DOC. Nº 7 – SEC. 4, V2.

PROPRIEDADE	Localização	Valor em réis (ao fim de vinte anos)
<b>Nº1 – Casa e Quinta de Ramalde</b> - Metade, ainda indivisa, d' uma quinta situada na freguesia de Ramalde junto à Ponte de Ramalde de Baixo, do Concelho de Bouças, que se compõe de casas nobres, torre com uma capela, casa de caseiros, cortes para gado, eira de lousa e casa da eira, terra lavradia e mato com árvores de fruto e mais pertenças, água de rega do Ribeiro de Ramalde, que nasce na aldeia do Regado, assim como toda a água do leito do Ribeiro, desde a ponte de Ramalde do Meio até à mesma Quinta; confina a Nascente com herdeiros de José João e Manuel Martins dos Santos, do Poente e sul com a estrada que vai para a Mazorra e do norte com António da Silva Cabaça.	Lugar de Ramalde de Baixo  Freguesia de Ramalde	<b>6000:000</b>
<b>Nº 2</b> – Metade, ainda indivisa, d' uma <b>casa de moinhos</b> , próxima à Quinta e que atualmente cortada pela estrada que vai da Telheira à Mazorra; compõe-se de quatro rodas de moinhos no primeiro e segundo andar, movimentadas pelas águas que vem do Ribeiro de Ramalde pertencente à mesma Quinta, e de uma pequena área de terra com mato e pinheiros junto à casa, formando tudo um só prédio, a confinar do Poente e sul com caminhos públicos, do norte com a referida estrada que da Telheira vai à Mazorra, e do Nascente termina em agudo.	Lugar de Ramalde de Baixo  Freguesia de Ramalde	<b>400.000.</b>
<b>Nº 3</b> – Uma sétima parte, ainda indivisa, d'um <b>prédio formado por uma morada de casas apalaçadas, d'um andar</b> , com frente para a travessa da fábrica desta cidade, para onde tem os <b>números quatro a dezasseis</b> , com suas <b>lojas, jardins e água de bica (quatro penas, vindas e tomadas no aqueduto geral da Camara Municipal) tanque e mais pertenças</b> , a confinar a Nascente com José Dias Alves Pimenta, António de Castro Silva, António Pereira Soares e doutor Bento Thomaz d'Araújo, do Poente com a Travessa da Fábrica, do norte com António Torquato d'Almeida Brandão e do sul com a parte	Cidade do Porto	

da mesma casa que forma um torreão, pertencente à inventariante Dona Maria do Carmo da Silva da Fonseca Meneses Cirne e outros. Está descrita na conservatória respetiva a folhas noventa e seis do livro B – sessenta e oito, sob o número vinte e um mil duzentos trinta e quatro e é de prazo foreira no Cabido da Sé desta cidade, a quem paga anualmente o foro de oito mil duzentos e cinquenta reis, com laudémio de cinco – um.		<b>2.495:428.</b>
<b>Nº 4 – Uma morada de casas de três andares com lojas e águas furtadas, quintal, poço de meação e mais pertenças, sita na Rua dos Mártires da Liberdade, com os números trezentos e dezasseis a trezentos e vinte desta cidade, (...)</b> e é de prazo foreira no domínio direto à Mitra desta cidade, com o laudémio de quatro um, em (sic) enfiteutico à Santa Casa da Misericórdia da cidade do Porto.	Cidade do Porto	<b>2.962: 500</b>
<b>Nº 5 – Um armazém térreo</b> , sito na Rua da Fabrica, numero cinquenta e sete a sessenta e um, desta cidade [...] e é de prazo foreiro ao Cabido da Sé desta cidade.	Cidade do Porto	<b>2.447: 200</b>
<b>Nº 6 - Um armazém térreo</b> , sito na Rua da Fábrica, com os números sessenta e três a sessenta e cinco, desta cidade, com seus pertences [...]; é de prazo foreiro ao Cabido da Sé desta cidade, a quem paga o foro anual de mil e cem réis, com o laudémio de vinte — 2.449:150.	Cidade do Porto	<b>2.449:150</b>
<b>Nº 7 - Uma propriedade</b> , formada por <b>casas de lavoura</b> , aidos para gado, palheiro, eira de pedra, casa da mesma, poço, cortinha de terra lavradia e mais pertenças.	Lugar de Ramalde do Meio -- Freguesia de Ramalde	<b>800:000</b>
<b>Nº 8 - Um campo de terra lavradia chamado a Cortinha de Baixo</b> sito no lugar de Ramalde do Meio, freguesia de Ramalde [...] É de natureza alodial [...].	Lugar de Ramalde do Meio - Freguesia de Ramalde	<b>150:000</b>
<b>Nº 9 - Um pedaço de terra lavradia</b> [Fólº 85. v] e mais pertenças chamada a Horta de Baixo, [...] É de natureza alodial.	Lugar de Ramalde do Meio -Freguesia de Ramalde -	<b>200:000</b>
<b>Nº 10 - A leira da Vinha</b> , terra lavradia e mais pertenças, atravessada pelo caminho de ferro [...]. – 250:000 réis.	Lugar da Agra - Freguesia de Ramalde	<b>250:000</b>
<b>Nº 11 – Uma leira da Agra</b> , terra lavradia e mais pertenças, sita no lugar da Agra, freguesia de Ramalde, [...] É de natureza alodial.	Freguesia de Ramalde	<b>300:000.</b>

<b>Nº 12</b> - O <b>campo Pomarelho</b> , terra lavradia com alguns amieiros à margem do ribeiro e mais pertenças	Lugar da Agra - Freguesia de Ramalde	<b>200:000</b>
<b>Nº 13</b> O <b>campo do Pa[ú]l</b> , terra lavradia e mais pertenças,	Lugar da Agra Freguesia de Ramalde	<b>200:000</b>
<b>Nº 14</b> - <b>A leira do Castanheiro</b> , terra lavradia com um cabeceiro de mato e mais pertenças (...).	Lugar de Ramalde do Meio - Freguesia de Ramalde	<b>500:000</b>
<b>Nº 15</b> - <b>A leira do Calvário</b> , terra de mato e mais pertenças, sita no lugar [Fólp 88] das Cruzes. É de natureza alodial (...)	Freguesia de Ramalde	<b>500:000</b>
<b>Nº 16</b> <b>A leira do Pinhal das Cavadinhas</b> , terra de mato e pinheiros e suas mais pertenças, sita no lugar da Saibreira, sita no lugar da Saibreira, É de natureza alodial (...).	Freguesia de Ramalde	<b>150:000</b>
<b>Nº 17</b> O <b>campo do Paço</b> , terra lavradia com bouça de mato e mais pertenças, sito no Paço (...).	Lugar de Ramalde do Meio - Freguesia de Ramalde	<b>250:000</b>
<b>Nº 18</b> - <b>Campo da Arroteia</b> , terra lavradia e de mato com água de rega e lima e mais pertenças, É de natureza alodial (...)	Lugar de Ramalde do Meio- Freguesia de Ramalde	<b>120:000</b>
<b>Nº 19</b> - O <b>Campo da Chamuscada</b> , terra lavradia e mais pertenças, sito no lugar de Ramalde de Baixo É de natureza alodial (...)	Lugar de Ramalde de Baixo -  Freguesia de Ramalde	<b>400:000</b>
<b>Nº 20</b> - O <b>Campo da Devesa</b> , terra lavradia (...) é de natureza alodial.	Lugar de Ramalde de Baixo - Freguesia de Ramalde	<b>100:000</b>
<b>Nº 21</b> - O <b>foro anual de três mil réis</b> que à herança é obrigado a pagar a Fazenda Nacional, pelas extintas religiosas do Convento de Santa Clara da cidade do Porto, imposto no terreno sobre o qual se acha edificada a igreja de Sam Salvador de Ramalde da freguesia de Ramalde.	Freguesia de Ramalde	<b>60:000</b>
<b>Nº 22</b> O domínio direto consistente no <b>foro anual</b> de cento e quarenta e sete litros quatrocentos e setenta e cinco mililitros de trigo, oito litros seiscentos setenta e cinco mililitros de meado, dezassete litros e trinta e cinco centilitros de cevado, quinhentos e trinta mililitros de manteiga, uma galinha, nove dúzias de feixes de palha painça e dez réis em dinheiro, com o laudémio de cinco-um, que anualmente são obrigados a pagar António Gonçalves Ranzeiro	Lugar de Ramalde do Meio  - Freguesia de Ramalde	

<p>e mulher, imposto num prédio (...) formado por <b>moradia de casas de andar e terras com quinteiro, cortes de gado, eira de pedra e casa da eira, palheiro, engenho de tirar agua e seu portal fronho</b> ao lado Nascente, e <b>dois campos contíguos, denominados “Cortinha” e do “Rapado”</b>.</p>		<p><b>676:880</b></p>
<p><b>Nº 23</b> - O domínio direto consistente no <b>foro anual</b> de cento e quatro litros e um decilitro de trigo, quarenta e três litros e um decilitro de trigo, quarenta e três litros trezentos e setenta e cinco mililitros de milho alvo, quarenta e três litros trezentos setenta e cinco mililitros de centeio, e duas galinhas, tendo uma delas o preço de cento e cinquenta réis, com o laudémio de cinco-um (...) imposto em um prazo (...) e composto dos seguintes prédios, digo, e um, (<i>sic</i>) e formado por uma morada de casas e cortinha com ramadas e pomar.</p>	<p>Lugar de Francos - Freguesia de Ramalde</p>	<p><b>324:800</b></p>
<p><b>Nº 24</b> - O domínio direto consistente no <b>foro anual</b> de um frango e dez réis em dinheiro, com o laudémio de cinco-um, que é obrigado a pagar Pedro Silva Neves, imposto em um prazo (...), que se compõe d'um campo de terra lavradia circuitada de parede pelo lado do Nascente, denominado da Leirinha (...)</p>	<p>Lugar de Francos - Freguesia de Ramalde</p>	<p><b>123:360</b></p>
<p><b>Nº 25</b> - O domínio direto consistente no <b>foro anual</b> de sessenta litros setecentos vinte e cinco mililitros de trigo, vinte e seis litros e vinte e cinco mililitros de cevada, dúzia e meia de capas de palha painça, ovos e dez réis em dinheiro, com o laudémio de cinco-um, imposto em um prédio possuído por Manuel da Silva Araújo e mulher Claudina Joaquina Alves e formado por <b>dois campos</b> de terra lavradia, denominados de <b>“Novaes” e do “Couto”</b>, circuitados de parede (...)</p>	<p>Lugar de Outeiro - Freguesia de Ramalde</p>	<p><b>169:600</b></p>
<p><b>Nº 26</b> - O domínio direto consistente no <b>foro anual</b> de oitenta e seis litros setecentos e cinquenta mililitros de trigo, vinte e um litros e seiscentos e oitenta e sete mililitros de centeio, vinte e um litros seiscentos e oitenta e sete mililitros de milho alvo, trinta e quatro litros e sete decilitros de cevada, com o domínio de cinco-um, (...) imposto no mesmo prédio (...) formado por <b>dois campos</b> de terra lavradia, denominados de <b>“Novaes” e do “Couto” (...)</b></p>	<p>Lugar de Outeiro  Freguesia de Ramalde</p>	<p><b>201:600</b></p>
<p><b>Nº 27</b> - O domínio direto consistente no <b>foro anual</b> de oitenta e seis litros setecentos e cinquenta mililitros de trigo, quarenta e três litros trezentos e setenta e cinco mililitros de cevada, vinte e um litros seiscentos e oitenta e sete mililitros de meado, uma jeira de bois e cinquenta e seis em dinheiro, com o laudémio de cinco-um (...) imposto em prazo (...) formado pelas seguintes propriedades: um campo de terra lavradia, chamado das Covelinhas, tapado de parede; campo de terra lavradia chamado Cavadinhas; campo de terra lavradia chamado do Peixinho; campo chamado do André; e</p>	<p>Lugar de Ramalde de Baixo -Freguesia de Ramalde</p>	<p><b>244:800</b></p>

leira de terra e mato também chamado do André (...)		
<b>Nº 28</b> - O domínio direto consistente no foro anual de trinta e quatro litros e sete decilitros de cevada, com <b>o laudémio de cinco um (...)</b> imposto em um prazo situado (...) que se compõe do campo chamado das Cavadinhas e d`uma leira lavradia junto ao mesmo (...).	Lugar de Ramalde de Baixo -Freguesia de Ramalde	<b>70:920</b>
<b>Nº 29</b> - O domínio direto consistente no <b>foro anual</b> de dezassete litros e trinta e cinco centilitros de trigo, com o laudémio de cinco-um (...) imposto em um prazo situado no lugar de Ramalde do Meio, freguesia de Ramalde, que se compõe d`um campo chamado do Sernadinho (...).	Lugar de Ramalde do Meio -Freguesia de Ramalde	<b>30:400</b>
<b>Nº 30</b> - O domínio direto consistente no <b>foro anual</b> de cinquenta e dois litros e cinco centilitros de trigo, duzentos sessenta oito litros novecentos vinte e cinco mililitros de milho graúdo, oito litros seiscentos setenta e cinco mililitros de cevada e vinte réis em dinheiro, com o laudémio de cinco-um (...), imposto em <b>um prazo (...)</b> que se compõe dos prédios seguintes: <b>o campo da Cortinha, terra lavradia com árvores de vinho e fruto, ramadas e um aposento de casas com seu quinteiro, eira e portas fronhas</b> para a parte norte, e defronte casas edificadas à face da estrada que vai ter à Mazorra; o campo do Pacheco, terra lavradia com árvores de vinho e de fruto e a leira da Devesa, junto à Quinta da Queimada; 333:600.	Lugar de Ramalde de Baixo -Freguesia de Ramalde	<b>333:600</b>
<b>Nº 31</b> - O domínio direto consistente no <b>foro anual</b> de sessenta e nove litros e quatro decilitros de trigo, dezassete litros e trinta e cinco centilitros de centeio, dezassete litros e trinta e cinco centilitros de cevada e dezassete litros e trinta e cinco centilitros de milho meado, com o laudémio de cinco-um (...), imposto em um prazo (...) que se compõe de uma morada de casas de um andar e outra terra, com aidos para gado, eira, coberto, quintal, poço e cortinha de terra lavradia, com árvores de vinho, fruta e mais pertenças (...).	Ramalde de Baixo - Ramalde - Freguesia de Ramalde	<b>197:760</b>
<b>Nº 32</b> - O domínio direto consistente no <b>foro anual</b> de cinquenta e dois litros e cinco centilitros de trigo, dezassete litros e trinta e cinco centilitros de centeio, dezassete litros e trinta e cinco centilitros de cevada, dezassete litros e trinta e cinco centilitros de milho miúdo, uma galinha e vinte réis em dinheiro, com o laudémio de cinco e um (...), imposto em um prazo (...) formado por uma leira lavradia chamada "Pedaço", (...)	Ramalde de Baixo - Freguesia de Ramalde	<b>172:285</b>
<b>Nº 33</b> - O domínio direto consistente no <b>foro anual</b> de dezassete litros e trinta e cinco centilitros de centeio, dezassete litros e trinta e cinco centilitros de centeio, meia galinha, com o laudémio de cinco-um, (...) imposto n`um prazo (...) que se compõe de <b>uma morada de casas de um andar com ramadas e escadas de pedra;</b>	Ramalde do Meio- Freguesia de Ramalde	

<b>uma casa térrea que serve de cozinha; e outra casa com enchido, portal fronho, poço e terra de horta com árvores de fruto e de vinho, (...).</b>		<b>73:600</b>
<b>Nº 34</b> - O domínio direto consistente no foro anual de oitenta e dois litros quatrocentos e doze mililitros de trigo, treze litros e doze centilitros de centeio, vinte e um litros seiscentos e oitenta e sete mililitros de milho, seis molhos de palha painça, mas não d`argola, seis ovos, ou vinte reis por eles, e um frango, <b>com o laudémio de cinco-um (...)</b> imposto num <b>prazo (...)</b> que se compõe de <b>campo e duas moradas de casas</b> com os números duzentos e dez a duzentos e dezoito, com quintal e campo d`Arrotheia de Baixo (...).	Ramalde do Meio  - Freguesia de Ramalde	<b>154:000</b>
<b>Nº 35</b> - O domínio direto consistente no foro anual de um frango, com o laudémio de cinco-um, (...) imposto <b>num prazo (...)</b> que se compõe de <b>uma casa com o seu quintal (...)</b> com frente para a estrada da Senhora da Hora (...).	Ramalde do Meio - Freguesia de Ramalde	<b>81:920</b>
<b>Nº 36</b> - O domínio direto consistente no <b>foro anual de um frango, com o laudémio de cinco-um,</b> que é obrigado a pagar Manuel António da Cunha, imposto em uma propriedade (...) que se compõe de uma morada de casas (...), com frente para a estrada da Senhora da Hora (...)	Ramalde do Meio - Freguesia de Ramalde	<b>161:920</b>
<b>Nº 37</b> - O domínio direto consistente no <b>foro anual de um frango, com o laudémio de cinco-um,</b> (...) imposto em uma propriedade (...) que se compõe de uma <b>morada de casas com o seu quintal (...)</b> .	Ramalde do Meio - Freguesia de Ramalde	<b>21:920</b>
<b>Nº 38</b> - O domínio direto consistente no <b>foro anual de um frango, com o laudémio de cinco-um,</b> imposto em uma propriedade de prazo (...) que se compõe de uma morada de casas com o seu quintal (...)	Ramalde do Meio - Freguesia de Ramalde	<b>81:920</b>
<b>Nº 39</b> - O <b>foro anual de cinco mil réis em dinheiro</b> (...) imposto em uma morada de casas de quatro andares, sita na Rua do Calvário (...).	Porto	<b>100:000</b>
<b>Nº 40</b> - O <b>foro anual de sete mil réis em dinheiro</b> (...) imposto em uma propriedade de casas de dois andares e suas pertenças (...).	Campo dos Mártires da Pátria  Porto	<b>140:000</b>
<b>Nº 41</b> - O domínio direto consistente no <b>foro anual de cinco mil réis em dinheiro,</b> com o <b>laudémio de quarenta-um (...),</b> imposto em uma casa de dois andares com o seu quintal e mais pertenças, sita na Rua de Sam Victor (...).	Rua de S. Vítor - Porto	<b>122:500</b>

<p><b>Nº 42</b> – O domínio directo consistente <b>no foro anual de cinco mil réis em dinheiro, com o laudémio de quarenta-um (...)</b> imposto em uma propriedade composta de casa de dois andares com seu quintal e mais pertenças, sita na Rua de Sam Victor, números vinte e sete a trinta e um desta cidade, 122: 500.</p>	<p>Rua de S. Vítor - Porto</p>	<p><b>122:500</b></p>
<p><b>Nº 43</b> - O domínio directo consistente no <b>foro anual de cinco mil réis em dinheiro, com o laudémio de quarenta-um (...)</b>, imposto em uma propriedade formada por casa de um andar com quintal e mais pertenças, sita na Rua de Sam Victor, números trinta e três a trinta e cinco (...).</p>	<p>Rua de S. Vítor Porto</p>	<p><b>117:500</b></p>
<p><b>Nº 44</b> - O domínio directo consistente <b>no foro anual de cinco mil réis em dinheiro, com o laudémio de quarenta-um (...)</b> imposto em uma casa de dois andares com o seu quintal e mais pertenças, sita na Rua de Sam Victor, números trinta e sete e trinta sete A (...).</p>	<p>Rua de S. Vítor Porto</p>	<p><b>117:500</b></p>

#### 4.2 – O edifício residencial

Como foi referido a propriedade foi devastada pelos franceses em 1809 e a sua reconstrução foi realizada por Pedro Silva da Fonseca da Cerveira Leite por alturas de 1870. Isto significa que durante seis décadas a Casa e a Capela permaneceram arruinadas. A questão é saber se a reconstrução representa uma cópia fiel da imagem da Casa no passado, que Robert Smith atribuiu a Nicolau Nasoni, ou se traduz uma readaptação funcional própria da modernidade do século XIX.

As obras arquitetónicas que estiveram na posse desta família revelam um apurado cuidado estético e funcional. Temos o exemplo da Casa da Fábrica, uma das mais formosas da cidade do Porto no século XVIII.<sup>139</sup> O mesmo acontece na Casa da Pena situada na Pousada Sampaio, em Braga, que pertencia ao marido da Morgada D.

<sup>139</sup> SILVA, Germano da “A Casa da Fábrica foi uma das mais belas casas senhoriais da cidade setecentista”. In *Jornal de Notícias* [História] (11- set. 2016) 25.

Florência<sup>140</sup> e na quinta de S. Gens que para Ilídio Araújo foi “uma cópia da Casa Queimada”<sup>141</sup> (DOC. 11 e 12 – SEC. 2, V2).

Segundo a tradição da família foi Nicolau Nasoni que ampliou a casa quinhentista preexistente “com torre angular, duplicando o tamanho do bloco original de tal maneira que a torre se incorporou no meio da fachada norte, exactamente como a da casa do chantre.”<sup>142</sup>

Na verdade não temos descrições coevas que comprovem que o risco é desse mesmo pintor e arquiteto, mas é possível que a evolução da construção aponte nesse sentido. No entanto uma intervenção arqueológica permitiria determinar a evolução cronológica do *Imóvel* e recuperar eventuais artefactos relacionados com o quotidiano doméstico na Época Moderna.<sup>143</sup>

O edifício habitacional é formado por dois corpos lineares justapostos com o eixo vertical formado pela escadaria, portada e torre. O piso nobre é composto por nove aberturas, duas laterais rasgadas até ao pavimento com um guarda-corpo em ferro e três de peito para os dois lados da portada. O piso térreo é dominado pelo vão de passagem ao centro e pelas portas laterais que serviam as dependências agrícolas. A escadaria dupla é o elemento dinâmico da fachada. É guarnecida por um parapeito com pilastras graníticas encimadas por urnas e com balaústres no patamar superior (CRM - FOTOS Nº 1,2 4-A – SEC. 1, V2).

Esta escadaria abre-se para o amplo terreiro rodeado por um muro, que nos dois lados da Casa é encimado por merlões “*terminando em pombais e aberto no meio*

---

<sup>140</sup> Sobre a Quinta da Pena leia-se a descrição de STOOP, Anne de – *Palácios e casas senhoriais do Minho*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1993, pp. 97-101.

<sup>141</sup> A Casa de S. Gens foi destruída por um incêndio nos finais do século XIX. Foi depois reconstruída em 1920, mas a casa ficou “sem distinção arquitetónica” como refere Robert Smith; cf. - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, p. 145.

<sup>142</sup> cf. - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, p. 143.

<sup>143</sup> A exemplo do que sucedeu no Paço de Vitorino das Donas, cujos trabalhos foram dirigidos por ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – “O Paço de Vitorino das Donas”. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto, vol. IX-XI, 2010-2012, pp. 59-81; e também na Casa dos Lobo Machado na cidade de Guimarães, onde foi possível recuperar, preservar e musealizar os testemunhos materiais da época Medieval e Moderna; FERNANDES, Isabel Maria ; MARTINS, Manuel (Coordenação) [Fenando Conceição... et al.] ; Manuel Correia... [et al.] ; il. Alice Bernardo... [et al.] - *A casa dos Lobo Machado: de espaço privado a espaço de interesse público*. Guimarães: Associação Comercial e Industrial de Guimarães, 2010.

*por dois arcos abatidos*”, um no lado direito encimado pelo «primitivo» brasão e outro no lado oposto que liga à Capela<sup>144</sup>. Esta vedação reflete uma “sobrevivência da arquitetura militar” que, segundo Carlos de Azevedo, vale pela sua função decorativa.<sup>145</sup> O mesmo se pode dizer das guaritas situadas a poente da residência que podiam servir de ornamento ao “jardim formal”, como no Palácio dos Biscaínhos em Braga (CRM – FOTOS Nº 9 e 10 - SEC. 1,V2).<sup>146</sup> O terreiro é delimitado a sul pela portada exterior que ostenta o brasão dos Cerveira e Leite Pereira.

A fachada posterior, orientada a norte, evidencia um corpo central marcado pela torre. Nela se destaca a janela ogivada “combinada com dois olhos-de-boi”,<sup>147</sup> cuja sacada é suportada por três potentes cachorros. Se as ameias da torre são genuínas, tal como parece ser a cornija com as gárgulas “em forma de canhões”, as paredes “remodeladas por Nasoni” evidenciam “*sinais de neogoticismo.*”<sup>148</sup>

Deixando de lado as tendências neogóticas de Nicolau Nasoni que foram ensaiadas em Inglaterra por Horace Walpole e de Batty Langley, a questão essencial diz respeito à organização funcional da Casa, da qual não temos elementos.

A residência foi reconstruída no quartel do século XIX por Pedro da Cerveira Leite. Um documento datado de 31 de janeiro de 1887 refere a propriedade composta por *casas nobres, torre com sua capela com o altar em construção.*<sup>149</sup> Os compartimentos indicados na Planta do piso superior permitem situar a sala “nobre” num espaço que certamente seria compartimentado, com as aberturas orientadas a Sul para aproveitar a boa exposição solar. As câmaras e os aposentos de dormir ficavam no lado oposto e a cozinha na extremidade. Sobre o recheio familiar a documentação é omissa.

---

<sup>144</sup> Veja-se a *Planta do piso térreo* in **DOC. 10 B – SEC. 3,V2 ; EST. 33; e - CRM – FOTOS Nº 4 - A e 4 – B, SEC. 1,V2).**

<sup>145</sup> AZEVEDO, Carlos de - *Solares Portugueses*. [1ª. Edição-1969] 2ª. Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 1988, p. 82.

<sup>146</sup> Na Quinta de S. Gens existe um conjunto escultórico atribuído a Nasoni que ornamenta o jardim. Porém, o seu enquadramento original permanece desconhecido (**CRM – FOTOS Nº 6 e 7 - SEC. 1,V2).**

<sup>147</sup> Nicolau Nasoni - *arquitecto do Porto (...)* p. 144.

<sup>148</sup> Nicolau Nasoni - *arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, p. 143-144.

<sup>149</sup> - Inventário de Pedro Silva da Fonseca da Cerveira Leite após o falecimento de D<sup>ã</sup> Mariana Augusta da Silva Freitas e Meneses Cirne de Sousa, faleceu a 14 Set<sup>º</sup>, 1903; cf. ADP - PT/ADPRT/JUD/TCPR/077/00593 – Mç 0220, 1887/1923 – maço 220, cota 615, fol<sup>º</sup>. 287.

### 4.3 - A Capela de S. Roque

Neste local havia uma ermida consagrada a São Roque que foi apropriada pela família e integrada no edifício residencial “por uma passagem em forma de quadrante”.<sup>150</sup> Alberga o mausoléu de D. João Leite Pereira de Melo envolto num arco de cantaria. De forma trapezoidal, o túmulo assenta sobre um plinto de base retangular com a pedra de armas dos Leites entre dois leões esculpidos e com um epitáfio gravado com letras capitais:

EPIGRAMA HISTORICUM  
HOC JACET IN TUMULO JOANES  
NOMINE QUARTUS  
IS FUIT OCTAVUS QUEM  
COLIT AMPLA DOMUS  
RODRIGO ET PARITER MARIAE  
DEDIT URNA  
SEPULCRUM NATHACE  
JOANNIS LEVIR AT ILLE FUIT<sup>151</sup>

A data de 1746 que está gravada na portada granítica da Capela de São Roque indica que as obras de reformulação do edifício residencial ocorreram nessa altura, eventualmente sob a orientação de Nicolau Nasoni.<sup>152</sup>

Este é, por assim dizer, o espaço simbólico da Casa que sobreviveu às vicissitudes do tempo. Apesar de modesto nas suas proporções espelha “a vivência da morte no tempo barroco”.<sup>153</sup>

O *Imóvel* foi adquirido pelo Estado à família Távora em 1977 para fins culturais. Tal não veio a acontecer por razões que não vale a pena aqui aflorar. Rematamos esta

---

<sup>150</sup> Nicolau Nasoni - *arquitecto do Porto (...)* p. 143.

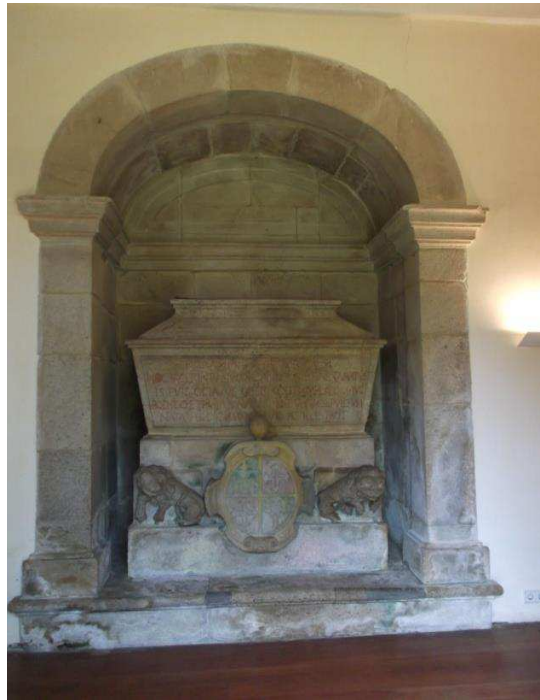
<sup>151</sup> In TÁVORA, Fernando de Tavares - *Notas histórico-genealógicas sobre a Casa de Ramalde*. Coimbra, 1985, p.12.

<sup>152</sup> CRM - FOTO Nº 3A e 3B – SEC.1,V2; SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, p. 142 e segs.

<sup>153</sup> PIMENTEL, António Filipe – «Vivência da morte no tempo barroco : tumulária portuguesa nos séculos XVII e XVIII». . In *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*. Reitoria da Universidade do Porto. Governo Civil do Porto. Porto, 1991, Vol. II, 243-268.

rubrica com as palavras do arquiteto Fernando Távora, ele próprio um membro da família da «casa»:

*«O espaço é um dos maiores dons com que a natureza dotou os homens e que, por isso, eles têm o dever, na ordem moral, de organizar com harmonia, não esquecendo que, mesmo na ordem prática, ele não pode ser dilapidado, até porque o espaço que ao homem é dado organizar tem os seus limites físicos, facto pouco sensível, por exemplo, na escala do objeto, mas já extraordinariamente sensível na escala da cidade ou da região».*<sup>154</sup>



**EST. 34 – Túmulo da Capela de São Roque**

---

<sup>154</sup> TÁVORA, Fernando – *Da organização do espaço*. Edição do autor [2ª Edição (fac-símile)]. Porto: Escola Superior de Belas Artes, 1982, p. 39.

## 5 – Quinta do Rio e Casa de Sam Thiago: duas «fábricas» agrícolas



**EST. 35 - Quinta do Rio** - Fotografia de Teófilo Rego - 1958;  
*in Casas do Porto: século XIV ao XIX: rua do Viso em Ramalde: Quinta dos Meireles: século XVIII.*  
AHCMP - Documento subordinado/Ato informacional, 1958 – 1958

As casas do Rio e de Sam Thiago foram especialmente concebidas com uma função agrícola e certa forma refletem o modelo da quinta “moderna” setecentista.<sup>155</sup>

No século XVIII pertenciam aos proprietários rentistas que tiraram partido da “conjuntura de alta nas rendas” para granjear estatuto social elevado.<sup>156</sup> Sublinha Aurélio de Oliveira que a posse de terra “*como fonte de renda, era definidora de prestígio, de respeitabilidade, de honorabilidade e de acesso nos degraus da sociedade*”.<sup>157</sup> O património fundiário e o exercício de cargos na comunidade local funcionavam como mecanismo de ascensão social da burguesia rural e urbana.<sup>158</sup> Um

---

<sup>155</sup> OLIVEIRA, Aurélio de – *As quintas na estrutura fundiária e produtiva do país do Douro (...)* p. 27.

<sup>156</sup>Cf. OLIVEIRA, Aurélio de – “A renda agrícola em Portugal durante o Antigo Regime (séculos XVII-XVIII) - Alguns aspetos e problemas”. *Revista de História Económica e Social*. Nº. 6 (Jul-Dezº- 1980) 4-5.

<sup>157</sup> OLIVEIRA, Aurélio de – “A renda agrícola em Portugal durante o Antigo Regime (séculos XVII-XVIII) - Alguns aspectos e problemas”. *Revista de História Económica e Social*. Nº. 6 (Jul-Dezº- 1980) 4-5.

<sup>158</sup>Temos a mesma perceção no município bracarense, onde, segundo José Viriato Capela, o “elevado grau de apropriação fundiária por parte da aristocracia e nobreza do solo agrícola, dos montados, mas também da renda agrícola e também na subordinação da exploração agrícola a uma lógica de mercado capitalista, diretamente gerida pelos senhorios ou por seus contratadores, feitores ou rendeiros”; veja-

dos cargos era o de oficial das ordenanças que valia a obtenção de privilégios e de poder na governação local.<sup>159</sup> Por essa razão era disputado pela burguesia com elevado cabedal fundiário e financeiro.<sup>160</sup>

Em 1 de Setembro de 1759 o proprietário da Quinta do Rio, Manoel da Silva Guimarães ostentava a patente de alferes<sup>161</sup>. Um depois era capitão das ordenanças de Ramalde<sup>162</sup> com a patente passada pelo Brigadeiro das Armas do Partido do Porto, João de Almada e Melo, com todas as “*honras, privilégios, liberdades, isenções e franquezas*”.<sup>163</sup> O mesmo sucedeu com o dono da Quinta de Sam Thiago, José Gonçalves Lopes, que em 21 de maio de 1766 ascendeu ao posto de Capitão em Santa Maria de Avioso<sup>164</sup> e a Capitão-mor da Baliagem da Leça. Nessa altura era conhecido como proprietário de terras, negociante e prestamista.<sup>165</sup>

### 5.1 – Quinta do Rio: o espaço arquitetónico residencial

A cronologia do imóvel remonta ao século XVIII conforme as inscrições epigráficas existentes na Capela privativa e na documentação escrita.<sup>166</sup>

---

se do autor citado: «Braga um município fidalgo – as lutas pelo controlo da câmara entre 1750 e 1834». *Cadernos do Noroeste*. Vol. II. Nº. 2-3 (1989) 304.

<sup>159</sup> Cf. MONTEIRO, Nuno Gonçalo – “Os concelhos e as comunidades”. In *História de Portugal* (Dir. de José Mattoso) *O Antigo Regime*, (1620-1807). Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 308; e também do mesmo autor: - *Os poderes locais no antigo regime*. In *História dos Municípios e do poder local – [Dos finais da Idade Média à união Europeia]*. (Dir. de César de Oliveira). 1ª. edição. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996, pp. 17-55-60-63.

<sup>160</sup> Cf. MONTEIRO, Nuno Gonçalo – “Elites locais e mobilidade social em Portugal nos finais do Antigo Regime”. *Análise Social*. XXXII. 141 (1997 – 2º) 335-368.

<sup>161</sup> ADP - Secção Notarial - PO - 2º - Nº. 296, 1ª. Série, folº.55-55v.

<sup>162</sup> Em 16 de Julho de 1760; cf. AHMP - Ordenança, Eleição – Nomeação, Docº. Nº. 1234, folº. 260-260v.

<sup>163</sup> AHMP - Ordenança, Eleição – Nomeação, Docº. Nº. 1234, folº. 260-260v.

<sup>164</sup> AHCMP – Ordenança – Eleição – Nº 1234, T-G-b-122, folº 286,

<sup>165</sup> ADP – PO-6º - Nº42 – 99-99V – Livro de Notas do Tabelião – António Vieira Machado 1782 –Maio, 18 – Matosinhos. *Escritura de obrigação de dívida da quantia de 50\$000 [réis], a juro de cinco por cento que fazem Manoel Ferreira Cardoso, do lugar de Matosinhos ao Capitão-mor José Gonçalves Lopes, da Freguesia de Santiago de Custóias, do Concelho da Maia*.

<sup>166</sup> O estudo da Quinta do Rio foi realizado no âmbito do Mestrado em Arqueologia Medieval e Moderna. Porém, dado o enquadramento geográfico, social e arquitetónico do Imóvel julgámos que seria oportuno fazer uma releitura do espaço edificado com a inclusão de alguns elementos novos; CARNEIRO, Manuel Almeida – Quinta do Rio: a vivência e o quotidiano em Ramalde (1756-1876). Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a orientação da Professora Doutora Teresa Soeiro, 1999 (Texto policopiado).

O edifício evoluiu a partir de uma construção preexistente, mas foi ampliado por volta do ano de 1760 pelo então proprietário o capitão de ordenanças de Ramalde Manuel da Silva Guimarães.

Contra ele se queixaram os lavradores de Ramalde no ano de 1768 nestes termos:

*«[...] o qual subindo de menor exfera para a dita ocupaçam nella à custa dos dinheiros fazendas e suôres dos pobres se tem **constituido rico, opulento, e cruel não só com excandalo notorio**, mas tambem com deploravel consternação dos m[i]zeraveis a quem a sorte lhe destinou, estarem subordinados à sua Companhia; pois perçidindo (?) de muitos imsultos já representados e A V<sup>ª</sup>. Magestade em queixa contra semelhante homem; hé serto dizer que foi cappitam sem outros abonos maiz do que dis ser **Eregio Capella e Casas sumptuosas, multiplicando fazendas**, compelindo que pobrez subditos aquem gratuitamente lhas trabalhem (...) pervingando na sua obrigaçam tem extorquido daquelle territorio muitos mil cruzados [...]»<sup>167</sup>.*

Este testemunho demonstra que a construção decorreu em plena era Pombalina.<sup>168</sup> A expressão *casas sumptuosas* é digna de apreço. Os queixosos eram de Ramalde e conheciam as obras magnificentes da Prelada, da Queimada e do Viso.

---

<sup>167</sup>IAN / TT - Desembargo do Paço: Minho, mç., 44, doc<sup>o</sup>. N<sup>o</sup>. 60; veja-se a transcrição integral desse processo – **DOCUMENTO N<sup>o</sup>. 8 – SEC. 4, V2**).

<sup>168</sup> Erradamente a construção tem sido atribuída a Nicolau Nasoni (Por exemplo PIREs, Amílcar Gil – A Quinta de recreio em Portugal. Vilegiatura, lugar e arquitectura. Lisboa: Caleidoscópico, 2013, p. 452. Porém, segundo as nossas investigações a edificação correu de forma faseada e prolongou-se na primeira metade do século XIX.

#### 4. QUADRO DA EVOLUÇÃO SOCIAL E CONSTRUTIVA DA QUINTA DO RIO

CRONOLOGIA	FAMÍLIAS	EVOLUÇÃO CONSTRUTIVA
16?? 1755	Francisco Martins e Isabel João	Casal do Moinho (nome primitivo da propriedade)
1756  1764	Capitão Manuel da Silva Guimarães – I (17??-1782) Major Manuel da Silva Guimarães – II <b>(1769-1818)</b> Major Manuel da Silva Guimarães – III <b>(1789-1855)</b>	Ampliação da casa  Edificação da Capela de Santo António  Portão da entrada exterior com a data de 1852
1881-1981	Herdeiros de Emília da Silva Pereira Magalhães e Artur de Azevedo Meireles	-
1985	Artur Sousa Brás e herdeiros	Reabilitação do Imóvel

Um documento datado de 1 de outubro de 1856 descreve a Quinta do Rio “*circuitada de muros e paredes sobre si que se compoem de casas nobres com seus andares, lojas, aidos, palheiros, eira de pedra, casa da mesma, portão de ferro, capella, pomar de cima, cortinha ponta de terra lavradia e pomar velho e mais pertenças (...)*». <sup>169</sup>

O portal, o passadiço, a eira granítica, as “casas nobres”, a capela são os elementos mais representativos do espaço edificado e que remontam aos séculos XVIII e XIX (QTR – FOTOS Nº 1, 2, 3, 4 – SEC. 1, V2).

A propriedade está implantada junto da ponte da ribeira da Granja. Este curso de água, com a orientação *Norte-Sul*, forma-se no lugar do Viso, bem junto à

<sup>169</sup> AHMP. – Fundo Quinta do Rio [FQR] Docº. Nº. 2874 (425), folº. 50-50v - 51

*Casa do Rio*, com a junção de dois *regatos*; um oriundo do lugar do Seixo (Freguesia de Ramalde) e o outro que nasce no lugar da Arca d'Água, em Paranhos.<sup>170</sup>

Foi o rio que deu nome à propriedade, mas também foi conhecida por Quinta da *Ponte* por se situar junto da antiga travessia que unia a antiga estrada da Senhora da Hora ao centro da cidade do Porto, como vem assinalado na *Planta da cidade do Porto e arredores (...) de 1832-1833 - (DOC. Nº 14 –B- SEC. 2, V2)*.

O portal, orientado a *Sul*, remonta ao século XIX e é composto por duas ombreiras de cantaria lisa rematadas por volutas. O portão é chapeado, ornamentado por motivos geométricos e ostenta na parte superior as iniciais **MSG /18[52]**.<sup>171</sup> Transpostos os umbrais da entrada exterior acede-se a uma área lajeada em granito em direção ao terreiro da primitiva casa agrícola que na época dominava um vasto conjunto de terrenos.<sup>172</sup>

O percurso ascendente de aproximação à residência evidencia elementos ornamentais de feição erudita. É de salientar a fonte com espaldar barroco adossado ao muro de contenção da eira e o *passadiço* que articula os acessos horizontais e verticais ao edifício (**QTR – FOTO Nº 5 – SEC. 1, V2**).

Este elemento funciona como uma plataforma artificial e liga a eira granítica diretamente ao alpendre da habitação. Esta solução estrutural é muito singular na região que temos vindo a estudar e denota um cunho erudito característico da casa rural barroca, como salientou Vieira Caldas<sup>173</sup> (**EST. 36**).

---

<sup>170</sup> IAN / TT - *Paróquia de São Salvador de Ramalde –Leça - PT-TT-MPRQ-31-6\_c0023a (...);Resposta aos interrogatórios dos rio, itens 1 a 6.*

<sup>171</sup> Refere-se a Manoel da Silva Guimarães e ao ano de 1852; era neto do Capitão de Ordenanças com o mesmo nome.

<sup>172</sup> Cf. CARNEIRO, Manuel Almeida – *Quinta do Rio: a vivência e o quotidiano em Ramalde (1756-1876)* (...) Quadro 1.12.

<sup>173</sup> CALDAS, João Vieira – «Casa Rural». In PEREIRA, José Fernandes (Direcção); PEREIRA, Paulo (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.



### EST. 36. – Pormenor do “passadiço” com a fonte no lado esquerdo

O corpo do edifício está orientado de norte a sul e prolonga-se numa ala perpendicular que se desenvolve no sentido poente-nascente. Deste modo, temos duas fachadas em ângulo com duas conceções distintas.

A fachada poente corresponde à antiga habitação rústica, composta por piso térreo e andar, ligada por uma escadaria externa que culmina no patim do alpendre, um esquema semelhante às casas de lavoura dos arrabaldes do Porto<sup>174</sup>. No piso térreo distribuía-se as *cortes* do gado e as *lojas*. No piso superior os compartimentos de uso doméstico utilizados exclusivamente pelo proprietário.

A fachada sul desenvolveu-se com o prolongamento da casa na segunda metade do século XVIII. É seccionada por pilastras com janelas de peitoril e de sacada com seguinte movimento rítmico: *sacada / janela / sacada*, a que corresponde no piso térreo: *janela / janela - vão de volta perfeita na secção central* - mas com ritmo simétrico no piso enobrecido: *janela / sacada - janela / sacada*.

A meio da fachada existe uma passagem em forma de arco de volta perfeita que permite o acesso aos lagares, à adega e às antigas cavalariças.

---

<sup>174</sup> OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p.

A *Memória Descritiva* documenta pormenorizadamente o interior do *Imóvel* antes de ter sido intervencionado.<sup>175</sup> O piso superior era composto por salas de estar, alcovas e quartos, com cerca de 2,5 m de pé direito. Os forros eram de madeira com o sistema de “camisa e saia”<sup>176</sup> e em masseira octogonal como nas casas senhoriais do século XVIII.<sup>177</sup> O teto da sala que fica na extremidade leste (flanco *sul-nascente*) era em madeira pintada de branco de modo a “imitar o estuque”<sup>178</sup>.

A cozinha e a sala de jantar eram servidas por um corredor que dava acesso aos aposentos de dormir e às latrinas. Estas eram compostas por duas *privadas* de madeira com orifícios encanados diretamente para uma fossa granítica aberta no solo.

O conjunto habitacional, tal como no passado, está coberto por um telhado de diferentes amplitudes com telha *marselhesa*.

## 5.2 – O espaço religioso

No ano de 1763, o capitão Manoel da Silva Guimarães pediu à Câmara Eclesiástica do Bispado do Porto para edificar uma capela em honra de Santo António. O proprietário alegou o mau estado dos caminhos e as dificuldades dos fiéis das *aldeias* vizinhas para satisfazerem as necessidades do culto, sobretudo no inverno.

A licença foi passada a 9 de Agosto de 1764, com a condição de que a capela tivesse a porta principal para a rua e depois de acabada, possuir todos “*os ornamentos necessarios, e patrimonio corrente [...]*”.<sup>179</sup>

No frontão, que sobrepuja o portal, existe a seguinte inscrição:

ESTA CAPE / LA MANDOU / FAZER O CAPITAM / MANOEL DA SILVA GUIM(arães) / 1764

---

<sup>175</sup> - *Memória descritiva da Quinta do Rio - Licença de obras de particulares n.º. 261/89*. Câmara Municipal do Porto - Direcção dos Serviços de Urbanização - Divisão - Edificações Urbanas -.

<sup>176</sup> Os primitivos tetos foram desmantelados durante as obras de renovação do imóvel.

<sup>177</sup> Cf. AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses*. 2ª. edição. Lisboa: Livros Horizonte, 1988, pp. 73-74.

<sup>178</sup> Cf. *Memória descritiva e justificativa (...)*.

<sup>179</sup> Veja-se no Segundo Volume a transcrição completa dos documentos: **DOC. 9 – A, e 9- B – SEC. 4, V2.**

O adro com a invocação a Santo António é formado por um recinto murado por uma escadaria semicircular com cinco degraus. A capela tem uma só nave com pavimento em granito que evidencia três cavidades sepulcrais, duas delas sem as respectivas lajes e identificadas neste trabalho por **SEP. A** e **SEP. B**.<sup>180</sup> A utilização deste espaço para fins de enterramento está documentada através dos testamentos da família.<sup>181</sup>

O recheio foi dilapidado no tempo em que a propriedade ficou abandonada.<sup>182</sup> As obras de recuperação do interior foram interrompidas em 1993 e ainda não foram retomadas. Esperamos que em breve tal venha acontecer, mas com o respetivo acompanhamento arqueológico por parte dos organismos culturais que tutelam o Património Edificado.

---

<sup>180</sup> QTR – FOTO Nº 6 – SEC. 1, V2.

<sup>181</sup> AHMP - FQR, Docº Nº. 2874 (451), folº. 1-1v.; (536), folº. 1.

<sup>182</sup> Em 1988 o edifício foi adquirido por Artur de Sousa Brás que reabilitou o Imóvel para uso residencial.

### 5.3 – Quinta de Sam Thiago: do rural à modernidade

#### 5.3.1 - O percurso da família Gonçalves Lopes e a Casa de Sam Thiago - 1700-1850

A primeira referência documental a respeito da Casa de Sam Thiago foi publicada num periódico local, em 1974, e dá conta de uma propriedade foreira da Baliagem de Leça, denominada Meio Casal de Justa Gonçalves, emprazada em primeira vida em 9 de julho de 1643.<sup>183</sup> Trata-se, porém, de uma conjectura de Herculano Santiago feita a partir da leitura dos Tombos da Baliagem de 1643.

Sabemos, no entanto, que a propriedade estava na posse de Ana Maria Dias, que veio a contrair matrimónio com Domingos Gonçalves Lopes, vereador do Município de Vila do Conde, celebrado na Igreja Paroquial de S. Tiago a 20 de outubro de 1746.<sup>184</sup> Desse matrimónio resultou a instituição dos bens patrimoniais para o regime de morgadio, passando a família e a casa a denominarem-se de «Morgados de Santiago».

São conhecidos dois filhos desse casal: José Gonçalves Lopes, que foi Capitão-mor das Ordenanças da Baliagem de Leça e Domingos Gonçalves Lopes que aparece na documentação com o grau de “doutor” e veio a residir na Quinta de S. Félix em S. Mamede de Infesta.<sup>185</sup>

A documentação, encontrada nos arquivos, refere uma família abastada que vivia no Casal de São Tiago, propriedade foreira do “Venerando Balio de Lessa”.<sup>186</sup>

As Memórias Paroquiais de Custóias de 1758 descrevem a freguesia de Santiago de Custóias como sendo uma *“campina planície com algumas aldeias mais baixas*

---

<sup>183</sup> HERCULANO SANTIAGO – “Custóias. Memória Histórica XXVII – Apontamentos sobre a «Casa de Sant’lago». In *A Voz de Custóias*. Ano V. 31 (Jun-Set) 1974.

<sup>184</sup> HERCULANO SANTIAGO – “Custóias. Memória Histórica XXVII – Apontamentos sobre a «Casa de Sant’lago». In *A Voz de Custóias*. Ano V. 31 Jun-Set) 1974.

<sup>185</sup> MOREIRA DE SÁ, Maria Manuela – “Quintas de recreio em São Mamede de Infesta – Quinta do Dourado – I -A Quinta de S. Félix de Picoutos”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, Nº. 27 (1983) 165-172.

<sup>186</sup> PT/ADPRT/NOT/CNPRT08/001/0282 - *Escritura de dote de casamento* faz o Capitão Manoel da Silva Guimarães, e sua mulher, a sua filha Dona de Ana Maria Joaquina para casar com o Capitão José Gonçalves Lopes. 1774 - Agosto, 17 - Freguesia de Ramalde, Julgado de Bouças.

(...)”.<sup>187</sup> Os seus terrenos de várzea Insinuavam-se na paisagem campestre das “terras da Maia”, em plena bacia hidrográfica do Leça. A influência do clima atlântico e a composição dos solos - ricos em húmus, associados à mancha de “cambissolos húmicos (rochas eruptivas) da “Zona de Várzea ou litoral”<sup>188</sup> -, contribuíram para a prática de uma policultura intensiva, com destaque para o milho-grosso (*Zea Mays*), as leguminosas, as vinhas de enforcado e as bouças.<sup>189</sup> Também a existência de vários riachos e ribeiros proporcionava a formação de lameiros e paus para apascentar o gado.<sup>190</sup>

No século XVIII Custóias era uma das três paróquias da Baliagem de Leça.<sup>191</sup> No Antigo Regime a Comenda de Leça gozava dos privilégios dos cavaleiros da Ordem de Malta, “não só no respeitante ao cível, mas também ao crime” .<sup>192</sup> O Balio fazia uso dos seus “privilégios tradicionais”<sup>193</sup> para ficar isento do cumprimento das posturas camarárias da cidade do Porto<sup>194</sup> e das obrigações militares, um privilégio equivalente ao das *tábuas vermelhas*.<sup>195</sup>

Na petição dirigida às instâncias régias, datada de 3 de julho de 1785, o Capitão-mor José Gonçalves Lopes declarava que era senhor **“(...) de uma grande fazenda “ composta por casas nobres, “além das precisas para a fabrica da cultura” com um valor estimado acima de dez mil cruzados.**<sup>196</sup>

No entanto, o suplicante alegava que por causa de umas *insignificantes* parcelas de terreno, que pertenciam à família do Reverendo Manoel da Silva Pereira,

---

<sup>187</sup> IAN / TT - *Paróquia de São Tiago de Custóias* -PT-TT-MPRQ-12-471\_c0306a (...).

<sup>188</sup> CARY, Francisco Caldeira -*Enquadramento e perfis do investimento agrícola no Continente Português*. Lisboa: Banco de Fomento Nacional, 1985, 1<sup>o</sup>. vol., p. 36.

<sup>189</sup> Cf. RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (...) pp. 60 e 117.

<sup>190</sup> IAN / TT - *Paróquia de São Tiago de Custóias* -PT-TT-MPRQ-12-471\_c0306a (...).

<sup>191</sup> As outras freguesias do Couto de Leça do Balio eram Leça do Balio e S. Mamede de Infesta.

<sup>192</sup> SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo (1580-1640)* (...) p. 64.

<sup>193</sup> SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo (1580-1640)* (...) p. 70 e ss.

<sup>194</sup> Geralmente quanto à fixação de preços dos produtos vinícolas; Francisco Ribeiro da da - *O Porto e o seu termo (1580-1640), os homens, as instituições e o poder*. Porto, 1988, pp. 70.75.

<sup>195</sup> IAN / T - *Paróquia de Santa Maria de Leça do Balio - PT-TT-MPRQ-20-82\_c0069a (...); resposta ao item 22.*

<sup>196</sup> IAN/TT - *Desembargo do Paço: Minho e Trás-os-Montes, maço 135, documento nº. 54; – Requerimento do Capitão-mor José Gonçalves Lopes, senhor da Quinta de Sam Thiago, na freguesia e Custóias, para Sua Majestade conceder uma provisão para avaliar as propriedades pertencentes ao Reverendo Manoel da Silva Pereira e sua irmã Dona Ana, a fim de as reunir na sua fazenda*. Lisboa 1785 - Julho, 3 .

não podia fazer “**huma excelente quinta**”, razão pela qual requereu a Sua Majestade uma provisão para avaliar as ditas leiras e lameiro para as anexar à sua propriedade.<sup>197</sup>

A expressão “fábrica da cultura” reflete a vocação agrícola da Casa de Sam Thiago. Neste aspeto distingue-se das quintas de *vilegiatura* existentes na área geográfica do Leça, como as quintas de Santa Cruz do Bispo, dos Cónegos e do Chantre.<sup>198</sup>

O poder social da Casa era baseado nas estratégias de aliança segundo as velhas fórmulas da “*oeconomica aristotélica*”, dado que “[a]os Reinos são necessárias as alianças, e às famílias as amizades (...)”<sup>199</sup> As cláusulas expressas no dote de casamento de Ana Maria Joaquina com o Capitão José Gonçalves Lopes espelham o modelo reprodutivo das elites sociais do Antigo Regime.<sup>200</sup>

A cerimónia decorreu em casa da nubente no ano de 1774<sup>201</sup> e contou com a presença dos pais da noiva, o Capitão de Ordenanças Manoel da Silva Guimarães e sua mulher Ana Maria Joaquina e a mãe do noivo, de nome Ana Maria do Espírito Santo, viúva de Domingos Gonçalves Lopes.<sup>202</sup>

O noivo foi dotado com «[...] *todos os bens de raiz (...) sem obrigação nem entrada alguma, e só com a reserva de metade do usufruto rendimento de todas as propriedades de raiz [...] e outros bens de raiz dizimos a Deos; mais a legítima paterna, a terça da sua alma e também com bens de natureza de prazo, parcelas de cultivo, servos, gados e privilégios.*»

Foi ainda contemplado com o *Prazo e Casal de São Thiago, (...), propriedade foreira do Baliagem de Leça (onde viveriam em comum com a mãe do noivo), o*

---

<sup>197</sup> A provisão foi concedida em 23 de Agosto de 1789; cf. IAN / TT - *Desembargo do Paço: Minho e Trás-os-Montes, maço 135, documento nº. 54.*

<sup>198</sup> Cf. ANDERSEN, Teresa ; MARQUES, Teresa Portela – *Jardins históricos do Porto*. Porto: Edições Inapa, 2001; PIRES, Amílcar Gil – *A Quinta de recreio em Portugal. Vilegiatura, lugar e arquitectura*. Lisboa: Caleidoscópio, 2013.

<sup>199</sup> MONTEIRO, Nuno Gonçalo – *O crepúsculo dos grandes. A casa e o património da aristocracia em Portugal (1750-1832)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, p. 157.

<sup>200</sup> Cf. MONTEIRO, Nuno Gonçalo - Casamento, celibato e reprodução social: a aristocracia portuguesa nos séculos XVII e XVIII. *Análise Social*. XXVIII. 123-124. (1993) p.937 e seguintes.

<sup>201</sup> Na Casa do Rio, em Ramalde no Julgado de Bouças

<sup>202</sup> PT/ADPRT/NOT/CNPRT08/001/0282 - Escritura de dote de casamento faz o Capitão Manoel da Silva Guimarães, e sua mulher, a sua filha Dona de Ana Maria Joaquina para casar com o Capitão José Gonçalves Lopes. Freguesia de Ramalde, Julgado de Bouças, 1774 - Agosto, 17, fols. 70-72.

*Privilégio das Tábuas Vermelhas de Nossa Senhora de Oliveira (que se achava confiscado pela fazenda) e vários prazos aforados.*

Este rol incluía “dois pretos velhos”, “dos quais tratarão, e sustentarão os ditos futuros noivos (...)”, sinal da presença de escravos na região.

Por sua vez a noiva foi dotada com “hum conto e duzentos mil réis em dinheiro”, se bem que uma parcela desse montante, no valor de “quinhentos e sete mil e duzentos réis”, tinha sido doada aos noivos; mais o *Prazo das Azenhas da Barca da Trofa*, propriedade foreira do Convento de Landim, mais a reserva de todo o seu usufruto durante nove anos<sup>203</sup>, e um enxoval composto por “[...] *hum vestido de casamento de seda, outro de chita da India, saia e mantilha de crepe lemiste, hum leito de pau preto, seis lençoes de linho e huma colcha bordada [...]*”.<sup>204</sup>

Como o valor dos bens do noivo ascendia a vinte cinco mil cruzados, foi dispensada a louvação e exarada a respetiva Escritura Dotal.<sup>205</sup>

Concluimos que eram famílias abastadas, próximas da “pequena e média aristocracia rural” da região *Noroestina*.<sup>206</sup> Os Morgados de *Sam Thiago* possuíam cabedal fundiário e cargos de prestígio na governação local.

A 9 de maio de 1796, o Capitão José Gonçalves Lopes redigiu o seu testamento na Quinta da Neta, na Freguesia de Santo Ildefonso, na cidade do Porto.<sup>207</sup> Declarou que tinha “nove filhos legítimos vivos e na esperança de outro póstumo, a saber: *Domingos, Manoel, Rodrigo, António, Ana, Maria, Francisca, Florida e Margarida, cujos nove filhos e póstumo*” os instituiu por seus universais herdeiros.

---

<sup>203</sup> PT/ADPRT/NOT/CNPRT08/001/0282, folº 70-72 - *Escritura de dote de casamento faz o Capitão Manoel da Silva Guimarães, e sua mulher, a sua filha Dona de Ana Maria Joaquina para casar com o Capitão José Gonçalves Lopes. Freguesia de Ramalde, Julgado de Bouças, 1774 - Agosto, 17, fols. 70-72.*

<sup>204</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>205</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>206</sup> Cf. OLIVEIRA, Aurélio de - A renda agrícola em Portugal durante o Antigo Regime (séculos XVII-XVIII) - Alguns aspectos e problemas. *Revista de História Económica e Social*. Lisboa: Sá da Costa Editora. Nº. 6 (Jul-Dezº- 1980) 1-56; CAPELA, José Viriato - *A Revolução do Minho de 1846. Os difíceis anos de implantação do liberalismo*. Braga: Edição do Governo Civil de Braga, 1996; FONSECA, Hélder - *A propriedade da terra em Portugal 1750-1850: alguns aspectos para uma síntese*. In COSTA, Fernando Marques da ; DOMINGUES, Francisco Contente ; MONTEIRO, Nuno Gonçalves -(Organização) - *Do Antigo Regime ao Liberalismo - 1750-1850*. Lisboa: Vega, [1989], p. 228.

<sup>207</sup> O Fundo Quinta do Rio em depósito no AHCMP contém o testamento proprietário da Casa de Sam Thiago de Custóias, datado de 9 de Maio de 1796. AHCMP - FQR – APRI/12QR-14 (457).– *Testamento de José Gonçalves Lopes, Capitão-mor do Couto de Leça do Balio folº 1-8.*

Como os filhos eram menores instituiu como seu procurador, *in rem propriam*, o Dr. Domingos Gonçalves Lopes, morador na Quinta de S. Félix, em São Mamede de Infesta “(...) *com poderes amplos e absolutos como pai de famílias cuidar na dita administração, educação, modo de vida e estado dos ditos meus filhos (...)*”.<sup>208</sup> Aos filhos exigia obediência e conformidade com o seu modo de vida, caso contrário o tutor podia diligenciar junto de Sua Majestade para admitir “os varões ao real serviço militar nos Estados da Índia, ou neste Reino, nas Praças de Chaves ou Elvas”.<sup>209</sup>

Desconhecemos a trajetória dos membros da Casa. Um estudo de Maria Manuela Moreira de Sá informa-nos que essa propriedade foi herdada por Rodrigo Gonçalves Lopes que permaneceu solteiro e foi sepultado na Capela da Quinta.<sup>210</sup>

Posteriormente Domingos Gonçalves Lopes sucedeu como administrador do património da Casa. Contraiu matrimónio em 11 de julho de 1808 com Margarida Rosa de Araújo, cujos pais moravam na freguesia de Moreira da Maia. Assumiu o posto de Capitão-mor da Baliagem de Leça, um título proveniente da venalidade dos cargos como era usual no Antigo Regime.<sup>211</sup>

A 18 de Julho de 1807, o então proprietário da Casa de Sam Thiago de Custóias requereu um “Processo de Justificação de Nobreza”<sup>212</sup> e sustentava que os seus pais e avós, apelidados de “Lopes”, “Dias”, “Silvas”, e “Martins”, descendiam das “Nobres e antigas casas da nobreza do Reino”.<sup>213</sup>

---

<sup>208</sup> AHCMP - FQR – APRI/12QR-14 (457).– *Testamento de José Gonçalves Lopes, Capitão-mor do Couto de Leça do Balio*, folº 2-2v.

<sup>209</sup> AHCMP - FQR – APRI/12QR-14 (457).– *Testamento de José Gonçalves Lopes, Capitão-mor do Couto de Leça do Balio*, folº 2v.

<sup>210</sup> Como foi anteriormente referido a Quinta de S. Félix era propriedade do Dr. Domingos Gonçalves Lopes; cf. MOREIRA DE SÁ, Maria Manuela – “Quintas de recreio em São Mamede de Infesta – Quinta do Dourado – I -A Quinta de S. Félix de Picoutos”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, Nº. 27 (1983) 165-172.

<sup>211</sup> MARQUES, Fernando Pereira - *Exército e sociedade em Portugal - no declínio do Antigo Regime e advento do Liberalismo*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981, p.64.

<sup>212</sup> IAN-TT- Cartório da nobreza. *Processo de justificação; Sentença Civil de Justificação de Nobreza de Domingos Gonçalves Lopes, Capitão-mor da Baliagem de Lessa da Sagrada Religião de Malta; Autuação de uma petição de sentença para haver de se passar seu Brasão de Armas de Domingos Gonçalves*. Lisboa, 18Julho, 1807 - mç. 43, n.º 10.

<sup>213</sup> MOREIRA, Alberto de Laura ; NÓBREGA, Vaz-Osório da - *Pedras de armas de Matosinhos*. Câmara Municipal de Matosinhos, 1960, pp.150-152.

Provavelmente o fundador dos “Morgados de San Thiago” tinha ascendência fidalga, mas sabe-se que o proprietário da Casa do Rio, Manoel da Silva Guimarães, antes de ser o Capitão de Ordenanças de Ramalde era “homem de negócios” e morava em “Sima do Muro dos Banhos”<sup>214</sup> na cidade do Porto. Daí a ausência de pedras de armas na sua residência em Ramalde.

A Carta de Brasão foi passada em 7 de Outubro de 1807 para «[...] o qual Escudo de Armas poderá trazer e uzar tão somente o dito Domingos Gonçalves Lopes assim como trouxerão e uzarão os dittos Nobres e antigos Fidalgos seus Antepassados (...) e pô-las em suas casas, capelas e mais edifícios e deixallas em própria sepultura e finalmente se poderá servir, honrar, gozar, e aproveitar dellas em tudo e por tudo como à sua Nobreza convem. Com o que quero e me praz que haja ele todas as honras, privilégios, liberdades, graças, mercês, isenções e franquezas que hão e devem haver os Fidalgos e Nobres de antiga Linhagem e como sempre de tudo usarão e gozarão os ditos seus antepassados.[...]».<sup>215</sup>

Se a Casa ganhou prestígio com a nobilitação da família, os sinais de declínio económico já se acentuavam no início de Oitocentos e foram aumentando ao longo da primeira metade do século. Herculano Santiago dá-nos conta de um empréstimo de 300.000 réis,<sup>216</sup> cuja dívida foi saldada em 1850 em casa de D. Rodrigo em Picoutos, certamente com o dinheiro da venda da Casa de Sam Thiago à família Pestana da Silva.

Em 1841, a viúva Dona Margarida Rosa de Araújo Lopes e o seu filho Domingos andavam desavindos com Maria Margarida Meneses, viúva de Bernardino José Machado de Meneses, negociante e residente na Rua das Flores, no Porto, por causa

---

<sup>214</sup> CARNEIRO, Manuel Almeida – «Quinta do Rio: uma leitura do espaço habitacional-rural em Ramalde - (Sécs. XVIII-XIX)». In *Património. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Vol. II (2003) 523.

<sup>215</sup> IAN-TT – *Registo dos brasões de armas da nobreza – (Microfilme) MF – Lv 7 408, Carta de Brasão de Armas passada a Domingos Gonçalves Lopes*, fols. 212v -214; a primeira versão deste documento foi apresentada por MOREIRA, Alberto de Laura ; NÓBREGA, Vaz-Osório da - *Pedras de armas de Matosinhos*. Câmara Municipal de Matosinhos, 1960, pp.150-152.

<sup>216</sup> Empréstimo contraído junto da família da Casa do Barros da Capela, no Lugar de Esposade (lugar que fica próximo de Custóias).

de uma dívida de “[...] oitenta e cinco mil cento e cinco réis metal proveniente da Fazenda da Laã [...] no ano de 1830.”<sup>217</sup>

No ato do empréstimo os Morgados de Sam Thiago comprometeram-se ao seu pagamento dentro de um prazo de seis meses, mais os juros com a obrigação de todos os bens presentes e futuros e terços da minha alma (...).<sup>218</sup>

Por liquidar estava uma quantia de 82710 réis, metal e juros “contados desde dezassete de Agosto de mil oitocentos e trinta e nove”<sup>219</sup> e, em consequência disso, houve uma contenda familiar disputada no Tribunal Judicial do Porto.

Tanto a viúva como o filho faltaram a duas audiências marcadas pelo Juízo de Conciliação pelo que foi lavrada uma “Nota de Revelia”.

Foram notificados duas vezes para comparecerem na Vila de Bouças, em Audiência Publica pelo Juiz Ordinário do mesmo Julgado.<sup>220</sup> Seguiu-se a o Auto da Ação, datado de 11 de Maio de 1840, a fim de os réus comparecerem “[...] para apresentarem a sua contrariedade com a pena de revelia (...)».

Os réus foram sentenciados e condenados ao pagamento do montante da dívida - “desde o tempo articulado” -, na quantia 5:302 réis e mais as custas na quantia de 14:216 réis.<sup>221</sup>

Consequentemente foram nomeados os bens para a execução de penhora. No mencionado processo refere apenas “[...] huma morada de casas ditas sobre o Muro dos Banhos, com os números 27 a 30 (...)” que pertencia aos herdeiros de Henrique Carlos Freire d’Andrade. Em 15 de março de 1841, a viúva e o filho da Casa de Sam Thiago declararam que já não possuíam o mencionado prazo “por se haver desencaminhado na vida de nosso marido e pai”.<sup>222</sup>

---

217 “[...] que lhe comprarão em mil oitocentos e trinta, celebrando-se por este motivo em dezassete de Fevereiro de mil oitocentos e trinta e cinco o escrito de obrigação, que em prova se junta e oferece [...]” ADP/JUD/TRPRT-12741 – Execução de sentença de libelo móvel. Executante Dona Maria Margarida de Meneses, viúva de José Machado de Meneses, de Varão (sic) Hespanholla, residente na Rua das Flores, na cidade do Porto pretende citar os executados Domingos Gonçalves Lopes e sua mãe D<sup>a</sup> Margarida Rosa de Araújo Lopes, viúva da Freguesia de Custóias, Julgado de Bouças. Porto - 1841, Jan., 28 – 1841, Abr., 30, fol<sup>o</sup> 5v- 6.

218 ADP/JUD/TRPRT-12741 – Execução de sentença de libelo móvel. Executante Dona Maria Margarida de Meneses, (...) fol<sup>o</sup> 5v-6.

219 ADP/JUD/TRPRT-12741 – Execução de sentença de libelo móvel (...), fol<sup>o</sup> 5v.

220 ADP/JUD/TRPRT-12741 – Execução de sentença de libelo móvel (...) fol<sup>o</sup> 6v-7.

221 ADP/JUD/TRPRT-12741 – Execução de sentença de libelo móvel (...) fol<sup>o</sup> 12v-13.

222 ADP/JUD/TRPRT-12741 – Execução de sentença de libelo móvel (...) fol<sup>o</sup> 19.

O ciclo de vida dos Morgados de Sam Thiago chegou ao fim com a venda da propriedade em Custóias, no ano de 1850.

### 5.3.2 - As metamorfoses do espaço habitacional (Séculos XIX-XX)<sup>223</sup>

Após a transferência da propriedade para a família de José Joaquim Guimarães Pestana da Silva, a Casa de Sam Thiago entrou num novo ciclo da sua história. Essa família vivia na cidade do Porto, primeiro na Rua do Bonjardim e mais tarde no Palacete dos Pestanas, cuja construção teve início em 1878 pelo engenheiro-arquiteto José de Macedo Araújo Júnior. Adjacente à casa fica a Capela neogótica do Divino Coração que alberga obras do escultor Soares dos Reis.<sup>224</sup> Alguns dos seus membros estiveram ligados à «questão duriense» e à viticultura.<sup>225</sup> Também se destacaram na política como José Bento Pestana da Silva, monárquico legitimista e Secretário da Comissão Eleitoral Legitimista do Porto no ano de 1864.<sup>226</sup> José Bento herdou dos seus pais as casas da Rua do Bonjardim no Porto, onde a família residia. Porém, em 1874 teve necessidade de vender os seus bens a Manuel Ferreira Leão Guimarães, sogro de José Joaquim Guimarães Pestana da Silva – Conde do Bonjardim.<sup>227</sup>

Nesta comunicação não pretendemos aprofundar o percurso social dos membros da família Pestana da Silva, dado que sobre ela já existe informação suficiente.<sup>228</sup>

A *Casa de Sam Thiago* foi renovada e ampliada entre os finais do século XIX e as primeiras décadas do Século XX.

---

<sup>223</sup> *Agradecemos a colaboração do Eng.º José Manuel Pestana Vasconcelos por nos ter franqueado as portas da Casa e autorizado a fazer o registo fotográfico do Imóvel.*

<sup>224</sup> Cf. FRANÇA, José Augusto – *A história da arte no século XIX*. 3ª Edição. Venda Nova: Bertrand Editora, 1990, 458, 1º vol; cf. <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74378/>

<sup>225</sup> FERREIRA, Carla Maria Sequeira – *O Alto Douro. Entre o livre-cambismo e o proteccionismo. A «questão duriense» na economia nacional*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2010, pp.92-93.

<sup>226</sup> FERREIRA, Damião Vellozo ; VASCONCELOS, António Pestana de (colaboração de) – *O Club Portuense - 1857. Biografia dos fundadores*. Porto, 2007, pp.245-246; sobre o percurso social dos membros da família Pestana da Silva veja-se RIOS, Alice – *Famílias tradicionais do Porto*. Porto, 2009, 2 vol..

<sup>227</sup> FERREIRA, Damião Vellozo ; VASCONCELOS, António Pestana de (colaboração de) – *O Club Portuense - 1857. Biografia dos fundadores*. Porto, 2007, p. 246.

<sup>228</sup> Sobre o percurso dos membros da família Pestana salientamos os trabalhos de RIOS, Alice – *Famílias tradicionais do Porto*. Porto, 2009, p. 138, 2 vol.; FERREIRA, Damião Vellozo ; VASCONCELOS, António Pestana de (colaboração de) – *O Club Portuense - 1857. Biografia dos fundadores*. Porto, 2007, p. 246.



**EST. 37**

de1807<sup>229</sup>



**EST. 38** Brasão de Armas de

Domingos Gonçalves Lopes  
passado em 7 de Outubro

A Casa de Sam Thiago revela várias etapas ou fases construtivas desde o século XVIII ao século XX.<sup>230</sup> O portal brasonado orientado a nascente é o principal foco de aparato da casa. No muro adjacente à direita da portada sobressai uma cartela granítica que identifica a propriedade. O portal é dominado por pilastras laterais que estruturam os muros adjacentes rematados por aletas e pirâmides. O vão é formado por um arco de volta perfeita composto por aduelas com fecho saliente, encimado pelo escudo elíptico do brasão dos Lopes e dos Silva.

O portão tem as guarnições chapeadas com composições geométricas e vazado na parte superior com varas verticais e elementos curvilíneos em forma de S.

---

<sup>229</sup> In MOREIRA, Alberto de Laura ; NÓBREGA, Vaz-Osório da - *Pedras de armas de Matosinhos*. Câmara Municipal de Matosinhos, 1960, pp.150-152

<sup>230</sup> Provavelmente a planta original da casa tinha a forma de um «L» de acordo com a tipologia das casas agrícolas na “terra da Maia” (cf. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, pp. 45-76. A forma retangular resultou das sucessivas adaptações e ampliações do espaço edificado da casa.

O pátio *de honra* que serve a entrada principal, articula o espaço habitacional (pelo topo nascente) e as áreas adjacentes **(STC - FOTO Nº 2 – SEC. 1, V2)**.

A área habitacional define uma planta de base retangular no sentido nascente-poente. Acede-se ao piso nobre através de uma escada em granito de um só lanço, com uma voluta pétreo no arranque da guarda lateral. Uma ampla varanda alpendrada, sustentada por colunelos, garante a porta da entrada e as duas aberturas com caixilharia envidraçada. No térreo abrem-se dois vãos em arco abatido que antecedem as duas portas de acesso às antigas tulhas, servido por um lavabo granítico.

O alçado sul corresponde à principal fachada da casa. A construção remonta em parte ao século XVIII e descreve um plano horizontal ao nível da via pública percorrida por um embasamento granítico. No andar abrem-se sete janelas das quais três são de sacada e as restantes de peito, alinhadas com os vãos do térreo em forma de olho-de-boi e com o seguinte movimento rítmico: *janela / sacada / janela / sacada / janela / sacada / janela*.<sup>231</sup>

As janelas de peito possuem ombreiras retas com lintéis curvos e as de sacada apresentam lintéis e ombreiras retas. Os balcões, apoiados sobre consolas, são em ferro forjado decorado com rocas cantonais, uma “espécie de esfera armilar”, um tipo de adorno característico nas varandas das casas senhoriais setecentistas.<sup>232</sup>

O alçado norte corresponde à *pars rustica* da casa. No passado esta área estava ligada às atividades agrícolas que se desenvolviam entre o piso térreo e a área de cultivo nos terrenos adjacentes da quinta.<sup>233</sup>

A construção do “*alçado para lá do quintal*” foi o resultado das obras de ampliação da casa levadas a cabo nos anos de 1912 e 1915, conforme os processos de licenciamento encontrados no Arquivo Municipal<sup>234</sup> **(DOC. 13 – SEC. 3,V2)**.

---

<sup>231</sup> **STC - FOTO Nº 4 – SEC. 1, V2; DOC. 12 – SEC. 3, V2.**

<sup>232</sup> CHAVES, Luís - «A arte dos metais». In BARREIRA, João (Direcção de ) - *Arte portuguesa: as artes decorativas*. Lisboa: Edições Excelsior, [s.d.], II vol., nº. 13, pp. 321- 358.

<sup>233</sup> AMMTS – *Obras Públicas - Projeto para a abertura de uma Estrada de 3ª ordem entre os lugares de Bouças, igreja matriz de S. Tiago de Custóias e Monte Longo (pedreira de S. Gens) - N.º 1 - Plantas e orçamentos, caixa 26, nº 331, 1907.*

O alçado corresponde ao prolongamento da construção “(...) para o lado do quintal, um quarto e um oratório, como mostra pelas plantas juntas, indicado a tinta carmim (...)”.<sup>235</sup> Uma escadaria granítica, de um só lanço, adossada à fachada, liga o piso térreo ao andar **(STC - FOTO Nº 4 – SEC. 1, V2)**.

O alçado poente da Casa surge marcado por um pequeno alpendre sobre o vão da porta da entrada, ladeado por janelas de peito, que abrange o patamar de ligação ao térreo através de uma escada externa. Destaque para a linha superior da fachada que surge dinamizada pelo efeito côncavo-convexo das cimalthas, uma solução anacrónica que destoa da linearidade do conjunto **(STC - FOTO Nº 5 – SEC. 1, V2)**.

A documentação respeitante à família Gonçalves Lopes dá-nos conta da organização espacial casa no século XVIII. O Capitão-mor da Baliagem de Leça expressa no seu testamento, datado de 9 de maio de 1796, as cláusulas para assegurar a sobrevivência da sua mulher e das filhas solteiras. Vejamos o excerto:

«[...] *minha mulher e filhas vivendo honestamente no estado de viúva e solteiras serão conservadas durante a tutela da nomeada nas cazas da Quinta de São Thiago de Custóias e com todos estes encargos e obrigações que ficão expressadas [...] lhe dará a nomeada **as duas salas com seus quartos que ficão da cozinha para a parte da porta da rua de baixo, que fiz de novo, servindo-se da mesma cozinha com a nomeada fazendo boa união, e não fazendo **cozinharão no fugão de hua dessas salas e mais lhe porá a nomeada pronta toda a lenha perciza para seu gasto e das minhas filhas e poderão mais utilizar-se das ortaliças e frutas da mesma Quinta de São Thiago [...]*****.<sup>236</sup>

O espaço habitacional era demasiado exíguo para satisfazer as necessidades de todos os membros da família do Capitão-mor da Baliagem de Leça. O seu testamento refere a existência de “*duas salas com seus quartos*”. Depreende-se que se tratavam

---

<sup>234</sup> AMMTS – *Obras Públicas* - – Casa de Sam Thiago: – *Processo Nº 95/12 – José Joaquim Guimarães Pestana - ampliação de casa, freguesia de Custóias, Lugar de S. Tiago – Matosinhos - 3094 - [1912]*.

<sup>235</sup> AMMTS – *Obras Públicas* - *Processo Nº 95/12 – José Joaquim Guimarães Pestana - ampliação de casa, freguesia de Custóias, Lugar de S. Tiago – Matosinhos - 3094 - [1912]*.

<sup>236</sup> AHCMP – FQR – APRI/12QR-14 (457) - 1796 - Maio, 9 – Porto, Freguesia de Santo Ildefonso, Quinta da Neta. *Testamento de José Gonçalves Lopes, Capitão-mor do Couto de Leça do Balio folºs, 4v-5*.

de alcovas, conforme ilustram as *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos e outros santuários portugueses*.<sup>237</sup>

Fica-nos também a ideia de que existiam duas cozinhas, uma no piso nobre e outra no térreo, como, aliás, era vulgar existir nas casas senhoriais das antigas “terras da Maia”.<sup>238</sup> A cozinha do rés-do-chão era utilizada pelos serviçais da casa e a do andar pelos membros da família, sinal de uma especialização funcional e da organização hierárquica dos espaços.

Uma das cláusulas do dote de casamento de Ana Maria Joaquina com o Capitão José Gonçalves Lopes determinava que o irmão do marido podia desfrutar “[...] nas ditas casas antigas nas quaes sómente occupará a salla, cozinha, soteia [...]”.<sup>239</sup>

Como foi referido, o espaço habitacional sofreu várias transformações estruturais depois da segunda metade Oitocentista e ao longo do século XX. O acesso ao interior da habitação faz-se pelo patamar da varanda alpendrada que cobre toda a largura do alçado nascente. O vestíbulo funciona como espaço de receção em direção ao corredor central que liga as duas entradas (a nascente e a poente) do corpo principal da casa e os compartimentos à esquerda do corredor, duas salas e três quartos, estão orientados a sul. As salas intercomunicam entre si (em *enfilade*) através de portas que rodam sobre o mesmo eixo (STC - FOTO Nº 6 – SEC. 1, V2).

No extremo da segunda sala existe uma escada interna que comunica com o piso térreo, solução que surgiu na sequência do prolongamento da casa.

O segundo corpo situado à direita do corredor central é volumetricamente diferente. As aberturas voltadas para o antigo quintal acentuam o espaço íntimo da habitação que compreende uma sala de estar, uma cozinha, um “hall” e uma

---

<sup>237</sup>SMITH, Robert Chester - *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos e outros santuários portugueses*. Matosinhos, 1966.

<sup>238</sup> Por exemplo, na Casa do Rio em Ramalde CARNEIRO, Manuel Almeida – «Quinta do Rio: uma leitura do espaço habitacional-rural em Ramalde - (Sécs. XVIII-XIX)». In *Património. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Vol. II (2003) 523.

<sup>239</sup> PT/ADPRT/NOT/CNPRT08/001/0282 - *Escritura de dote de casamento* faz o Capitão Manoel da Silva Guimarães, e sua mulher, a sua filha Dona de Ana Maria Joaquina para casar com o Capitão José Gonçalves Lopes. 1774 - Agosto, 17 - Freguesia de Ramalde, Julgado de Bouças, folº. 70v.

“toilette”. As divisões têm um pé direito elevado e os vãos da sala e da cozinha estão rasgados até ao pavimento com um guarda-corpo em ferro.

### 5.3.3 O Oratório

Como foi referido, no ano de 1912 deu entrada na Câmara Municipal de Matosinhos um pedido de licenciamento de obras para construir um quarto e um oratório.<sup>240</sup> Este situa-se no lado direito da entrada principal e tem uma área aproximada de 5,85 x 3,44 m. Uma janela bipartida, orientada a norte, permite a receção da luz natural para iluminar o espaço.

Entre as várias peças que integram o património religioso destaca-se o retábulo em talha dourada. De feição erudita, denota uma primorosa execução técnica e espelha o formulário decorativo do barroco e rococó. São de realçar as colunas salomónicas que ladeiam o nicho e os capitéis compósitos que sustentam o frontão interrompido.<sup>241</sup> A parte superior do retábulo é decorada com folhagem concheada aurifulgente, certamente inspirada nas gravuras de J. A. Stokhmann **(STC - FOTO Nº 7 – SEC. 1, V2)**.<sup>242</sup>

O retábulo não está documentado e a sua proveniência é desconhecida. Provavelmente é oriundo das casas que a família Pestana possuía na Rua do Bonjardim (cidade do Porto) na segunda metade do século XVIII.<sup>243</sup>

Com a família Pestana da Silva abriu-se um novo ciclo na história da casa. O requinte doméstico e o gosto artístico espelham a nova sociabilidade criada pelas elites portuenses entre os finais do século XIX e inícios do século XX.

---

<sup>240</sup> AMMTS – *Obras Públicas - Processo Nº 95/12 – José Joaquim Guimarães Pestana - ampliação de casa, freguesia de Custóias, Lugar de S. Tiago – Matosinhos - 3094 - [1912]*

<sup>241</sup> Cf. DIAS, Maria da Piedade ; SOUSA, Orquídea Dulce Fonseca – *Inventário do Património Arquitectónico Religioso de Matosinhos (...)* 1997, p. 120.

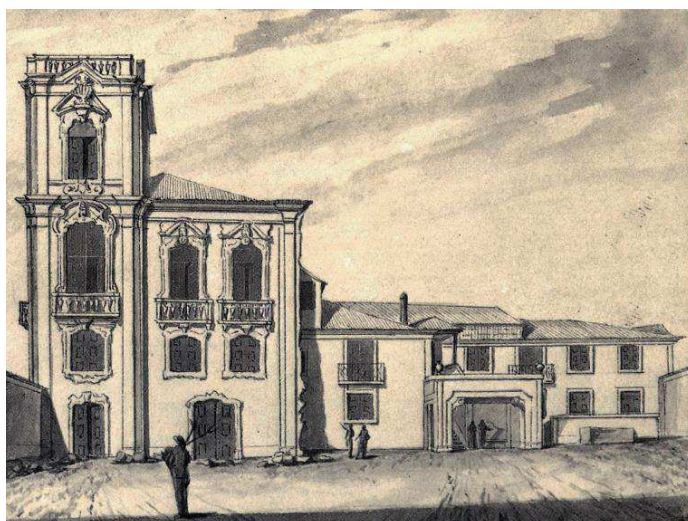
<sup>242</sup> SMITH, Robert Chester – *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1962, pp. 143-145; BORGES, Nelson Correia – *História da Arte em Portugal. Do Barroco ao Rococó*. Lisboa: Publicações Alfa, Vol. 9, 1986, pp. 140-145.

<sup>243</sup> FERREIRA, Damião Vellozo; VASCONCELOS, António Pestana de (colaboração de) – *O Club Portuense - 1857. Biografia dos fundadores*. Porto, 2007, pp.245-246; sobre o percurso social dos membros da família Pestana da Silva veja-se RIOS, Alice – *Famílias tradicionais do Porto*. Porto, 2009, 2 vol, p. 246.

Esperamos que oportunamente surjam novas fontes de informação sobre o percurso social das famílias que aqui habitaram e deixaram o testemunho da sua passagem.

O Município de Matosinhos tem em curso vários processos de classificação de imóveis de interesse público, entre os quais se inclui a Casa de Sam Thiago.

## 6 - Quinta da Prelada entre o declínio e a inovação



**EST. 39 Quinta da Prelada segundo o desenho de Joaquim Cardoso** Vitória Vilanova– *Edifícios do Porto em 1833. Álbum de desenhos e Joaquim Cardoso* Vitória Vilanova. Manuscrito 1479. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1987, Nº 33.

*“A respeito da quinta da Prelada sei só que está um pouco mais ou menos como era e com suas pyramides à frente. A casa parece meia construção, pois o resto não chegou a fazer-se. Vou procurar informes, pois o D. Francisco único possuidor, viúvo e sem filhos, é raro aparecer e pouco acessível. Verei e direi.”<sup>244</sup>*

<sup>244</sup> SOUSA VITERBO - *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*. Reprodução em fac-símile do exemplar com data de 1899 da Biblioteca da INCM. Prefácio de Pedro Dias. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda [1988], 3 vol., p.191.

Uma questão que desde sempre norteou os estudiosos sempre que referiam a Casa da Prelada dizia respeito à não conclusão da obra programada por Nicolau Nasoni.

A Casa, cuja construção teve início entre 1743 e 1748, segundo Robert Smith, ficou inacabado. Teria sido “*com os olhos postos na Corte*”<sup>245</sup> que D. António de Noronha e Meneses pretendia erguer um «palácio» com jardins de aparato à semelhança dos espaços lúdicos da Casa Real e dos Grandes que, no século XVIII, aspiravam granjear títulos nobiliárquicos?<sup>246</sup>

O Arquivo Distrital do Porto conserva um Processo procedente do Tribunal da Relação do Porto e respeitante a uma disputa judicial entre os herdeiros de Brás de Abreu Guimarães e os membros da família Noronha e Meneses da Casa da Prelada.<sup>247</sup> O processo está incompleto, mas permitiu reconstituir o fio condutor que está na base de um litígio que se prolongou no tempo e afetou o poder económico da família Noronha e Meneses, entre 1750 e a primeira metade do século XIX.<sup>248</sup>

Nas duas primeiras décadas do século XIX D. Guiomar de Noronha Ataíde Portugal foi a figura de proa da Prelada. No estado de viúva teve a seu cargo a administração do património familiar. Além das vicissitudes externas durante a contenda com os herdeiros de Brás de Abreu Guimarães e com o aboletamento das tropas na Casa da Prelada na altura da Guerra Peninsular, D. Guiomar teve que enfrentar o filho D. Manoel de Noronha e Meneses, nos anos de 1821 e 1824.<sup>249</sup>

---

<sup>245</sup> RODRIGUES, Ana Duarte – “Elites, estratégias e especificidades da encomenda de escultura de jardim em Portugal (1670-1800)”. In *Análise Social*. 207. XLVIII - 2.º (2013), p. 388-389.

<sup>246</sup> Cf. RODRIGUES, Ana Duarte – *A escultura de jardim das quintas e palácios dos séculos XVII e XVIII em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011, p. 132, e pp. 181-201; \_\_\_\_\_ “Elites, estratégias e especificidades da encomenda de escultura de jardim em Portugal (1670-1800)”. In *Análise Social*. 207. XLVIII - 2.º (2013), p. 388-389.

<sup>247</sup> ADP - PT/ADPRT/JUD/TRPRT/A/143/36013 – *Autos cíveis vindos da Relação de Lisboa nos quais é recorrente, D. Manoel de Noronha e Meneses e Mesquita e Melo Traslado e recorrida Joana de Meireles Silva Guedes, seus filhos e genros. Com quatro apelações. (data extremas: 1822-1844)* (Documento sem tratamento técnico arquivístico), folº 2v.

<sup>248</sup> Os resultados desta investigação foram divulgados no *III Congresso de História – Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto (nov. 2014); cf. CARNEIRO, Manuel Almeida – «A família Noronha e Meneses da Prelada. Governo da casa, conflitos e problemas financeiros na primeira metade do século XIX». In *Atas do III Congresso de História – Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto (nov. 2014), pp. 353-370.

<sup>249</sup> cf. CARNEIRO, Manuel Almeida – «A família Noronha e Meneses da Prelada. (...) pp. 353-370.

As dívidas, as questões dos tribunais e as tensões familiares ligadas a uma conjuntura histórica difícil, sobretudo durante a II Invasão Francesa, certamente inviabilizaram a concretização do projeto arrojado do «Palácio» da Prelada riscado por Nicolau Nasoni.<sup>250</sup>

O edifício residencial, que eventualmente foi projetado para ter quatro torres angulares, apenas uma foi realizada, correspondia a um programa decorativo submetido a um grande eixo de desenvolvimento marcado pela casa como nas vilas italianas e nos palácios franceses.<sup>251</sup> O preceituário barroco está patente nas duas grandes alamedas que percorrem os jardins ornamentados por fontes e esculturas inspiradas nas *Metamorfoses de Ovídio*.<sup>252</sup>

*A Planta da Cidade do Porto e arredores com a localização das fortificações liberais e miguelistas durante o Cerco do Porto de 1832 e 1833*, já aqui mencionada a propósito da Quinta do Rio, assinala a propriedade dos Noronhas e Meneses, nomeadamente o eixo da entrada marcado por dois grandes obeliscos<sup>253</sup> em direção à Casa, o grande retângulo ajardinado e a alameda que conduz ao lago centrado pela Torre.

Sousa Viterbo, que por aqui deambulou, contemplando a paisagem bucólica e rústica do aro do Porto, refere que ainda havia “(...) *construções primitivas e muito seria para estimar que os nossos fotografos, excitados por mais viva curiosidade, procurassem salvar nas suas chapas de vidro as preciosas relíquias, que não tardarão a desaparecer de todo*”.<sup>254</sup>

Tinha razão o insigne polígrafo porque certamente reconheceu os vestígios da construção preexistente, possivelmente seiscentistas, que estavam adossados ao

---

<sup>250</sup> SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, p. 147.

<sup>251</sup> CARITA, Helder; CARDOSO, Homem – *Tratado da grandeza dos jardins em Portugal ou da originalidade e desaires desta arte*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990, pp. 250-255.

<sup>252</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna*. Lisboa: Edições INAPA, 2001, p. 127.

<sup>253</sup> Posteriormente, os dois obeliscos foram transferidos para os jardins do Passeio alegre, na Foz do Douro.

<sup>254</sup> SOUSA VITERBO - *A Jardinagem em Portugal - Apontamentos para a sua História*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1906, p. 48.

corpo poente setecentista traçado pelo arquiteto italiano. Joaquim Vilanova legou-nos uma curiosa imagem das duas construções existentes em 1833 (EST. 39).

As fachadas sul e poente denotam a intervenção de Nicolau Nasoni. A primeira, considerada a principal, apresenta o alçado tripartido que corresponde aos três corpos escalonados com múltiplas coberturas. O primeiro é definido pela torre com quatro pisos, “onde a fantasia escultórica atinge o seu apogeu” inspirada nos elementos heráldicos da família;<sup>255</sup> no segundo corpo fica a entrada mais larga; no nível intermédio abrem-se duas janelas de peito, cujos lintéis curvos se insinuam nos cachorros que suportam as duas amplas varandas com balaústres; o terceiro corpo é o mais baixo, com dois pisos e sobrepujado com o brasão dos Noronhas.<sup>256</sup>

A fachada poente desenvolve-se no enfiamento da torre, seccionada por pilastras com seis aberturas no piso superior, decoradas com molduras “nasionanas”, que alternam com as janelas de peito no nível intermédio. No térreo existem quatro vãos de serviço<sup>257</sup> (DOC. 15 – A - 20 – B – SEC. 3, V2).

Durante a renovação do Imóvel, sob a orientação do arquiteto António Leitão Barbosa, surgiram novos elementos sobre o interior da Casa.<sup>258</sup> Salientamos os mármore fingidos nas paredes da entrada principal e nos outros compartimentos internos, segundo a técnica de *escaiola* que era moda no século XIX, como refere Adrian Balbi<sup>259</sup> (QPR – FOTOS Nº 6,7 – SEC. 1, V2). É de realçar “o pavimento de xadrez em asfalto com incrustações em gravilha de calcário”<sup>260</sup> e a escadaria principal que conduz à sobre loja e ao andar nobre (EST. 40). Entre os compartimentos mais distintos da Casa destaca-se a «sala de apoio à Provedoria» com “o teto original em

---

<sup>255</sup> SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966, p. 148.

<sup>256</sup> Cf. CUNHA, Manuela – “A Quinta da Prelada” In *Idearte.org / Revista de Teorias e Ciências da Arte*. Vol. 6 (2010) 106 e seguintes.

<sup>257</sup> Uma descrição mais pormenorizada das fachadas pode ser vista nas obras de Robert Smith e de Manuela Cunha que foram anteriormente citadas.

<sup>258</sup> DOC. 15 A a 20 – B – SEC. 3, V2.

<sup>259</sup> BALBI, Adrien - *Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres États de l'Europe et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres, et des Beaux-Arts parmi les portugais des deux hémisphères*. Paris, 1822, 2 tomes, CLXXXVII.

<sup>260</sup> SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO (Coordenação) – *Casa da Prelada. D. Francisco de Noronha e Meneses*. Porto, 2013, p. 112,

*madeira e o lambrim com pinturas simulando marmoreados” e a sala dos Provedores com o teto em estuque<sup>261</sup> (QPR – FOTOS Nº 6, 7 – SEC. 1, V2).*



**EST. 40** Pormenor dos panos da parede que sugerem os mármoreos fingidos segundo a técnica da *escaiola*. Realce para o arco com o fecho neoclássico e a escadaria helicoidal.

O Imóvel da Santa Casa da Misericórdia foi reabilitado para acolher o Arquivo Histórico da Instituição.<sup>262</sup>

Na sequência desta intervenção surgiram novos elementos artísticos que potenciam matéria relevante para um estudo mais aprofundado que não cabe nesta dissertação.

---

<sup>261</sup> SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO (Coordenação) – *Casa da Prelada (...)*, p. 108.

<sup>262</sup> Curiosamente, logo após o início deste Curso fizemos algumas fotos do Imóvel antes de ter sido intervencionado, como pode observar-se in QPR – FOTOS Nº 3 – SEC. 1, V2.

## CONCLUSÃO

O estudo da *casa agrícola* e da *quinta de recreio* no espaço rural do Porto constitui um tema demasiado vasto para ser compreendido no quadro de uma perspetiva global, mas foi nesse sentido que traçámos o nosso rumo.

Tendo em vista delinear uma visão holística da Casa, na Primeira Parte deste estudo auscultámos os vários con / textos que lhe são subjacentes, designadamente as condições naturais e o conspecto geográfico da região do Porto. Analisámos a cartografia (não científica) e o modo como também ela foi sendo desenvolvida no nosso país no século XVIII. Sublinhámos a importância desta fonte, na medida em que foi através dela que percecionámos o território entre os rios Leça e Douro para compreender o modo como esse mesmo espaço geográfico foi sendo apropriado pela sociedade na Época Moderna. A cartografia militar produzida nas épocas setecentista e oitocentista assinala as casas senhoriais existentes no espaço periurbano do Porto. A sua representação pode estar distorcida ou pouco precisa, mas contribuiu para uma percepção das *quintas* que, desde a época Quinhentista, suscitou o gosto das elites portuenses movidas pelo ideal de *vilegiatura*.

A *quinta* como unidade produtiva e espaço de representação social está bem patente nas terras do antigo *Julgado* de Bouças, que correspondem hoje aos atuais concelhos de Matosinhos e do Porto.

A «quinta moderna» e a «quinta de recreio» no século XVIII espelham uma grande viragem no estilo e no gosto do bem-viver da aristocracia mercantil e da burguesia capitalista portuense. Reconhecemos, que neste domínio, gostaríamos de ir bem mais longe, mas a escassez de fontes documentais não permitiu.

Do ponto de vista temporal os edifícios estudados foram objeto de inovações arquitetónicas durante o setecentismo. Neste âmbito, procurámos «desmistificar» o peso excessivo atribuído a Nicolau Nasoni na conceção das casas senhoriais do

*hinterland* do Porto. Robert Smith concedeu demasiado peso a esse artista de Siena, mas as residências senhoriais das quintas da Queimada, da Prelada, de Santa Cruz do Bispo e do Chantre revelam marcas construtivas de épocas anteriores à chegada de Nicolau Nasoni.

A este nível destacámos a ação produtiva dos nossos mestres-arquitetos como Francisco João Pereira dos Santos, António Pereira, Miguel Francisco da Silva e o engenheiro-arquiteto Manuel Álvares Martins. Estes artistas foram os intérpretes da linguagem do barroco internacional na primeira metade do século XVIII, baseados nos tratados de Sebastiano Serlio, de François Nicolas Blondel e Andrea Pozzo. Salientámos o contributo teórico do tratadista José de Figueiredo Seixas, que mereceu da nossa parte uma análise reflexiva sobre as propostas para o ordenamento do território e sobre as tipologias habitacionais urbanas e rurais. A sua escrita, enxuta e objetiva, encontra algum paralelismo com um outro tratadista ibérico coetâneo chamado José Hermosilla Y De Sandoval, que no ano de 1750 publicou em Roma *La architectura civil*.<sup>263</sup>

Destaque ainda para o Arquiteto da Relação do Porto Damião Pereira de Azevedo, cujo domínio teórico e prático está bem patente nas obras urbanísticas e arquitetónicas do Porto nos finais do século XVIII.

Retomando as três questões nucleares no início deste trabalho:

- 1) - *Que Interesse Público têm estes imóveis?*
- 2) - *Que «valores» culturais representam?*
- 3) - *Qual o significado histórico?*

O valor histórico e patrimonial tem sido reconhecido pelos investigadores em geral, mas há questões em aberto sobre a forma como estes “bens culturais” têm sido geridos pelo Estado e pelos particulares.

A gestão patrimonial dos espaços arquitetónicos por parte dos nossos organismos governamentais, não tem sido exemplar. No decurso do nosso trabalho de

---

<sup>263</sup> HERMOSILLA Y DE SANDOVAL, José (arquitecto) – *La architectura civil*. Roma, 30 de setembro 1750 - [Papel, 266 X 193 mm., 375 pp.]. Madrid: Biblioteca Nacional de Espanha, manuscrito nº 7573.

campo verificámos que a Quinta de Santa Cruz do Bispo, a Quinta Queimada ou Casa de Ramalde sofreram transformações arquitetónicas, que em boa parte adulteraram o valor intrínseco destes Monumentos, apesar de o Estado reconhecer o valor “histórico-cultural” destes edifícios.

Por seu turno, os edifícios *Classificados de Interesse Público* na posse de instituições privadas e de particulares, como por exemplo a Quinta e Casa da Prelada, agora convertida no Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto e também as *quintas* de Fafiães, do Rio, de Sam Thiago e do Chantre, têm exercido um papel notável na manutenção dos «valores culturais» destes edifícios.

Estes Monumentos representam a *Memória* e a *Identidade* do espaço periférico do Porto. Testemunham a sociedade e o quotidiano vivido numa época (séculos XVIII – XIX) em que a ruralidade era o traço dominante na paisagem.

Através da pesquisa de campo e nos vários arquivos históricos fomos talhando e descodificando os nossos Monumentos como «operários da memória», para utilizar uma expressão propalada pelo historiador Vítor Serrão.<sup>264</sup>

*As quintas de Santa Cruz do Bispo, de Fafiães, do Chantre, de Ramalde, do Viso, do Rio, de Sam Thiago e da Prelada espelham a nossa identidade e a memória coletiva.*

Encerramos a tese com uma frase de John Ruskin extraída da obra *The seven lamps of architecture*, publicada em 1849:

*«A memória pode ser realmente considerada como a Sexta Lâmpada da Arquitetura. Assim que os edifícios civis atingem a verdadeira perfeição tornam-se memoriais ou monumentais. O significado histórico ou metafórico da arquitetura civil e doméstica depende da estabilidade construtiva e da intenção decorativa».*<sup>265</sup>

---

<sup>264</sup> SERRÃO, Vítor – *A cripto-história de arte. Análise de obras inexistentes*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001, pp. 218-219.

<sup>265</sup> Tradução nossa.

## FONTES

---

## **BIBLIOGRAFIA CITADA**

- ABREU, Susana Matos de “A obra do arquitecto italiano Francesco da Cremona (c.1480-c.1550) em Portugal: novas pistas de investigação”. In *A Encomenda. O artista. A obra*. (Coordenação de Natália Marinho Ferreira-Alves) Porto: CEPESE [2010], pp. 557-583.
- ABREU, Susana Matos de – “A formação dos artistas na difusão das formas e a recepção da sua arte pelo meio sócio-cultural do século XVI: notas metodológicas”. In *Artistas e Artífices no Mundo de Expressão Portuguesa*. [Coordenação de Natália Marinho Ferreira-Alves] Porto: CEPESE, 2008.
- ACKERMAN, James S. – *La villa. Forma e ideologia de las casas de campo*. 2ª Edición. Madrid: Ediciones Akal, 2006.
- Actas - I Congresso Internacional do Barroco*. Porto: Reitoria da Universidade do Porto – Governo Civil do Porto, 1991, II vols.
- Actas - II Congresso Internacional do Barroco - 2001. Porto – Vila Real – Aveiro – Arouca*. Departamento de Ciências e Técnicas do Património - Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2003.
- Actas do 1º Congresso Internacional – Casa Nobre – um património para o futuro* [10 a 12 de novembro de 2005]. Arcos de Valdevez, 2007.
- Actas do 2º Congresso Internacional – Casa Nobre um Património para o futuro* [14 a 15 de novembro de 2008]. Arcos de Valdevez, 2011.
- Actas do 3º Congresso Internacional – Casa Nobre um Património para o futuro* [2 a 4 de dezembro de 2011]. Arcos de Valdevez, 2013.
- Actas do 4º Congresso Internacional – Casa Nobre um Património para o futuro* [ 27 a 29 de novembro de 2011]. Arcos de Valdevez, 2013 (no prelo).
- AFONSO, José Ferrão – “A villa do Bispo do Porto D. Rodrigo Pinheiro (1552-1572) em Santa Cruz de Ribas Leça: ... Assunto del que ilustra generoso el arbol en quien atis se transforma...”. In *Actas do 3º Congresso Internacional – Casa Nobre um Património para o futuro* [2 a 4 de dezembro de 2011]. Arcos de Valdevez, 2013, 607-627.
- ALBERGARIA, Maria Isabel Soares de - *A casa nobre na ilha de S. Miguel: do período filipino ao final do antigo regime*. Provas públicas para obtenção do Grau de Doutor em Arquitectura. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior Técnico, 2012, 2 Vols..
- ALEGRIA, Maria Fernanda e GARCIA, João Carlos – “Aspectos da evolução da cartografia portuguesa (séculos XV a XIX)”. In DIAS, Maria Helena (Coordenação) – *Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da cartografia*. 1ª Edição. Lisboa: Edições Cosmos, 1995, pp. 27-84.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – “O Paço de Vitorino das Donas”. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto, vol. IX-XI, 2010-2012, pp. 59-81.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – “Algumas notas sobre o processo de romanização da zona de Entre Douro e Ave”. Sep. das *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, 1970.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Romanização das Terras da Maia*. Maia, 1969.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - «Património - Riegl e hoje». *Revista da Faculdade de Letras-História-Universidade do Porto*. II Série. Vol. X (1993) 307-416.

ALONSO, Joaquim Mamede (coordenação científica); GUERRA, Carlos (coordenação técnica) - *Relatório efetuado ao abrigo do contrato de Consultadoria Ambiental no âmbito do Projeto “valorização e qualificação ambiental e territorial - Sistema de Gestão e Informação Ambiental dos espaços classificados do Concelho de Matosinhos - componente solos e paisagem. Resumo não técnico”*. [S. l.] Escola Superior Agrária de Viana do Castelo e Instituto Politécnico de Viana do Castelo, 2013. *Versão em formato eletrónico*:

[Componente Solos e Paisagem - Câmara Municipal de Matosinhos](#)

ALPUIM, Maria Augusta – *Casas de Viana Antiga*. Viana do Castelo, 1983

ALVES, Adalberto - *Dicionário de arabismos da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.

AMARAL, Augusto Ferreira do – “O conceito de fidalgo de solar no antigo direito nobiliárquico”. In *Actas do 1º Congresso Internacional – Casa Nobre – um património para o futuro* [10 a 12 de novembro de 2005]. Arcos de Valdevez. 2007, pp. 41-49.

ANDRESEN, Teresa ; MARQUES, Teresa Portela – *Jardins históricos do Porto*. Porto: Edições Inapa, 2001.

ARAÚJO, Agostinho – “A pintura popular votiva no séc. XVIII: (algumas reflexões a partir coleção de Matosinhos)”. In *Revista de História*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2 (1979) 27-41.

ARAÚJO, Ilídio – “Quintas de recreio (breve introdução ao seu estudo com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII), in *Revista Bracara Augusta*, vol. 64 - Actas do Congresso «A Arte em Portugal no Século XVIII» de homenagem a André Soares. Braga, 1973, 1º tomo, pp. 321-331.

ARAÚJO, Ilídio - “Jardins, parques e quintas de recreio no aro do Porto. *Revista de História*: Centro de História da Universidade do Porto - (*Actas do Colóquio «O Porto na Época Moderna»*). Porto. II (1979) 375-387.

ARAÚJO, Ilídio – “N. Nasoni e a Quinta de S. Gens”. In *A paisagem e o homem* (suplemento do B.I. sobre o reordenamento da paisagem de E.D.M.). 4 (1985).

ARAÚJO, Ilídio – “A tradição da arte da jardinagem na região do Porto”. *O Tripeiro*. Série Nova. Ano VIII: 11-12 (Nov. - Dez. -1989) 339-348.

ARAÚJO, Ilídio – “A casa rural e o desenvolvimento erudito da arte paisagista. Um olhar sobre o passado e outro virado para o futuro”, in *Actas do 1º Congresso Internacional – Casa Nobre – um património para o futuro* [10 a 12 de novembro de 2005]. Arcos de Valdevez. 2007, pp. 301-344.

ARAÚJO, Maria da Assunção - *Evolução geomorfológica da plataforma litoral da Região do Porto*. Dissertação em Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 1991 (Texto policopiado).

ARAÚJO, Maria da Assunção – “Aspectos geomorfológicos do litoral da região do Porto. Texto de apoio às saídas de estudo- Área Metropolitana do Porto.”. *VI Colóquio Ibérico de Geografia, “A Península Ibérica - um espaço em mutação (16 Set. 1992)”*. Porto: Instituto de Geografia Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1992, pp. 1-13.

ARAÚJO, Maria da Assunção [et al.] ; Coord. Clarisse Castro, Joel Cleto - *O Rio da Memória. Arqueologia no Território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos: Gabinete Municipal de Arqueologia e História, 2011.

Cf. AZEVEDO, Pe. Agostinho - *A Terra da Maia - (Subsídios para a sua monografia)*. Maia, 1939, 1º. Vol..

AZEREDO, Francisco de - *Casas senhoriais portuguesas. Roteiro da viagem de estudo do IBI*. (S. I.), 1986.

AZEVEDO, Carlos de - *Solares Portugueses*. [1ª. Edição-1969] 2ª. Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

BALBI, Adrien - *Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres États de l'Europe et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres, et des Beaux-Arts parmi les portugais des deux hémisphères*. Paris, 1822, 2 tomes.

BARREIRA, João - "A habitação em Portugal". In *Notas sobre Portugal – Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1909*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1909, pp. 147-178.

BARREIRA, João - *As artes decorativas*. Lisboa: Edições Excelsior, [s.d.], 3º Vol. [arquitectura e escultura].

BARROCA, Mário Jorge - "Em torno da residência senhorial fortificada: quatro torres na região de Amares". In *Revista de História. Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. 9 (1989) 9-61.

BARROCA, Mário Jorge - "Torres, casas-torres ou casas fortes – a conceção do espaço de habitação da pequena e média nobreza na Baixa Idade Média (sécs. XII-XV)". In *Revista de História das Ideias*. 19 (1998) 39-103.

BERGER, Francisco José Gentil - *Lisboa e os arquitectos de D. João V. Manuel da Costa Negreiros no estudo sistemático do barroco joanino na região de Lisboa*. Lisboa: Edições Cosmos, 1994.

BINNEY, Marcus - *Casas nobres de Portugal* - (Introdução de Manuel Pedro Rio Carvalho; fotografias de Nicolas Sapiéha, Francesco Venturi).Lisboa: Difel, 1987.

BLONDEL, Jacques François - *De la distribution des maisons de plaisance et de la decoration des edifices en general*. Paris; Chez Charles-Antoine Jombert Libraire du Roy pour l'Artillerie & le Génie, à l'Image Notre-Dame, 1737-1738, 2vols.

BLONDEL, Jacques François - *Discours sur la nécessité de L'étude de L'architecture - De L'utilité de joindre de L'architecture celle des sciences et des artx qui lui sont relatifs*. [Reimpressão das edições em Paris - 1754 - 1771] Genève: Minkoff Reprint, 1973.

BLUTEAU, Pe. Raphael - *Vocabulário portuguez e latino (...)*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1721, 8 vols.

BORGES, Nelson Correia - *História da Arte Barroca em Portugal. Do barroco ao rococó*. In Lisboa: Publicações Alfa, Vol. 9, 1986.

BRANDÃO, D. Domingos de Pinho - "José Figueiredo Seixas: algumas obras, alguns documentos". *Museu*. 2ª Série, 7 (1964) 49-68.

BRANDÃO, D. Domingos de Pinho - «Trabalhos de Nasoni desconhecidos». *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto. Vol. XXVII, Fasc. 1-2 (1964) 118-155.

BRANDÃO, D. Domingos de Pinho - *Obra da talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na Diocese do Porto*. Porto, 4 vols. (em particular o *Volume III - 1726 a 1750*) 1986, pp. 319-320.

BRANDÃO, Maria de Fátima - *Terra, Herança e Família no Noroeste de Portugal. O caso de Mosteiro no século XIX*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

BRAUDEL, Fernand - *Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII. As estruturas do quotidiano. O possível e o impossível*. [Edição original: Paris: Librairie Armand Colin, 1979] Lisboa: Teorema, tomo I, [S.d.].

BRISEUX, Charles Etienne - *L'art de bâtir des maisons de campagne où l'on traite de leur distribution, de leur construction, & de leur décoration*. Paris, 1743, 2 tomos.

BUESCU, Ana Isabel – *Memória e poder. Ensaio de História Cultural (Séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão – *Aspectos da herança clássica na cultura portuguesa*. 1ª Edição. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Biblioteca Breve [33] 1979.

CAETANO, Joaquim Oliveira – “Arquitectos, engenheiros e mestres de obras do Aqueduto das águas Livres”. In CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA [Irisalva Moita (Coordenação) – *D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. I Estudos Históricos*. Lisboa: 1990.

CALADO, Margarida – “Academia de Portugal em Roma”. In PEREIRA, Paulo (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

CALDAS, João Vieira – «Casa Rural». In PEREIRA, José Fernandes (Direcção); PEREIRA, Paulo (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

CALDAS, João Vieira ; GOMES, Paulo Varela – *Viana do Castelo*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1990 [Cidades e vilas de Portugal Nº 10].

CALDAS, João Vieira – “Casas nobres” de Viana. In *Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos*. Lisboa. 22 (mar. – 2005) 172-181.

CÂMARA MUÑOZ, Alicia – *Arquitectura y sociedad en el Siglo de Oro. Idea, traza y edificio*. Madrid: Ediciones El Arquero, 1990.

CÂMARA, Maria Alexandra Gago da – “A arte de bem-viver”. *A encenação do quotidiano na azulejaria portuguesa na segunda metade de Setecentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e Tecnologia. Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2005.

CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS – *Vila de Matosinhos. Matosinhos em textos medievais (Até D. Afonso III)* - (Prefácio de António de J. Gomes). Matosinhos: Biblioteca Municipal, 1978.

CAPELA, José Viriato – «Braga um município fidalgo – as lutas pelo controlo da câmara entre 1750 e 1834». *Cadernos do Noroeste*. Vol. II. Nº. 2-3 (1989) 301-339.

CAPELA, José Viriato - *A Revolução do Minho de 1846. Os difíceis anos de implantação do liberalismo*. Braga: Governo Civil do Distrito de Braga, 1996.

CAPELA, José Viriato – *A Revolução do Minho de 1846 segundo os relatórios de Silva Cabral e Terena José*. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; BORRALHEIRO, Rogério – *As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias e História e Património*. Braga, 2009 [Colecção: *Portugal nas Memórias Paroquiais de 1758*]. Versão em formato eletrónico, PDF.

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11886/1/PORTO%20Livro%20das%20Mem%20Paroq.pdf>

CAPITEL, Antón – *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración*. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

CARDOSO, António Barros – Baco & Hermes. *O Porto e o comércio interno e externo dos vinhos do Douro (1700-1756)*. Porto: GHEVID (Grupo de Estudos de História da Viticultura e do Vinho do Porto), 2003.

CARDOSO, Isabel Lopes (Coordenação)– *Paisagem e património. Aproximações pluridisciplinares*. [Évora]: Universidade de Évora / CHAIA e Dafne Editora, 2013 [Coleção Equações de arquitectura].

CARDOSO, José Luís (Organização) - *O Pensamento Económico em Portugal nos finais do século XVIII - 1780-1808*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

CARDOSO, (Padre) Luiz - *Diccionario geografico ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, serras dos reynos de Portugal e Algarve (...)*. Lisboa. 1747, 2 tomos.

CARITA, Helder; CARDOSO, Homem – *Tratado da grandeza dos jardins em Portugal ou da originalidade e desaires desta arte*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990.

CARITA, Helder; CARDOSO, Homem – *A casa senhorial em Portugal. Modelos, tipologias, programas interiores e equipamento*. Lisboa: Leya, 2015.

CARITA, Rui – “O ensino das matemáticas nos colégios jesuítas de Portugal e a sua passagem ao ensino fortificado”. Comunicação ao 7º Seminário Internacional sobre *Arquitetura Militar de Almeida. Territórios. Raias e fronteiras – Sistemas de Fortificação*. Almeida: CEAMA, 30 e 31 de agosto de 2013.

CARNEIRO, Manuel Almeida – *Quinta do Rio: a vivência e o quotidiano em Ramalde (1756-1876)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a orientação da Professora Doutora Teresa Soeiro, 1999 (Texto policopiado).

CARNEIRO, Manuel Almeida – «Quinta do Rio: uma leitura do espaço habitacional-rural em Ramalde - (Sécs. XVIII-XIX)». In *Património. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Vol. II (2003) 521-544.

CARNEIRO, Manuel Almeida – «A família Noronha e Meneses da Prelada. Governo da casa, conflitos e problemas financeiros na primeira metade do século XIX». In *Atas do III Congresso de História – Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto (nov. 2014), pp. 353-370.

CARNEIRO, Manuel Almeida – «A Casa de Sam Thiago em Custóias. Da “fábrica da cultura” ao património construído – Séculos XVIII e XX». In *Atas do 4º Congresso Internacional da Casa Nobre em Arcos de Valdevez (27 -29 nov. 2014)*; no prelo.

CARRINGTON DA COSTA .J e C. TEIXEIRA - *Carta geológica de Portugal -na escala 1/50.000 - Notícia explicativa da folha 9-C - Porto*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1957.

CARVALHO, Rómulo de – *História do ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*. 3ª. Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CARY, Francisco Caldeira -*Enquadramento e perfis do investimento agrícola no Continente Português*. Lisboa: Banco de Fomento Nacional, 1985, 1º. vol., pp. 20-50.

*Casas do Porto (século XIV ao XIX). Documentos e Memórias para a História do Porto*. Porto. Vol. 31 (1961).

CASTRO, Aníbal ; PEREIRA, José Esteves ; DELILLE, Maria Manuela ; ALMEIDA, Teresa Sousa – *Alcipe e as Luzes*. Lisboa: Edições Colibri; Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, pp. 129-146.

CASTRO, João Bautista - *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. 2ª Edição. Lisboa, 1762-1763, 3 tomos. *Versão em formato eletrónico - <http://purl.pt/22133/3/>*

CHAVES, Castelo Branco (tradução, prefácio e notas) – *O Portugal de D. João V visto por três forasteiros*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983 [Série Portugal e os Estrangeiros].

CHAVES, Castelo Branco – *Os livros de viagens em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia*. 1ª Edição. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Biblioteca Breve, 1977.

CHAVES, Luís - Estudos de toponímia portuguesa. Influências militares na formação de topónimos. *Revista de Guimarães*. 62 (1952) 160-191.

CHOAY, Françoise – *Património e Mundialização*. 2ª Edição (bilingue). [Évora]: Edições Licourne / Chaia, 2005.

CHOAY, Françoise – *A regra e o modelo. Sobre a teoria da arquitectura e do urbanismo*. 1ª Edição. Lisboa: Caleidoscópio, 2007.

CHOAY, Françoise - *A Alegoria do Património*. 2ª. Edição. Lisboa: Edições 70, 2010.

CHOAY, Françoise – *As questões do Património*. Lisboa: Edições 70, 2015.

CORNIDE, D. José - *Estado de Portugal en el año de 1800*. In *Memorial Historico Español - colección de documentos, opúsculos y antigüedades que publica la Real Academia de la Historia*. Madrid: Imprenta y Fundación de Manuel Tello, 1893, 1º. vol., pp.170-188.

CORREIA, José E. Horta – *Arquitectura Portuguesa - Renascimento. Maneirismo, Estilo Chão*. 2ª. Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

COSTA, Pe. Agostinho Rebelo da - *Descrição topográfica e Histórica da cidade do Porto*. 2ª. Edição. Porto: Livraria Progredior, 1945.

COSTA, Aníbal Styliano ; COSTA, Manuela Brás – “A Quinta de Lamas (Freguesia de Paranhos) - Apresentação de uma casa nobre”. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. 2ª. Série. Vol. 5-6 (1987/88) 195-220.

COSTA, Pe. António Carvalho da - *Corografia portuguesa e descripçam topographica do famoso reyno de Portugal*. (1ª. Edição 1706) 2ª. Edição. Braga, 1868, Tomo 1, pp. 318.

COSTA, Pe. Avelino Jesus da - *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*. 3ª. Edição (muito melhorada). Coimbra, 1993.

COSTA, Fernando Marques da ; DOMINGUES, Francisco Contente ; MONTEIRO, Nuno Gonçalves - (Organização de) - *Do Antigo Regime ao Liberalismo - 1750-1850*. Lisboa: Vega, [1989].

COSTA, J.Carrington da e TEIXEIRA, C. - *Carta Geológica de Portugal -na escala 1/50.000 - Notícia explicativa da folha 9-C* - Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1957.

COSTA, Paula Pinto ; ROSAS, Lúcia – *Leça do Balio no tempo dos cavaleiros do Hospital*. Porto: Edições Inapa, 2001.

COSTA, Vicente José Ferreira Cardozo - *Compilação systematica das leis estravagantes de Portugal*. Livro I. Leis Militares. - Parte I . Porto, 1798.

COUTINHO, Ana-Sofia de Almeida – *Imagens cartográficas na primeira metade do século XVIII*. Dissertação de Mestrado em Estudos Locais e Regionais na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2007. *Versão em formato eletrónico*.

COUTINHO, Bernardo Xavier – “Arte: do barroco no neo-classicismo. In PERES, Damião; CRUZ António (Direcção) – *História da cidade do Porto*. Porto: Portucalense Editora, 1965, 3 vol., 70-261; “VIII – A arquitectura civil do Porto (1640-1800), p. 216.

CRAWFURD, Oswald – *Portugal old and new*. London: Kegan Paul, Trench, & Co.,1882.

CRAWFURD, Oswald - *Round the calendar in Portugal*. London: Chapman and Hall, 1890.

CRUZ, António - *Geografia e economia da Província do Minho nos fins do século XVIII - Plano de descrição e subsídios de Custódio José Gomes de Vilas Boas*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos - Faculdade de Letras do Porto, 1970.

CUNHA, Manuela – “A Quinta da Prelada” In *Idearte.org / Revista de Teorias e Ciências da Arte*. Vol. 6 (2010) 97-116.

DAVEAU, Suzanne – “Algumas leituras para uma exposição”. In *A pintura do Mundo - Geografia Portuguesa e Cartografia dos séculos XVI a XVIII*. Porto, 1992, pp. 11-20.

DAVEAU, Suzanne e GALEGO, Júlia – “Difusão e ensino da cartografia em Portugal”. In DIAS, Maria Helena (Coordenação) – *Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da cartografia*. 1ª Edição. Lisboa: Edições Cosmos, 1995, pp. 85-124.

*DICCIONARIO ENCICLOPEDICO galego-castellano*. Vigo: Editorial Galaxia, 1958, 3 tomos.

DIAS, Maria Helena (Coordenação) – *Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da cartografia*. 1ª Edição. Lisboa: Edições Cosmos, 1995.

DIAS, Maria da Piedade ; SOUSA, Orquídea Dulce Fonseca – *Inventário do Património Arquitectónico Religioso de Matosinhos*. Matosinhos: Edição da Câmara Municipal de Matosinhos, 1997.

ELEB, Monique ; DEBARRE, Anne ; PERROT, Michelle (Introduction) – *Architectures de la vie privée. Maisons et mentalités XVII<sup>e</sup>-XIX<sup>e</sup> siècles*. Bruxelles : Éditions .A.M Hazan, 1999.

ELIAS, Norbert – (*Prefácio de Roger Chartier*) - *A sociedade de corte. Investigação sobre a sociologia da realza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FELGUEIRAS, Guilherme - *Monografia de Matosinhos*. Edição do autor. S.L., 1958.

FERNANDES, Isabel Maria ; MARTINS, Manuel (Coordenação) [Fenando Conceição... et al.]; Manuel Correia... [et al.] ; il. Alice Bernardo... [et al.] - *A casa dos Lobo Machado: de espaço privado a espaço de interesse público*. Guimarães: Associação Comercial e Industrial de Guimarães, 2010.

FERRÃO, Leonor – “Um motivo arquitectónico emblemático”. In *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*. Porto: Reitoria da Universidade do Porto / Governo Civil do Porto, 1991, pp. 593-619.

FERREIRA, Carla Maria Sequeira – *O Alto Douro. Entre o livre-cambismo e o proteccionismo. A «questão duriense» na economia nacional*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2010.

FERREIRA, Damião Vellozo ; VASCONCELOS, António Pestana de (colaboração de) – *O Club Portuense - 1857. Biografia dos fundadores*. Porto, 2007.

FERREIRA, Cónego José Augusto - *Memórias archeologico-historicas da cidade do Porto. Fastos episcopaes e políticos*. Braga, Cruz Editorial, 1923-1924, 2 tomos.

FERREIRA, J. A. Pinto - “O Porto e a residência dos fidalgos”. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. X (1948).

FERREIRA, J. A. Pinto - “Nossa Senhora do Porto”. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Fasc. 1-2. Vol. XV (Março-Abril - 1952) 176-189.

FERREIRA, J. A. Pinto - *O urbanismo do Porto no séc. XVIII e seus reflexos no plano económico-social. (simples achegas para o seu estudo)*. Porto, 1966.

FERREIRA, J. M. Simões – *História da arquitectura no Ocidente*. 1ª Edição. Lisboa: Nova Vega, 2010.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *O Porto na época dos Almadás. Arquitectura. Obras públicas*. Porto, 1988. 2 vols.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “António Pereira: arquitecto do Palácio de São João Novo”. In *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. 2ª Série, Vol. 5/6 (1989/90) 241-249.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - “Elementos para a história das sociedades entre mestres e pedreiros (séculos XVII e XVIII)”. In *Revista da Faculdade de Letras: História*. Série II, Vol. 9 (1992) 337-368.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “A Casa Nobre no Porto nos séculos XVII e XVIII. Introdução ao seu estudo.” *Poligrafia*. Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão. Nº. 4 (1995) 25-54.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “A casa nobre de Portugal no século XVIII: algumas reflexões”. In PORTUGAL. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses - *Portugal / Brasil – Brasil / Portugal. Duas faces de uma realidade artística*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2000, pp. 184-193.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “O Porto na obra de Robert C. Smith”. In SALA, Dalton (Comissário); CABRAL, Manuel da Costa (Coord.); RODRIGUES, Jorge (Coord.) – *Robert C. Smith – 1912-1975. A investigação da História de Arte (Research in History of Art)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Belas Artes-Arquivos de Arte, 2000, pp. 66-81.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros - *A casa nobre no Porto na Época Moderna*. Lisboa: Edições INAPA, 2001.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “Da torre solarenga à torre de aparato: formas da casa nobre do século XVI ao Século XVIII”. In *Actas – 1º Congresso Internacional - Arcos de Valdevez. Casa nobre – um património para o futuro* [10 a 12 de novembro de 2005]. Arcos de Valdevez, 2007, pp. 277-287.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “Ensaio sobre a arquitectura barroca e neoclássica a norte da bacia do Douro”. In *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ciências e Técnicas do Património*. Porto. I Série, Vol. IV (2005) 135-153.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime Barros – “A casa nobre e a génese do barroco joanino portuense: a Casa Monteiro Moreira e a casa de S. João - o – Novo.” In *2º Congresso Internacional - Arcos de Valdevez. Casa nobre – um património para o futuro* [14 a 15 de novembro de 2008]. Arcos de Valdevez, 2011, pp. 355-371.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – “De arquitecto a entalhador. Itinerário de um artista nos séculos XVII e XVIII.” In *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*. Porto: Reitoria da Universidade do Porto / Governo Civil do Porto, 1991, pp. 355-369.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (Coordenação) – *A encomenda. O artista. A obra*. Porto: Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2010.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – “Nótula para o estudo da actividade do arquitecto António Pereira na cidade do Porto”. *Revista da Faculdade de Letras : História*. Série II, Vol. 9 (1992) 389-400.

FONSECA, Hélder da “A propriedade da terra em Portugal 1750-1850: alguns aspectos para uma síntese”. In COSTA, Fernando Marques da ; DOMINGUES, Francisco Contente ; MONTEIRO, Nuno Gonçalves - (Organização de) - *Do Antigo Regime ao Liberalismo - 1750-1850*. Lisboa: Vega, [1989], pp. 213-236.

FOUCAULT, Michel – *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. Lisboa : Edições 70, 2005.

FRANÇA, José-Augusto – *A reconstrução de Lisboa e a arquitectura pombalina*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Biblioteca Breve - Nº. 12, 1989.

FRANÇA, José-Augusto – *Lisboa Pombalina e o iluminismo*. 3ª Edição (revista e actualizada) Venda Nova: Bertrand Editora, 1987.

FRANÇA, José-Augusto – *A história da arte no século XIX*. 3ª Edição. Venda Nova: Bertrand Editora, 1990, 2 vols.

FRANÇA, José Augusto – *Lisboa. História física e moral*. 2ª. Edição (revista). Lisboa: Livros Horizonte, 2009.

FRANÇA, José-Augusto – “Burguesia pombalina, nobreza mariana, fidalguia liberal”, In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, pp. 19-33, vol. I.

FRANCO, Carlos – *Casas das elites de Lisboa. Objectos, interiores e vivências – 1750-1830*. Lisboa: Scribe, 2015.

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e - Estradas velhas entre Leça e Ave. *Douro Litoral-Boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História*. Porto. 4ª. Série. I -II (1950) 51-55.

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e - O fabrico do vinho no século XVIII. Douro Litoral. *Boletim da Comissão provincial de Etnografia e História*. Porto. 4ª. Série. Vol. VII-VIII (1951) 36-38.

FREITAS, Eugenio de Andrea da Cunha - «A Casa dos Barrosos Pereiras a Santa Teresa. *O Tripeiro*. Série VI. Nº 12, Ano 2 (Dez.1962) 364.

FREZIER – *La theorie et la pratique de la coupe des pierres e des bois pour la construction des voutes et autres parties des bâtimens civils & militaires, ou traité de stereotomie a l`usage de l`architecture*. Paris : Chez Charles-Antoine, 1769, 3 tomes.

GIRÃO, A. de Amorim - *Geografia de Portugal*. 2ª. Edição. Porto: Portucalense Editora, 1949-51

GIURGEVICH, Luana ; LEITÃO, Henrique – *Clavis bibliothecarum. Catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*. Moscavide: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016.

GODINHO DE FARIA, F. Fernando - *Monographia do Concelho de Bouças*. S.L., 1899.

GOMES, António de J. - *Matosinhos em textos medievais (Até D.Afonso III )*. Matosinhos, 1978.

GOMES, Luís Miguel Martins - *Geometria dos traçados urbanos de fundação portuguesa: o Tratado da Ruação de José Figueiredo Seixas*. Dissertação de Mestrado apresentada no Instituto Universitário de Lisboa, 2007. *Versão em formato eletrónico* -

GOMES, Paulo Varela - *A cultura arquitectónica e artística em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Caminho, 1988.

GOMES, Paulo Varela – *O essencial sobre a arquitectura barroca em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda [INCM], 1987.

GOMES, Paulo Varela – *A confissão de Cyrillo. Estudos de história da arte e da arquitectura*. Lisboa: Hiena Editores, 1992.

GOMES, Paulo Varela – “Expressões do Neoclássico”. In *Arte Portuguesa. Da Pré-história ao Século XX*. (Coordenação geral de Dalila Rodrigues). [Pedroso- V. N. Gaia]: Fubu Editores, SA, 2009.

GONÇALVES, Flávio – *Um século de arquitectura e talha no Noroeste de Portugal (1750-1850)*. Porto, 1969 (Separata do *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Vol. XXXII – Fasc. 1-2).

GONÇALVES, Flávio – “Notas sobre os descendentes de Nicolau Nasoni”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, Nº. 20 (1973) 237-264.

GONÇALVES, Flávio – “A arte no Porto na época do Marquês de Pombal”. In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, pp. 101-130, vol. II.

GONÇALVES, Flávio – “Apontamentos Nasonianos”. In *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. 2ª Série, Vol. 5/6 (1987/88) 441-449.

GONÇALVES, Pedro ; GOMES, Alberto - “Delimitação dos perímetros de inundação na Bacia do rio Leça, Matosinhos – influência do modelo digital de terreno na modelação hidráulica”. In *Atas do VI Congresso Nacional de Geomorfologia*. Coimbra, 2013, pp. 100-104.

GOUVEIA PORTUENSE (prêmio de A. de Magalhães Basto) – *Imagens e costumes de outras eras*. Porto, MCMXLI (1941).

GOUVEIA PORTUENSE - *Portas e casas brasonadas do Porto e seu termo*. Prefácio de Conde de Campo Belo (D. Henrique). Porto: Empresa Industrial Gráfica, 1945.

GUERRAND, Roger-Henri – Espaços privados. In *História da Vida Privada. (Da Revolução à Grande Guerra)*. Direcção de Philippe Ariès e de Georges Duby. Porto: Afrontamento, 1990, pp. 325-411.

GUEDES, Natália Brito Correia – *O Palácio dos senhores do infantado em Queluz*. Lisboa. Livros Horizonte, 1971.

GUICHARD, François - *Porto, la ville dans sa region. Contribution a l'étude de l'organisation de l'espace dans le Portugal du Norte*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portugais, 1992, 2 vols.

GUICHARD, François - «Século XX». In RAMOS, Luís A. de Oliveira (Direcção de) - *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 1994, pp. 523 - 651.

GUSMÃO, Adriano de – *Ensaio de arte e crítica*. (Introdução de Vítor Serrão e Dagoberto L. Markl). Lisboa: Vega, 2004, pp. 371-380.

HERCULANO SANTIAGO – “Custóias. Memória Histórica XXVII – Apontamentos sobre a «Casa de Sant`lago». In *A Voz de Custóias*. Ano V. 31 (Jun-Set) 1974.

HESPANHA, António Manuel - *L'espace politique dans l'Ancien Régime*. Sep. Coimbra, 1983.

HESPANHA, António Manuel - *Poder e instituições no Antigo Regime - Guia de estudo*. Lisboa: Edições Cosmos, 1992

HESPANHA, António Manuel – “Carne de uma só carne: para uma compreensão dos fundamentos histórico-antropológicos da família na época moderna”. *Análise Social*. Lisboa. Vol. XXVIII : 123-124 (1993) 951-973.

HESPANHA, António Manuel - *As vésperas do Leviathan - Instituições e poder político - Portugal - séc. XVII*. Coimbra: Almedina, 1994.

HESPANHA, António Manuel - (Dir. de José Mattoso) - «Fundamentos antropológicos da família de antigo regime: os sentimentos familiares». In *História de Portugal. O Antigo Regime (1620-1807)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, 4º Vol., pp. 273-279.

HESPANHA, António Manuel ; SILVA, Ana Cristina Nogueira da - (Dir. de José Mattoso) – “O quadro espacial”. In *História de Portugal. O Antigo Regime, (1620-1807)*. Lisboa: Ed. Estampa, 1994.

HESPANHA, António Manuel - *História de Portugal Moderno - político e institucional*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

*INVENTÁRIO artístico de Portugal - cidade do Porto*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1995, vol. XIII, pp. 102-103.

JOMBERT, Charles-Antoine - *Architecture moderne, ou l'art de bien bâtir pour toutes les personnes*. Paris: Librairie du Génie & de l'Artillerie, 1764, 2 vols.

JORGE, Ricardo - *Demographia e Hygiene da Cidade do Porto - I - Clima-População-Mortalidade*. Porto: Repartição de Saúde e Hygiene da Camara do Porto, 1899.

*Jornal da Sociedade Agrícola do Porto*. Porto, I (1856) p. 12.

KUBLER, George ; SORIA, Martin S. - *Art and architecture in Spain and Portugal and their American dominions, 1500 to 1800*. Harmondsworth: Penguin Books, 1959.

KUBLER, George - *A arquitetura portuguesa chã : entre as especiarias e os diamantes, 1521-1706* . Lisboa: Editorial Vega, 1988.

LARRAZABAL GALARZA , Javier - *Trabalhos Arqueológicos: Casa da Prelada – Ramalde, Porto. Relatório Preliminar dos trabalhos de avaliação arqueológica*. Vila Nova de gaia: Empatia – Arqueologia Lda, 2008.

LE VIRLOYS, M. C. F. Roland (ci-devant Architect du Roi de Prusse) e, & depuis de l'Impératrice-Reine). *Dictionnaire d'architecture civile, militaire et navale, antique, ancienne et moderne et de tous les arts et métiers qui en dépendent, dont tous les termes sont exprimés, en françois, latin, italien, espagnol, anglois et allemand. Enrichi de cent une planches de figures en taille-douce, pour en faciliter L'intelligence, au quel on a joint une notice des Architectes, Ingénieurs, Peintres, Sculpteurs, Graveurs & autres artistes les plus celebres, dont on rapport les principaux ouvrages*. Paris : Chez Les Libraires Associés, MDCCLXX [1770], 3vols.

LEÃO, Duarte Nunes do - *Descrição do reino de Portugal*. Lisboa, 1610.

LEITÃO, Henrique - “Sphaera Mundi”. In BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL - [LEITÃO, Henrique – Comissário Científico] – *Sphaera Mundi: A ciência na Aula da esfera. Manuscritos científicos do Colégio de santo Antão nas Coleções da BNP – (Catálogo da Exposição)*. Lisboa, 2008, pp. 19-43.

LEITÃO, Henrique - “Estrelas de papel: livros de astronomia dos séculos XIV a XVIII”. In BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL - [LEITÃO, Henrique – Comissário Científico] – *Estrelas de papel. Livros de astronomia dos séculos XIV a XVIII - (Catálogo da Exposição)*.Lisboa, 2009, pp. 19-42.

LEITÃO, Henrique ; GIURGEVICH, Luana – *Clavis bibliothecarum. Catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*.Moscovide: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016.

LIMA, Durval – *Os franceses no Porto – 1807-1808. Diário de uma testemunha presencial anotado e precedido de uma introdução*. Porto: Publicações da Câmara Municipal do Porto. Gabinete de História da Cidade, Documentos e Memórias para a História do Porto – XVIII, [S.d.], 2 Vols.

No 2º vol.

LIMA, Luís Caetano de - *Geografia historica de todos os estados soberanos de Europa*. Lisboa, 1736, 2 tomos.

LINK, Heinrich Friedrich - *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha*. [Fernando Clara – “Tradução, introdução e notas”]. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2005.

LOBO, Constantino Botelho de Lacerda - Viagem sobre a Agricultura da província do Minho, feita no Anno de 1789. *O Investigador Portuguez em Inglaterra ou Jornal Literario, politico, etc..* Londres. vol. XIX (Outubro -1817) 433-450.

LOPES, Flávio – *Zonas de proteção ao património arquitetónico. Para que servem?* Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013.

M. J. COXITO AFONSO, M. J. ; ARAÚJO, Assunção ; CHAMINÉ, H. I. [et al.] – “Cartografia geológica e geomorfológica estrutural da área metropolitana do Porto : implicações na gestão dos recursos hídricos subterrâneos.” In *Xeográfica : revista de xeografia, territorio e medio ambiente*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. Nº4 (2004) 101-105

MACEDO, Jorge Borges - *A situação económica no tempo de Pombal. Alguns aspectos*. 3ª. Edição. Lisboa, 1989.

MACHADO, João Afonso – “D. Rodrigo Pinheiro Bispo do Porto”. *O Tripeiro*. Série VII. Ano X. Nº. 8 (1991) 240-242.

MACHADO, João Afonso – “A Quinta de Santa Cruz do Bispo”. *O Tripeiro*. Série VII. Ano XIII. Nº. 5 (Mai 1994) 151-154.

MACHADO, José de Sousa – *Últimas gerações de Entre Douro e Minho. Apostilas às árvores de costados das famílias nobres*. Braga: Edição do Autor, 1932.

MAGALHÃES BASTO, Artur de – *Silva de História e Arte (notícias portucalenses)*. Porto: Livraria Progredior, 1945.

MAGALHÃES BASTO, Artur de - *Sumário de Antiguidades da Mui Nobre Cidade do Porto*. Porto, 1963.

MAGALHÃES BASTO, Artur de - *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Publicações da Câmara Municipal do Porto. Gabinete de História da Cidade, Documentos e Memórias para a História do Porto – XXXIII, [S.d.].

MAGALHÃES BASTO, Artur de - «As consequências de um triste dia de chuva». *O Tripeiro*. Série V. Ano IX (Abr. 1954) p. 354-357.

MANDROUX-FRANÇA, Marie Thérèse – «Quatre phases de l'urbanisation de Porto». In *Colóquio - Artes*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª. Série. 14º. Ano. 8 (1972) 35-46.

MANDROUX-FRANÇA, Marie Thérèse - «Information artistique et «mass-media» au XVIII<sup>e</sup> siècle: La difusion de l'ornement gravé rococo au Portugal ». In *Bracara Augusta. Revista cultural de Braga*. II tomo, vol. XXVII : 64 (1974) 412-445.

MARÇAL, Horácio – “O antigo Campo da Regeneração e as suas zonas periféricas”. *O Tripeiro*. Série VI. Ano VI (1966) 237-244.

MARÇAL, Horácio – “ O Rio Leça desde a sua origem, no Monte Córdova (Santo Tirso) até à sua foz, em Matosinhos”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*. Nº 14 (1967) 87-115.

MARÇAL, Horácio – “Resumo monográfico de S. Tiago de Custóias”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*. Nº. 28 (1984) 141-154.

MARÇAL, Horácio – “O sítio e a Quinta do Fafiães em Leça do Balio”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*. Nº. 29 (1985) 207-217.

MARQUES, Fernando Pereira - *Exército e sociedade em Portugal - no declínio do Antigo Regime e advento do Liberalismo*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.

MARTINS, Fausto Sanches – *Jesuítas de Portugal: 1542-1759. Arte. Culto. Vida quotidiana*. Porto, 2014.

MARTINS, Pe. Tavares – *Paróquia de Santa Maria de Campanhã. (Subsídios para a sua monografia)*. Porto, 1966.

MARTINS, Pe. Tavares “Antigas Quintas da Paróquia de Campanhã (Breves notas)”. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Vol. XXXII. Fasc. 1-2. (Mar-Jun. 1969) 661-710.

MARTINS, Pe. Tavares – “Antigas Quintas da Paróquia de Campanhã”. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto* . - Vol. 32, fasc. 3/4 (Set./Dez. 1969) 661-710.

MATOS, Armando – *As pedras de armas do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto. Gabinete de História da Cidade [Documentos e Memórias para a História do Porto], XXII, 1953.

MATOS, José Sarmiento de – “Arquitectura civil”. In José Fernandes PEREIRA (Direcção); Paulo PEREIRA (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 38-42.

MATOS, José Sarmiento de – “Quinta de Recreio”. In José Fernandes PEREIRA (Direcção); Paulo PEREIRA (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 398-399.

MATOS, José Sarmiento de – “Solar”. In José Fernandes PEREIRA (Direcção); Paulo PEREIRA (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 458-460.

MATOS, José Sarmiento de Matos – *A casa nobre do Braço-de-Prata (Investigação documental e notas de Jorge Ferreira Paulo)*. Lisboa: ReFE Ferroviária Nacional, Refer, EP., 2003.

MATOS, Paulo Lopes; OLIVEIRA MARQUES, A. H. – “A base demográfica”. In A. H. de Oliveira Marques - *Nova História de Portugal. Portugal e a instauração do liberalismo*. (Direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques). 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, Vol. IX, 2002, pp. 13-45.

MATTOSO, José – *Ricos-homens, infanções e cavaleiros. A nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*. Lisboa: Guimarães Editores, 1985.

MATTOSO, José - *Identificação de um País: ensaio sobre as origens de Portugal - 1096-1325*. 4ª. Edição, Lisboa: Editorial Estampa, 1991. Vol. I –*Oposição*.

MATTOSO, José (Direcção de) - *História de Portugal. O Antigo Regime, (1620-1807)*. Lisboa: Ed. Estampa, 1994.

MEIRELES, Maria Adelaide - *Catálogo dos livros de plantas da cidade do Porto*. Porto, 1982.

MEIRELES, Miguel Ferreira ; RODRIGUES, Agostinho B. Vieira (Coordenação) - *Campanhã. Estudos monográficos*. Porto, 1991.

MEMÓRIAS PAROQUIAIS na Divisão Administrativa do Porto, através do Dicionário Geográfico de Portugal: Ramalde. In *O Tripeiro*. Série VI. Ano IV :12 (Dez. 1964) 365-368.

MESQUITA, Marieta Dá - *História e arquitectura uma proposta de investigação : o Palácio dos Marqueses de Fronteira como situação exemplar da arquitectura*

*residencial erudita em Portugal*. Lisboa : Dissertação de Doutoramento apresentada na Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 1992. 3 vols.

MESQUITA, Marieta Dá – “Para o estudo do habitar no século XVIII: o Palácio dos Marqueses de Fronteira”. In CASTRO, Aníbal e Outros – *Alcipe e as Luzes*. Lisboa: Edições Colibri: Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003, pp. 129-146.

MESQUITA, Marieta Dá – “Tratadística e arquitectura – uma leitura do Palácio Fronteira”. In *Actas do 1º Congresso Internacional – Casa Nobre – um património para o futuro* [10 a 12 de novembro de 2005]. Arcos de Valdevez, 2007, 291-300.

MESQUITA, Marieta Dá – “Cenografia e teatralidade – uma leitura de escadarias na arquitectura residencial barroca de Lisboa”. In VALE, Teresa Leonor M. (Coordenação) – *Lisboa barroca e o barroco de Lisboa. Colóquio de História da Arte*. Lisboa: Lisboa Horizonte, 2007, pp. 41-48.

MINISTÉRIO DA CULTURA / IPPAR - *Cartas e Convenções Internacionais - Informar para proteger*. Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa: IPPAR, 1996.

MOITA, Irisalva – “O Aqueduto das Águas Livres e abastecimento da água a Lisboa”. In CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA [Irisalva Moita (Coordenação) – *D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. I Estudos Históricos*. Lisboa: 1990.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo - *A casa e o património dos grandes portugueses (1750-1832)*. Lisboa, 1995. [Dissertação de Doutoramento na FCSH -U.L].

MONTEIRO, Nuno Gonçalo – “Casamento, celibato e reprodução social: a aristocracia portuguesa nos séculos XVII e XVIII”. *Análise Social*. XXVIII. 123-124. (1993) 921-950.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo - «Sistemas familiares» - *História de Portugal - O Antigo Regime, (1620-1807)* [Dir. de José Mattoso]. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, pp. 279-282.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo (Coordenação de) – *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Moderna*. (Direcção de José Mattoso). [s. L], 2011.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo ; CUNHA, Mafalda Soares da – “As grandes casas”. In *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Moderna*. (Direcção de José Mattoso e Coordenação de Nuno Gonçalo Monteiro). [s. L], 2011, pp. 201-243.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo – “Os concelhos e as comunidades.” In *História de Portugal* (Dir. de José Mattoso) *O Antigo Regime, (1620-1807)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, pp. 303-331.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo – “Os poderes locais no antigo regime”. In *História dos Municípios e do poder local - Dos finais da Idade Média à união Europeia*. (Dir. de César de Oliveira). 1ª. Edição. Lisboa: Círculo de leitores, 1996.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo – “Elites locais e mobilidade social em Portugal nos finais do Antigo Regime”. *Análise Social*. XXXII. 141 (1997 – 2ª) 335-368.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo – *O crepúsculo dos grandes. A casa e o património da aristocracia em Portugal (1750-1832)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo – *Elites e poder. Entre o Antigo Regime e o Liberalismo*. 2ª Edição revista. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

MOREIRA, P<sup>e</sup>. Domingos A. - *Paisagem toponímia da Maia*. Maia, 1969.

MOREIRA, P<sup>e</sup>. Domingos A - *Freguesias da Diocese do Porto. Elementos onomásticos alti-medievais. I parte. Introdução histórica geral*. Sep. do «Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. Vol. XXXIV – Fasc. 1-2, 1973». Porto, 1973.

- MOREIRA, Rafael – *Um Tratado Português de Architectura do século XVI (1576-1579)*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 1982.
- MOREIRA, Rafael – “Uma utopia urbanística pombalina: O «Tratado da ruação» de José Figueiredo Seixas”. In *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, pp. 131-144, vol. II.
- MOREIRA, Rafael – “Engenharia Militar”. In PEREIRA, José Fernandes (Direcção); PEREIRA, Paulo (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 155-159.
- MOREIRA, Rafael – “José de Figueiredo Seixas”. In PEREIRA, José Fernandes (Direcção); PEREIRA, Paulo (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 443-444.
- MOREIRA, Rafael – “Tratados de arquitectura”. In PEREIRA, José Fernandes (Direcção); PEREIRA, Paulo (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 492-494.
- MOREIRA, Rafael – “Arquitectura: renascimento e classicismo”. In PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995, pp.302-375.
- MOREIRA DE SÁ, Maria Manuela – “Quintas de recreio em São Mamede de Infesta – Quinta do Dourado – I -A Quinta de S. Félix de Picoutos”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, Nº. 27 (1983) 165-172.
- MOREIRA DE SÁ, Maria Manuela – “Quintas de recreio em São Mamede de Infesta – IV - Quinta do Dourado”. In *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, Nº. 30 (1986) 115-122.
- MOREIRA, Alberto de Laura ; NÓBREGA, Vaz-Osório da - *Pedras de armas de Matosinhos*. Câmara Municipal de Matosinhos, 1960.
- MOREIRA, Ana - *Utopias territoriais do Iluminismo em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, especialidade de Teoria e História da Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, orientada pelo Prof. Doutor Walter Rossa, 2006.
- [MOTA, A. TEIXEIRA da] – “Cartografia e cartógrafos”. In SERRÃO, Joel - *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1981,1 vol..
- MURPHY, James (Architect) – *Travels in Portugal; through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo in the years 1789 and 1790*. London, 1795.
- NONELL, Anni Günther – *Porto, 1763 / 1852. A construção da cidade entre o despotismo e o iluminismo*. 1ª Edição. Porto: FAUP [Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto], 2002.
- NORBERG-SCHULZ, Christian – *Arquitectura barroca tardia y rococó*. Madrid : Aguilar, cop., 1973.
- NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci. Paesaggio. Ambiente. Architecttura*. Milano: Electa, 1986.
- OLIVEIRA, Aurélio de – “A renda agrícola em Portugal durante o Antigo Regime (séculos XVII-XVIII) - Alguns aspectos e problemas”. *Revista de História Económica e Social*. Lisboa: Sá da Costa Editora. Nº. 6 (Jul-Dezº- 1980) 1-56.
- OLIVEIRA, Aurélio de – “Robert Smith. O cantor dos poetas do granito e do castanho dourado em Tibães”. In SALA, Dalton (Comissário); CABRAL, Manuel da Costa (Coord.);

RODRIGUES, Jorge (Coord.) – *Robert C. Smith – 1912-1975. A investigação da História de Arte (Research in History of Art)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Belas Artes-Arquivos de Arte, 2000, pp. 209-233.

OLIVEIRA, Aurélio de – *As quintas na estrutura fundiária e produtiva do país do Douro*. Maia: CEDTUR- Edições ISMAI, 2012.

OLIVEIRA, César - *História dos Municípios e do poder local – (Dos finais da Idade Média à união Europeia)*. 1ª. Edição. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.

OLIVEIRA, Eduardo Pires – *André Soares e o rococó do Minho*. Dissertação de Doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011, 4 vols.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, J. M. Pereira de - *O espaço urbano do Porto. Condições naturais e desenvolvimento*. Coimbra: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra, 1973.

OLIVEIRA, Valério Martins de - *Advertencias aos modernos que aprendem o officio de pedreiro e carpinteiro offerecidas ao senhor S. Joseph, patrono do mesmo officio, venerado na sua parochial igreja desta cidade de Lisboa*. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1757.

OLIVEIRA MARQUES A. H. de - *Nova História de Portugal. Portugal – da Paz da Restauração ao ouro do Brasil*. (Direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques). 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, Vol. VII, 2001.

PAIS DA SILVA, Jorge Henrique – *Páginas de História da Arte*. 2ª Edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1993. 2 Vols.

PAIS DA SILVA, Jorge Henrique – *História comparada da arte. Cronologia*. Lisboa: Edições Colibri, 2004.

PALSKY, Gilles – “Origines et évolution de la cartographie thématique (XVII<sup>e</sup>-XIX<sup>e</sup> siècles) ». In *Geografia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. I Série. Vol. XIV (1998) 39-60.

PALLADIO, Andrea ; FRÉART DE CHAMBRAY, Roland [l’auteur de la première traduction intégrale du traité d’architecture de Palladio ] – *Les quatre livres de l’architecture d’André Palladio*. Paris: E.- Martin, 1650. *Versão em formato eletrónico*.

PEDREIRINHO, José Manuel – *Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do Século I à actualidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

PEIXOTO, Paula Torres – *Palacetes de Brasileiros no Porto (1850-1930). Do estereótipo à realidade*. Porto: Edições Afrontamento, 2013.

PEREIRA, Gaspar Martins – “A Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro em 1784, segundo um relatório de Luís Pinto de Sousa Coutinho. II”. In *Douro. Estudos & Documentos*. Ano 5, nº 9 (2000) 155-174.

PEREIRA, Esteves; L RODRIGUES, Guilherme - *Portugal: Dicionário histórico, chorográfico, heráldico, biographico*. Lisboa: João romano Torres, 1904-1925. 7 vols.

PEREIRA, José Fernandes - *A arquitectura barroca em Portugal*. 2ª. Edição. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Biblioteca Breve - Nº. 103, 1992.

PEREIRA, José Fernandes (Direcção); PEREIRA, Paulo (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

PEREIRA, Paulo – “Luís Serrão Pimentel”. In CALDAS, João Vieira – «Casa Rural». In PEREIRA, José Fernandes (Direcção); PEREIRA, Paulo (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

PEREIRA, Paulo – “Viana do Castelo”. In CALDAS, João Vieira – «Casa Rural». In PEREIRA, José Fernandes (Direcção); PEREIRA, Paulo (Coordenação) - *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

PERES, DAMIÃO; CRUZ António (Direcção) – *História da cidade do Porto*. Porto: Portucalense Editora, 1962-65, 3 vols.

PIMENTEL, António Filipe – «Vivência da morte no tempo barroco : tumulária portuguesa nos séculos XVII e XVIII». . In *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*. Reitoria da Universidade do Porto. Governo Civil do Porto. Porto, 1991, Vol. II, 243-268.

PINHO LEAL, Augusto Barbosa de - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario (...)*. Lisboa, 1873-1890, 12 Vols.

PINTO, Maria Helena Mendes – *José Francisco Paiva. Ensamblador e arquitecto [1744-1824]*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1973.

PIRES, Amílcar Gil – *A Quinta de recreio em Portugal. Vilegiatura, lugar e arquitectura*. Lisboa: Caleidoscópio, 2013.

PLAZA ESCUDERO, Lourenzo de la (Coordenador) ; ‘MORALES GÓMEZ Adoración ; BERMEJO LOPEZ, Maria Luisa (Infografias) ; MARTINEZ MURILLO, José Maria (Desenhos) – *Dicionário Visual de Arquitectura. Fundamental para estudantes e profissionais*. Lisboa: Quimera, 2014.

POUNDS, Norman J. G. - *La vida cotidiana: historia de la cultura material*. Barcelona: Editorial Crítica, 1992.

PORTUGAL. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses - *Lugares e regiões em mapas antigos. Catálogo da exposição na Biblioteca Pública de Évora, 11 de julho a 11 de agosto de 1997*, no âmbito da XVII Congresso Internacional de História da Cartografia. Lisboa, CNCDP, 1997.

PORTUGAL. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses - *Portugal / Brasil – Brasil / Portugal. Duas faces de uma realidade artística*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

RAMOS, Luís A. de Oliveira (Direcção de) - *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 1994.

RAMOS, Manuel João (Coordenação) – *A matéria do património. Memórias e identidades*. Lisboa: Edições Colibri [Antropológica avulsa nº 2] 2003.

RAMOS, Matias Aires – *Problema de arquitectura civil*. Lisboa, 1777, 2 vols.

RAU, Virgínia – “O movimento da Barra do Douro durante o século XVIII: uma interpretação” In *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Fasc. 1-2. Vol. XXI (Mai-Jun -1958) 5-27.

RIBEIRO, Aquilino – *A Casa Grande de Romarigães*. 10ª. Edição. Venda Nova: Bertrand Editora, 1999.

RIBEIRO, Orlando – *Geografia e civilização. Temas portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte [1975].

RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. 5ª. Edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1987.

RIBEIRO, Orlando - LAUTENSACH Hermann - DAVEAU, Suzanne - *Geografia de Portugal - O Povo Português*. 1ª. Edição. Lisboa: Edições J. Sá da Costa, 1989, III Volume.

RIBEIRO, Orlando - *Opúsculos Geográficos - O Mundo rural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, IV volume.

RIEGL, Alois – *O culto moderno dos monumentos*. Lisboa: Edições 70, 2013.

RIOS, Alice – *Famílias tradicionais do Porto*. Porto, 2008-09, 2 vols.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - *Manuel Fernandes da Silva - Mestre e arquitecto de Braga 1693/1751*. Porto: Colecção Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão - 4, 1996.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *A memória de um mosteiro – Santa Maria de Arouca (Séculos XVII-XX). Das construções e das reconstruções*. Porto: Edições Afrontamento [Biblioteca das Ciências Sociais /33] 2011.

ROCHE, Daniel - *História das coisas banais. Nascimento do consumo nas sociedades tradicionais (séculos XVII-XIX)*. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

RODRIGUES, Ana Duarte – “Elites, estratégias e especificidades da encomenda de escultura de jardim em Portugal (1670-1800)”. In *Análise Social*. 207. XLVIII - 2.º (2013).

RODRIGUES, Ana Duarte – *A escultura de jardim das quintas e palácios dos séculos XVII e XVIII em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011.

RODRIGUES, Ana Duarte [Comissária e Coordenação científica] – *Uma história de jardins. A arte dos jardins na tratadística e na literatura*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal / Caleidoscópio, 2016.

RODRIGUES, Ana Duarte – “As ideias de paisagem e de jardim nas “Metamorfoses de Ovidio”, in– *Uma história de jardins. A arte dos jardins na tratadística e na literatura*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal / Caleidoscópio, 2016, pp. 121-135.

RODRIGUES, José Damião – “A estrutura social”. In A. H. de Oliveira Marques - *Nova História de Portugal. Portugal – da Paz da Restauração ao ouro do Brasil*. (Direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques). 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, Vol. VII, 2001, pp. 404-441.

RODRIGUES, Francisco de Assis – *Diccionario technico e histórico de pintura, escultura, architectuira e gravura*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1875. *Versão em formato eletrónico*.

ROUX, Simone - *La Maison dans l'Histoire*. Paris: Albin Michel, 1976.

RUSKIN, John – *The seven lamps of architecture*. New York, 1849. *Versão em formato eletrónico*.

RUSSELL-WOOD, A. J. R. – “ Robert Chester Smith: investigador e historiador”. In SALA, Dalton (Comissário); CABRAL, Manuel da Costa (Coord.); RODRIGUES, Jorge (Coord.) – *Robert C. Smith – 1912-1975. A investigação da História de Arte (Research in History of Art)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Belas Artes-Arquivos de Arte, 2000, pp. 31-65.

SALA, Dalton (Comissário); CABRAL, Manuel da Costa (Coord.); RODRIGUES, Jorge (Coord.) – *Robert C. Smith – 1912-1975. A investigação da História de Arte (Research in History of Art)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Belas Artes-Arquivos de Arte, 2000.

SAMPAIO, Alberto - *Estudos históricos e económicos - As vilas do Norte de Portugal*. Lisboa: Vega, 1979.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO (Coordenação) – *Casa da Prelada. D. Francisco de Noronha e Meneses*. Porto, 2013.

SANTOS, Reinaldo dos – “ A arquitectura barroca em Portugal”. In *Belas Artes : revista e boletim da Academia Nacional de Belas Artes*. Lisboa. Nº 3, 2ª Série (1951) 13-24.

SANTOS, Reinado dos – “O Porto barroco”. Sep. *Documentos e Memórias para a História do Porto*. Vol. XXI. Porto, 1952.

SARTI, Raffaella – *Casa e família. Habitar, comer e vestir na Europa moderna*. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.

SCHNEIDER, Susan - *O Marquês de Pombal e o Vinho do Porto. Dependência e subdesenvolvimento em Portugal no século XVIII*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

SCRUTON, Roger – *Estética da arquitectura*. Lisboa: Edições 70, 2010.

SERÉN, Maria do Carmo; PEREIRA, Gaspar Martins - «O Porto Oitocentista». In - *História do Porto*. RAMOS, Luís A. de Oliveira (Direcção de) Porto: Porto Editora, 1994, pp. 376- 521.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal – A Restauração e a monarquia absoluta (1640-1750)*. 2ª Edição revista. Lisboa: Editorial Verbo, 1982, vol. V.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal – 1750-1807. O despotismo iluminado*. Lisboa: Editorial Verbo, 1982, vol. VI.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal – A instauração do liberalismo (1908-1832)*. Lisboa: Editorial Verbo, 1984, Vol. VII.

SERRÃO, Joel - *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1981, 6 vols.

SERRÃO, Joel ; OLIVEIRA MARQUES, A. H. - *Nova História de Portugal. Portugal e a instauração do liberalismo*. (Direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques). 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, Vol. IX, 2002.

SERRÃO, José Vicente – “O Pensamento agrário setecentista (pré-«fisiocrático»): Diagnósticos e soluções propostas”. *Contribuições para a história do pensamento económico em Portugal* - (Organização de José Luís CARDOSO). 1ª. Edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988. pp. 23-50.

SERRÃO, Vítor – *A cripto-história de arte. Análise de obras inexistentes*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

SERRÃO, Vítor – “Faltam técnicos capazes de encarar o Património como algo de vivo integrado e interdisciplinar”, in *Pedra & Cal*. Revista do Grémio das Empresas de Conservação e Restauro do Património Arquitectónico. Lisboa. Ano III, Nº 9 (Jan-Fev-Mar – 2001) 14-16.

SERRÃO, Vítor - *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo*. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

SERRÃO, Vítor - *História da Arte em Portugal. O Barroco*. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

SILVA, Ana Cristina Nogueira da – *O modelo espacial do estado moderno. Reorganização territorial em Portugal nos finais do Antigo Regime*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SILVA, António Lambert Pereira da - *Nobres casas de Portugal*. Porto: Livraria Tavares Martins, fasc. 1, [1958].

SILVA, António Lambert Pereira da - Uma casa (da Quinta das virtudes). *O Tripeiro*. Série VI. Ano 9. Nº2 (Fev. 1969) 55-56.

SILVA, Armando B. Malheiro da ; DAMÁSIO, Luís Pimenta de Castro ; NOVAIS, Luís - *Casas armoriadas do Concelho dos Arcos de Valdevez*. 2ª Edição (revista e aumentada). Câmara Municipal dos Arcos de Valdevez, 2000, pp. 8-43, Vol. I.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da – “Organizações gentilícias entre Leça e Ave.” Comunicação apresentada no Colóquio de História Local e Regional. Santo Tirso, 1982. In *Portugalia*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nova Série, Vol. I (1980) 79-90.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da - «Origens do Porto». In RAMOS, Luís A. de Oliveira (Direcção de) - *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 1994, pp. 45-117.

SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo (1580-1640), os homens, as instituições e o poder*. Porto, 1988, 2 vols.

SILVA, Francisco Ribeiro da – *Absolutismo esclarecido e a intervenção popular. Os motins do Porto de 1757*. Lisboa. Imprensa Nacional - Casa da Moeda – [Temas Portugueses], 1990.

SILVA, Francisco Ribeiro da - “Tempos Modernos”, in RAMOS, Luís A. de Oliveira (Direcção de) - *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 1994, pp. 255-375.

SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto das luzes ao liberalismo*. Lisboa: Edições Inapa, 2001.

SILVA, Francisco Ribeiro da - «As senhoras e os senhores da Casa e Quinta da Prelada». In, Santa Casa da Misericórdia do Porto (Coordenação) – *Casa da Prelada. D. Francisco de Noronha e Meneses*. Porto, 2013, pp.15-26.

SILVA, Germano da “A Casa da Fábrica foi uma das mais belas casas senhoriais da cidade setecentista”. In *Jornal de Notícias* [História] (11- set. 2016) 25.

SILVA, José Cornélio da ; LUCKHURST, Gerald ; [co-autor] CARDOSO, António Homem (fotografia) – *Sintra. A paisagem e as suas quintas*. Lisboa: Edições Inapa [Coleção O Espírito do Lugar], 1989.

SILVA, José Custódio Vieira da – *Paços medievais portugueses*. 2ª Edição. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2002.

SILVA, Manuel Montenegro de Figueiredo Moreira da – “Entrevista ao Professor Doutor Joaquim Jaime Ferreira-Alves”. In – *Nicolau Nasoni e a arquitectura civil. As villas do cerco do Porto*. Dissertação de Mestrado orientada pelo Professor Arquitecto Domingos Tavares na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2010 [Apêndice I – Entrevistas pp. 7-31].

SILVA, Rosa Fernanda Moreira da – “Geografia agrária da área das doações (de 1928 a 1966)”. *Finisterra*. Vol. XI. 22 (1976) 228-257.

SMITH, Robert Chester - *Nicolau Nasoni - arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966.

SMITH, Robert Chester – *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1962.

SMITH, Robert Chester - *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos e outros santuários portugueses*. Matosinhos, 1966.

SMITH, Robert Chester – *The art of Portugal 1500-1800*. London: Weidenfeld and Nicolson Ltd, 1968

SMITH, Robert Chester - *O palácio de São João Novo*. Porto: Junta Distrital, [D.L. 1969], [Sep. Rev. Etnografia, 21].

SMITH, Robert Chester – *Três estudos bracarenses*. Braga: Livraria Cruz, 1972.

SMITH, Robert Chester – *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, 2 Vols.

- SMITH, Robert Chester - *André Soares. Arquitecto do Minho*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.
- SMITH, Robert Chester - “Nicolau Nasoni 1691-1773”, in *Revista Bracara Augusta*, vol. 64 (76) - Actas do Congresso «A Arte em Portugal no Século XVIII» de homenagem a André Soares, 1973, 2º tomo, pp. 514-521.
- SNYDER, Jon R. – *A estética do Barroco*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Estampa, 2007.
- STOOP, Anne de – *Palácios e casas senhoriais do Minho*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1993.
- STOOP, Anne de ; João Paulo (Fotografia) ; AZEREDO, António Carlos de (Coordenação e tradução) – *Arquitectura senhorial do Minho*. [Braga]: Caminhos Romanos e Anne de Stoop, 2015.
- SOARES, José Alvares de Sousa – “O último fidalgo da Prelada”. In *O Tripeiro*. V série, Ano 1 (1945-nov) 151-152.
- SOEIRO, Teresa - *O Progresso também chegou a Penafiel: Resistência e Mudança na Cultura, 1741-1910*. Dissertação em Doutoramento de Pré-História e Arqueologia à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (texto policopiado), 1993, 3 vols.
- SORIANO, Simão José da Luz - *História do Cerco do Porto*. Porto: A Leite Guimarães – Editor, 2 tomos, 1889-1890.
- SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos – “A casa da Trindade (no Porto) de António Bernardo Ferreira, e os seus bens móveis”, in *Actas do 1º Congresso Internacional – Casa Nobre – um património para o futuro* [10 a 12 de novembro de 2005]. Arcos de Valdevez, 2007, pp. 345-364.
- SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos – “A Casa da Fábrica no Porto: personalidades, sociabilidade e património (séculos XVIII e XIX). In *Actas do 3º Congresso Internacional – Casa Nobre um Património para o futuro* [2 a 4 de dezembro de 2011]. Arcos de Valdevez, 2013, pp. 161-193.
- SOUSA REIS, Henrique Duarte e - *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna do Porto*. Fixação de texto, introdução, notas e índice por Maria Teresa Pinto Machado. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1991, 4 vols.
- SOUSA VITERBO - *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*. Reprodução em fac-símile do exemplar com data de 1899 da Biblioteca da INCM. Prefácio de Pedro Dias. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda [1988], 3 Vols.
- SOUSA VITERBO - *A Jardinagem em Portugal - Apontamentos para a sua História*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1906.
- TARRÍO, Ana María S. – *Paisagem e erudição no humanismo português. João Rodrigues de Sá de Meneses. DE PLATANO (1527-1537). Estudo introdutório, edição crítica, tradução e notas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- TAVARES, Domingos ; [XAVIER, João Pedro (colaboração)] – *António Rodrigues. Renascimento em Portugal*. 1ª Edição. [S. l.] Dafne Editora, 2007.
- TÁVORA, Fernando de Tavares - *Notas histórico-genealógicas sobre a Casa de Ramalde*. Coimbra, 1985.
- TÁVORA, Fenando – *Da organização do espaço*. [2ª Edição (fac-símile). Edição do autor. Porto: Escola Superior de Belas Artes, 1982.
- TEDESCO, Giovanni Battista – *Nicolau Nasoni : formação de um pintor e de um artista da arte efémera em Itália (1691-1723)*. Porto: Tese de doutoramento em História de

Arte Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. *Versão em formato eletrónico.*

TEDIM, José Manuel – “Obras e artistas no concelho da Maia do século XVIII. (Subsídios para o seu estudo). In *Revista de Ciências Históricas*. Universidade Portucalense. I (1986) 289-320.

TEIXEIRA, Ricardo – “Idade Média. Dados e perspectivas arqueológicas sobre o território do Leça no período medieval (sécs. IX - XIV)”. In ARAÚJO, Assunção; SOARES, Laura M; GOMES, Alberto [et al.] ; Coord. Clárisse Castro, Joel Cleto - “Contexto geográfico do território do Leça”, in *O Rio da Memória. Arqueologia no Território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos: Gabinete Municipal de Arqueologia e História, 2011, pp. 199-232.

VALE, Teresa Leonor M. (Coordenação) – *Lisboa barroca e o barroco de Lisboa. Colóquio de História da Arte*. Lisboa: Lisboa Horizonte, 2007.

VALE, Teresa Leonor M. – “As encomendas de arte italiana de D. Fr. José Maria da Fonseca Évora (1690-1752)”. In *A Encomenda. O artista. A obra*. (Coordenação de Natália Marinho Ferreira-Alves) Porto: CEPES [2010], pp. 587-601.

VALENTE, Adelina – “Damião Pereira de Azevedo. Novos elementos sobre o arquitecto e entalhador portuense”. In *Revista de Artes Decorativas*. Porto: Citar / Universidade Católica. 4 (2010) 197-209.

VALENTE, Vasco – “Achegas arqueológicas e iconográficas. Casa e Quinta de Santo Ovídio”. *O Tripeiro*. Série V. Ano 5 (1949) 80-82.

VARELA, José Manuel – *Guia da Freguesia de Custóias*. Junta de Freguesia de Custóias, 1996.

VASCONCELOS, Inácio da Piedade - *Artefactos symmetriacos e geométricos advertidos, e descobertos pela industriosa perfeição das artes, escultura, architectonica, e da pintura*. Lisboa: Na Officina de Joseph António da Silva, Impressora da Academia Real, MDCCXXXIII [1733].

VIANA, Teresa – “Os Carrancas no Porto. Itinerário de uma família na cidade entre 1700-1850”. In *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. 2ª Série, Vol. 7/8-1898/90, pp. 291-350.

VICENTE, António Pedro - *Aspectos da sociedade portuguesa nos finais do século XVIII*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

VICENTE, António Pedro – *Guerras e campanhas militares da História de Portugal. Guerra Peninsular 1801-1814*. 1ª Edição. Matosinhos / Lisboa: Quidnovi, 2007.

VIEIRA, José Augusto - *O Minho Pitoresco*. Lisboa, 1886-1887, 2 tomos.

[VILANOVA, Joaquim Cardoso Vitória] – *Edifícios do Porto em 1833. Álbum de desenhos e Joaquim Cardoso Vitória Vilanova. Manuscrito 1479*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1987.

VILARINHO DE S. ROMÃO, Visconde - *O Minho e as suas culturas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1902.

VITRÚVIO - *I dieci libri dell'architettura*. Tradotti, & Commentati da Monfig. Daniel Barbaro – Patriarca d'Aquileia (...) - Venetia. 1629.

VITRÚVIO – *Tratado de Arquitectura*. [Tradução do latim, ilustração e notas por M. Justino Maciel]. [Ilustrações Thomas Noble Howe]. 3ª Edição. Lisboa: IST Press, 2009.

XAVIER, José Pedro – *Sobre as origens da perspectiva em Portugal. O Livro da Perspectiva do Códice 3675 da Biblioteca Nacional, um tratado de arquitectura do século XVI*. 1ª Edição. Porto: Edições da FAUP, 2006.

XAVIER, José Pedro - *Arquitectura e Ciência – António Rodrigues*” – in Instituto Camões – Ciência. [Lisboa] [2004-Mar. 19] <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e57.html>

ZEVI, Bruno – *Saber ver a arquitectura*. 2ª Edição. Lisboa: Arcádia, 1977.

ZEVI, Bruno – *Architecture in nuce. Uma definição de arquitectura*. [Tradução de José Manuel Pedreirinho] Lisboa: Edições 70, 1996.

WOHL, Hellmut – “Robert Chester Smith e a história da arte nos Estados Unidos”. in SALA, Dalton (Comissário); CABRAL, Manuel da Costa (Coord.); RODRIGUES, Jorge (Coord.) – *Robert C. Smith – 1912-1975. A investigação da História de Arte (Research in History of Art)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Belas Artes-Arquivos de Arte, 2000, pp. 17-29.

## FONTES CARTOGRÁFICAS IMPRESSAS

- CARPINETTI, João Silvério [Nota explicativa de Cepeda, Isabel Maria] - "Mapa 2: "Província de Entre Douro e Minho" - Escala ca. 1:660000, determinada com o valor calculado de 8,45 cm correspondente a "9 Leguas Portuguezas de 18 ao gráo". In *Mappas das provincias de Portugal novamente abertos, e estampados em Lisboa (...)* offerecidos ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Oeyras. Escalas [ca 1660000]-[ca 11300000]

Edição fac-similada de 1987.

- *Carta administrativa de Portugal - Comissão Nacional do Ambiente, Folha nº. 1, na escala 1:250.000.* Lisboa: Instituto Hidrográfico, 1979.

- *Carta corográfica de Portugal - Folha 9-C - Porto -, escala 1:50.000.* Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos. Lisboa, 1957.

- *Carta geológica de Portugal -na escala 1/50.000 - Notícia explicativa da folha 9 - C-* por J. Carrington da Costa e C. Teixeira. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1957.

- *Carta Militar de Portugal - Folha 122, escala 1: 25.000, Serviço Cartográfico do Exército,* Lisboa, 1981.

- *Planta da cidade do Porto e arredores com a localização das fortificações liberais e miguelistas durante o Cerco do Porto.* (Esteve patente na Exposição Comemorativa do 150º aniversário do Cerco, com o nº. 450), edição da C.M.P., 1982.

## **ARQUIVO HISTÓRICO DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO**

- ***Carta Topográfica da Cidade do Porto - que foi mandada levantar na escala 1:500 por ordem da Câmara Municipal da mesma cidade referida ao ano de 1892 dirigida e levantada por Augusto Gerardo Telles Ferreira, General de Brigada reformado, cuajuvado pelo Capitão de Cavallaria Fernando da Costa Maya e mais empregados.***

- Quadrículas Nº 114 FD – Casa de São Gens;
- Quadrículas Nº 120 FD e Nº 121 FD - (Casa de Ramalde);
- Quadrículas Nº 134 FD e Nº 135FD – (Casa do Rio);
- Quadrículas Nº 169 FD, Nº 170FD e Nº 171 – (Casa da Prelada);
- Quadrículas Nº 231 FD – Casa do Melo, Cedofeita.

- **Carta topográfica da Cidade do Porto** - que foi mandada levantar na escala 1:500 por ordem da Câmara Municipal da mesma cidade referida ao anno de 1892 dirigida e levantada por Augusto Gerardo Telles Ferreira, General de Brigada reformado, cuajuvado pelo Capitão de Cavallaria Fernando da Costa Maya e mais empregados. Arquivo Histórico Municipal do Porto, edição comemorativa do 1º. Centenário, [escala 1:5000], Porto, 1992.

- **Planta da Cidade do Porto e arredores com a localização das fortificações liberais e miguelistas durante o Cerco do Porto**, levantada com propósitos militares entre 1832 e 1833. Edição da Câmara Municipal do Porto, 1982.

**- BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO:  
[BPMP] - RESERVADOS**

CARPINETTI, João Silvério [Nota explicativa de Cepeda, Isabel Maria] - "Mapa 2: "Província de Entre Douro e Minho" - Escala ca. 1:660000, determinada com o valor calculado de 8,45 cm correspondente a "9 Leguas Portuguezas de 18 ao gráo". In *Mappas das provincias de Portugal novamente abertos, e estampados em Lisboa (...)* oferecidos ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Oeyras. Escalas [ca 1660000]-[ca 11300000] (Fac-símile).

BPMP - RES-XX-C-29

NOLIN, Jean-Baptiste - *Le Royaume de Portugal divisé en cinq grandes provinces et subdivisé en plusieurs territoires avec le Royaume des Algraves [sic], le Stramadoura Espagnol et partie d'Andalousie / Dressé ... par ... I. B. Nolin.* - a Paris : Chez le S..r Julien ..., 1762.

C – M & - Pasta 25 (11) A

- SANSON D'ABBEVILLE, Nicolas – *Parte Septentrional do Reyno de Portugal por N. Sanson D'Abbeville, Geographo e ordin(ario) del Rey Christianíssimo com privilégio por vinte anos.* Em Paris. Em Casa do Autor, 1654.

-C(I)10 ; C(I)11

**ARQUIVO MUNICIPAL DE MATOSINHOS  
[AMMTS]**

- **Freguesia de Leça do Balio:**

- Planta do Concelho de Matosinhos de 1944, à escala 1:1000, folhas da área envolvente à Quinta do Chantre.

- Quadrícula 1944-52-10J - tela - Escala 1:1000
- Quadrícula 1944-52-11J - tela - Escala 1:1000

- **Freguesia de Santa Cruz do Bispo:**

- Planta do Concelho de Matosinhos de 1944 - folhas da área envolvente à Quinta de Santa Cruz do Bispo;
- Quadrícula 1944-52-11F-tela - Escala 1:1000
- Quadrícula 1944-52-11G-tela - Escala 1:1000

## FONTES DIGITALIZADAS

### ARQUIVO HISTÓRICO DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

#### **Casa de Bonjóia:**

Aspectos arqueológicos e artísticos da cidade do Porto.

*Documento subordinado/Ato informacional, 1943 – 1943*

Vista geral da Casa e da Quinta de Bonjóia em São Roque da Lameira.

Fotografia de Guilherme Bonfim Barreiros.

<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/332608/?q=bonjoia>

#### **Casa da Fábrica:**

- Aspectos arqueológicos e artísticos da cidade do Porto : Casa da Fábrica

*Documento subordinado/Ato informacional, 1933 – 1938.*

Vista geral da desaparecida Casa da Fábrica, na rua com o mesmo nome.

Fotografias de Guilherme Bomfim Barreiros.

<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/332526/?q=casa+da+fabrica>

- *Documento/Processo, [198?] – [198?]*

*Coleção: Porto Desaparecido, 8*

<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/49614/?q=casa+da+fabrica>

#### **Casa dos Pacheco Pereira na rua de Belomonte:**

*Fachada principal.* Aspecto geral da fachada principal da Casa que foi da família Pacheco Pereira, na rua de Belomonte. Edifício do século XVIII. Pertencente à firma Neves Borges & Ferreira, Lda.

Fotografia de Teófilo Rego.

*Documento subordinado/Ato informacional, [194?] – [194?]*

<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/324426/?q=Casa+dos+pacheco+pereira>

#### **Carta Topographica das Linhas do Porto. In**

- *Coleção de plantas e perfis das fortificações, referidas à carta geral das linhas dos exércitos libertador e rebelde, no sítio do Porto*

*Documento/Processo, [1834] – [1834]*

<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/371658/?>

### **Quinta do Rio:**

- *Casas do Porto: século XIV ao XIX: rua do Viso em Ramalde: Quinta dos Meireles: século XVIII*

*Aspetto geral da casa e da capela, da Quinta dos Meireles, na rua do Viso.*

*Construção do século XVIII.*

*Fotografia de Teófilo Rego.*

*Documento subordinado/Ato informacional, 1958 – 1958.*

<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/338087/?q=casa+de+ramalde>

- Quinta do Rio

Aspetto geral da capela e da casa da quinta do Bom Sucesso (*sic*), vista das ruas do Bom Sucesso (*sic*).

Fotografia de Teófilo Rego [196?]

[file:///C:/Users/MAC/Downloads/doc%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/MAC/Downloads/doc%20(3).pdf)

### **Quinta de Santa Cruz do Bispo**

- *Coleção Guilherme Bomfim Barreiros [GBB]:*

- F-NP-02-GBB-01-00002-030

- F-NP-02-GBB-01-00002-031

## **BIBLIOTECA DIGITAL DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO**

- “Quinta do Chantre - Requiem para uma relíquia da arquitectura. Uma obra-prima de Nasoni ao abandono”. In *O Comércio do Porto* (8 Dez.1991) capa jornal, pp. 12-13.

-

## **BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA Biblioteca Digital Hispánica**

HERMOSILLA Y DE SANDOVAL, José (arquitecto) – *La arquitectura civil*. Roma, 30 de setembro 1750 - [Papel, 266 X 193 mm., 375 pp.]. Madrid: Biblioteca Nacional de Espanha, manuscrito nº 7573; versão em formato eletrónico - Biblioteca Digital Hispánica:

<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000145564&page=1>

**BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL  
[BNP]**

CARPINETTI, João Silvério - *Mappas das provincias de Portugal novamente abertos, e estampados em Lisboa,...* [Material cartográfico] : *offerecidos ao illustrissimo e excellentissimo Senhor Conde de Oeyras / Escala [ca 1:660000] - [ca. 1:1300000].* - Lisboa : Imp. Francisco Manuel, [1762]. - [6] p. de texto, 7 mapas ; 21x30 cm.

[Versão em formato eletrónico na Biblioteca Nacional de Portugal – cota CA-203-P -

<http://purl.pt/>

Cota: CA-203-P

CASTRO, João Bautista – *Roteiro terrestre de Portugal em que se ensinão por jornadas e summarios não só os caminhos, e as distancias, que há de Lisboa para as principaes terras da Provincia deste Reino (...).* Lisboa, 1749; versão em formato eletrónico

<http://purl.pt/24719/3/#/0>

FORTES, Manoel Azevedo – *Tratado sobre o modo mais fácil e mais correcto de fazer as cartas geográficas, assim da terra, como do mar, e tirar as plantas das praças, cidades, e edificios com instrumentos e sem instrumentos para servir de instrucçam à fabrica das cartas geográficas da história eclesiástica, e secular de Portugal.* Lisboa, 1722.

Obra em versão em formato eletrónico:

[http://purl.pt/16976/4/598816\\_PDF/598816\\_PDF\\_24-C-R0150/598816\\_0000\\_capa-cap\\_a\\_t24-C-R0150.pdf](http://purl.pt/16976/4/598816_PDF/598816_PDF_24-C-R0150/598816_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf)

FORTES, Manuel de Azevedo - *O engenheiro portuguez : dividido em dous tratados. Tomo primeyro [-segundo]... obra moderna, e de grande utilidade para os engenheiros, e mais officias militares / composta por Manoel de Azevedo Fortes, Academico da Academia Real da Historia Portugueza....* . Lisboa Occidental : na Officina de Manoel Fernandes da Costa, Impressor do Santo Officio, 1728-1729. 2 vols.

<http://purl.pt/14547>

SEIXAS, José de Figueiredo - *Tratado da ruação para emenda das ruas, das cidades, villas e logares deste reino...* [1760]. BNP - Cota do exemplar digitalizado: cod-6961;

<http://purl.pt/16597>

- **Quinta de Santa Cruz do Bispo / Colónia Penal de Santa Cruz do Bispo**, Matosinhos,  
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72939>

- **Capela de São Sebastião / Capela do Mártir São Sebastião**  
Matosinhos, Santa Cruz do Bispo  
IPA.00014118

[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=497](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=497)

- **Casa de Ramalde** - Ramalde, Porto – IPA.00001090

[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=1090](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1090)

- **Casa e jardins da Quinta da Prelada**, Ramalde, Porto – IPA.00005446

[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2)

- **Quinta e Casa do Chantre** - Leça do Balio, Matosinhos –

IPA.00004970 [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4970](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4970)

- **Casa e Capela da Quinta de Fafiães**, Matosinhos, Leça do Balio - IPA.00004969

[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2)

#### **CITI – Centro de Investigação para as Tecnologias Interactivas - CITI**

- Condes de Resende: Emília de Castro Pamplona

[http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/eca\\_queiroz/mulher.html](http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/eca_queiroz/mulher.html)

#### **Microsoft - GOOGLE MAPS**

MICROSOFT - GOOGLE MAPS - Levantamento Fotográfico (Mai. 2016):

- *Santa Cruz do Bispo;*

- *Quinta de Fafiães;*

- *Quinta do Chantre.*
- *Casa de Ramalde;*
- *Quinta do Viso;*
- *Quinta da Prelada;*
- *Quinta do Rio;*
- *Quinta de Sam Thiago.*

### UNIVERSITÄTSBIBLIOTHEK DRESDEN

Sächsische Landesbibliothek - Staats-  
Universitätsbibliothek Dresden

- VRIES, Hans Vredeman de Erscheinungsort t' Hantverpen - *Den Eersten Boeck, Ghemaect Opde Twee Colomnen Dorica En Ionica.*  
Hantverpen, 1565

<http://digital.slub-dresden.de/werkansicht/df/6574/15/0/>

### UNIV- TOURS - CESR

- PALLADIO, Andrea ; FRÉART DE CHAMBRAY, Roland [l'auteur de la première traduction intégrale du traité d'architecture de Palladio ] – *Les quatre livres de l'architecture d'André Palladio.* Paris: E.- Martin, 1650, Livro 2º, Cap. XII, p. 113.
- LEMERLE, Frédéric et Yves Pauwels -  
ARCHITECTURA. Architecture, textes et images en France. XV<sup>e</sup> – XVII<sup>e</sup> siècles.  
*Versão em formato eletrônico –*

[http://architectura.cesr.univ-tours.fr/Traite/Notice/CESR\\_4045.asp?param=](http://architectura.cesr.univ-tours.fr/Traite/Notice/CESR_4045.asp?param=)

## FONTES MANUSCRITAS:

### INSTITUTO DOS ARQUIVOS NACIONAIS / TORRE DO TOMBO

[IAN / TT]

#### **Desembargo do Paço:**

- *Desembargo do Paço: Minho e Trás-os-Montes*, mç. 51 , documento nº. 8.
- *Desembargo do Paço: Minho e Trás-os-Montes*, mç. 53, documento nº. 2.
- *Desembargo do Paço: Minho e Trás-os-Montes*, mç. 41, documento nº. 17.
- *Desembargo do Paço: Minho e Trás-os-Montes*, mç. 135, documento nº. 51.
- *Desembargo do Paço: Minho e Trás-os-Montes*, mç. 135, documento nº. 53.
- *Desembargo do Paço: Minho e Trás-os-Montes*, mç. 135, documento nº. 54.
- *Desembargo do Paço: Minho e Trás-os-Montes*, mç. 44, documento nº. 60.

#### **Cartório da Nobreza:**

1807 – Julho, 18 – Lisboa

*Sentença Civil de Justificação de Nobreza de Domingos Gonçalves Lopes, Capitão-Mor da Baliagem de Lessa da Sagrada Religião de Malta.*

*Autuação de uma petição de sentença para haver de se passar seu Brasão de Armas de Domingos Gonçalves*

IAN-TT- *Cartório da nobreza. Processo de justificação; mç. 43, n.º 10.*

1804 – Lisboa

#### **Autos de Justificação de Nobreza de Domingos Gonçalves Lopes.**

Feitos Findos, Justificações de Nobreza, mç. 9, n.º 26

1807 – Outubro, 7

#### ***Carta de Brasão de Armas passada a Domingos Gonçalves Lopes***

IAN-TT – *Registo dos brasões de armas da nobreza* – (Microfilme) MF – Lv 7 408, fols.

212v -214.

#### **Dicionário Geográfico de Portugal: Memórias Paroquiais de 1758 (arquivo digital):**

- *Paróquia de São Salvador de Ramalde - PT-TT-MPRQ-31-6\_c0023a (...);*
- *Paróquia de São Tiago de Custóias --PT-TT-MPRQ-12-471\_c0306a (...);*
- *Paróquia de Santa Maria de Leça do Balio - PT-TT-MPRQ-20-82\_c0069a (...);*
- *Paróquia de São Miguel de Barreiros - PT-TT-MPRQ-6-49\_c0194a (...);*

### **Feitos Findos, Diversos (Documentação Diversa):**

- *Carta régia de legitimação de José.*

Filiação: *Padre Fernando Barbosa de Albuquerque e de Maria Rosa.*

1769-02-11.

*Feitos Findos, Diversos (Documentação Diversa), mç.1, n.º 18*

- *Carta régia de legitimação de Ana*

*Filiação: Padre Fernando Barbosa de Albuquerque, do Porto e de Maria Rosa. - 1759-11-14 - 1759-11-14 .*

*Feitos Findos, Diversos (Documentação Diversa), mç.1, n.º 23*

- *Carta régia de legitimação concedida a Custódio José Barbosa*

*Filiação: Padre Fernando Barbosa de Albuquerque, do Porto, e Maria Rosa*

*1759-11-14 .*

*Feitos Findos, Diversos (documentação Avulsa,) mç. 1, nº 36*

### **ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO [ADP]**

#### ***Inquirições de genere:***

Álvaro Barbosa Albuquerque – 30- abr, 1752. PT/ADPRT/DIO/CABIDO/014/1640/40325  
– cota K/26/4/4 - 125.1640, folha 325.

#### **Casa e Quinta de Ramalde:**

- PT/ADPRT/JUD/TCPRT/077/00657 – *Tribunal da Comarca do Porto, Inventários Obrigatórios, Interesses na Quinta da Queimada; mç 0247.*

- PT/ADPRT/JUD/TCPRT/077/00593 – *Mç 0220, 1887/1923.*

*Porto, 1887, Janº, 31; mça 220, cota 615.*

- ADP - PT/ADPRT/MON/CVSFPRT/002/6049/49282 - K/20/6 - 95 (Cap., T.º 3.º); cota - K/20/6 - 95 (Cap., T.º 3.º), f. 282 f. 282 - *Licença de D. Florência Leite Pereira de Melo aos religiosos do Convento de S. Francisco para colocarem a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Coroa na Capela dos Reis Magos, 1767-Mar, 10.* [Contém a petição do guardião e religiosos do convento a D. Florência Leite Pereira de Melo e consequente autorização desta para a colocação da imagem de Nossa Senhora da Conceição da Coroa num nicho da capela dos Reis Magos, que pertencia à sua família da Casa de Ramalde].

#### **Casa e Quinta da Prelada:**

- PT/ADPRT/DIO/CABIDO/014/1638/38239 - Fundo do Cabido da Sé - *Inquirições de Genere a favor do Reverendo D. Manoel Noronha Meneses*, fól<sup>os</sup> 253-256

- PT/ADPRT/JUD/TRPRT/A/143/36013 – *Autos cíveis vindos da Relação de Lisboa nos quais é recorrente, D. Manoel de Noronha Meneses e Mesquita e Melo Traslado e recorrida Joana de Meireles Silva Guedes, seus filhos e genros. Com quatro apelações. (1822-1844) (Documento sem tratamento técnico arquivístico).*

- PT/ADPRT/JUD/TCPRT/076/00266 – Maço 106 – Tribunal da Comarca do Porto – 1904-1924.

- PT/ADPRT/JUD/TRPRT/A/218/03053 - Mç 359 – Zona Z – – *Petição de D. Manuel de Noronha Meneses Moço Fidalgo com exercício na Casa Real (...) requer a certidão dos Autos de Execução entre as partes António de Mello Correia com Dona Guiomar de Noronha Manoel Portugal. Porto, [1821-1840] (folhas não numeradas).*

#### **Casa e Quinta de Sam Thiago:**

- **PT/ADPRT/NOT/CNPRT08/001/0282, fol<sup>o</sup> 70-72 –**

1774 - Agosto, 17 - Freguesia de Ramalde, Julgado de Bouças.

*Escritura de dote de casamento* faz o Capitão Manoel da Silva Guimarães, e sua mulher, a sua filha Dona *de Ana Maria Joaquina* para casar com o Capitão José Gonçalves Lopes.

#### **- Secção Notarial:**

– PO - 6<sup>o</sup> - N<sup>o</sup>42 – fól<sup>o</sup> 99-99V.

- PO -7 – N<sup>o</sup> 99, fól<sup>o</sup> 17v-18-18v.

– PO - 8<sup>o</sup> - Lv 254, fol<sup>os</sup> 26v-27.

### **-ARQUIVO DA DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO NORTE [ADRCN]**

#### **- Quinta e Casa de Ramalde:**

Centro de Recursos para o Património:

- Processo: DRP/CLS – 734 -

- [MELO, Arquiteta Ângela Melo] - *Informação N<sup>o</sup> 139 – DRP/DS/99 de 27 de janeiro;*

– *Processo: DRP/CLS – 734.*

- *Arquiteto Humberto Vieira. Desenhos das Plantas da Casa de Ramalde. Porto, abril de 2002 – Esc. 1: 200.*

#### **Quinta e Casa da Prelada:**

*Casa e Quinta da Prelada. Processo DRP – 13410. Projecto do Futuro Centro Cultural D. Francisco de Noronha Meneses. Arquitecto António Leitão Barbosa. Porto, Outubro de 2005, 3 vols.*

#### **Quinta do Chantre:**

- *Processo DRP / CLS 1773 – Reclassificação da Quinta do Chantre – Imóvel de Interesse Público – D.L. 95/78 de 12.09, com o objetivo de passar a incluir a Alameda das Tílias. [Procedência: Domingos de Pinho Brandão e Outros, 2 vols.*

#### **Quinta do Rio:**

- *Processo nº 88/25 – 12 (24); - I.I.P. - 45/93 de 30 de Novembro de 1993 - Quinta do Rio - Memória descritiva e justificativa da Quinta do Rio proposta para a classificação de Imóvel de Interesse Público.*

### **ARQUIVO MUNICIPAL DE MATOSINHOS [AMMTS]**

#### **Secção de obras e urbanismo:**

##### **- Freguesia de Santiago de Custóias:**

##### **- Casa de Sam Thiago:**

– *Processo Nº 95/12 – José Joaquim Guimarães Pestana - ampliação de casa, freguesia de Custóias, Lugar de S. Tiago – Matosinhos - 3094 - [1912].*

– *Processo Nº 32/13 – José Joaquim Guimarães Pestana – construção de garagem, freguesia de Custóias, Lugar de S. Tiago – Matosinhos – 3174 [1913].*

##### **- Freguesia de Ramalde:**

- *Distrito administrativo do Porto-Concelho de Bouças-Freguesia de Ramalde. Projeto de Estrada Municipal de 3ª. ordem da Praça do exército Libertador (Carvalhido) a Carcavelos-1ª. Lanço da Praça do exército Libertador (Carvalhido) ao Largo de Preiró-Extensão 2:646,20m-Planta Cadastral-Escala 1/1000. Bouças, 26 de Dezembro de 1883.*

- Distrito administrativo do Porto-Concelho de Bouças-Freguesia de Ramalde. Projecto de Estrada Municipal de 3ª. Ordem da Cruz de Francos a Guifões - Primeiro lanço da Cruz de Francos à Senhora da Hora (limite da freguesia de Ramalde) -Extensão 2:299,50m - Planta Cadastral-Escala 1/1000. Bouças, 20 de Fevereiro de 1884.

- Distrito administrativo do Porto-Concelho de Bouças-Freguesia de Ramalde - Projecto de Estrada Municipal da Tilheira à rua da Boa Vista - Extensão 3586,18 - Memória Descritiva. [1884].

- Distrito administrativo do Porto-Concelho de Bouças-Freguesia de Ramalde - Projecto do empedramento da Rua do Monte na extensão de 247 m. medições, orçamento e desenhos. Porto, 18 de Janeiro de 1894.

**- Freguesia de Santiago de Custóias:**

AMMTS – Secção de obras e urbanismo - Projeto para a abertura de uma Estrada de 3ª ordem entre os lugares de Bouças, igreja matriz de S. Tiago de Custóias e Monte Longo (pedreira de S. Gens) - N.º 1 - Plantas e orçamentos, caixa 26, nº 331, 1907.

**- Freguesia de Santa Cruz do Bispo:**

AMMTS - Distrito do Porto-Concelho de Bouças – Freguesia de Santa Cruz do Bispo. Projeto da Estrada Municipal do Padrão da Légua à Freguesia de Santa Cruz do Bispo por Esposade de Cima. Lanço da Pinguella à Igreja de Santa Cruz do Bispo, extensão 1:772,07m, 1901.

**ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DO PORTO (CASA DO INFANTE)  
[AHMP]**

**1788 – Agosto, 30 – 1801 – Julho-Agosto**

- **Cofre, 1801 (Jul-Ago)** - A-PUB1349, mç 102, fól. 136-137 (1788- Agosto, 30)

- *Concelho de Bouças: Manifesto do Gado em 1782.* A-PUB/5632
- *Concelho de Bouças: Manifesto do Gado em 1783.* A-PUB/5631
- *Livro CLVIII de Plantas da cidade, folº. 74-78.*
- *Livro CXXXIX de Plantas da cidade, folº. 16-20.*
- *Livro CXLIX de Plantas da cidade, folº. 147-151.*
- *Livro CXL de Plantas da cidade, folº. 196-200.*
- *Listas das Companhias de Ordenanças do Concelho de Bouças: Companhia de Matosinhos e Ramalde, 1794-1797. Docº. Nº. 4400 (1) (2) (3).*
- *Ordenança - Eleição - Nomeação. Doc. Nº. 1234, folº. 260-260v.*

- **Fundo da Quinta do Rio [FQR]** - A PRI/I2QRI (1-6)- A PRI / 12 QR 18 (12)
- APRI / 12 QR2(I-45j – 1738 – Escritura de empraçamento e renovação de um prazo do casal do moinho, Aldeia de Ramalde do Meio, que fez o Marquês de Fontes a Manuel Martins e mulher, Maria Antónia. Porto, 1738 – Março, 31.  
**Nº. 2874 - Nº. 2876;**  
 Nº. 2878;  
 Nº. 2879;
- **1796 - Maio, 9 – Porto, Freguesia de Santo Ildefonso, Quinta da Netta.**  
 - *Testamento de José Gonçalves Lopes, Capitão-mor do Couto de Leça do Balio fólº 1-8)*  
 – APRI/12QR-14 (457).

#### **ARQUIVOS PARTICULARES**

##### **- Arquitecto Manuel Teixeira de Carvalho - Porto: [MTC]**

##### **Quinta do Rio:**

- *Arquivo 2/87-22 - Levantamento de Plantas, alçados e cortes do projeto de base de recuperação da Quinta do Rio realizada no ano de 1988 - Escala original 1: 100.*
- *Memória descritiva da Quinta do Rio - Licença de obras de particulares nº. 261/89. Câmara Municipal do Porto - Direcção dos Serviços de Urbanização - Divisão - Edificações Urbanas -.*

##### **- Arquitecto António Leitão Barbosa [ALB]**

- **Casa e Quinta da Prelada** - *Projecto do Futuro Centro Cultural D. Francisco de Noronha Meneses - Escala original 1: 200. Arquitecto António Leitão Barbosa. Porto, Outubro de 2005.*
- *Desenhos da proposta antes da intervenção;*
- *Desenhos da proposta após a intervenção;*
- *Memória descritiva e justificativa do pedido de informação prévia das alterações ao projecto licenciado da Casa da Prelada ao IGESPAR.*

**- Empresário Carlos Pereira Pinto**

**- Projeto da Casa da Quinta do Chantre.**

Arquiteto Carlos Prata – *Desenhos do Projeto de reabilitação do Imóvel*. Abril, 1990.

- “Testamento de António Godinho da Silva, morador que foi na freguesia de santana da freguesia de Matosinhos. Bouças 12 de agosto de 1887”. Cópia do original na posse da família de Carlos Pereira Pinto.

